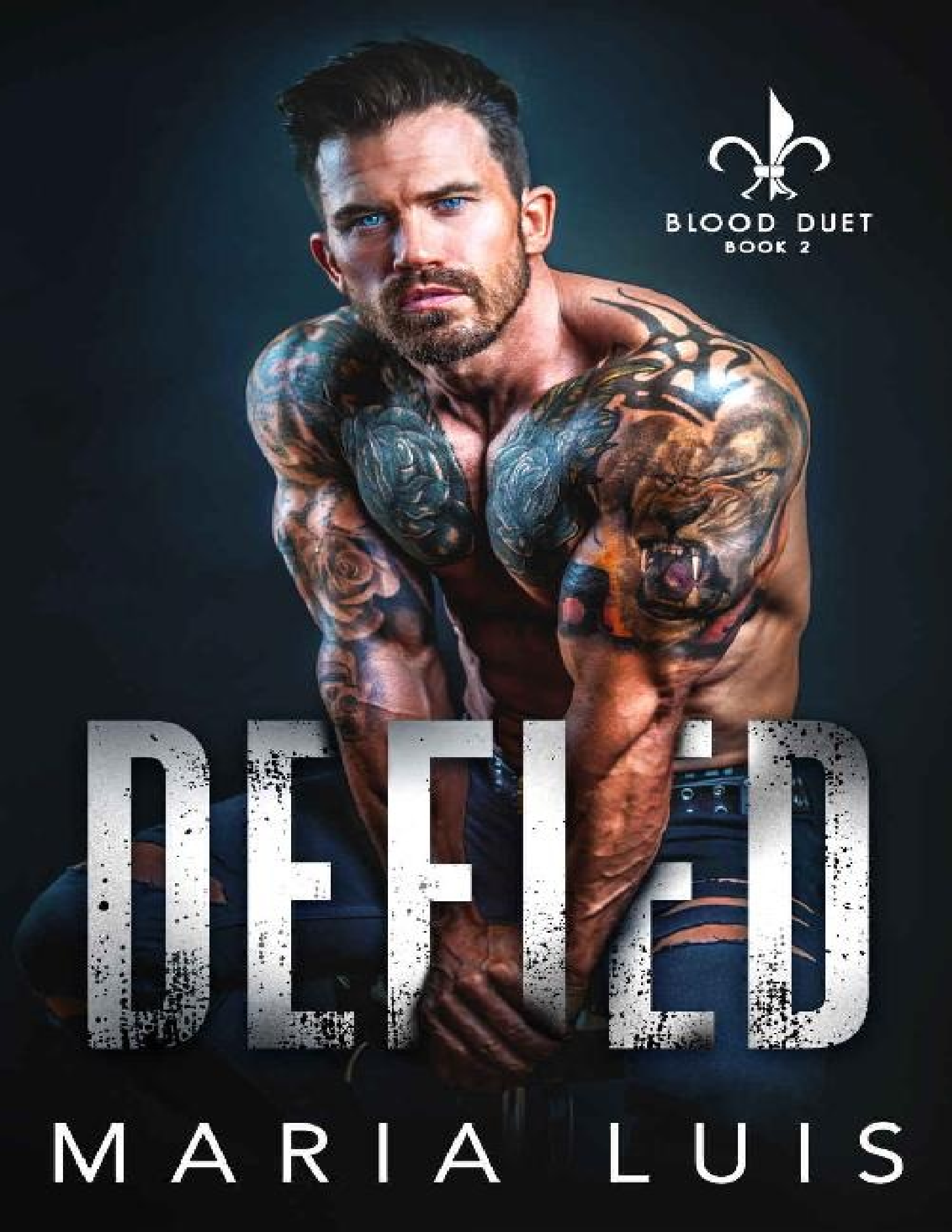

BLOOD DUET
BOOK 2
DEFIED
MARIA LUIS




# AVISOS

Prezem pelo grupo, não distribuam livros feitos por nós em blogs, páginas de Facebook e grupos abertos.

Nunca falem sobre livros que foram feitos por nós para autoras, digam que leram no original.

Prestigiem sempre os autores comprando seus livros, afinal eles dependem disso não é mesmo?

NÃO GOSTOU DA TRADUÇÃO?

LEIA NO ORIGINAL

A presente tradução foi efetuada pelo grupo WICKED LADY, de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra. Incentivando à posterior aquisição.

O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto. Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo WICKED LADY poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que foram lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo WICKED LADY de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

WICKED LADY

# STAFF

**DISTRIBUIÇÃO:** Lilly Draconi

**TRADUÇÃO:** Meghan

**REVISÃO INICIAL:** Nessa

**REVISÃO FINAL:** Equipe Queens

**LEITURA FINAL:** Juh G.

**CONFERÊNCIA:** Lay in The Sky

**FORMATAÇÃO:** Enne Polle



WICKED LADY

SÉRIE

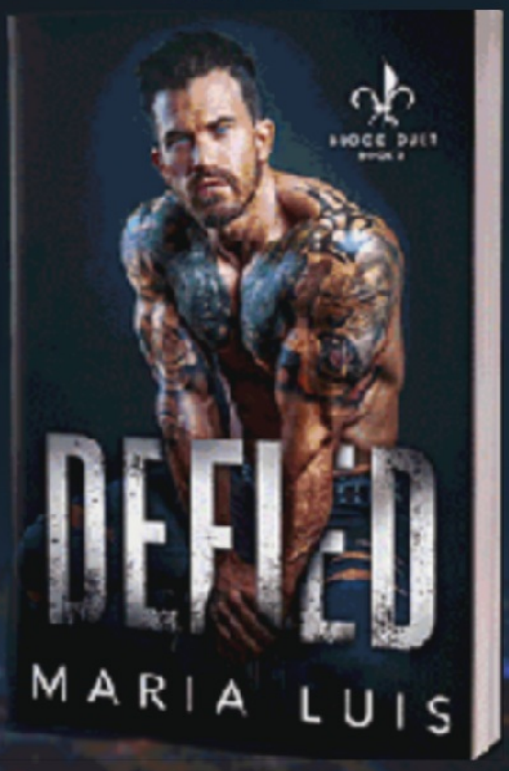
# BLOOD DUET

## ORDEM DE LEITURA

LIVRO UM




LIVRO DOIS




maria luis

ML

# SINOPSE

Eu sou tanto um pecador quanto um santo, mas eu dou um vingador.

Por anos, eu vivi na escuridão... até ela.

Avery Washington não pertencia às sombras, mas eu a arrastei para a escuridão de qualquer maneira.

Um beijo e eu não parei até possuí-la.

Uma carícia e minha necessidade de destruir enfraqueceu.

Nossa atração era veneno e prazer.

Dizem que o diabo reconhece os seus, mas nunca vi Avery chegando.

Ela está determinada a acender os palitos de fósforo e eu não posso resistir a cair em chamas...

# 1

## *Avery*

O frio da arma de metal na minha testa era como gelo deslizando pela minha espinha.

Cada centímetro meu estava congelado – o medo passando pelos meus membros, imobilizando-me, até que tudo que eu podia fazer era lutar para respirar.

*Respira.*

*Inspira.*

*Respira.*

*Inspira.*

O cano da pistola deslizou da minha testa para aquele ponto sensível atrás do lóbulo da minha orelha. Calafrios irromperam sobre a minha pele, e não havia mais nada que eu quisesse naquele momento do que colocar minhas mãos sobre a minha boca e acalmar os gemidos humilhantes que escapavam a cada expiração.

*Seja corajosa.*

*Seja ousada.*

As palavras do estranho finalmente se registraram, empurrando o sangue batendo furiosamente na minha cabeça, e de repente o gelo virou calor, e eu me preocupei que pudesse vomitar por todo o banco da frente do SUV.

Meu olhar se fixou em Lincoln, o homem que acabou de me levar ao

orgasmo nem uma hora atrás. *Múltiplos orgasmos,* meu cérebro me lembrou, *não apenas um.*

"Ahhh, eu vejo," o homem na parte de trás do SUV relaxou, como se tivéssemos todos sentados para o chá em vez de um banquete de armas e terror. "Você não sabia."

Como eu poderia saber? Meu padrasto nunca havia falado sobre ter filhos quando estava casado com mamãe. Havia apenas eu. Sua enteada. Sua única filha. *Aparentemente, ele mentiu sobre isso também.*

A vontade de vomitar retornou, puxando meu reflexo de vômito, mas não por causa de quem Lincoln Asher era - não tínhamos vínculos um com o outro. Nada para nos ligar. Seu pai assassinou a minha mãe a sangue frio e do jeito que eu via, aquele fato destruiu qualquer vínculo familiar que a sociedade pudesse julgar que existia entre nós.

Não, eu queria vomitar porque essa era mais uma mentira que Jay nos alimentou.

Outra mentira, outra maneira de nos manter no escuro e criar uma ilusão de comportamento cavalheiresco que não guardava nenhuma verdade.

E mamãe e eu tínhamos acreditado em cada palavra, aceitando-as como se fossem um exemplo de tudo o que estava certo no mundo. *Ele nunca mentiria para nós,* ela sempre sussurrava - mas ele tinha *mentido.*

Cada. Dia.

"Não aponte a arma para ela," Asher cortou, sua voz tão baixa que eu mal podia ouvi-lo sobre o meu coração trovejando. “Se você vai matar alguém, vai ser eu. Não ela. Você entendeu?"

A arma na parte de baixo de sua mandíbula empurrou para cima,

empurrando com força suficiente para que a cabeça dele se inclinasse para um ângulo estranho.

“Aquele que tem a arma na sua cabeça é quem dar as cartas aqui, sargento. E esse não é você.”

À luz do veículo, as cicatrizes de Asher se flexionaram quando suas bochechas se abriram com uma risada sombria. “*Não é*, huh? De repente, você esquece tudo que aprendeu no passado, Joshua? Ou será que, quando você está na favela, sente a necessidade de falar como gente normal e esquece a presidência da Pershing?”

Meus olhos se arregalaram. A presidência da Pershing?

O homem que me segurava com uma arma era *Joshua Hampton*?

Era tão absurdo que eu quase ri alto. Talvez eu riria, se não fosse pela pistola ficando tão intimamente familiarizada com a parte de trás do meu crânio. Do jeito que estava, minha voz tremeu quando falei, como se o próprio demônio estivesse sentado atrás de mim. "O que você quer de nós?"

"Então, ela fala." A almofada do banco de trás rangeu quando ele mudou seu peso. “Há *muitas* coisas que eu quero, Laurel, mas primeiro...” Ele ergueu o cano do revólver contra a mandíbula de Asher, o som engolido pelo zumbido dos carros buzinando enquanto eles passavam por nós. “Precisamos fazer uma pequena viagem. Caso esteja preocupado, sargento, você tem gasolina suficiente. Eu verifiquei quando mandei Templeton arrombar para mim e me esconder sob todos os seus uniformes aqui atrás. Eu sugiro levá-los para uma lavanderia em breve.”

"*Filho da puta."*

No banco do motorista, Asher saltou, torceu a cintura, as mãos levantando,

e então...

*Clique.*

Desta vez, foi o cano do revólver na parte de trás da minha cabeça, e eu não fui a única que endureceu de medo. Os membros de Asher travaram no ar, sua mandíbula trabalhando enquanto ele ficava imóvel, seus familiares olhos azuis fixos em mim.

Pavor. Terror. Escuridão.

Eu li tudo em seu olhar antes que ele piscasse e sua máscara habitual voltasse ao lugar.

Ele diria a Hampton para puxar o gatilho? Quando chegasse a hora - ele ou eu - ele mudaria de ideia? Ele olhou para mim como se importasse. Mas não havia como negar o fato de que mal nos conhecíamos e com o risco de salvar o seu próprio pescoço... ele sacrificaria o meu?

Eu não choraria. Eu não *choraria*. Mas não havia como impedir que minhas pálpebras se fechassem quando percebi que eu estava à mercê de Hampton por razões que eram completamente desconhecidas para mim. Eu morreria, provavelmente, sem saber. Sem ter paz. Sem vingar minha mãe. Sem *viver.*

"Coloque suas mãos no volante, Asher." Hampton levantou o revólver da base da minha cabeça para a minha testa. “A menos que você queira que esse SUV pareça uma cena de crime, você fará exatamente o que eu digo. Entendeu?"

Com uma lentidão relutante, as mãos de Asher foram para o volante, apertando.

A pressão da arma na minha cabeça não diminuiu.

"Bom," veio o suave murmúrio do presidente da Pershing. "E se você pensar, por um segundo, que eu não vou colocar uma bala na cabeça dela, tudo que você tem a fazer é dar uma olhada no espelho retrovisor ou nos carros em ambos os lados de nós e verificar os motoristas. Ela vai morrer antes mesmo que você tenha a chance de fazer um movimento.” Houve uma pequena pausa e, em seguida, "Agora dirija até que eu lhe diga o contrário."

# 2

## *Avery*

Nós dirigimos por quase uma hora.

O revólver de Joshua Hampton nunca vacilou.

Entre ataques de pânico que eu estava a um passo longe de ter meu cérebro estourado permaneceu o medo persistente de que eu estava perdendo algo crucial aqui. Além do relacionamento de Asher com meu padrasto, além do fato de eu nunca ter ouvido o nome de Asher antes de duas semanas atrás, havia um pensamento persistente: “Big” Hampton sabia meu nome.

Meu nome *verdadeiro.*

O que significava que ele de alguma forma sabia que meu padrasto estava cheio de merda, fingindo depois de todos esses anos que Laurel Peyton havia cometido suicídio.

Era um alívio saber que eu estava “viva”, por assim dizer, e também aterrorizante.

Se Hampton sabia, quem mais sabia?

Quem mais poderia usar minha identidade contra mim?

Com o revólver tocando a base do meu crânio, observei as luzes da rua passando rapidamente pela minha janela quando Asher dirigiu pela Airline Highway, em algum lugar a leste de Baton Rouge. O fato de que Hampton não se preocupava com a gente saber o nosso destino final significava que ele ou planejava nos matar antes que a noite acabasse *ou* o local fosse um cenário só

para esta noite, para nunca mais ser usado novamente.

Eu esperava desesperadamente pelo último.

“Aqui em cima,” murmurou Hampton. “Vire à direita no próximo semáforo.”

Ele falou como se estivéssemos sendo direcionados para um restaurante ou em algum lugar igualmente despretensioso, mas quando Asher fez a curva e a rua passou de cascalho para terra, não havia como errar o fato de que estávamos no meio do nada.

Meus dedos cavaram minhas coxas.

Apesar de todo o seu ar pomposo, Hampton não era um idiota. Poucos minutos depois de sairmos de Nova Orleans, ele nos obrigou a entregar as duas armas. Não havia como dizê-lo para estragar quando estávamos sentados como patos - de todas as maneiras que eu olhava, havia SUVs pretos e não marcados, e eu não era uma idiota suficiente para pensar que eles eram simplesmente acessórios para um homem que gostava de fazer uma grande entrada.

Não, cada um estava cheio até a borda com homens que carregavam armas de fogo. Se eu olhasse com força suficiente, poderia distinguir seus contornos pelas janelas escurecidas.

Nosso próprio SUV bateu ao longo da estrada irregular, o cinto de segurança me prendendo no lugar.

*Eu prefiro atravessar o para-brisa do que ficar presa aqui.*

O pensamento veio tão rápido quanto saiu.

Não era verdade, não de verdade. Eu não consegui escapar do conhecimento do meu padrasto por mais de uma década apenas para desistir

agora. Mamãe nunca me perdoaria por ceder. Eu não me perdoaria.

"Você vai nos matar?" Eu exigi, minha voz arranhada de nervos reprimidos. "Esse é o seu plano?"

O presidente de Pershing riu. "Quer responder a isto, sargento?"

Com o coração na garganta, olhei para Asher. Mesmo depois de uma hora sentada sobre a nova informação, não pude acreditar... Eu não conseguia nem imaginar que nós... que Jay...

Eu deixei cair meu olhar para minhas coxas, respirando através do nervosismo, apenas para ouvir seu timbre profundo à minha esquerda: "Nós não estamos mortos ainda, o que, se a memória serve corretamente, significa que é provável que manteremos a cabeça no pescoço por ora."

"Você se lembra tão bem," murmurou Hampton com um ar de esnobismo. "Achei que o nosso último encontro te impressionou o suficiente, e acho que estava certo."

“Nosso último encontro não teve nada a ver comigo. Se o seu lado queria um pau melhor - um pau *mais jovem* - do que o que ela estava recebendo atualmente, isso não é para mim, seu pedaço de...”

*Pft! Pft!*

Vidro quebrou diante de mim quando meus ouvidos tocaram no tiro de uma pistola, meu cabelo balançando para frente quando o SUV bateu em uma parada inesperada.

*Lincoln.*

Tentei me virar para ele, mas o cinto de segurança me puxou de volta - e o revólver na minha cabeça nunca abrandou. O braço de Asher disparou para a

direita, no meu peito, mantendo-me no lugar, como se ele estivesse preocupado que eu sairia voando do meu assento e passar pela janela estilhaçada.

Meus pulmões inflaram com o ar muito necessário, e foi apenas nos recessos distantes da minha mente que percebi que estava arranhando seu braço volumoso, tentando atraí-lo para mais perto.

Ele estava bem. *Ele estava bem.* Ele não estava morto.

"Abaixe a arma," Asher berrou, sua voz áspera no carro mal iluminado. "Se você atirar mais uma vez, eu vou..."

Atrás de mim, a respiração de Hampton veio alta e pesada. “Termine essa frase, sargento, e vou passar a próxima rodada através de você. Melhor ainda, vou procurar por Laurel aqui. Como isso soa? Você mexe comigo e ela acaba como garantia.”

Parecia que Joshua Hampton passou muitos anos assistindo a filmes de suspense nos cinemas, mas eu não queria arriscar meu pescoço dando voz à retórica sarcástica.

Um segundo se passou, e depois outro, e então Asher rigidamente se afastou de mim e colocou a mão no volante novamente. Um único olhar em seu perfil era tudo que eu precisava saber que ele era um homem equilibrado em uma corda bamba muito fina.

Como eu, ele não era bom em obedecer.

Em puro silêncio, Asher ligou o carro novamente e nós rolamos, mais para dentro da escuridão, mais para um território desconhecido. Eu assisti o relógio digital no painel de instrumentos como se minha vida dependesse de saber o momento exato em que tudo descia pela calha, e quando Hampton instruiu Asher a estacionar o carro, outros trinta minutos haviam passado.

“Não se mexa,” grunhiu o presidente do Pershing quando abriu a porta dos fundos e saiu do carro.

Meio segundo depois, a porta lateral do passageiro se abriu e um homem desconhecido parou ali. "Coloque as mãos para fora," ele ordenou. Não tive a oportunidade de fazer nada - ele segurou minhas mãos, puxando-as para fora e, em seguida, circulou-as eficientemente com um conjunto de algemas de metal. A fechadura estalou no lugar, e então ele estava me puxando para fora do SUV.

Asher estava sendo submetido ao mesmo tratamento? Ele estava sendo maltratado assim como eu?

Meus pés descalços tropeçaram no chão empoeirado enquanto eu cambaleava para frente, meu peso desequilibrado da mão do homem me direcionando para frente. Embora “direcionado” tenha soado muito gentil. Não, o homem às minhas costas empurrou implacavelmente.

Temperamento estalando, eu torci de volta para olhar para ele. "Devagar antes que eu coma sujeira, idiota."

As sobrancelhas escuras se levantaram e para minha satisfação, a pressão nas minhas costas diminuiu.

Isso não me fez sentir melhor.

Em algum lugar à minha esquerda, ouvi Asher protestando, maldições voláteis caindo de sua boca e então... nada mesmo. *Oh Deus.* Eu estiquei meu pescoço para olhar para onde ele estava antes, procurando por ele, precisando ver sua poderosa estrutura, apenas para o idiota atrás de mim me empurrar mais ou menos de novo.

"Continue andando," ele rosnou.

Dentro das amarras das algemas, minhas mãos se fecharam em

punhos. Raiva reivindicou cada passo meu, as solas dos meus pés além do ponto de protesto quando eu pisei sobre cascalho, terra. Meu vestido subiu alto em minhas coxas, cada passo avançando pela bainha para expor mais pele. Eu estava muito além do embaraço, e não toquei. Não tentei puxá-lo de volta ao lugar, mesmo que eu ainda estivesse sem calcinha.

Eu queria que alguém fizesse um comentário.

Eu queria que alguém olhasse.

E quando finalmente colocar minhas mãos em uma maldita arma de fogo, tirar aquele olhar idiota direto de seus rostos com uma única bala para suas joias mais preciosas.

*Boom.*

Cabeça erguida, queixo levantado, eu fui para frente. Chorar não faria nada por mim. Preocupar-me apenas desperdiçaria meu tempo. Se Asher estivesse errado, e nós íamos ser mortos esta noite, eu sairia em uma explosão de glória. Os detalhes ainda não haviam se formado em um plano sólido, mas me recusei a desistir.

*Seja corajosa.*

*Seja ousada.*

Eu sempre fui, e não ia mudar agora.

O cheiro de pântano se infiltrou em meus sentidos, pungente e cheirando a ovos podres. Ciprestes pontilhavam o horizonte, inundando minha periferia, escondendo o céu noturno sem lua acima, e à frente havia uma pequena cabana de madeira que parecia pertencer a Huckleberry Finn e não ao século XXI. Assentada em pilhas altas, a casa pairava cerca de três metros acima da água, com degraus de madeira que iam do térreo até a porta da frente.

"Vamos lá," o idiota murmurou, me dando outro impulso quando chegamos à base dos degraus. "Nem pense em ser idiota."

A madeira rangia as solas dos meus pés feridos, e eu mordi de volta uma maldição quando uma lasca cortada logo abaixo do meu dedão do pé. Assobiando, eu respirei rapidamente e empurrei a dor. Se eu não pudesse ouvir Asher, então isso significava que ele estava lidando com mais do que apenas um pé ferido - com esse pensamento, a raiva em meu sistema piorou.

Não foi até que meus olhos registraram a figura sentada à mesa na cabana de um cômodo bem iluminada que eu pisquei e pisquei de novo, só por precaução. Talvez Big Hampton tivesse acidentalmente me batido na cabeça sem que eu percebesse, porque não *havia* como ver quem eu pensava ser.

*Nat* estava sentada à mesa.

Minha Nat.

Minha amiga Nat.

Traição me atingiu direto no coração, selvagem como uma lâmina inesperada no peito quando você estava esperando um abraço. Se ela estivesse aqui... Se Joshua Hampton sabia quem eu realmente era, isso só poderia significar... Eu engoli a mágoa - as mentiras que Nat me alimentou durante todos esses anos quando ela se sentou na minha mesa na Jackson Square.

De alguma forma, ela me descobriu. Deduziu a verdade. Manteve meu segredo até que lhe convinha derramar o chá e me jogar aos lobos.

"Há quanto tempo você sabe?" Eu não me incomodei em ser mais específica. Do jeito que seu olhar passou pelo meu corpo para os meus pés descalços, ela sabia exatamente o que eu tinha passado esta noite... e eu suspeitava que ela fizesse parte de sua orquestração.

"Tempo suficiente," ela respondeu naquele talvez-francês-talvez-não dela. Seus lábios se franziram. "Seus pés parecem horríveis."

*Isso* foi o que ela tinha a dizer? Sério?

De costas, eu disse: "Eu não tive o luxo de manter meus sapatos quando alguém estava tentando me matar."

“Não você, *chérie.* Você nunca foi feita para causar algum dano.”

Eu descaradamente olhei para os meus pulsos algemados, levantando-os como se dissesse: "Pare com a besteira."

Nat inclinou a cabeça, levantando um ombro em um delicado encolher de ombros. Ela ainda estava vestida em seu vestido no início da noite. Ainda parecia tão elegante, como se ela não estivesse sentada em um barraco no meio de lugar nenhum da Louisiana. “Inconveniente, claro. Espero que você entenda por que precisamos que você os deixe.”

Um *barulho* surpreendente ecoou nasala. Os pequenos cabelos na parte de trás do meu pescoço arrepiaram-se, e eu girei - ou até onde eu pude ir com o idiota ainda me segurando no lugar.

Meu coração caiu aos meus pés, meu estômago se agitou com a visão de Asher.

Seus punhos estavam algemados como os meus, embora os dele estivessem trancados nas costas. Mas o rosto dele... A bile subiu na minha garganta, ameaçando fazer uma performance para todo mundo ver, enquanto eu absorvia a visão horrível dele. O olho direito meio fechado, já roxo do que devia ser um soco. O sangue escorrendo de seu nariz, uma única gota brilhando em seu lábio inferior. Suas cicatrizes, já tingidas de uma rosa claro, eram de um vermelho brilhante como se ele tivesse sido empurrado contra algo e segurado lá

com força.

Eu não estava nem ciente de avançar, da minha voz dividindo o silêncio da sala, até que os braços se uniram em volta do meu peito e me puxaram para trás, me derrubando em uma cadeira. Mãos pressionaram meus ombros, limitando o meu movimento, como uma corda grossa enrolada em torno de meus tornozelos, amarrando-os juntos.

"Cala a boca," disse Hampton, entrando na sala na minha periferia e se movendo para ficar ao lado de Nat. "Eu não quero ouvir uma única palavra dela."

Quando uma palma se fechou sobre a minha boca, mordi a carne calejada sem arrependimento.

"Foda-se!" Meu carcereiro gritou, assim como Asher avançou, meu nome em seus lábios: "*Avery.*"

Ele não chegou longe.

Eu assisti com horror quando um punho de um dos homens colidiu com seu estômago, e ele dobrou os quadris, caindo de joelhos enquanto ele tossia asperamente, as mãos ainda unidas atrás das costas.

Meu olhar foi para Nat, os pés amarrados torcendo no chão enquanto eu me contorcia na minha cadeira. "O que diabos está *errado* com você?"

Ela não desviou o olhar, simplesmente retornou meu olhar. Calmamente. Tranquilamente. Como isto era normal para ela. "Eu gostaria que você não tivesse vindo a Whiskey Bay hoje à noite," disse ela. "Você não deveria estar envolvida em nada disso." Ela inclinou a cabeça para trás quando Hampton escandalosamente deslizou a mão sobre o cabelo.

Puta merda.

Os dois estavam *juntos*?

Olhei para a mão de Hampton, para a maneira como ele alisava o cabelo dela, enfiando os fios atrás de uma orelha em um gesto tipicamente doce. Ela estendeu a mão para agarrar seu pulso e puxar a mão dele para descansar sobre a clavícula, onde brincou com os dedos.

O presidente da Pershing encontrou meu olhar, me assustando com a falta de calor em sua expressão. “Você vai ter que desculpar meu comportamento, Laurel. Não era minha intenção assustar você.”

Aí, ele disse *Laurel* de novo, sem sequer deixar escapar uma dica de como ele sabia da minha identidade. Tudo em mim aumentou, especialmente quando Nat deu um pequeno aceno de cabeça, como se estivesse satisfeita com o pedido de desculpas meia-boca de Hampton.

*Eu* não estava satisfeita com isso, e um olhar para Asher me disse que ele não ficaria satisfeito nem por dois séculos a partir de agora.

"Você está preocupada com ele," murmurou Hampton, voltando a acariciar o cabelo de Nat como se ela fosse uma espécie de animal precioso. Ele empurrou o queixo na direção de Asher. “É doce de você, claro, Laurel, mas eu não me estressaria. Seu sargento passou por muito pior.”

Pior do que ser agredido enquanto algemado?

Uma batida depois, Hampton continuou: "Não é verdade, sargento?"

Asher balançou em seus joelhos, seu olho machucado inchando rapidamente enquanto ele piscava o seu bom na direção do presidente. Sua boca cheia se contorceu em um sorriso de escárnio. "Foda-se você."

Hampton fez uma pausa ridícula no pentear, com a mão suspensa no ar. "Ele é tão rude quanto você me avisou.”

Os olhos de Nat se voltaram para fendas. "Algumas coisas nunca mudam."

Através de uma risada áspera, Asher disse: “Estragar a competição do seu marido é definitivamente uma nova mudança. Ambideaux tem alguma ideia de que você está levando a bunda do inimigo número um?"

" *Ex*-marido," Nat estalou, praticamente vibrando em seu assento com fúria. A parte de mim que a considerava uma amiga queria gritar com Asher para ver sua linguagem, a parte de mim que se sentiu traída por seu engano silenciosamente pediu-lhe para continuar. "Não se engane, Jason e eu não estamos nos falando há *anos.*"

Hampton pigarreou. "Na verdade, essa é a razão pela qual você está aqui, sargento."

“Para ouvir as bobagens de vocês?” Asher endireitou os ombros o máximo que pôde com as algemas, e meu coração apertou ao vê-lo - um homem forte e independente - lutar para manter o equilíbrio. "Foda-se não," ele rosnou: "Eu vou dar um mal tempo."

"Você vai, realmente?" Afastando-se do lado de Nat, Hampton fechou o espaço entre ele e Asher. O presidente não se ajoelhou ao nível de Asher, nem se agachou, mas ficou a menos de um metro de distância. A proximidade forçou a cabeça de Asher para manter contato visual.

*Ele está com muita dor.*

Para o observador externo, eles nunca perceberiam... Mas eu poderia. Eu podia ver tudo: os ombros flexionados de sua posição contida, o jeito desigual que seu peito se erguia e caía, a leve contração na testa. O modo como levou toda a sua força para subir a um pé, sem o uso das mãos, e depois para o outro, os músculos do peito se flexionando sob a camisa enquanto ele subia a toda a sua altura e se movia em direção a Hampton.

Ele se elevou sobre o presidente de Pershing, imponente e brutalmente belo.

Hampton visivelmente enrijeceu.

Em voz baixa, Asher falou. “Essa merda acaba agora. Eu acabei de fazer jogos."

A sala inteira ficou em silêncio, e me ocorreu então que, quando Hampton havia dito que Asher havia lidado com coisas piores em seu passado... talvez ele quisesse dizer que Asher havia lidado *com* coisas piores. *Isso explicaria todas as armas treinadas contra ele, como se esperassem que algum selvagem aparecesse em seu lugar a qualquer momento.* E isso explicaria porque ninguém disse uma palavra quando ele lentamente mancou para um homem parado na porta.

Nenhuma alma se moveu. Nenhuma alma respirou.

"Tire sua arma."

# 3

## *Avery*

Eu me assustei com a maneira silenciosamente mortal que Asher pronunciou as palavras, meus pés cavando no chão, minhas costas disparando em linha reta.

Os olhos do homem voaram de Asher para Hampton e voltaram novamente, um olhar de frenesi em sua expressão. "Eu... eu..."

“Eu disse...”Asher se aproximou, invadindo o espaço pessoal do homem até suas costas colidirem com a parede atrás dele. “Tire sua arma.” Eu não pude ver o rosto de Asher da minha posição, mas não havia dúvidas sobre o jeito que a sua cabeça se abaixou como se tivesse corrido o olhar por cima do homem e lhe encontrado sem.

"Sr. Hampton,” disse o homem fracamente. “Eu..."

Meu olhar fixo em Hampton, que cerrou as mãos em punhos ao seu lado. “Faça o que ele diz, Charles. O sargento claramente quer fazer um ponto."

Com constrangimento e um tremor visível, Charles se atrapalhou com a arma em seu quadril. O cheiro distinto de urina saturou o ar, e com certeza não pertencia a mim.

O homem se enfureceu.

Suas pernas mudaram de uma posição torta para se espremerem juntas, e a tristeza em seu rosto dizia tudo. O embaraço o cobria como uma segunda pele enquanto ele agarrava a arma em sua mão, seu olhar saltando em todos os

lugares, mas nunca pousando no homem diretamente diante dele.

Asher não seria ignorado.

Ele bateu nos pulsos do homem com o braço direito amarrado, e o cara estava tão nervoso que quase deixou a arma cair no chão. Lutando, ele reassumiu sua posição, engolindo audivelmente.

Virando-se para encarar a sala, Asher disse: "Coloque a arma na minha cabeça."

Espera. *O que?*

Ele estava absolutamente *louco?*

Minha bunda saiu do assento em um instante, e eu consegui um passo antes de lembrar que meus tornozelos estavam amarrados juntos. Meus cotovelos quebraram minha queda.

Assim como meu queixo.

Dentes mexendo juntos dolorosamente, visão rodando, eu levantei meu rosto para ver Asher me encarando, sua expressão apertada. Seu único bom olho estreitou-se com preocupação, seus lábios se dilataram, e então ele pareceu tomar uma decisão em sua cabeça.

Ele arrancou seu olhar de mim, assim como mãos masculinas foram para a parte de trás do meu vestido e me puxou do chão. Foi um milagre que o maldito material não rasgasse ao meio, e Deus sabia quantas pessoas tinham acabado de ver minha virilha nua.

Se eu saísse viva disso, eu realmente precisava parar para roupas íntimas novas.

O Walmart servia.

Walgreens servia.

*Qualquer lugar* servia.

"Eu não estou ficando mais jovem," Asher latiu como um sargento, e a arma que ele estava tão desesperado para ter apontado para sua cabeça levantou-se, para cima, até que a boca estivesse no lugar, e cada pessoa na sala tomou uma inspiração coletiva, tudo de uma vez.

Exceto pelo presidente da Pershing.

Olhos azul-esguios se abrigaram em Hampton. “Estou te dando uma chance para isso. Você ficou chateado que eu prendi seu precioso garoto? Você disse que eu sou um filho da puta bruto?" Ele voltou para a arma como um homem sem medo, e esse sentimento gelado voltou à minha pele, levantando os pelos em meus braços. “Eu estou te dando uma chance. Você pula isso? Da próxima vez que você tentar me perseguir, estalarei seu pescoço antes de sua próxima respiração."

Ele fez uma pausa, o silêncio se alongou e depois acrescentou: "Mas talvez você esteja tentando provar que pode brincar com os meninos grandes e ambos sabemos que você não tem coragem de matar alguém, Hampton. Você vai desarranjá-los, segurá-los sob a mira de uma arma, mas no final do dia, você ainda é aquele idiota rico sentado em sua mansão perfeita atrás de paredes de seis metros com segurança de vinte e quatro horas garantindo que ninguém perturbe uma lâmina de grama em seu maldito gramado. Mas, ei, talvez pela primeira vez na minha vida, eu esteja errado. Talvez você siga em frente." Os lábios ensanguentados de Asher se ergueram em um sorriso que enviaria crianças correndo para suas mães. Inferno, isso *me* fez querer fugir. "Diga a ele para atirar."

Minha boca se abriu.

Ele. Estava. Louco.

Havia apenas uma razão pela qual ele faria algo tão idiota a ponto de dizer a alguém para *atirar nele.* E onde diabos isso me deixaria?

Morta. Era isso.

Se vivêssemos, havia uma boa chance de eu estourar seu outro olho - só por me dar um ataque cardíaco. O bastardo merecia isso. Cem por cento.

A expressão de Hampton se apertou, as mãos se fecharam em punhos ao seu lado enquanto ele olhava por cima do ombro para Nat.

Nat, que me enganou nessa bagunça.

Nat, que mentiu para mim por *anos,* quando sabia que eu era Laurel Peyton.

Se tivesse a chance, eu também tiraria seus olhos.

As algemas de metal feriam meus pulsos e eu me acomodei, temporariamente resignada às minhas restrições.

"Faça a sua merda," Asher cortou.

Hampton fechou os olhos com força. Então: "Tire as algemas dele."

"Surpresa, surpresa." Nem mesmo alívio ou presunção registrou no rosto de Asher. Como se ele fosse completamente composto de mármore, ele acenou friamente em minha direção. “Avery primeiro. Agora."

O idiota que me algemou mais cedo se moveu diante de mim, soltando as algemas, desamarrando meus pés. Meus membros, já acostumados às restrições, pareciam pesados, meus dedos dormentes. Eu me contorci, mas poderia muito bem ter visto os apêndices de outra pessoa se moverem porque eu não conseguia

sentir nada.

Hampton falou. "Eu te trouxe aqui porque eu tenho uma proposta para você, sargento."

"Então você deveria ter me chamado como um humano normal, em vez de interpretar o vilão de Hollywood e encenar um rapto." Asher zombou, esfregando os pulsos depois que eles foram libertados. "Dê-me as minhas armas e as minhas malditas chaves do carro."

O presidente de Pershing baixou o queixo e alguém à direita correu para a frente com as mercadorias.

"Temos um inimigo comum entre nós, sargento," disse Hampton, tentando chamar a atenção de Asher quando ele deu um passo à frente, na linha de visão de Lincoln. "Seu pai... ele tem algo que eu quero."

*Pai de Asher.*

Meus ouvidos se animaram e eu me movi para frente, mordendo de volta um grito de dor quando meus pobres pés rasparam pelo chão. Os olhos de Asher se voltaram para mim novamente, ficaram de pé, e então ele imediatamente cruzou a distância entre nós.

Seu braço passou pela minha cintura e ele me levantou perto do seu lado.

Seu cheiro familiar parecia segurança, mas não conseguia... Deus, era estranho. Tão estranho. Nós não compartilhamos nenhum sangue, e eu esperei por repugnância assentar na minha barriga. Eu esperei, e ainda assim nunca chegou. Meus dedos agarraram a parte de trás de sua camisa, segurando o tecido para a estabilidade.

Quando Asher falou, senti seu peito reverberar contra a minha bochecha. “Eu não dou a mínima para o que você quer. Você não me possui. Você não tem

voz nos trabalhos que eu faço. Você *não* é *nada."*

Uma luz forte entrou nos olhos escuros de Hampton. "Talvez eu não sou nada, mas ela é?" Ele indicou para mim com uma inclinação casual de seu queixo. “Parece imperativo notar que nosso adorável prefeito acredita plenamente que *Laurel* está morta. Claramente, ele foi tão longe a ponto de enterrar a pobre menina diante das massas quando ela está diante de mim agora, respirando, viva.” Com a boca curvada em um sorriso sinistro, ele acrescentou: “Mas uma única palavra de mim mudará tudo isso. Eu, por exemplo, adoraria ver sua reação ao seu retorno *milagroso* dos mortos. Então, deixe-me repetir minha pergunta para você, sargento. Eu posso não ser nada para você... mas ela é?"

Os braços de Asher se apertaram ao redor da minha cintura, o que pode muito bem ter sido uma mão em volta dos meus pulmões, apertando, apertando, apertando até que eles estouraram com um *estalo!* Minha visão borrou as palavras de Hampton.

Eu era o peão.

Desde aquele dia, doze anos atrás, eu tinha corrido minha vida como a rainha do tabuleiro de xadrez. Eu dirigi o navio. Eu operava tudo por trás das cenas.

No espaço de um fôlego, as palavras de Hampton haviam me rebaixado tão rapidamente que eu temia sofrer uma chicotada.

Eu abri minha boca, totalmente preparada para assumir o controle do meu destino.

Não houve oportunidade para o fazer.

"Leve sua ameaça e enfie-se na sua bunda, Hampton", veio a resposta

rouca de Asher.

Seus braços me arrastaram para frente, me direcionando para a porta da frente do barraco. Eu empurrei para olhar para Nat, para Hampton, para o meu destino balançando no precipício. Raiva revestiu os belos traços de Nat. Não havia nada além de ódio decidido em Hampton.

"Não," eu sussurrei. "Não, eu..."

O calor de Asher me deixou, e eu virei bem a tempo de vê-lo agarrar o homem que se irritou pela garganta e enfiou o rosto na parede. Houve um som de estalidos - a parede ou os ossos do homem se estilhaçando no impacto, eu não sabia - e então Asher estava se inclinando, o aperto dele tão apertado que o rosto de Charles começou a ficar roxo pela falta de oxigênio.

Minhas mãos foram para minha boca, segurando meu suspiro.

"Você *joga* outro punho em mim como você fez mais cedo hoje à noite," disse Asher, voz mortalmente baixa. "E eu vou acabar com você." Seus dedos ficaram brancos quando seu aperto aumentou. "Entendeu?"

"*Lincoln.*"

Era eu. Meu sussurro horrorizado. Meu coração batendo rapidamente. Meu medo implacável.

Seus lábios se afinaram com o meu tom, e então ele brutalmente jogou o homem no chão, onde ele se enrolou em posição fetal, suas mãos em sua garganta enquanto ele ofegava por ar.

"Vamos," Asher murmurou, as mãos chegando para mim.

Eu recuei.

Eu não queria as mãos dele em mim.

Eu não queria que ele me *tocasse.*

Ele era... ele era... Olhei para Charles com a marca da mão de Asher em volta do pescoço e dessa vez, quando a bílis veio, não tinha nada a ver com meu padrasto ou suas mentiras e tudo a ver com o monstro disfarçado de homem diante de mim.

No final, meus pés roubaram a luta de mim.

Eles balançaram sob o meu peso total, queimados com uma intensidade dos arranhões e cortes que marcaram as solas.

Os braços de Asher voaram abaixo da minha bunda, puxando-me em seus braços, no estilo noiva, quando ele saiu do barraco.

Policial.

Diabo.

Não importava como você o chamasse - no final, Lincoln Asher me carregou até o SUV, com o rosto áspero machucado e sangrando, o machucado encurtando o habitual passo longo.

Ele achou que estava me fazendo um favor.

Ele achou que estava me ajudando.

Na realidade, ao recusar a oferta de Joshua Hampton, ele acabou de selar meu destino.

E eu estava tão bem quanto morta.

# 4

## *Lincoln*

Ela não falou comigo.

Inferno, ela nem sequer *olhava* para mim.

Se eu estivesse sozinho neste SUV, teria gritado minha raiva. Enterrado meu punho no painel. Acertado o acelerador, queimado pneu tão rápido que eu poderia esquecer tudo o que tinha acontecido hoje à noite enquanto o mundo lá fora passava por mim.

Nenhum desses era opções com Avery sentada no banco do passageiro.

Não, não Avery.

*Laurel Peyton.*

*Cristo.* Eu enfiei a mão pelo meu cabelo, puxando os fios implacavelmente.

Fazia sentido que eu não tivesse ideia de quem ela era - eu era nove anos mais velho. Passei toda a minha juventude saltando de um orfanato para outro e depois de ser abandonado com as freiras Ursulinas quando criança. Até Jason Ambideaux ter entrado na minha vida, eu sabia pouco dos meus pais ou porquê eu não era indesejado. Mesmo assim, não houve menção a Jay Foley. Não até muito, muito depois.

Eu tinha ido às ursulinas sem nada - nem mesmo um sobrenome, ou assim elas disseram.

Uma das freiras tinha me chamado de "Asher", depois de um homem que ela uma vez imaginou se apaixonar, muito antes de se juntar ao claustro.

Eu não era Foley, como meu pai.

Eu não era um Meriden, como minha mãe.

E eu nunca fui tratado como tal, sempre o esquecido filho bastardo deixado por conta própria.

Apertando o volante, lutei para ver a estrada com o meu olho bom. Fiz o meu melhor para não deixar a minha frustração penetrar como um veneno contagiante quando eu murmurei: "Estamos parando para a noite."

Isso chamou sua atenção.

Seus ombros se contraíram, embora ela não se virou para olhar para mim. Apenas ficou sentada lá, olhando para frente, os ombros retos. "É apenas uma hora ou mais de volta para Nova Orleans."

Meus músculos se apertaram com a desconfiança que ouvi em sua voz. "Você sabe dirigir?"

Com isso, ela se virou para olhar para mim, seu queixo erguido teimosamente. "Não."

"Pensei que sim." Ela não me disse nada, mas eu sobrevivi até agora na vida porque prestei atenção aos detalhes. E os detalhes eram óbvios: quando eu dava uma virada difícil, quando eu levava um segundo a mais para começar a aliviar os freios, Avery permanecia à vontade. Ela nunca alcançou o cabo da merda ou pressionou um pedal inexistente no lado do passageiro. Outro motorista ficaria aterrorizado. Avery estava completamente inconsciente.

*E tudo fez sentido.*

Laurel Peyton morreu de suicídio no início da adolescência, me lembro de ler isso nos jornais. Muito antes de ela ter tido uma habilitação. Muito antes de ela ter tido a chance de roubar o carro dos pais e ir dar algumas voltas.

Muito antes de ela ter aprendido a confiar em alguém o suficiente para desistir de sua virgindade.

Um visual de seu traseiro quando eu empurrei seu corpo me bateu e... *foda-se*. Eu não poderia ir por esse caminho, não agora.

Aperto o volante, me concentro em minha respiração e não apertar meus olhos com muita força. O inchado doía como uma cadela, e o arrependimento me invadiu por não acabar com a vida daquele babaca quando tive a chance.

Uma palavra de Avery, no entanto, e eu deixei cair sua bunda no chão.

Eu ouvi o terror em sua voz.

Tinha visto o medo em seus olhos castanhos.

Bom. Aquilo foi... Bom. Não importa o fato de que estávamos mal relacionados, Avery - *Laurel* - não merecia lidar com minhas besteiras. Eu nunca ganharia um prêmio por melhor cidadão do ano, mesmo no meu melhor dia.

Rude. Brutal. Mortal.

Essas foram as palavras que melhor me descreviam.

*Venenoso também.*

Risos mal-intencionados encheram meu peito porque não era essa a maldita verdade? Nada de bom em minha vida durou muito tempo. Como uma doença infecciosa, o pecador em mim tinha um jeito de converter tudo que eu tocava.

Avery não merecia isso.

Especialmente não depois da vida que ela teve.

Tentando suavizar minha voz, tomei a próxima saída e virei à esquerda na estrada. "Não há nenhuma chance no inferno de que eu seja capaz de voltar para a cidade." Ao avistar o primeiro sinal de motel de neon brilhante na tranquila interestadual, eu parei no estacionamento e encontrei o primeiro lugar disponível. “Eu não posso ver totalmente. Temos sorte de que eu não nos levei até uma vala."

Houve uma pequena pausa e depois: "Seu olho parece uma merda."

"Sim, bem, parece ainda pior." Desligando a ignição, sentei-me no banco do motorista, a cabeça apoiada no banco atrás de mim. Meu bom olho se fechou e eu respirei fundo. "Eu mal posso ver," eu murmurei. "E eu não estou com disposição para ensinar-lhe como dirigir. Ficar para a noite é a única opção."

Seis horas atrás, nós estávamos transando no Porão, sem preocupações.

Agora, ela não podia nem relaxar ao meu lado, como se estivesse preocupada que eu pudesse me lançar para ela e rasgar seu membro.

Eu era um monstro. Eu era cruel. Mas apenas para aqueles que merecem.

Deixando minha cabeça cair para a direita, meu rosto cheio de cicatrizes pressionou o encosto de cabeça, eu olhei para a mulher que me fez acreditar, mesmo que por um momento, que existia mais neste mundo do que eu sempre acreditei ser possível. *E ela é sua meia-irmã.* Tipo. Mais ou menos.

Eu espalmei as chaves do carro em uma mão, apertando com tanta força que a borda serrilhada machucou a palma da minha mão mesmo calejada. A dor, ao contrário do meu coração, era boa. Um lembrete de que no final do dia, você sempre pode contar com a realidade para acabar com você e nivelar o campo de

jogo.

Felicidade não estava nas cartas para mim.

Se eu não entendia isso agora, aos trinta e quatro anos, não havia esperança para mim.

Abrindo minha boca, hesitei nas palavras que eu queria desesperadamente dizer:

*Você pode confiar em mim.*

*Eu não te machucaria.*

*Por favor, não tenha medo.*

No final, eu não disse nada. Acionando minha porta, uma careta no meu rosto, eu saí e a fechei atrás de mim. Atravessei o capô do SUV para ir do lado de Avery, assim como seus pés descalços se conectaram com o concreto sujo de vidro.

Ela poderia me odiar novamente em dez minutos, quando tínhamos um conjunto de quartos e não havia nada além de carpete por toda parte.

Sem qualquer aviso, eu a peguei em meus braços, puxando-a para perto do meu peito, odiando que no instante em que seu corpo colidiu com o meu, meu pau se contraiu em minhas calças.

"Coloque-me no chão!"

Sua voz estava rouca, audivelmente exausta.

Eu ignorei seus protestos. Ignorei a dor no meu joelho direito, graças a um daqueles bastardos que vieram até mim com um pé de cabra quando eu menos esperava do lado de fora daquela maldita cabana.

As mãos de Avery correram enquanto eu mancava meu caminho até a porta da frente do motel de merda. Tinha plantas envasadas mortas em ambos os lados da porta, e um viciado reclinava-se na dianteira circular, um palito de fósforo em uma mão e uma colher na outra.

Nada romântico em ficar para a noite em um buraco assim.

*Não que o romance deva estar em qualquer lugar depois de hoje à noite.*

"Asher," Avery estalou, agudamente puxando minha camisa. "Me coloque no chão. Eu posso andar sozinha. Eu não *preciso de* você."

Abrindo a porta da frente com o meu cotovelo, inclinei-nos para dentro. "Seus pés estão piores do que os meus olhos."

Ela bufou com escárnio. “Você só está dizendo isso porque ainda não viu o seu olho. Parece..."

"*Oh!"*

"... como merda."

A recepcionista piscou para Avery em meus braços. Exceto que seus olhos não estavam em Avery. Eles foram treinados em mim - no meu olho inchado.

*Acho que está tão ruim assim.*

Reajustando Avery em meus braços, retornei o olhar da recepcionista. Pequena e com a pele envelhecida como couro gasto, a mulher tinha que ter mais de oitenta anos. Em um bom dia.

Forcei um sorriso sombrio. "Precisamos de alguns quartos."

“Oh.” O sorriso da mulher mergulhou, perdendo um pouco do seu brilho. "Eu... Ouça, senhor, lamento dizer que nós..."Com seus olhos azuis nublados

focados em Avery. "Estamos lotados para a noite."

Lotados, minha bunda.

“É por isso que você tem um viciado na sua porta da frente? Porque você está *lotado?"*

"Lincoln."

"Não, Avery." Eu não acreditei por um único segundo que não havia nem mesmo um quarto disponível para a noite. Estávamos em Bumfuck, Louisiana, não em Nova Orleans, e se o drogado lá fora fosse significante, esse motel estava podre. "Dois quartos," eu paro, sentindo os olhos de Avery em mim. “Se você vender para um viciado, então você vai vender para nós. Preciso de dois quartos, segundo ou terceiro andar, com as janelas voltadas para o estacionamento."

A recepcionista endureceu. "Eu não gosto de hóspedes exigentes."

"Sim, bem, eu não gosto..."

Uma mão bateu na minha boca, silenciando o resto da minha sentença.

Avery me lançou um olhar severo, os olhos estreitados em fendas, antes de voltar para a mulher. "Você estará nos fazendo um grande favor," ela murmurou baixinho. "E seríamos muito gratos. Infelizmente, estávamos acampando quando Lincoln aqui entrou em contato com um urso preto... vamos apenas dizer que o urso venceu. Ele está um pouco envergonhado com isso." Ela colocou a mão em torno de sua boca e baixou a voz para um murmúrio quase inaudível. “Na verdade, ele é um pouco emotivo. Nós estamos dirigindo há horas e simplesmente não podemos continuar mais esta noite."

*Ursos?*

Se o estado tivesse alguns ursos negros, eles não estavam ao sul de Baton

Rouge, isso era certo.

As sobrancelhas retas da mulher se afrouxaram, até que o vinco no centro de sua testa finalmente se suavizou. "Isso é *horrível,* querida," sussurrou a recepcionista.

"Foi. *Realmente* foi.” Avery concordou, sua bochecha escovando-se contra os planos do meu peito. “Você sabe o que é pior? O fato de que... bem, o fato de que o urso conseguiu roubar *todas as* nossas roupas. Incluindo meus sapatos... e minha calcinha."

*Cristo.*

A recepcionista ficou boquiaberta com a história inventada de Avery, e eu não sabia se deveria aplaudir ou zombar, exigindo que ela dissesse a verdade sobre sua calcinha perdida. A calcinha *eu tinha* rasgado dela antes de dominar seu corpo.

Com um sorriso trêmulo e uma rápida olhada à minha frente até a porta da frente, a mulher atrás da mesa se virou para pegar um chaveiro da velha guarda de um gancho. "Duzentos e vinte e um," ela falou. "Segundo andar, de frente para o estacionamento." Seus olhos azuis foram para Avery novamente. “Eu moro aqui. Eu não sei se... Eu não sei se você estaria interessada, mas eu tenho um par de roupas íntimas extras. Elas podem ser um pouco grandes..."

"Ela está bem," eu mordi, deixando Avery deslizar pelo meu corpo para que eu pudesse puxar minha carteira. Foi quase um milagre ter sobrevivido às atividades de hoje à noite. "Vamos apenas pegar os quartos."

As mãos de Avery se prenderam ao lábio da mesa da frente, mantendo-se firme enquanto ela colocava o peso sobre os calcanhares. “Essa é uma oferta tão gentil." Inclinando-se para frente, seus olhos cor de avelã vagaram sobre a

recepcionista idosa, parando no crachá pregado da mulher. “*Sue*. Eu adoraria um par."

"Eles estão limpos," disse *Sue,* com o sorriso brilhante e dentes amarelados e tortos.

Avery devolveu o sorriso com um de seus próprios. "Melhor ainda."

*Deus me salve.*

Eu coloquei meu cartão de crédito no balcão, assustando tanto a recepcionista quanto a mulher que estava determinada a me enlouquecer. "Vamos levar os dois quartos." Ao meu lado, Avery se arrepiou, e eu dei um grunhido. "E a calcinha."

Sue mudou seu peso, pegando meu cartão. “Apenas um quarto, senhor...”Ela olhou para o meu nome gravado no cartão de crédito. “Asher. Duzentos e vinte e um, como eu disse. É tudo que tenho."

Um quarto.

Algo me dizia que eu teria um travesseiro sufocando meu rosto antes que a noite acabasse - Avery *não* parecia satisfeita. Mesmo assim...

Eu assenti bruscamente. "Nós vamos levá-lo."

"Nós não vamos."

Eu ignorei o protesto de Avery, pegando a chave e colocando meu cartão de crédito de volta na minha carteira. “Bata quando você tiver a calcinha, minha senhora. É muito gentil de sua parte."

Curvando-me nos joelhos, soltei um suspiro apertado com a pontada na perna direita e depois...

"Eu posso andar, Lincoln," rebateu Avery. “Não, sério, eu estou bem...”

Ela saltou para o alto no meu peito quando me afastei do balcão da frente e me dirigi para o corredor à direita. Eu precisava de um banho e uma cama, quanto mais cedo melhor.

Pegando o aroma floral do xampu de Avery, eu engoli.

Talvez fosse uma coisa boa estarmos dividindo um quarto. Nós tínhamos uma grande quantidade de coisas para discutir, começando com o fato de que ela era Laurel-fodida-Peyton. *Você sabia que ela estava enganando você quando ela desistiu de seu nome.*

Sim, eu suspeitava que ela me alimentou de mentiras.

Mas não havia como suspeitar *disso.*

Meu bom olho estreitou-se no papel de computador colado ao elevador com um rabisco. Quebrado, claro.

"Este tem que ser o motel mais miserável da história dos motéis," eu rosnei, virando a cabeça em busca da escada.

Nos meus braços, Avery bufou. “Você escolheu um lugar chamado Bedding Down. Abaixo do logotipo estava o slogan "Não mais do que doze pessoas por quarto". O que mais você esperava?"

“Isso não é um slogan. É um cartão de visitas para orgias." Enfiei meu polegar pela maçaneta da porta até a escada e abri-a com um gemido baixo. "Se eu realmente fosse capaz de ver isso, eu teria continuado dirigindo até chegarmos a um Motel 6."

"Você deveria ter continuado dirigindo até chegarmos a Nova Orleans."

“Então não teríamos feito contato com o único bando de ursos negros

nessa parte da Louisiana. Quem sabia que gostavam tanto de lingerie feminina?"

“Você deveria se sentir sortudo por eles não gostarem mais de paus.” Com *esse* comentário, Avery se contorceu ao meu alcance quando meu pé bateu no primeiro degrau da escada, resmungando: “Eu posso andar. Pare de me tratar como se eu fosse uma inválida."

Ela queria andar? Bem.

Eu chequei de volta a minha careta quando sua boca torceu de dor quando seus pés fizeram contato com o azulejo frio das escadas. Eu queria balançá-la de volta para os meus braços, mas ela estava certa.

Ela era capaz.

Ela era independente.

E eu estava a sufocando como um homem obcecado.

Resignado em deixá-la subir os degraus se era isso que ela realmente queria fazer, voltei para a escada e abafei um gemido com a dor no meu joelho. Ela não era a única a sentir o resultado da noite, e a cada passo que eu dava, meu humor azedava vários graus.

Quando chegamos ao segundo andar, o rosto de Avery estava três vezes mais pálido do que o normal e eu estava a poucos minutos de ficar louco. Eu passei doze anos separando minha vida da corrupção dos melhores líderes de nossa cidade - a menos que envolvesse diretamente o trabalho para o NOPD.

Doze anos mantendo a cabeça baixa e tentando fazer a coisa certa.

Doze anos permanecendo na linha e fora do radar de homens como Jason Ambideaux.

Doze anos tentando construir uma vida que não fosse sangue e terror dia

após dia.

Eu não sentia falta do jeito que Avery contornava quando eu a deixei passar por mim em nosso quarto compartilhado para a noite. E eu com certeza não perdi o jeito que ela deslizou um olhar desconfiado em minha direção quando eu fechei as persianas sobre as janelas, como se ela questionasse a minha necessidade de privacidade.

A frustração aumentou, sufocando a maneira como arranhava meu peito, até que finalmente soltei as palavras que estavam em minha mente desde que ela me viu enfiar aquele homem na parede do barraco.

“Se eu quisesse você morta, *Laurel*,” eu rosnei. “Você já estaria sem vida.”

# 5

## *Avery*

Engraçado como mais de uma pessoa me chamou de Laurel esta noite, e nem uma única vez eu senti que eles estavam falando comigo.

Eu sempre pensei que ouvir meu nome verdadeiro viria com uma sensação de liberdade, como se eu tivesse me libertado da minha cela depois de tantos anos presa na escuridão.

Esse não era o caso.

Na realidade, parecia estranho. Esquisito.

Eu não era Laurel, não mais. Laurel Peyton era uma garota de treze anos de idade, com fantasias estreladas de se tornar uma veterinária conhecida e salvar qualquer animal que entrasse em sua prática. Avery, por outro lado, estava simplesmente satisfeita em cultivar animais abandonados e dar-lhes amor suficiente para que nunca se sentissem indesejáveis enquanto esperavam para ser colocados em uma família permanente.

Laurel não conhecia nada além de piqueniques familiares, uma obsessão por Brad Pitt no *Sr. e Sra. Smith*, e que sua mãe, apesar de sua afinidade por beber demais, nunca se preocupava com sessões aleatórias de karaokê com sua única filha.

Nada disso nem sequer se referia a mim como Avery.

"Nada a dizer sobre isso?"

O timbre profundo de Asher me arrancou do meu devaneio, me puxando

de volta para as sombras da minha realidade. "Não me chame de Laurel."

Com as cortinas fechadas, eu mal conseguia distinguir suas feições e suas cicatrizes estavam completamente obscurecidas. Sua risada sombria, no entanto, era perfeitamente nítida na sala silenciosa. “Você tem que estar brincando comigo - o segredo está fora e você ainda está tentando manter o ritmo. Ouça, *Laurel,* não há motivo para fingir mais."

Eu me arrepiei com seu tom de desprezo. "Você realmente quer jogar esse jogo?" Mordendo de volta um grito de dor, eu dei um passo mais perto dele. “Pelo menos meu maior pecado é fingir ser alguém que eu não sou. Quantas pessoas você assassinou, *sargento?* Quanto sangue realmente mancha suas mãos?"

Seu peito arfava, a boca se contorcendo bruscamente. "Você não tem ideia do que está falando."

"Não?" A memória dele apertando a garganta daquele homem não era uma que eu jamais esqueceria. Me deixou doente pensar nisso. Mais doente para pensar, mesmo que por um momento, que eu apreciei a mão de Asher em volta do *meu* pescoço enquanto ele me fodia. O que isso diz sobre mim? O que isso diz sobre o tipo de pessoa que *eu* era? Meu estômago se agitou com o pensamento perturbador, ameaçando derrubar o jantar que eu comi horas antes.

Eu me virei, incapaz de encontrá-lo nos olhos.

“Apenas diga isso, Avery. Eu praticamente posso sentir o seu desespero por ser a santa aqui."

Eu não o enfrentaria, não importava o fato de ele estar certo. Meu cérebro estava em chamas, pensamentos me perturbando, exigindo serem expressos. Lutando para manter a calma, deixei minha cabeça cair e mantive meu olhar enraizado em meus pés ainda descalços.

Devo ter demorado demais para falar ou talvez a paciência dele tinha acabado. Fosse o que fosse, eu não esperava sentir a mão dele no meu cotovelo. Ele me girou, e meus dedos queimaram de girar tão rápido no tapete arranhado. Nossos peitos escovados, e se isso não fosse suficiente para me fazer sentir desequilibrada, ser o único foco do brilho duro em seu único olho inchado era como sentir vertigem.

A sala girou, meus pulmões arfaram e eu mordi meu lábio inferior para não ofegar em voz alta.

"Fala," ele rosnou, a mão ainda ao redor do meu braço. “Fala."

Ele empurrou e empurrou e empurrou, e não era minha culpa que eu bati.

Apertando os dentes, olhei para ele, recusando-me a recuar. “Se eu não tivesse dito nada, você teria *assassinado* aquele homem sem pensar duas vezes." Eu pude ver em seus olhos, a resolução lá. "E para quê? Porque ele te deu um soco?” Balançando a cabeça, eu dei uma risada desdenhosa. "Isso não faz de você um herói, faz de você um assassino de sangue frio."

Silêncio.

Isso reinou no espaço escasso entre nós, sufocando no poder que detinha.

E então, em um tom que parecia ter sido retirado da profundidade de sua alma, Asher rosnou: "Você está certa, querida. Você quer saber o número de pessoas que eu matei?” Ele se inclinou para perto, sua respiração quente flutuando em meu rosto. "Eu não sei. Como isso é uma confissão? *Eu não sei."*

Com os olhos arregalados, tentei me afastar da raiva em sua expressão, longe do choque de calor que me atingiu na barriga. "Lincoln..."

Ele não me deixou ir. Não me deixou fugir.

Em vez disso, ele invadiu meu espaço. Passo a passo até minhas costas esbarrarem na parede e seus braços desceram como barras de ferro, me prendendo no espaço entre seu peito e o gesso atrás de mim.

"Devo confessar um pouco mais?" Ele sussurrou como o próprio diabo. "Eu quero foder você, Avery." Sua boca caiu para a minha orelha esquerda, cutucando a pele macia lá com a ponte torta de seu nariz. Quando eu ofeguei, ele respondeu com uma risada áspera. “Isso te choca? Que mesmo agora que eu sei que meu pai idiota se casou com sua mãe, isso não me faz querer menos você?” Ele beliscou minha pele, mantendo-me enjaulada dentro de seu abraço musculoso. “Eu quero te curvar e te foder. Eu, um *assassino de sangue frio*. Eu quero marcar sua pele e envolver minha mão em volta do seu pescoço do jeito que você gosta e enfiar em sua boceta apertada até você confessar."

Com cada palavra que saía de sua boca, minha respiração ficou mais irregular. Eu precisava respirar. Eu precisava lembrar que Lincoln Asher não era o homem para mim, por mais razões do que apenas o óbvio recentemente feito. E, no entanto, minha resposta não foi definida e não foi uma refutação.

Para minha total humilhação, minha resposta poderia ser resumida com apenas três palavras:

"Confessar o quê?"

Uma mão masculina pousou no meu quadril. “Que você me quer como eu sou. Um assassino." Sua palma roçou meu corpo, passando pelas minhas costelas. "Um policial." Sobre a curva do meu pequeno seio. "Um pecador." Suavemente circulou a base da minha garganta enquanto seus lábios faziam contato com meu couro cabeludo e um arrepio percorreu as pérolas da minha espinha. "Um homem que é, abaixo de tudo, apenas um homem como qualquer outro."

Mas Lincoln Asher não era como qualquer outro homem.

Ele entrava em uma sala e as pessoas se encolheram de medo.

Ele respirava fundo e homens crescidos se irritavam.

Naquela noite, um dos homens mais poderosos da cidade havia chamado seus lacaios para Asher, só para que eles pudessem ter a pequena chance de uma vantagem.

E *ainda assim* eles falharam de maneira grandiosa.

Minha língua correu para molhar meus lábios secos, e os olhos azuis de Asher acompanharam o movimento avidamente. Ele disse que era um homem como qualquer outro, mas eu passei muitos anos observando para entender as palavras. Se eu desse um centímetro, ele roubaria um quilômetro.

E se eu me submetesse, ele continuaria a acreditar que eu era dele para tomar.

Sempre que ele me quisesse. *No entanto* ele me queria.

Quanto tempo até que ele virasse os punhos em mim? Quanto tempo até que acabasse exatamente como mamãe, morta no chão da minha sala de jantar, nas mãos de um homem que tecia palavras bonitas e fios de mentiras?

Nas mãos do próprio sangue do meu padrasto - seu *filho*?

Com o queixo erguido, fixei meu olhar no rosto machucado e fiz uma confissão: “Não sou mais Laurel Peyton. Eu não sou ingênua ou confiante ou procurando por um salvador. Eu não estou no mercado para um. E a próxima vez que você tomar uma decisão para mim, pegando a minha voz, porque você acha que sabe o que é melhor, basta lembrar que eu *não* sou como qualquer outra mulher que vai fazer só porque você diga a ela para mexer.”

Olhos azuis ardendo furiosamente, ele falou asperamente: "É isso mesmo?"

Eu não me encolhia, não como o resto da população que o via e corria. "Sim."

Seus lábios puxaram para baixo, apertando a mandíbula firmemente, e então ele girou ao redor com uma maldição violentamente pronunciada. "Alguma outra confissão hoje à noite?"

Lutando contra o desejo de cair contra a parede, fiquei de pé, ombros para trás. Meu coração trovejou no meu peito. "Eu vi na primeira noite em que você sentou na minha mesa na praça," eu disse, lutando para manter minha voz firme enquanto observava suas costas flexionadas com sua respiração ofegante. “Você é um homem assombrado pelo seu passado, Lincoln. Eu não vou cair naquele fogo com você. Eu tenho minhas próprias chamas para apagar."

Com uma risada amarga, ele olhou para mim por cima do ombro. "E que chamas são essas?" Seu tom de voz me seduziu, desafiando-me a enfrentar o desafio que girava em seu olhar como uma tempestade de areia caótica. “Escondendo-se nas sombras por mais uma década? Fingindo ser alguém que não é? Sentada em sua pequena mesa com seu baralho de cartas de adivinhação e *coletando* informações? Você pode me julgar o quanto quiser, mas não se engane. A única chama que você está lutando é sua própria covardia."

Ele poderia muito bem ter me apunhalado no coração, cortando o órgão até que todas as minhas dúvidas estavam abertas para todos verem.

Eu não consegui recuperar o fôlego. Não pude ver além da raiva que obscurecia a periferia da minha visão.

"Isso foi o que eu pensei, *Laurel*," Asher murmurou, seus lábios machucados virando-se presunçosamente. “Continue sentada naquele seu cavalo

alto. Tenho certeza de que o cheiro de besteira é *realmente* doce quando você está."

Meus pés estavam congelados, meus membros imóveis, quando ele se virou para a porta.

"Onde você está indo?" Eu me ouvi perguntar, minha voz fraca em comparação com o sangue em minha cabeça.

Ele não olhou para trás. “Dormir no SUV, onde o ar é um pouco menos crítico. Eu vou te pegar de manhã."

Apertando a maçaneta da porta, ele a abriu e então congelou, ombros largos endurecendo. "Senhora Sue." Ele murmurou." Obrigado por trazer isso."

Ela disse algo que eu não consegui entender, e então Asher estava se virando, um pedaço de tecido branco em sua grande mão. Ele segurou, um desafio silencioso para eu subir e tirar isso dele.

Como se tivesse pernas de madeira, fechei a distância entre nós.

Pouco antes de eu agarrar o material, ele puxou de volta e esperou até que eu olhasse para cima, passando por seu peito largo, sua garganta grossa, para seus duros olhos azuis.

"Branco," disse ele, a voz baixa, seu olhar rudemente roçando meu corpo. "Quão apropriado para alguém determinado a ser tal santa. Você de todas as pessoas deve saber que o mundo não é preto ou branco, querida.” Eu observei, olhos arregalados, enquanto ele propositalmente deixava a calcinha da recepcionista cair no chão aos nossos pés. As pontas das minhas orelhas queimavam de vergonha enquanto ele prosseguia, sombrio: “Mal posso esperar pelo dia em que você for forçada a tomar as decisões que tomei na minha vida. O que isso está dizendo de novo?" Ele estalou os dedos

dramaticamente. “Ah sim, eu lembro. *Como os poderosos caíram."*

O calor tomou conta de mim, e era difícil distinguir entre a raiva e a humilhação em saber o que ele queria - para eu ficar de joelhos na frente dele se eu quisesse pegar a calcinha que ele tinha deixado cair.

"Foda-se," eu sussurrei, minha voz vibrando com fúria, minhas mãos fechadas em punhos apertados.

"Eu não gostaria de manchar a sua inocência imaculada mais uma vez, querida, não importa o quanto você gostou." Ele levantou uma sobrancelha e então, preguiçosamente, baixou o olhar para o pedaço de tecido branco no chão. “Mas, talvez,” ele falou. “Se você implorasse por isso, eu estaria pronto para tirar sua calcinha novamente. Podemos culpar os ursos negros por seu desaparecimento, se isso faz você se sentir melhor por dormir com um assassino."

Com uma piscadela, ele desapareceu pela porta e fechou-a atrás dele.

Eu não sei quanto tempo fiquei lá.

Eu não sei quanto tempo a raiva durou, queimando em minhas veias, ameaçando me afogar.

Sei que fui para a cama sem cuecas, recusando-me a tocar na oferta da Sra. Sue.

E enquanto eu olhava para o teto escuro, eu só tinha um pensamento: Lincoln Asher não era apenas perigoso. Ele era o diabo.

Eu soquei meu travesseiro chato como o inferno, virando de lado, batendo com os olhos fechados.

O sono me iludiu, e quando o sol começou a espreitar através das persianas

menos de duas horas depois, eu não conseguia me livrar da nossa conversa acalorada e da horrível percepção de que, como o próprio demônio, Asher havia descoberto a minha verdade interior.

Eu era uma covarde escondida nas sombras.

Tinha *sempre* sido uma covarde se escondendo nas sombras.

Já era hora de fazer algo para mudar isso.

# 6

## *Avery*

E pela segunda vez em menos de vinte e quatro horas, eu estava de volta a Whiskey Bay.

Ao contrário da visita de ontem, a luz do dia estava clara e quente demais. O sol da tarde bateu implacavelmente, aquecendo o topo da minha cabeça, deixando minhas costas tão pegajosas que minha camiseta se agarrou à minha pele úmida.

Depois de dirigir de volta a Nova Orleans esta manhã com Asher - em puro e impiedoso silêncio, - eu só fiquei no Palácio do Sultão tempo suficiente para tomar banho e me recompor antes de pegar um táxi para o Bywater.

*Você é uma idiota por voltar.*

Ou talvez eu estivesse finalmente apenas fazendo uma jogada. Embora, esperemos que não seja idiota.

O segurança da noite passada sumiu quando eu abri a porta do clube de strip-tease. A iluminação fraca no interior era um alívio instantâneo, especialmente em comparação com o clima mais ameno que o quente lá fora.

Whiskey Bay poderia muito bem ser um bar diferente a esta hora do dia. As mesas eram escassas de apostadores, os dançarinos desaparecidos de seus palcos. Dificilmente alguém se misturava no bar, e eu vi apenas três sujeitos da Birkenstock usando uma jukebox antiga.

O movimento atrás do bar chamou minha atenção.

Hora de morder a bala - não literalmente, claro.

Com falsa confiança, me aproximei, escolhendo minhas mesas e cadeiras. Deslizei em um banquinho, cotovelos no topo do balcão. Como eu tinha visto nos filmes, eu levantei uma mão casualmente, chamando um barman careca de onde ele tirava copos de cerveja de uma lava-louças fumegante do outro lado do registro.

*Seja corajosa.*

*Seja ousada.*

"Hey!" Eu exclamei quando ele estava ouvindo. Apertei o tecido da minha camiseta preta no meu pescoço, tirei-a da minha pele úmida e fiz uma demonstração de abanar o rosto com a mão livre. "Eita, está *tão* quente lá fora."

Os olhos escuros, envoltos em excesso com falta de entusiasmo, nem sequer piscaram. “É Nova Orleans na primavera. É isso que acontece."

Hã. Acho que bartenders não eram felizes a esta hora do dia. Eu poderia jurar que o tinha visto aqui ontem à noite, misturando coquetéis e rindo com os clientes. Então novamente... Eu olhei para o rosto dele, tomando nota de seus olhos vermelhos. Talvez ele estivesse de ressaca.

Parecia bobo desejar que *meu* problema fosse tão simples quanto uma ressaca, mas não, eu peguei o final da merda.

Um padrasto que me queria morta.

Um tipo de meio-irmão que eu tanto queria bater na cabeça com um objeto pesado *e* subir em seu colo para atividades não-contundentes que envolviam nós dois estarmos nus da cintura para baixo.

Eu nunca disse que era bom ser eu.

Na verdade, eu não recomendaria isso.

"Eu adoraria um coquetel," eu disse quando o garçom parecia pouco inclinado a me perguntar o que eu queria.

“São duas da tarde.” De alguma forma, ele conseguiu soar desinteressado e desaprovando tudo de uma vez. "E eu preciso da sua identidade."

"Sim, claro!"

Eu puxei minha carteira da minha bolsa e entreguei a minha falsa. Como ontem à noite na porta, esse cara deu um olhar superficial ao plástico laminado e o devolveu. "Você parece jovem para vinte e cinco," disse ele depois que eu pedi uma bebida.

Eu menti sobre muitas coisas - minha idade não era uma delas.

“As vantagens de produtos de cuidados com a pele de alta qualidade.” Com um encolher casual, acrescentei: “E bons genes. Minha mãe tinha *uma* pele *perfeita."*

"Ótimo."

Esse cara não era muito de falar.

Hora de desfazer a conversa casual e ir direto para o Plano B.

Eu afastei meu cotovelo um pouco mais no bar, em seguida, deslizei minha bunda até a borda da banqueta. "Ouça..."

Ele deslizou a bebida para mim. "Quer abrir uma conta?"

"Uh, claro."

"Ótimo."

Mais do que isso e ele estaria dando a Tony, o Tigre, uma corrida por seu dinheiro. “Certo, obrigada.” *Porque você não é menos desajeitada?* Isso era muito mais difícil de fazer agora que eu estava aqui. E se eu realmente quisesse cavar fundo e ser honesta comigo mesma, estava sofrendo de um péssimo caso de pés frios. Dar um passo irreparável era muito mais aterrorizante quando eu tinha apenas a mim mesma para culpar se a merda fosse explodida.

*Respirações profundas.*

Envolvendo minha mão firmemente em torno do copo de coquetel, eu engoli meus nervos e mentalmente chicoteei minha bunda em marcha. Era agora ou nunca.

"Estou procurando Nat."

Os olhos escuros do barman passaram por mim, avaliando. "Sim?"

Eu dei um breve aceno de cabeça. “Eu leio cartas para ela semanalmente. Infelizmente, ela não pôde ir até a Jackson Square para o nosso compromisso habitual e pediu para eu encontrá-la aqui em vez disso. Você se importa em deixá-la saber que estou aqui para quando ela estiver pronta?"

Meio aterrorizada por respirar com muita força e me entregar, esperei e esperei e esperei que o garçom fizesse sua ligação. Um trapo branco na mão, ele limpou o bar perto do registro, em seguida, trocou as toalhas por outro conjunto, o último que ele usou para lustrar os copos de vinho secos.

"Nat esteve em uma reunião durante todo o dia," ele finalmente disse, enganchando o pano sobre um ombro enquanto colocava os copos para cima e pegava outros quatro pelos caules da lava-louças. "Mas eu posso ver se ela gostaria de eu colocá-la em uma das salas enquanto você espera."

*Uma das salas.*

Imediatamente, pensei em Asher e em mim no Estágio Um, ele de joelhos com o rosto enterrado entre as minhas pernas. Estava errado, *tão* errado, e havia uma boa chance de eu estar mais propensa a atirar nele do que abraçá-lo na próxima vez que nos vermos, mas eu ainda queria... Bem, eu acho que deve ser notado que eu estava no limite o dia todo.

Sentada ao lado de um homem por mais de uma hora sem usar calcinha - não é o meu melhor momento.

Também não é o meu melhor momento? Passar a hora inteira daquele passeio se perguntando se odiar o sexo era tão mágico quanto todo mundo sempre se gabava de que era.

Bebendo meu coquetel por força, esperei no meu canto do bar vazio até que o barman retornou cerca de vinte minutos depois, jogando o pano de mão em mão. "Ela está pronta para você."

Cinco pequenas palavras, e ainda assim eu sorri como se ele tivesse gritado todo o dicionário do começo ao fim.

“Ótimo!” Agora eu soava como Tony, o Tigre também. Empurrando o coquetel para longe, eu avancei tardiamente: “Eu fecharei minha conta depois de falar com ela. Alguma chance de você me apontar na direção certa?"

Ele fechou o punho em volta do meu copo descartado. "O porão. Ela disse que você sabe para onde ir."

Uma risada desconfortável borbulhou no meu peito. Sim, eu sabia onde era isso. Tanto a escada que levava a ela e a escada de incêndio que a levava *para fora.* Vinte e quatro horas definitivamente não eram longas o suficiente para esfregar as lembranças da minha retina. Vinte e quatro *anos* pareciam apenas um pouco mais prováveis.

"Eu vou descer lá, então." Batendo minha mão no bar, eu pulei do banquinho e ofereci um aceno curto. "Obrigada pela bebida."

Era hora de colocar minha atitude de que *eu posso fazer isso*. Lembre-se disso.

"Quer uma sugestão, senhorita Washington?"

Não. Eu estava bastante convencida de que já havia atingido minha cota de sugestões para este trimestre. Mas porque eu não era uma babaca impensada como Lincoln Asher, mantive minha opinião para mim mesma. Estampando um sorriso no meu rosto, eu olhei por cima do meu ombro com o que eu esperava que fosse uma expressão amigável. "Claro," eu disse, sorrindo brilhantemente demais. Havia uma boa possibilidade de que meu sorriso lesse *vá se foder, em* vez de *você é tão legal para me ajudar.*

Esse era o problema em chegar ao fim da sua corda - você estava cada vez mais perto de dar menos e menos do que fingir que era legal com o mundo.

O bartender empilhou um copo seco por cima do outro. Então, finalmente, falou: “Todos nós sabemos que você esteve aqui ontem à noite, senhorita Washington. Nada permanece secreto neste lugar por muito tempo.” Ele adicionou outro copo de cerveja à sua torre, olhos em sua obra-prima e não em mim. "Nat não é a criatura mais sutil, e ela nunca foi particularmente divertida de estar por perto quando está chateada."

"Alguém é?"

Deixando cair o pano no balcão, ele fixou sua atenção em mim. “Ela veio esta manhã e demitiu um dos meus rapazes por servir um café irlandês sem chantilly. O garoto está conosco há seis anos. Acho que o que estou tentando dizer é que Nat está com um humor especial hoje, e se você tem algum senso de autopreservação, você vai se virar e sair direto pela porta da frente."

Lentamente, um sorriso atravessou meu rosto. "Que sorte, então, que estou de bom humor também."

Eu não dei ao barman a chance de me convencer do contrário.

Virando meu calcanhar, diminui a distância até o corredor. Banheiro masculino. Banheiro feminino. Ah, aqui estava - a esquiva Sala de Armazenamento Geral. Dando uma olhada rápida pelo corredor, eu abri a porta, surpresa ao encontrá-la destrancada, e entrei no chamado closet de Whiskey Bay. Então imediatamente subi as escadas de dois em dois.

Como a sala principal no andar de baixo, o Porão não tinha muito do seu mistério durante o dia. A luz brilhava nas grandes janelas, as cortinas escancaradas para revelar a vista do sinuoso Rio Mississippi e do gramado da Cisjordânia, do outro lado da largura da água. Os palcos estavam parados, vazios, as poltronas, sofás e cadeiras que circulavam cada palco, todos arrumados ordenadamente para as atividades de hoje à noite.

“Eu vejo que você decidiu mostrar seu rosto, *cherie.* Quão completamente ousada você é."

Ao som delicado de sua voz, eu respirei fundo pelo nariz, expelindo meus nervos, e então me virei para encará-la. Seu vestido de noite tinha sido trocado por uma saia com padrões grandes e um decote profundo em V que mergulhava para expor as ondas internas de seus seios.

Esforçando-me por uma indiferença que eu não sentia, sorri. "É surpreendentemente menos difícil do que eu pensava que seria." Meu sorriso se esticou um pouco mais. “Diga-me, foi incrivelmente difícil para você mentir para mim por todos esses anos? Ou você está surpresa que não foi tão difícil assim, afinal?"

Se eu não estivesse observando o rosto dela tão de perto, eu teria perdido -

o arco suave de suas sobrancelhas e a contração de seu lábio superior. Casualmente, cruelmente, ela murmurou: “Surpreender implica envolver-me emocionalmente no resultado de sua vida. Não posso dizer que pensei muito nisso até recentemente."

*Ouch.*

Suas palavras eram como pequenas alfinetadas em meus braços. Como se fossem uma ameaça física real, passei minhas mãos pelos meus braços, afastando os pequenos bastardos. Se eu pudesse fazer com que o Nat não existisse, teria feito isso sem pensar duas vezes.

No mínimo, eu não podia deixá-la ver como me machucou, por mais mínima que fosse a punção.

Deslizando minhas mãos nos bolsos traseiros do meu jeans, eu varri meu olhar sobre o Porão, olhando tudo e nada de uma vez. Balancei de volta em meus calcanhares quando disse: "Eu não vou mentir, Natalie, de suas cartas, isso não está tão longe do que eu achava que você fazia para ganhar a vida." Fiz uma pausa, atraindo sua curiosidade antes de enfiar a faca verbal: “Apenas, eu sempre assumi que você era a única a sair. Embora talvez seja um empreendimento mais *recente* com o presidente universitário favorito da cidade?"

Não demorou muito para a minha implicação clicar com ela, e a mão elegante de Nat levantou, pairando como se ela não quisesse nada mais do que me estrangular, antes de voltar para o lado dela. "Agir como uma cadela não é de você, Laurel."

Eu me virei para a rainha de Whiskey Bay, recusando-me a encolher diante dela. "Que sorte," eu disse. "Que eu e Laurel tivemos uma briga há alguns anos. Acontece que eu era muito *chata* para o gosto dela."

Suas sobrancelhas arquearam.

Eu permaneci firme.

Segundos se passaram, e eu a observei - uma mulher que eu considerava uma amiga até ontem - trabalhar com os cenários em sua cabeça. Dentes brancos imaculados afundaram no lábio inferior pintado de vermelho. "Você está aqui por um motivo."

Não foi uma pergunta. Não era nem mesmo uma afirmação, mais como um pensamento expresso em voz alta.

"Sim," eu disse. Esforçando-me para parecer casual, mantive minhas mãos nos bolsos, os polegares enganchados sobre o tecido jeans. Sem ninguém por perto para ouvir, optei por pular em torno do arbusto e ir direto para a matança. "Seja qual for o acordo que Hampton planejou para oferecer a Asher, eu gostaria de aceitar isso."

*Aceitar?*

Porque *isso* parecia convincente ou até mesmo meio letal.

E parecia que Nat concordou comigo.

Sem piscar, ela olhou para mim. "Você não poderia lidar com isso."

Se eu discutisse ou protestasse, soaria como uma criança petulante provocando uma birra - e não podia me dar ao luxo de perder essa oportunidade.

A ameaça de Hampton ainda tocava alto em meus ouvidos, e eu ainda não tinha me livrado da preocupação de estar a horas de distância do meu destino: a morte. O que quer que Joshua Hampton quisesse, o que ele precisasse de Asher, eu estava disposta a fazer acontecer.

Para que, mesmo sendo uma possibilidade, eu precisasse jogar de maneira

legal.

Ficar desapegada.

Se apenas meu coração fosse receber o aviso.

Eu empurrei para o lado a preocupação que Nat podia ouvir batendo incessantemente no meu peito e zerando meu olhar em seu rosto com uma oração silenciosa que ela não podia ler meus sentimentos internos. "O que ele quer?" Puxando minhas mãos dos meus bolsos, eu abaixei meus braços para os meus lados. *Olhe confiante. Aja confiante.*" Para o prefeito Foley morrer?"

A boca de Nat se curvou. “Você gostaria disso, não é? Ser aquela que finalmente acaba com a vida do seu padrasto?"

*Sim.* Eu não queria mais nada. Eu *não* queria nada mais do que ver a poça de sangue ao redor de seu corpo, seus olhos sem piscar, assim como ele tinha feito com minha mãe.

Ainda assim, eu não disse nada.

Esperei, esperando que Nat desistisse por causa do meu silêncio e divulgasse mais informações.

Ela não fez... pelo menos, não da maneira que eu esperava.

"Eu sempre achei esta cidade tão fascinante," ela começou, indo em direção ao palco mais próximo e me deixando seguir. Com um esvoaçar elegante em sua saia, ela se acomodou em uma cadeira de veludo. Suas mãos se curvaram sobre o rebordo dos braços, e ela olhou para mim como se estivesse realmente olhando para mim de um trono. Sem esperar que eu me sentasse, ela continuou. “Você nunca sabe em quem você pode confiar. Foi um ajuste tão estranho quando me mudei para cá."

"Da Hungria?" Perguntei, pensando em seu sotaque e em sua menção aos pais imigrantes.

"Não." Ela deu um sorriso de lábios finos. "Baltimore, na verdade."

*Certo.*

Tomei o assento em frente ao dela, com cuidado para ficar de frente para a escada até o porão. Apenas no caso. Depois da noite passada, eu nunca mais olharia para Nat com um olhar simpático - e eu viria armada com minha arma na bolsa, já que o meu taser provavelmente estava no Golfo do México agora.

“Não levei tempo para entender que *nunca* entenderia o modo como Nova Orleans trabalha. Meu primeiro ano aqui, alguns dos nossos melhores homens de azul mataram um homem bem ali,” ela apontou para a janela, e eu tive a impressão de que ela queria dizer do outro lado do rio. “Mas, é claro, eles não podiam simplesmente deixar isso passar. Não poderia arriscar ter um alvo nas costas se alguém descobrisse que uma parada de drogas tinha dado tão errado." Ela apoiou um cotovelo no apoio de braço, posicionando o queixo na palma da mão para me observar com olhos brilhantes. “Então, eles o incendiaram. Empurraram seu corpo queimado de volta em seu carro. Dirigiram para o dique e fugiram."

Bile subiu minha garganta e eu engoli em seco.

Nat sorriu devagar. “Mas, claro, isso não foi suficiente. Eles incendiaram o carro antes de saírem também, só para ter certeza."

"Por que você está me contando isso?"

"Por que eu posso entender porquê você não foi à polícia quando sua mãe morreu." Debruçando a testa, a expressão de Nat se tornou simpática. "Você deve ter ficado *aterrorizada, cherie,* sem saber em quem podia confiar. Não

sabendo para onde ir. Um homem como seu padrasto deve ser um dos mais confiáveis - um homem de família, um superintendente de nossa preciosa joia de cidade, um protetor para aqueles que não podem se proteger.”

Minha alma gritou com a verdade em suas palavras, e assim, ela me empurrou de volta para o meu corpo de treze anos de idade. Ouvindo meu padrasto discutir sobre o meu desaparecimento, meu nariz enterrado em meus joelhos dobrados, meus braços apertados em torno de minhas canelas. O medo que se agarrava a mim quando me levantei e escorreguei por uma janela aberta no primeiro andar.

Fisicamente, eu escapei daquela noite ilesa.

Mentalmente, emocionalmente, parecia que as correntes daqueles temores antigos nunca se quebrariam.

"Jay Foley é um bastardo," eu sussurrei, a maldição soando tão abaixo do esperado em contraste com o ódio puro que eu sentia pelo homem. Uma palavra como a que eu precisava simplesmente não existia - não em inglês, pelo menos, e eu não conhecia nenhuma outra língua. Eu saí da escola no ano em que finalmente nos foi oferecido um idioma eletivo.

Nat assentiu, sua mão mergulhando com a força do movimento com o queixo ainda na palma da mão. “Sim, *cherie,* ele é. Mas devo dizer... De todos os paus que eu chupei na minha vida, o dele é talvez o melhor."

"Eu..."

As palavras morreram na minha língua.

Tudo ficou rígido: meus membros, meu coração, meu sangue, se isso fosse possível. Isso *parecia* possível. Nesta sala, nesta antiga fábrica situada ao longo do rio Mississippi, nesta *cidade* que havia roubado tanto de mim, todo o calor

dissipou-se do meu corpo.

"O que você disse?" Meu tom era duro, implacável, e Nat sorriu como se estivesse esperando por esse momento. Possivelmente até por anos.

"Você estava certa," disse ela depois de um momento, cruzando uma perna sobre a outra, suas saias se movendo como seda. "Eu fiz isso. Eu *faço* isso, como você tão gentilmente colocou. E Jay é de longe um dos melhores clientes que já tive. Sua mãe era uma mulher de muita sorte."

O ódio fervia como veneno em minhas veias, girando e girando e quase me estrangulando com a força disso. "Minha mãe foi *assassinada*."

“Oh, eu estou ciente. Ele deixou isso escapar, uma vez, quando ele estava no fundo da garrafa de licor." Nat se endireitou em seu assento, as mãos juntas no colo - a própria imagem de respeitabilidade recatada. “Ele tem uma foto dela na cama dele, sua preciosa *Catherine.* Sempre que ele me fodeu, foi comigo de joelhos, a imagem da sua mãe a centímetros do meu nariz. Eu poderia ter beijado, especialmente quando ele se empolgou na fantasia e empurrou com muita força."

*Pare. Pare, não mais. Por favor.*

A vontade de vomitar me dominou, e foi apenas uma prova da minha força que eu não virei e vomitei por todo o chão. Eu desprezei as imagens que ela plantou na minha cabeça. Não queria pensar em Foley...

"*Catherine,* ele sussurrava na curva do meu pescoço enquanto ele me fodia," Nat continuou, um sorriso desagradável curvando seus lábios vermelhos. "E ao lado de sua foto estava uma de *vocês*."

Eu não consegui parar.

Meu corpo se contorceu, minhas mãos pousando no braço da cadeira,

unhas roendo o tecido, meu peito caindo enquanto meu estômago descarregava.

“Com o número de vezes que eu *fiz isso* para ele, eu tive a oportunidade de conhecer o seu rosto muito bem, *cherie.* A ponta no seu nariz com a cicatriz bem na ponte. A marca de nascença perto da linha do cabelo. O punhado de sardas sobre suas bochechas e o anel verde em torno de seus olhos cor de avelã. Você pode ter trocado seu cabelo loiro por preto, Laurel, mas um olhar para você na praça era como um portal do tempo para cada fodida que eu já recebi na cama do seu padrasto."

As pálpebras se fechando, eu exalei pelo nariz. "Por favor," eu saí, minha palma raspando meus lábios. “Eu não quero... Eu não posso..."

Eu ouvi o rangido da cadeira de Nat, e então a mão dela gentilmente pousou na parte de trás da minha cabeça, acariciando meu cabelo da mesma forma que Hampton tinha feito para ela na noite passada. O toque dela me lembrava o da mamãe, suave e reconfortante - e só isso me arrancava, pulando da cadeira antes que as sensações de querer amor, o amor de minha *mãe*, pudessem me afundar.

"Não admira que você veio me ver tantas vezes," eu trabalhei para fora, meu estômago ainda enjoado quando eu estava fora de alcance, braços fechados em torno do meu meio. “Quanto você relatou a Jay uma vez que você me encontrou, hein? Tudo?"

O nariz de Nat franziu quando ela olhou para o meu vômito, em seguida, colocou um pé ao redor da minha cadeira rejeitada, suas mãos nas costas, e arrastou a cadeira sobre o local onde eu literalmente perdi meu almoço.

Satisfeita, ela voltou ao seu lugar, virando a cabeça ligeiramente para que eu permanecesse em sua linha de visão. "Nada. Eu não lhe disse nada."

Altamente duvidoso. A suspeita atou meu tom enquanto eu falava: “E por

que eu deveria acreditar em você? Você claramente disse a Hampton sobre mim."

“Eu gosto de ter pessoas em dívida, *cherie*. Não funciona em meu benefício para o seu padrasto saber de nada."

"E isso funciona para você, se Hampton sabe?"

Seus ombros se levantaram em um delicado encolher de ombros. “Isso me rendeu sua confiança. Joshua é um homem poderoso, e ele e Jay agarram a garganta um do outro a cada chance. Então, sim, ele saber de você me colocou no lugar que *eu* queria."

Havia algo em seu tom que eu não gostei.

Eu recuei, olhando para a minha bolsa - que caiu do meu colo quando eu fiz o salto de fé da cadeira. Droga *Movimento amador.*

A voz de Nat cortou meus pensamentos: “Eu não faria nada drástico ainda, *meu amor.* Estou prestes a oferecer-lhe o negócio da sua vida, e seria uma pena se você tivesse que se apressar antes que pudesse desfrutar.”

O negócio da sua vida, né?

Dando uma rápida olhada por cima do meu ombro, fui mais uma vez tratada com puro vazio. A sensação de isolamento foi tanto uma bênção quanto uma maldição, e optei por focar na parte de bênção de tudo quando perguntei: “Esse é o mesmo acordo que Hampton planejou oferecer a Asher na noite passada?”

Com a cabeça inclinada para o lado, Nat levou a mão para cima, indicador e polegar em milímetros. "Com uma mudança ou duas, mas sim."

“E se eu aceitar, você continuará mantendo meu segredo de Jay?”

A sala pareceu imóvel, a energia se detendo e depois: "*Cherie*, não haverá um segredo para guardar quando você o matar."

# 7

## *Avery*

"Por que?

Como uma rainha, Nat recostou-se em seu assento. “Não seja idiota, Laurel. Você sabe exatamente porquê."

Sim, mas...

Eu balancei a cabeça, tentando acertar meus pensamentos quando tudo parecia tão terrivelmente confuso. “Eu sei porque Hampton quer, mas por que *você o* quer morto? Porque ele, o que? Chamou você pelo nome da minha mãe e feriu seus sentimentos? Isso é o suficiente para matar alguém?"

Visivelmente enrijecida, Nat levantou o queixo. "Essas razões estavam com Hampton, e ele ficou *incrivelmente* desapontado com a decisão do sargento Asher de sair na noite passada."

"Ele não deveria ter nos sequestrado."

"Ele prefere fazer coisas em grandes escalas." Nat fungou. "Ele é apenas esse tipo de homem."

“Um serviço de coleta de limusines teria sido melhor apreciado por todas as partes. Talvez passe a informação adiante."

Olhos escuros se estreitaram em minha direção, e eu tive a nítida sensação de que minha cliente de Tarô mais frequente estava passando por todas as razões pelas quais ela gostaria de me matar - em sua cabeça.

Em voz alta, no entanto, ela só voltou ao papel que desempenhava tão bem: a dona da Whiskey Bay, elegante e muito apropriado. “Você quer Foley morto, *cherie.* Hampton o quer morto. Então, morto ele será."

Minha boca ficou boquiaberta. “Sinto muito, mas você está se ouvindo agora? *Morto ele será?* Primeiro, quem fala assim - você é de Baltimore, Nat, não da Era Dourada. Em segundo lugar, você está esperando que *eu o* mate? Eu. Matar o prefeito de Nova Orleans. Não passei os últimos doze anos escondida só para poder acabar na prisão e ser amiga de alguém."

“Então, você o que? Escondeu por doze anos para... continuar se escondendo?"

Bem, não. Obviamente não.

Sempre foi meu objetivo matar meu padrasto, mas o *como, onde* e o *quando* sempre me escaparam. Eles *ainda* me escaparam.

Afinal, eu não era Lincoln Asher - assassino extraordinário.

Eu nem sabia como usar uma arma, e muito menos encenar uma trama elaborada para matar o político de elite da cidade.

Abrindo minha boca para dizer a Nat que ela tinha a garota errada, eu estava completamente isolada.

“Vou arrumar tudo, *cherie.* É o que eu sou boa, afinal, e tenho algumas pessoas que posso pedir para ajudar na logística.”

Com a garganta seca, resmunguei: "Se você está lidando com toda a logística, por que você ou um de seus lacaios não o mata?"

“Eu estava com a impressão de que você queria vingar sua mãe. Aqui estou oferecendo tudo o que você sempre quis e está se recusando. Devo supor

que você *quer que* seu padrasto saiba sobre você?"

"*Não,* claro que não." Por que eu não conseguia respirar? Por que de repente era tão difícil atrair ar para os meus pulmões? Eu cerrei minha mão direita e coloquei contra o meu coração. Através da minha camiseta preta, eu podia sentir o pesado baque do meu coração contra a parte externa do meu punho. "Eu quero isso."

"Então por que a confusão?"

Porque eu era uma covarde, como Asher havia me dito tão educadamente, e isso era algo que precisava parar. Agora. "Eu quero trazer justiça para minha mãe," eu disse com a voz trêmula. "Eu posso fazer isso."

O sorriso de resposta de Nat era amplo e sereno. "Você esperou muito tempo por isso."

Eu tinha, ela estava certa.

Eu vivi com medo e preocupação, dormi nas ruas e nas camas mais difíceis que a cidade tinha para oferecer nos abrigos dos sem-teto. Eu tinha sido apalpada por mãos gananciosas e masculinas e tinha sido dito inúmeras vezes que todos os meus problemas desapareceriam se eu apenas abrisse minhas pernas e desistisse de minha autoestima por um dinheirinho rápido.

"Isso é como uma coisa de coordenação de calendário?" Perguntei. "Planejado com muita antecedência com mapas e planos de resgate para que eu não acabe presa?"

Derrubando a cabeça para trás, Nat lançou uma risada saudável. "Tudo acima."

Talvez não era tão difícil ser Lincoln Asher, afinal. Talvez ele tenha olhado para cada morte com uma série de prós ou contras. Do jeito que *eu* olhei, os prós

superaram os contras do meu livro por assassinar meu padrasto.

Inferno, o único golpe, realmente - além da possibilidade de ser pega - era a questão da minha própria consciência moral.

Eu queria salvar o mundo. Eu queria salvar cada animal perdido. Eu queria que todos se sentissem seguros, amados e felizes.

No final do dia, no entanto, eu poderia lidar com a minha culpa em acabar com uma vida.

Eu tinha que fazer isso por mamãe.

Eu tinha que fazer isso por mim mesma.

Se eu quisesse me sentir ainda mais justificada, então eu também estava fazendo isso por Nat, que tinha sido forçada a foder Jay Foley enquanto ele a chamava pelo nome de outra mulher. *O nome da minha mãe.*

"Ótimo," eu disse com um breve aceno de cabeça. “Estou feliz por termos resolvido tudo isso. Eu só vou pegar minha bolsa," eu me abaixei e a tirei do chão. "E seguir meu caminho. Vou esperar sua ligação ou algo assim. Dar-lhe algum tempo para descobrir. Tudo foi uma ótima conversa.”

Meus pés batiam na escada, e eu *quase* consegui escapar antes que sua voz me detivesse:

"*Monamour,* um acordo é bilateral."

"Sim..." Eu olhei para ela, onde ela ainda tinha que se mexer. “Eu quero a mesma coisa que Hampton. O que você teria oferecido Asher na noite passada."

“Mas não é o que *eu* quero, e como eu sou a única que poderia arruiná-lo pessoalmente, parece imperativo que eu consiga o que eu quero também. Talvez mais ainda... a não ser que você não se importe de contar a sua *triste* história a

todos amanhã.”

Ela se levantou, cruzando o espaço entre nós, até que ela estava a menos de dois metros de distância.

Esse senso de espírito estava de volta. Seu tom tinha se tornado astuto, o que combinava com o diabo que eu via em seus olhos escuros.

Eu agarrei o corrimão da escada. "E o que é que você quer?"

Ela se inclinou para frente, os olhos brilhando.

"Eu quero Lincoln Asher morto, *cherie,* e você será a única que o matará."

# 8

## *Lincoln*

Esse provavelmente foi um presságio de que ninguém me deteve quando eu peguei a porta da frente de Ambideaux para sua casa chique em St. Charles Avenue. Nem um único alarme da casa disparou quando atravessei a sala azul-clara ou a sala de jantar vermelho-sangue.

Em uma vida diferente, esta moradia tinha sido o centro de todas as atividades.

Políticos fumando charutos com o magnata imobiliário mais rico da cidade.

Mulheres elegantes reclinadas nos sofás da sala.

Nova Orleans era uma cidade que se agarrava às suas tradições - e não importava quantos anos se passaram, seu esnobismo permaneceu intacto sem uma única fenda.

Dinheiro e pedigree garantiam entrada para a classe alta. Sem isso, você teria sorte se sua bunda fosse permitida a ficar na frente.

Eu deveria saber.

Aos olhos de Ambideaux, eu sempre tinha sido o ajuste perfeito quando se tratava das corridas de Basin. Entrar em sua casa, por outro lado, sempre fora dos limites. Como os cachorros, fiquei do lado de fora para observar o perímetro da propriedade.

Sempre do lado de fora olhando para dentro.

Vivendo sempre a vida através das janelas, eu me abria apenas para pegar o cheiro de um charuto ou ouvir o som excitante da risada feminina.

*Não vá por esse caminho, cara.*

Molares moendo, eu verifiquei meu impulso. Coloquei minha mão de volta ao meu lado de onde estava flertando com um vaso antigo de valor inestimável que Ambideaux uma vez me mandou "colecionar" de um homem chamado James Mayer.

O vaso estava na mesa de folhas de ouro na base da escada circular.

James Mayer estava sentado no fundo do Atchafalaya - ou quando eu deixei o corpo dele quando tinha dezenove anos.

Meus lábios se contorceram em um sorriso de escárnio, que eu peguei no espelho reflexivo do tampo da mesa. Olho inchado das atividades da noite passada no pântano. Corte no lábio. Para não falar da metade direita do meu rosto, onde a carne permaneceu elevada e vermelha.

Eu estava cansado, *tão* cansado de lidar com todas as besteiras.

*E você está de mau humor por causa de Avery...*

Dedos se contorcendo, eu olhei para o meu reflexo. Estendi a mão para envolver minha mão em torno da base do vaso. Não era enorme, e meu polegar e dedo médio tocaram com facilidade quando eu levei seu peso na minha mão.

Um milhão de dólares estava na palma da minha mão.

No instante seguinte, um milhão de dólares foram arremessados contra a parede.

Ele se espatifou no impacto, explodindo como fogos de artifício compostos de porcelana chinesa secular. Caiu no chão de mármore como pedaços de gelo.

Uma única peça pulou ao longo do piso, apontando diretamente para mim - esmaguei-a com a bota direita, encontrando uma sensação doentia de satisfação quando senti a delicada cerâmica desmoronar sob o meu peso.

“Isso foi da dinastia Yuan. Quase mil anos de idade."

Seguindo a direção da voz familiar, olhei para cima e vi Ambideaux vagando pelas escadas.

Eu balancei meu olhar para a bagunça que eu criei. "Foi uma boa corrida."

Meu ex-chefe parou na base da escada, uma mão na balaustrada. "Você nunca entendeu o significado de antiguidades."

Não, não entendia.

Antiguidades eram para pessoas que podiam apreciá-las - aquelas que tinham o luxo de ganhar milhões de dólares a cada ano, ou mais, e que nunca se perguntavam quando comeriam em seguida.

As antiguidades eram para homens como Jason Ambideaux, que praticamente cagavam maços de dinheiro sob comando.

Elas não eram para mim.

"Eu não vim aqui para falar sobre o seu vaso."

"Meu vaso *quebrado.*"

Ignorando-o, tirei o caderno cheio de nomes que ele jogou aos meus pés há uma semana. Então esperei até que ele tivesse visto os olhos antes de continuar, “Por que você os quer mortos? Josef, Zak, essas são pessoas que você conhece." Eu deixei cair o caderno sobre a mesa, e suas espirais espiralaram quando pousou no topo espelhado. “Você sempre foi um bastardo de coração frio, mas por que eles? E não me engane sobre isso."

Crescendo, eu nunca confiei em Ambideaux para me dar a verdade completa. Quando eu era muito jovem, ele mantinha algumas coisas em segredo para "cuidar de mim", ele sempre dizia. Quando cheguei à adolescência, aprendi que ele gostava de manipular a verdade, esticando-a e formando-a até que *sua* versão da realidade fosse tão distorcida da vida real que eu estava convencido de que ele acreditava em todas as mentiras que contava.

Provavelmente, explicava o estado de seu casamento, ou seja, seu casamento inexistente.

Nem mesmo Nat, a rainha das cadelas, poderia lidar com sua merda.

Abri o caderno, folheando as páginas forradas, e depois parei quando cheguei à caligrafia que parecia exatamente a minha. "Você me enganou muito bem, Jason," eu disse, referindo-me ao nosso pequeno *encontro* na minha cozinha da semana anterior. “Você sempre tem. É o que acontece quando você cresce sem família, mas com um cara de cu - você se agarra. Amolece. Espero, talvez, que eles não te apunhalem pelas costas quando você olhar na outra direção."

Sem dar a ele a oportunidade de falar, eu continuei em voz baixa. "Você me esfaqueou em um monte de coisas, alguns casos piores do que outros." Seu olhar se elevou para minhas cicatrizes, e eu não desviei o olhar. *Recusou-se* a desviar o olhar. “Então, podemos fazer isso de duas maneiras. Você pode me dar uma razão boa o suficiente para ir atrás de Zak Benson e Tabitha Thibadeaux, *ou* eu posso resolver um problema para toda a vida que tive e encerrá-lo permanentemente."

Os olhos azuis de Ambideaux se arregalaram. "Você não iria."

"Você não sabe disso." Empurrando para longe da mesa, eu caminhei perto dele, mãos soltas ao meu lado, até que apenas um pé nos separava. Ele era de

tamanho decente, mas eu era maior - mais alto, mais forte, mais largo. “O fato é, Jason, você não *me* conhece mais. Então, vamos operar na suposição de que eu não daria a mínima se você parasse de respirar.” Fiz uma pausa, coloquei minha careta em algo parecido com um sorriso. “Agora, por que você os quer mortos? O que diabos te deixou tão desesperado que você foi tão longe a ponto de me chantagear do meu trabalho e sair do seu caminho para atingir Big Hampton, onde dói?"

O silêncio reinou, alongando-se e crescendo, até que finalmente se inclinou sobre os joelhos para examinar a porcelana quebrada. "Ele está deixando a Pershing para concorrera prefeito quando o mandato de Foley terminar."

Cada resposta que estava pronta para saltar da minha língua morreu em um instante.

E então eu inclinei minha cabeça para trás e ri. Forte.

Tão forte que Ambideaux resmungou alguma coisa sob sua respiração e disparou: "Por que você está rindo? Eu estive no mundo político há anos. As pessoas querem..."

"As pessoas não sabem o que querem." Quando ele pegou um pedaço de cerâmica, eu chutei para fora do seu caminho. Ele era um idiota sorrateiro, e eu não colocaria isso para planejar uma trama inteira para me matar com nada além de uma rejeição da Dinastia Yuan. "Você acha que eles querem mais oito anos lidando com políticos bestas que têm uma tendência a colocar seus oponentes - *qualquer* oponente - no chão?"

Com os olhos apertados, Ambideaux endireitou-se a toda a sua altura. “Isso é política para você, filho. Todo mundo está determinado a vencer."

"Claro que estão, mas posso garantir que o público não está esperando a

morte como resultado." Dedilhando no bloco de notas enrolado, eu acrescentei. "E todos nós sabemos que a morte é algo que você distribui excepcionalmente bem. Eu estou supondo que Josef e Micah eram seus trabalhos manuais - com preguiça de fazer a viagem até a Bacia?”

Sua boca era forrada e eu tive minha resposta.

*Entendi.*

"Seus recrutas caíram?" Eu perguntei, descansando minha bunda na mesa. Foi forte o suficiente para que eu desse o meu peso total, dobrando minhas mãos sobre a borda enquanto o estudava. "Deixe-me adivinhar. Você foi até a cidade central... Galvez e Quarta - não, Galvez e Terceiro seriam mais a sua velocidade." Eu tamborilei meus dedos na parte de baixo da mesa, esticando meus ouvidos para ouvir passos se aproximando. Eu estaria morto antes de ser pego de surpresa novamente. “O que você ofereceu a eles? Crack?"

Rosto ruborizado, a mandíbula de Ambideaux se apertou. "Eu ofereci a eles o suficiente para que eles pegassem."

"Eles tocaram você, Jason." Eu sorri, lentamente, metodicamente. “Você quer dirigir essa cidade e não consegue nem descobrir a diferença entre um grupo de viciados e seus traficantes. Deixe-me dar uma pista sobre como isso funciona: os traficantes não trabalham para *você*, mas tenho certeza de que eles apreciaram a cocaína livre.”

"Eles são idiotas se acham que podem se safar..."

"Eles já fizeram, e é por isso que você ficou desesperado e abandonou Josef e Micah no rio." Empurrando para longe da mesa, eu caminhei em direção a ele. “Você durou tanto tempo sem ser pego porque é esperto. Despejando corpos no Mississippi? Isso é um trabalho desleixado.” A porcelana quebrou sob minhas botas quando parei, um pé nos separando. “O que fez você se foder

depois de todo esse tempo? Nós dois sabemos que há uma razão e não me dê uma grande desculpa sobre você e Big Hampton competindo pela prefeitura.”

Os olhos azuis de Ambideaux dispararam para o lado, evitando olhar diretamente para mim.

Eu esperei, já sabendo a resposta que ele daria.

E porque eu era um bastardo implacável, eu torci a faca um pouco mais fundo, apoiando-o em um canto proverbial que ele não podia escapar. “Você me chantageou para tirar as pessoas que trabalhavam para *você*. Eu me lembro de Josef e Micah do passado, e se há um idiota aqui não sou eu. Cada um deles tem sua maldita tatuagem em sua pele. Você marcou eles. Prometeu-lhes proteção. Agora você está tirando um por um. *Por quê?* "

Ele rachou.

Ombros se arqueando, olhos duros, o pomo de adão dançando na coluna de sua garganta enquanto ele engolia. “Porque eles escolheram *ela*. Todos eles."

O riso amargo quase me sufocou. "Você é muito velho para essa merda, cara."

"Nat é..."

"Uma cadela louca que não vai parar até que você esteja morto e ela esteja vendo você sangrar."

Ambideaux estendeu a mão para mim, claramente apontando para minha garganta. Velocidade e idade estavam do meu lado, e levei apenas meio segundo para registrar sua intenção e retribuir. Tecendo para a esquerda, peguei seu cotovelo no punho e o girei como uma bailarina de meia-idade. Suas costas bateram contra o meu peito e eu tranquei seus pulsos na base de sua espinha, minhas mãos segurando-o no lugar.

Ele me ensinou a mudança quando eu tinha dez anos e estava desesperado por algum tipo de orientação.

Agora, seu cabelo escuro tingido era tudo que eu via, e sua respiração pesada era tudo que eu ouvia.

"Desleixado," eu murmurei, balançando a cabeça. "Sem Godzilla aqui para protegê-lo, você está fodido." Apertando seus pulsos em alerta, eu deixei-o ir, mas não sem um movimento dos meus joelhos na parte de trás de suas pernas que o derrubou.

Ele caiu com um *baque,* a cerâmica quebrada indo em todos os sentidos, enquanto seus braços se agitavam para pegar seu peso.

Antes de me alimentar com os jacarés, eu provavelmente teria sentido uma certa sensação de culpa ao ver o único homem que já havia sido uma figura paterna para mim espalmada no chão.

Mas não era culpa que eu sentia agora - mais como arrependimento que eu vivi.

Que eu estava preso em um maldito ciclo que eu não poderia me libertar, não importa o quão desesperadamente eu quisesse. Eu estava acorrentado a esta cidade, tanto emocional quanto fisicamente, e eu estava além de pronto para as algemas se despedaçarem como o vaso da Dinastia Yuan que eu havia quebrado.

"Você matou o irmão dela." Falei baixinho, com o temperamento bem apertado." Porque ele contava cartas em um jogo amistoso de pôquer com seu *cunhado."*

Ambideaux levantou-se de joelhos e vi quando a palma da mão afundou no vaso. Ele recuou com uma maldição, levantando a palma da mão para examinar a ferida. Com isso embalado em seu peito, ele olhou para mim. " *Você é* o único

que acabou com ele."

Seria tão fácil virar minha bota e empurrá-lo de volta ao chão, para soltar o vapor das últimas vinte e quatro horas.

O maldito "sequestro".

Sabendo que a mãe de Avery se casou com meu pai.

Assistindo Avery enquanto ela saiu do meu SUV esta manhã e bateu a porta da frente atrás dela enquanto desaparecia em seu prédio.

Meu pé se moveu para trás e pus meu peso na sola. Repeti a ação de novo e de novo até que houvesse uma distância suficientemente segura separando-me do bastardo mais rico da cidade. Eu precisava de um pouco de paciência - no mínimo, eu precisava não agir quando provocado.

“Eu não vou assumir a responsabilidade pelo seu divórcio. Como qualquer bom soldado, fiz o que me disseram. Você pediu. Eu fiz acontecer."

Olhos azuis endureceram em minha direção. "Você não está fazendo isso acontecer agora."

"Você não me possui mais."

"Você ainda está marcado?"

Na pergunta invasiva, minha mão mudou para a base do meu crânio. Um idiota egoísta que Ambideaux era, ele gostava de saber que aqueles que trabalhavam para ele estavam sempre cientes de quem detinha a vantagem. A colocação da tatuagem de um quarto de tamanho sempre mudava - a minha exigia que eu raspasse a cabeça para que o tatuador pudesse pintar a parte de trás da minha cabeça. As mulheres, geralmente, eram marcadas em áreas mais proeminentes - suas clavículas, seus braços ou seus rostos, como Tabitha

Thibadeaux.

Os homens trabalhavam sob o emprego de Ambideaux.

As mulheres para Nat no porão - ou como dançarinas em Whiskey Bay ou nos palcos ou quartos no andar de cima.

Sexista. Masoquista.

Jason Ambideaux reinou como rei de tudo, ameaçando derrubar qualquer peão que não se encaixasse.

E ele pensou que seria um prefeito bem-sucedido? Eu prefiro ter meu pai idiota por mais oito anos.

"Não quer responder a isso?" Ambideaux zombou. “Você está marcado, Lincoln. Você fez um voto. Você..."

"Sim, bem, você fez uma promessa de que deixaria minha mãe sair da maldita cela."

Suas narinas se alargaram. "Não é uma cela"

"Ela odeia isso," eu rosnei, as mãos enrolando em punhos ao meu lado antes de fazer algo ridículo - como estrangular o homem diante de mim. “Você não consegue escolher o que é melhor para ela só porque vocês dois eram amigos de infância. Ela sofreu."

Trabalhando a mandíbula, Ambideaux levantou-se na minha cara. “Se há alguém que sabe o que ela passou, sou *eu.*” Seus dedos ligados com meu peito, mas mesmo com o peso atrás de seu empurrão, eu não cedi. Nem mesmo um centímetro.

Foi como se os últimos vinte anos não tivessem passado. Eu era o garoto desordeiro empurrando todos os botões certos, sabendo o que fazer e o que dizer

para mandar as pessoas ao meu redor em uma espiral descendente.

E talvez ele estivesse certo sobre a minha mãe.

Inferno, não era como se ela me quisesse. Quando eu tinha dois anos, ela me deu as freiras ursulinas. Eu não tinha lembranças dela daquela idade, nenhuma visão dela me embalando contra seu peito. Nada. Não foi até que Ambideaux entrou na minha vida quando eu tinha sete anos que eu estava ciente de que minha mãe ainda estava viva.

Ambideaux tinha se formado como o melhor amigo da minha mãe. Um vizinho de quando eles eram crianças. Prometeu-me que se eu fizesse tudo o que ele dizia - se eu me comportasse - ele me levaria até ela.

Então eu me comportei.

Tudo o que ele queria de mim, eu fiz sem questionar.

Eu estava desesperado, e não me ocorreu até anos depois que naqueles cinco anos intermitentes entre os quais eu conheci Jason Ambideaux e quando eu tinha visto minha mãe pela primeira vez, ele havia despido cada pedacinho da minha consciência.

Eu roubei. Eu matei. Eu joguei todo o meu corpo, alma e mente para ser bom o suficiente para correr com os caras mais velhos que trabalhavam para Ambideaux. Aos dezoito anos, a tatuagem na parte de trás da minha cabeça parecia um rito de passagem.

Um motivo para viver. Um motivo para lutar.

Particularmente, quando só Ambideaux se importava se eu morava ou morria.

Nat não se importava.

Nem minha mãe.

E ainda assim eu dei a mínima, mesmo quando ela não dava a mínima para mim.

Quando abri a boca, minha voz emergiu como se eu tivesse fumado um maço de cigarros de uma só vez. “Estou me retirando dessa equação. Você ficou chateado que sua equipe te abandonou em favor de Nat? Encontre alguém para fazer o seu trabalho sujo. E quando se trata de Big Hampton, talvez tente fazer merda legalmente pelo menos uma vez. Você nunca sabe, você pode achar que não é tão repulsivo."

Eu me virei para sair.

Tinha dado dois passos quando a mão de Ambideaux ao meu alcance me fez parar.

"E a sua mãe?" Sua voz ecoou no quarto, martelando meu coração morto enquanto eu olhava para os fragmentos quebrados de cerâmica de valor inestimável no chão.

Os médicos sempre disseram que uma concussão como a que minha mãe experimentou depois do acidente de carro poderia mudar uma pessoa. Eu não era médico, nunca havia estudado medicina e tecnicamente só “conheci” minha mãe, Victoria, depois que ela sobreviveu à traumática confusão de quatro carros na ponte Greater New Orleans. Ela perdeu o uso de suas pernas, os metais do carro torceram e giraram, esmagando a metade inferior de seu corpo. Eu só tive permissão para vê-la aos doze anos. Eu nunca a conheci de outra maneira.

Quando eu a conheci, ela tinha sido fisgada por um ventilador e passou seus dias contagiando *Jerry Springer* e todo show de TV que a TV tinha a oferecer. Embora o ventilador já estivesse muito longe agora, suas contas continuavam a ser caras - mais do que eu poderia pagar - e Ambideaux usava

meus recursos limitados para seu próprio benefício. Ele assegurou o bem-estar de minha mãe, manteve-a saudável e paguei o preço por amar uma mulher que nunca me amaria de volta.

Eu a ouvi rir uma vez.

Quando eu estava no corredor, um buquê de flores segurava meus punhos de dezessete anos, pronto para surpreendê-la pelo aniversário dela.

Sua risada tinha morrido no momento em que eu bati na porta do quarto do hospital e entrei no espaço. O desgosto tinha alinhado suas feições, e o ódio que estreitava seus olhos era algo que eu sempre conheci.

Assim como as palavras que ela me cumprimentou: *Eu não quero você aqui. Você não é meu filho.*

"A concussão," todos sempre me garantiram. "Ela não percebe o que está falando."

Eu não era idiota.

Eu tinha dois anos quando o acidente de carro tirou o movimento de suas pernas, e pareceu-me improvável que quinze anos pudessem passar com a mesma desculpa de sua concussão funcionando como um feitiço. Não, por uma razão que eu nunca entendi, Victoria Meriden me odiava. Me desprezava.

Eu não era filho dela assim como não era filho de Jay Foley.

Pelo sangue, talvez, mas nada mais.

Sacudi a mão de Ambideaux como se ele não fosse nada além de uma mosca desagradável, depois enviei um rápido olhar para cima, meu olhar seguindo a curva da escada de carvalho. Em algum lugar desta casa, minha mãe foi instalada em seu quarto como a princesa que ela nunca foi, o que teve que ser

uma melhoria para ela de suas visitas hospitalares de rotina.

"Lincoln," Ambideaux exigiu com um olhar inabalável. "Eu avisei o que acontece se você estragar isso. Eu quero que Benson e Tabby sejam cuidados. Se você não fizer isso, sua mãe vai se arrepender. *Você vai se* arrepender."

Eu encontrei seu olhar sem vacilar. “Ela não é minha para se arrepender. Ela nunca foi."

A única coisa que ouvi ao sair foi a cerâmica quebrando uma última vez sob meu peso, e então o som inexistente dos planos de Jason Ambideaux murchando como fogo de madeira.

O sorriso que escorregou no meu rosto quando entrei de novo no mundo foi talvez o primeiro genuíno que eu já experimentei em trinta e quatro anos.

E enquanto eu não estivesse livre das besteiras da política de Nova Orleans, eu estaria. Em breve.

Recusei-me a fazê-lo de outra maneira.

# 9

## *Avery*

Eu estava experimentando um déjà vu.

Eu na minha mesa em Jackson Square, embaralhando meu baralho sem pensar enquanto esperava alguém olhar em minha direção e pedir para que suas cartas fossem lidas.

Ele se aproximando de mim, emergindo do sombrio Beco dos Piratas ao lado da Catedral de St. Louis.

Exceto que desta vez, eu conhecia o gosto de seus lábios e a dura escova de seu corpo atlético ao lado do meu. Eu sabia o que era estar envolvida em seu abraço quando ele empurrou para dentro de mim, a pressão tão aguda com cada mudança de seus quadris, o prazer em seus olhos azuis apenas muito mais erótico quando ele gemeu meu nome.

E eu sabia agora, embora eu desejasse não saber o que significava olhar nos olhos de um homem e perceber que isso era para ele ou para mim.

Eu não tinha concordado com a proposta de Nat, mas também não a rejeitei.

A culpa estava me comendo viva.

Culpa que só surgiu como uma onda estrondosa quando Lincoln Asher tomou o assento oposto ao meu. Quarenta e oito horas desde que eu o vi pela última vez, e eu absorvi sua presença como se tivesse fome.

*Você não pode. Nem mesmo vá por esse caminho.*

Eu não pude parar.

Meu arrastar diminuiu, a parte de trás das minhas mãos descansando no meu colo, cada metade do convés apertado na palma da minha mão. Ele não disse nada e eu também não. Nós nos separamos com raiva, nossas palavras pingando como veneno naquele quarto de motel, e o constrangimento desse momento roubou minhas palavras e manteve minha boca costurada.

Devo me desculpar por falar o que penso? Por tentar afastá-lo e evitar o futuro ferido?

*Ou talvez você deva guardar o "eu sinto muito" por ter concordado em matá-lo?*

Com os dedos apertados ao redor do convés, deixei cair meu olhar para suas roupas simples. Calça jeans escura combinada com uma camiseta preta simples. A aprovação indesejada zumbiu em minhas veias porque não havia como negar que ele parecia bem esta noite. "Você não está vestindo seu uniforme."

Para uma conversa inicial, poderia ter sido melhor. Eu talvez classificaria um C-menos na escala - nada mais alto, porque, realmente, *essa* foi a primeira coisa que saiu da minha boca considerando tudo o que havia acontecido entre nós? Totalmente patético.

Mas pareceu quebrar a placa de gelo, mesmo que só um pouco, porque Asher soltou uma risada baixa que provocou arrepios de consciência na minha espinha. Sentei-me um pouco mais ereta quando ele disse: "Acho que nunca dei a notícia para você. Eu fui suspenso."

"*Suspenso?*"

A parte de baixo de sua cadeira raspou contra o concreto enquanto ele a

posicionava diretamente na frente daminha, as pontas dos nossos sapatos se tocando quando ele se sentou. "Suspenso," ele confirmou com um pequeno mergulho no queixo, seu antebraço direito pousando na mesa. "Quer adivinhar o porquê?"

Conhecendo-o, poderia ter sido uma série de coisas.

Ele era pedra e fogo, tudo de uma vez. Ilegível e ainda de posse de um temperamento que corria em uma correia curta - se houvesse uma coleira em tudo.

"Você falou besteira?" Eu perguntei, todos muito conscientes de nossos sapatos ficando intimamente familiarizados com os outros.

Sua boca engatou, o lado com suas cicatrizes, e enquanto eu os observava enrugar e esticar, senti uma onda de proteção varrer sobre mim. Eu poderia fazer isso? Eu poderia ser a única a tirar a vitalidade de seus olhos azuis?

Lincoln Asher não era um homem bom, e eu não tinha certeza se ele era até mesmo amável quando ele foi em um de seus ridículos movimentos, mas isso não significava que eu tinha o direito de tirar sua vida.

*Agora você está apenas sendo uma hipócrita - você tem o direito de tomar Jay Foley com essa lógica?*

Não, não tinha.

E, no entanto, eu não pensara em mais nada desde que deixara Whiskey Bay ontem.

Como seria andar livre nesta cidade sem me proteger? Cada respiração que eu trouxe para os meus pulmões teria um gosto um pouco mais doce?

Minhas cartas escorregaram do meu alcance, e levou meu cérebro um

momento para registrar o fato de Asher tê-las pego de mim e colocá-las na mesa forrada de veludo.

"Você não está fazendo certo," eu murmurei, estendendo a mão para pegá-las de volta.

O sapato dele relaxou contra o meu, um aviso silencioso para eu lhe dar espaço. Ele seguiu com um rouco: "Deixe-me tentar."

Depois da nossa briga - depois de ser chamada de covarde, por mais certo que ele estivesse falando sobre isso - eu deveria ter levantado meu pé e o arrastado direto para o ápice de suas coxas. Ele era um bastardo convencido, e não havia uma única razão pela qual eu tivesse que aturar suas besteiras. Nenhuma.

Mas eu era uma viciada e Lincoln Asher era meu vício escolhido, e então eu cedi sem admissão verbal, caindo de volta no meu lugar e cruzando os braços sobre o peito enquanto o observava separar as cartas com as sobrancelhas franzidas e os dentes afundando em seu lábio inferior.

Ele nunca seria sexy, não do jeito clássico e modelar. Ele era muito áspero para isso, muito robusto e muito dominante. E, no entanto, enquanto o sol se punha atrás da Catedral de St. Louis, suas paredes de gesso creme ficando vermelhas, rosa e amarelas do sol poente, eu não conseguia desviar o olhar daquele homem que eu tanto queria odiar.

"Acontece que meus superiores não gostaram de eu ter vindo em seu socorro há três semanas," disse ele, folheando as cartas de tarô enquanto seu olhar rastreava cada detalhe minucioso de suas ilustrações.

Minha boca caiu aberta. “Eles suspenderam você por *isso?* Você estava me ajudando! E Casey também."

Dando um breve aceno de cabeça, ele entregou uma última carta, de modo que três estavam espalhadas diante dele. O resto ele se embrulhou e escorregou de volta para sua bolsa de veludo, que estava descansando ao lado da vela acesa. “Foi um uso de força. Eu tenho um belo tapa na mão. Eles não queriam irritar o pai da criança, e eu entendo. Embora eu ache que é seguro dizer que, depois dos eventos recentes, eu e Joshua Hampton não estaremos participando de nenhum evento ou algo assim.”

*Joshua Hampton? O garoto que nos atacou era o* filho *de Hampton*?

Eu me senti como um peixe, minha boca se abrindo e fechando - ou pelo menos como uma tartaruga - mas era difícil de digerir toda essa informação. Se tivesse sido o filho de Big Hampton naquela noite... "Foi encenado?" Eu perguntei, já temendo a resposta.

Olhos azuis levantaram para encontrar os meus. “Não foi encenado por Hampton, se é isso que você está imaginando. Little Hampton aparecendo na hora certa e no lugar certo era apenas a cereja no topo do bolo.”

"Então por *quem*?"

"É de quem eu vim falar com você." Lábios se curvando em um pequeno sorriso, ele deu uma risada suave que estava tão em desacordo com a dureza de suas características. Isso me iluminou como um fósforo e acendendo. “Mas, primeiro, vou ler suas cartas. Colocar você no lugar quente. O que você acha disso?"

"Eu acho que o punho que você levou para a cabeça no outro dia pode ter soltado um parafuso." Não era nada do que eu queria dizer, mas soava muito mais confiante do que os pensamentos repetindo na minha cabeça: *o que você está fazendo aqui? Por que você está sendo tão legal?*

"Você pode aprender qualquer coisa no YouTube." Tocando o centro do

primeiro cartão com a ponta do dedo, ele arrastou-o para perto, mudando seu grande corpo para que ele pudesse dar uma boa olhada na ilustração. "Eu passei algumas horas hoje estudando."

Minha boca me traiu, curvando-se na maneira infantil como ele confessou tudo. "Então, algumas horas no YouTube e você se sente confortável o suficiente para ler tarô?"

"Não," ele disse balançando a cabeça. "Mas eu me sinto confortável o suficiente para ler os *seus*."

Algo sobre isso atingiu um acorde, e eu respirei profundamente. Se eu me deixasse perder na pirueta de me perguntar o *porquê* ele estava lendo a minha vida, eu nunca mais me aventuraria por ar.

Mentalmente, eu empurrei o *porquê* de lado, enviando-os para o ar da noite.

"Você já está com um começo difícil." Envolvendo uma mão em volta da minha caneca de chocolate quente, levantei-a da mesa para os meus lábios, soprando o vapor. Os olhos azuis de Asher rastrearam tudo, mas quaisquer emoções que ele sentisse não estavam disponíveis para a temporada de abertura. Ele me observou com firmeza, com cuidado, mas o calor que eu comecei a reconhecer nele estava longe de ser encontrado.

*Obviamente, sua idiota. Vocês não são mais apenas estranhos.*

O chocolate quente queimava no caminho, a temperatura estava alguns graus quente demais. Tossir e engolir aconteceu de uma só vez, e eu me movi para frente, a mão na minha garganta, enquanto tentava recuperar o fôlego.

Os dedos de Asher foram para o meu queixo. "Olhe para cima. Isso vai ajudar."

Entre rajadas de tosse, eu resmunguei: "Eu pensei que era apenas uma velha história de esposas."

Seus dedos não se afastaram. Em vez disso, ele gentilmente inclinou meu queixo para que meu rosto se inclinasse, meu olhar se fixando no céu que escurecia. Além da torre da catedral havia uma lua cheia em toda a sua glória.

Minha mão enganchada em seu pulso, assim como sua profunda voz retumbou, "Não tenho certeza sobre a velha história das esposas, mas é o que as freiras sempre me disseram."

As... *freiras*?

Rasgando meu olhar da beleza acima de nós, fixei minha atenção em seu rosto. “As freiras? Você foi para a escola católica?"

Ele se afastou, seu toque deixando minha pele sem seu calor, e ele retornou às cartas. "Não, orfanato," ele finalmente respondeu. “Mas, antes disso, eu estava com as ursulinas por um tempo. Não me lembro de muita coisa."

Jay tinha realmente o deixado de lado ao nascer, exatamente assim? Foi além do extremo, e até o dia em que ele ordenou a morte de mamãe, ele nunca desviou para os extremos. Calmo poderia muito bem ter sido seu nome do meio.

Embora não fosse chocante saber que tudo aquilo era apenas outra mentira.

“Jay...”Como colocar isso em uma questão que não era totalmente ofensiva? Engolindo, tentei novamente. “Você já esteve perto dele, em algum momento? Quero dizer, com você crescendo aqui em Nova Orleans, você precisava vê-lo em algum momento, certo?"

O segundo seguinte pareceu durar meses, e então Asher suspirou, ajeitando os cotovelos, entrelaçando os dedos enquanto olhava para os nossos pés. "Nós vamos ter essa conversa, agora, não vamos."

Não foi uma pergunta.

Ou, se fosse, seria totalmente retórica.

"Nós não temos que ter," eu murmurei, e depois arrisquei outro gole do meu chocolate quente. *Mmm, muito melhor.* "Quero dizer, se você preferir que discutamos nosso colapso da noite de quinta-feira, também podemos fazer isso."

Sua fachada quebrou, uma careta espreitando. "Nós dois dissemos alguma merda que não queríamos dizer."

Isso não era verdade. "Eu quis dizer cada palavra que eu disse."

Deixando escapar uma risada seca, Asher levantou a cabeça para encontrar o meu olhar. "Eu fiz também. Eu deveria estar preocupado se você vai pegar a vela e enfiá-la na minha calça em retribuição?"

"Eu não sou estúpida, Asher."

Sua testa arqueada foi a única resposta que ele me deu.

Revirando os olhos, cruzei a perna direita pela esquerda. “Tudo bem, então eu posso ser estúpida. Às vezes. Raramente." Desconfortável sob seu olhar astuto, eu me contorci na minha cadeira. Então me repreendi por agir como uma pirralha imatura que não conseguia se sentir confortável. *Hora de retomar essa conversa.* Esperançosamente.

"Voltando para Jay." Eu bati seu sapato com o meu. "Como ele era?"

Suas grandes mãos se deslocaram sobre as cartas mais uma vez, as pontas de seus dedos preguiçosamente traçando as ilustrações enquanto seu olhar permanecia preso no meu rosto. "Nós vamos fazer isso de maneira não convencional," disse ele. "Você é boa com isso?"

"Eu nem sei do que você está falando."

Ao lado do meu pé, ele pulou em um pequeno ritmo - como se não pudesse controlar suas emoções. Ou talvez, na verdade, era seus nervos.

“A coisa não convencional é que eu vou sentar aqui e ler suas cartas para você. Isso funciona para você?"

Eu olhei para ele, recusando-me a mostrar qualquer indício de ansiedade. Ele claramente tinha um plano com isso esta noite, e quem era eu para dizer a ele para estragar tudo sem permitir que ele tivesse a chance de dar uma chance? Talvez fosse revelador.

*Ou talvez ele deva aprender que você não deve vasculhar as cartas e escolher os que deseja antes de ler.*

Talvez fosse esse o caso, mas a curiosidade superou todas as outras emoções para mim.

"Avery?"

Um pequeno aceno de cabeça inclinou minha cabeça para baixo. "Sim, tudo bem. Funciona para mim."

Um breve e grato sorriso apareceu em seus lábios antes de tirar as cartas da mesa e segurá-las em suas grandes mãos. Virando-se para mim completamente, seus pés prensando os meus e a mesa à sua direita, ele virou suas escolhas, com apenas a primeira aparecendo.

Três de Espadas - tristeza.

Minhas unhas cravaram em minhas palmas quando notei a carta familiar com sua coloração preta e roxa, e uma espada perfurando uma rosa. Não era uma carta que eu puxava com frequência para mim, mas era, no entanto, uma que sempre me fazia sentir um pouco de tristeza infiltrando-se em meus ossos.

Eu tirei a questão: "O que isso representa?"

Os lábios de Asher se separaram em um breve suspiro. "Este é o seu passado."

A risada que se soltou do meu peito foi mais ar que alegria. "Muito preciso, eu acho."

Eu não sei o que eu esperava desta chamada leitura. Talvez para ele simplesmente chamar a carta e passar para a seguinte. Talvez para ele criar um conto fantasioso que não fosse nada mais do que merda de unicórnio, todo enfeitado com glitter e arco-íris, mas contendo pouca substância.

Eu esperava essas coisas, indo tão longe a ponto de me preparar para elas, mas eu não poderia esperar por *isso.*

"Eu nunca soube sobre você, sabe." Ele colocou a carta para equilibrar no meu joelho, forçando-me a tocar a carta ou vê-la balançar e cair no chão. “Até os vinte e cinco anos, não fazia ideia de quem era meu pai biológico. Eu fui dado às ursulinas aos dois. Deixou-me cair em um orfanato aos três e ficou assim até que eu era um adulto legal. Jay Foley nunca apareceu. Nunca mostrou seu rosto.” Olhos azuis se moveram em minha direção. “E quando finalmente conheci minha mãe, ela nunca mencionou o nome dele também.”

Desajeitadamente, mudei na minha cadeira. "Eu... Eu não sei onde você está indo com isso."

Claramente desconfortável com a virada da conversa, Asher passou os dedos pelos cabelos bagunçados. Sua mão hesitou na parte de trás de seu crânio, flexionando o antebraço enquanto ele me estudava. Então, ele falou, aquele familiar timbre rouco dele me fazendo mudar por uma razão completamente diferente. "Eu tinha vinte e dois anos quando soube do seu suicídio nos noticiários."

Na minha cabeça, eu pulei da minha cadeira e me afastei, mãos sobre os meus ouvidos para acabar com os sons das palavras que eu não queria ouvir.

Na realidade, não mexi um músculo.

"Foley estava na Câmara Municipal na época," Asher continuou, as mãos juntas enquanto seus cotovelos estavam nos joelhos. “E tudo que eu lembro de pensar enquanto mostravam sua foto no noticiário era que você deve ter tido tanto amor da sua mãe que era impossível viver sem ela.” Uma risada irregular veio de sua boca, e como se envergonhado pelo som, ele esfregou a palma da mão sobre os lábios. “Naquele momento, eu estava com ciúmes de sua tristeza. Ciumento que você amava e era amada, e tudo que eu conhecia era dor e decepção."

*Por que ele estava me dizendo isso?*

O fato de ele poder sentar e me dizer algo assim era...

“Quando Big Hampton soltou aquela pequena bomba,” Asher disse, interrompendo meus pensamentos. “Percebi que você conhecia uma tristeza de um tipo diferente.” Ele assentiu com a cabeça na direção da carta, que ainda estava equilibrada no meu joelho. "Você esteve sozinha, isolada e ainda assim você sobreviveu."

*Eu não tinha outra escolha.*

Era sobreviver ou desistir, e mamãe nunca me ensinou para aceitar. *Seja corajosa,* ela costumava me dizer, *e sempre seja ousada.* Por anos eu repeti as palavras na minha cabeça, uma e outra vez, até que era ou acreditar no que minha mãe havia pregado ou apenas aceitar que eu tinha sido alimentada com outra mentira.

O pé de Asher cutucou o meu. “Não era verdade, o que eu disse sobre você

ser uma covarde. Eu conheço o meu punhado de pessoas que irritaram Foley e não conseguiram fazer o que você fez. O que você continua fazendo agora - viva."

Cada palavra que caiu de sua boca empurrou a lâmina da culpa me cortava. Eu queria a raiva dele. Eu queria sentir aquela fúria familiar rodando no meu intestino. Eu queria, acima de tudo, não pensar em Lincoln Asher como alguém que não fosse um assassino calculado que pudesse quebrar meu pescoço em dois sem remorso.

As palavras que ele falou agora não pertenciam a um homem que levava vidas apaticamente.

E isso... isso só me fez querer olhar mais de perto e espiar sua alma. Descobrir tudo e qualquer coisa que eu possa aprender sobre ele.

Dedos apertando a carta, eu posicionei na minha coxa para que não caísse. "O que você escolheu para o meu presente?"

Com um rápido olhar em minha direção, ele revelou a próxima carta que ele segurava em suas mãos.

Sete de espadas.

"Fracasso," eu murmurei, olhando para a ilustração escura com seus símbolos romanos embutidos no que parecia ser uma miríade de penas pretas, mas que deveriam representar vegetação morta. Forçando um sorriso, meus dentes moendo juntos. "Que irônico."

Asher colocou Fracasso em cima do baralho em minha perna, seus dedos momentaneamente escovando o tecido da minha saia preta. Ele recostou-se, braços nos frágeis braços da poltrona. “Você queria se esconder, Avery. Você queria fugir do seu passado e eu trouxe você de volta para ele. Esse fracasso é

meu."

Mas não era, na verdade não.

Não importa o fato de que Nat alegou conhecê-lo, ela *me* seguiu por anos. Eu estive nessa bagunça por um longo tempo, não importando o fato de que eu nem tinha percebido isso o tempo todo. E não ajudou o fato de ele ter colocado a carta na minha coxa com ela invertida - no Tarô, essa carta veio com uma escuridão que sempre mantinha a luz no fim do túnel. Mas se a carta fosse puxada para trás e colocada dessa maneira, essa luz seria apagada. Negligente. A luta sem fim.

Eu estava tão cansada de lutar.

Eu coloquei as cartas na mesa, de bruços.

"Aqui está a terceira carta que eu puxei," Asher murmurou, puxando-me do meu devaneio. "Domínio. Eu não sou um leitor de cartas, Avery, e isso é algo que nós dois sabemos. O YouTube não pode torná-lo um profissional e tirei cartas que eu achava que ressoavam, mas isso...”Ele mexeu de um lado para o outro na mão. "Isso vai acontecer."

Arrancando a carta de seu aperto, eu a coloquei de volta na mesa forrada de veludo, minha palma ecoando com um *baque* contra a estrutura raquítica. Eu deveria sair bem o suficiente sozinha. Aceitar que talvez ele estivesse tentando fazer as pazes depois de ser um idiota arrogante que pensou poder dizer e fazer o que quisesse.

Mas eu não poderia deixar bem o suficiente.

"Que jogo você está fazendo, Lincoln?"

Seus olhos azuis nunca vacilaram do meu rosto. "Sem jogos."

"Eu não acredito em você."

"E por que isso?" Ele perguntou, voz baixa. Atrás dele, os sinos da Catedral de St. Louis tocavam a nova hora, mas ele nem sequer olhou para trás. Não, *eu* era o centro de sua atenção, e embora ele se sentasse em sua cadeira e eu sentasse na minha, ainda assim me sentia cheia pela presença dele.

"Nós não podemos..."

"Nós temos que fazer." Suas mãos pegaram meus pulsos em um movimento tão rápido que eu mal tive tempo de registrá-lo. E então ele me puxou para frente até que minhas mãos estavam segurando seus joelhos para estabilizar meu peso, e minha bunda estava pairando a centímetros do tecido do meu assento. "Você não conhece este mundo, esta cidade, querida, não do jeito que você pensa." Polegares acariciando os ossos delicados dos meus pulsos internos, ele encontrou meu olhar. "Foi com o meu fracasso que você caiu nesta bagunça, e eu vou ser amaldiçoado se eu deixar você se queimar por minha causa."

"Eu posso me segurar." Eu tinha feito isso, bem o suficiente até agora, de qualquer forma, e se o empurrão se impelia, eu poderia continuar por mais doze anos - se eu quisesse. Se Nat não virasse o roteiro e mandasse seus lobos cheirando meus tornozelos. Se meu padrasto não se lembrasse da nossa quase reunião na delegacia e se perguntou, *era ela*?

Tantos, e *se*, mas eles eram tudo que eu tinha.

O homem segurando meus pulsos foi o maior *caso* de todos eles.

Suas pálpebras se fecharam e aproveitei o momento de solidão para estudar de perto suas feições de uma maneira que não tivera oportunidade de fazer antes, quando estávamos muito ocupados fazendo sexo no escuro. Uma fina cicatriz branca marcava sua pele bronzeada logo acima da sobrancelha

esquerda. A barba escura cobria a metade inferior de seu rosto, mais do que quando eu o conheci, mas ainda não tinha uma barba cheia. Suas cicatrizes...

Eu odiava o jeito que sofria por sua dor. Eu queria manter minhas paredes sob controle e minha empatia no mínimo. Eu queria tanto culpar sua vida perigosa pelas escolhas que ele fez e pelas decisões que ele estabeleceu por sua própria vontade, e não como uma consequência da influência de qualquer outra pessoa.

Era mais fácil do que encarar e aceitar a verdade, e a verdade era que eu queria desesperadamente entender o funcionamento interno de sua mente. Ele me salvou, no Porão, quando ele poderia ter me jogado tão facilmente para os lobos. Mesmo quando chegou a nos desarrolhar naquele barraco no meio do nada, ele exigiu que eu fosse primeiro.

Ele não era um bom homem.

Mas ele tinha uma consciência, eu tinha que acreditar nisso.

Mais uma vez, parecia que estávamos amarrados juntos por uma corda, porque quando eu puxei de suas mãos e coloquei uma mão sobre a pele levantada de suas cicatrizes, seus lábios se abriram para murmurar: "Pergunte-me o que aconteceu com o meu rosto."

# 10

## *Lincoln*

Se Avery realmente pensasse que poderia enfrentar Foley, Ambideaux e Big Hampton, então estaria morta antes que tivesse a chance de respirar para gritar.

Foi a razão pela qual eu a procurei hoje à noite.

A razão pela qual eu estava disposto a compartilhar o único momento da minha vida que eu prometi levar para o túmulo, para sempre não dito.

*Não é o único motivo.*

Não, eu era um bastardo egoísta. Eu ansiava por ela, mesmo que eu tenha sido um completo idiota quando nos vimos pela última vez. Eu ansiava por ela, apesar da lógica dizer que ela deveria ser a última mulher que eu deveria desejar.

Eu não dava a mínima para nada disso.

Havia algo a ser dito sobre como fazer as pazes - eu poderia fazer isso agora, mesmo que as do meu passado não fossem tão fáceis, ou possíveis, de apagar.

Abri a boca, ouvi as palavras quando saíram - "Pergunte-me sobre o meu rosto" - e então senti a suavidade aterrissar na minha bochecha. Minha bochecha marcada.

Meu coração balançou, a maldita coisa se agitando no meu peito como um peixe encalhado desesperado por água, por segurança, pela familiaridade de sua realidade cotidiana. Só assim, seu toque gentil me arrancou da minha existência

entorpecida, como o toque de um interruptor, e a emoção infiltrou-se através de mim.

Nós fodemos, Avery e eu.

Mas quando foi a última vez que alguém me tocou voluntariamente fora de sexo? Quando foi a última vez que alguém tentou me acalmar ou se importar o suficiente para tentar?

*Nunca.*

Não em nenhuma das casas em que eu cresci.

Não Jason, e com certeza não Nat.

Não minha mãe, que nem sequer conseguia olhar para mim.

Se as ursulinas já existiram, eu era muito jovem para levar as lembranças junto comigo até a idade adulta.

E, Cristo, mas a realidade da minha vida me atingiu como uma marreta, esmurrando meu peito, forçando uma respiração que ecoou em meus ouvidos como uma sirene de nevoeiro.

Palavras. Eu precisava falar, dizer algo para que Avery não achasse que eu ficaria mudo, mas me vi incapaz de fazer qualquer coisa além de absorver a sensação da mão dela contra a parte mais feia de mim. Eu estava arruinado, como ela me disse quando nos conhecemos, e ela me tocou agora mesmo.

Como se eu fosse alguém que valesse seu tempo e energia.

Como se eu não fosse um monstro vestido com pele humana.

"Lincoln."

Porra, ela poderia ter acendido um fogo e me dizer para atravessa-lo, e eu

teria me despido para ir e em seguida, ficar no meio das chamas. Mexendo com o calor. Passeando com a dor. Se eu pudesse fingir, mesmo que por um segundo, que eu era um homem que vale a pena amar.

Eu pisquei meus olhos abertos.

Ela piscou para mim. "Onde você foi?" Ela sussurrou, e eu nem precisei perguntar o que ela queria dizer.

Minha garganta se contraiu com uma andorinha. "Para um lugar que eu geralmente gosto de fingir que não existe." Em outras palavras, meu coração. Minha alma. Duas coisas que eu pensava estarem adormecidas até que a encontrei na Jackson Square, exatamente onde nos sentamos agora. Eu estendi a mão, circulando seu pulso, e me assustei, colocando a palma da mão ainda mais contra minha bochecha.

Esperei que o desgosto revolvesse seus traços, mas isso nunca aconteceu.

Em vez disso, seus olhos castanhos foram para as nossas mãos contra o meu rosto e não se afastaram. "Diga-me o que aconteceu."

Começar desde o começo não era uma opção, então me acomodei com as verdades que poderiam ser contadas sem aterrá-la em água ainda mais quente. “Eu trabalhei para o marido de Nat enquanto crescia. Jason Ambideaux."

Suas feições se franziram. "Como um tipo de trabalho interno?"

Eu desejei. Talvez a vida tivesse sido diferente se eu fosse apenas uma das crianças que ele contratou nas escolas locais para planejar seus eventos sociais e agendar seus posts no Facebook e coordenar suas reuniões em um pequeno calendário que custava mais do que o meu precioso Glock 19. "Não, não como um estagiário."

Correndo o risco de ver esse desgosto aparecer, acrescentei: “Eu traficava

drogas para ele, Ave. Assassinava pessoas."

Suas unhas arranharam minha bochecha, uma reação instintiva dela, eu sabia.

Eu continuei - não havia outro jeito.

“Eu lhe disse que não sei quantas pessoas eu matei, mas isso não é verdade. Conheço todas as pessoas - sua data de nascimento, seus pais, seus filhos, se tivessem algum." Meu peito permaneceria para sempre marcado por suas perdas. Uma tatuagem para cada morte. Dor pela dor, como os romanos teriam dito uma vez. Meu peito estava coberto, assim como meus braços. Eu era uma lápide ambulante e não tinha outra saída. Era lamento e vergonha que eu carregava em meus ombros, e era a única razão pela qual eu raramente removia minha camisa na frente dos outros.

Eu não queria as perguntas, os olhares curiosos.

Eles nunca entenderiam, e não estava em mim tentar explicar o que eles nunca compreenderiam. A tinta era minha penitência.

“Jason tinha isso... Eu odeio chamá-lo de um inimigo porque soa tão malditamente brega."

Avery colocou um pé em volta da cadeira e puxou-a para a frente, de modo que estava quase em cima da minha, e depois se abaixou sobre ela. Ela nunca tentou tirar a mão do meu rosto, simplesmente inclinou seu corpo para que ela pudesse manter contato. "Ele era um inimigo," ela disse calmamente. "Apenas chame como é."

Meus pulmões apertaram com um suspiro pesado. “Sim, eles eram. Eles se odiavam, por razões que eu ainda não sei, não antes e não agora. Jason soube algo sobre Foley, entretanto, e ele me ligou. Ele tinha algo que ele queria que eu

cuidasse, e eu nunca disse a ele antes. Eu sempre fui confiável."

Seus dentes afundaram em seu lábio inferior e eu praticamente podia ver as rodas girando em sua cabeça. "Você gosta...?"

Sabendo a resposta que ela queria, eu lhe dei a minha verdade: “Eu sou bom nisso, mas nunca tive prazer em ver alguém morrer.” Não, eu tinha sido pior. Indiferente. Resignado. Determinado a agradar um homem que não era meu pai, mas era a única pessoa que chegava perto de preencher o papel. "Exceto que ele me disse a identidade da marca, e eu quase recuei."

"Por quê?"

Eu encontrei seu olhar, e desvendei as palavras que eu mantive presas por tanto tempo. "O alvo era uma criança," eu disse, puxando a mão das minhas cicatrizes. Por mais que eu quisesse o toque dela, eu não merecia sua empatia com essa história. Eu nunca faria. "Um garoto inocente que não tinha feito nada além de existir, mas Jason queria retaliação por algo que seu assim chamado inimigo tinha feito."

O suspiro de Avery pareceu muito alto. *Apenas continue. Chegue ao ponto da história.* Era difícil, tão difícil saber que minhas ações haviam se posto em movimento.

"Eu concordei..."

Com as sobrancelhas escuras franzidas, Avery me observou atentamente. “Você disse que *quase* recusou. Por favor, por favor, me diga que você não passou por isso."

O peso de sua decepção silenciosa parecia com correntes em volta do meu pescoço. Eu estava indo para o inferno, isso era certo. Um bilhete de primeira classe gravado em ouro, só para mim.

“Eu concordei, no começo. Ambid - Jason era como um pai para mim e eu odiava a ideia de desapontá-lo. Mas no final, eu não pude continuar com isso. Fui a Whiskey Bay, determinado a dar o fora daquela vida e confrontá-lo. Ele já estava me esperando, sabia exatamente como eu deixara de seguir."

O olho da minha mente produziu um visual de Ambideaux esperando por mim no final da escada do porão, braços cruzados sobre o peito largo. Dizer que ele estava chateado era um eufemismo. *Furioso,* mais parecido. Eu nunca o tinha visto tão furioso antes, e meu instinto me disse para girar e dar o fora de si.

Eu permaneci firme.

E ele atirou em mim em troca.

Minha voz emergiu como se eu tivesse estado em silêncio por anos, em vez de segundos. “Eu disse a ele que ele era um maldito idiota predador por trazer uma criança para a bagunça. Eu queria sair." Forçando o pânico persistente, coloquei meus cotovelos nos meus joelhos e deixei minhas mãos penduradas entre as minhas pernas. *Fique calmo, cara. Não perca isso.* “Eu me lembro de me afastar e em seguida, sentir o fogo quente rasgando minha coxa direita. E então, uma fração de segundo depois, mais chamas logo acima do meu joelho."

Os olhos de Avery se arregalaram e seus lábios cheios se abriram como se eu tivesse ordenado que eles abrissem sob o meu comando. "Ele *atirou em* você?"

"Sim."

"Que *idiota*," ela disse, como se estivesse horrorizada em meu nome. E, inferno, mas me senti bem - mesmo que sua simpatia estivesse errada.

“Eu acordei em um carro, sangue em cima de mim. Nós não estávamos em

Nova Orleans, e era como um tipo de destino distorcido que eu sabia exatamente onde eles estavam me levando - Whiskey Bay.” Em suas sobrancelhas levantadas, eu me corrijo: “A Bacia de Atchafalaya. É onde nós - *eles* - levam os corpos para despejar. O rio traria os mortos direto para o Golfo do México, e se isso falhasse, eles terminariam como comida. Eu não estava morto e eles sabiam disso.” Mas eles me despiram de todos os meus pertences - minha identidade, minhas armas, minha sanidade. "E antes que eles me jogassem, Jason fez um último pedido."

"O que mais..." Com um grunhido baixo, Avery encarou meu rosto. "Por favor, me diga que eles não fizeram."

"Prenderam-me." Eu podia imaginar tudo isso agora, meus membros presos enquanto eu tentava lutar contra os fodidos, a ponta da faca tirando sangue, meu ritmo cardíaco já tépido se tornando mais lento com extrema perda de sangue. “Eles esculpiram meu rosto com um *J*. Um cara fez o comentário de que ele podia ver osso, e então eles me jogaram.”

Deveria ter me aquecido para ver a maneira como Avery reagiu, o choque total que delineou suas feições delicadas quando suas mãos foram para sua boca para segurar um pequeno grito. O frio estava de volta em meus membros, no entanto, as lembranças daquele dia ainda estavam tão vivas na minha cabeça que eu quase podia sentir o gosto da bílis que tinha roubado minha garganta.

"Como você..." Sacudindo a cabeça, Avery sussurrou, seus olhos brilhando com lágrimas não derramadas. “Não parece..."

Eu ri, mas não havia nem um pouco de alegria nisso. “Confie em mim, eu queria morrer. Não havia nada que eu mais quisesse. E eu não vou mentir, eu não sei que reviravolta do destino me fez lavar em um banco de grama como uma espécie de príncipe bastardo, mas lá estava eu quando alguns camaroneiros estavam saindo para colocar algumas armadilhas.” Eu passei a palma da minha

mão pelas cicatrizes irregulares. Eu não conseguia me lembrar de uma época em que elas não estavam lá, mas agora, muito parecido com as tatuagens, elas simbolizavam minha culpa. Sofrimento visual para todos verem. Apertando a mandíbula, eu disse: "Quanto à cicatriz, eu consertei."

Avery piscou. "Você *consertou*?"

Eu esperei a implicação afundar.

Eu não tive que esperar muito - nem mesmo três segundos se passaram antes que ela engolisse convulsivamente e arrancasse seu olhar do meu rosto, a primeira vez que ela cortou o contato visual desde que sentei. "Lincoln..."

“Ninguém me possui, querida. Não Jason, não Foley, não Hampton. Eu prefiro ter um rosto que assusta as crianças pelo resto da minha vida do que viver um único dia com a inicial do idiota gravada em mim.”

“Eu nem sei o que dizer. Ele é horrível - e horrível nem é uma palavra boa o suficiente para isso. Você não deveria ter que sofrer assim, só por querer fazer a coisa certa. A coisa *nobre*. Não está bem. Nada disso está bem, e eu nem consigo imaginar como deve ter sido, ter sua..."

“Não há nada a dizer. Essa foi a minha realidade e então saí. Eu sou um desgraçado sortudo, mas não é por isso que eu inventei tudo isso.” Eu peguei a carta que eu selecionei para o seu futuro, enquanto perseguia a internet para todo e qualquer entendimento do Tarô. Domínio se encaixava no que eu queria para Avery, de acordo com o site que eu encontrei. Ilustrado com espadas e chamas amarelas e laranja, o cartão deveria representar ousadia e coragem. Algo sobre o espírito se rebelando contra fronteiras para encontrar uma solução.

O que significava além disso ou, inferno, se esse significado estava completamente errado em primeiro lugar - eu não fazia ideia.

Armas eram minha área de especialização, não adivinhação.

Girando a carta entre meu dedo indicador e polegar, eu parei. "Meu ponto é, Avery, eu não quero isso para você." Eu bati o canto da carta no meu rosto, logo abaixo da carne levantada. “*Isso* não vai ser o seu futuro. Eu vou estar morto antes de deixá-los tocarem você. Então tudo o que dissemos na outra noite, todos esses sentimentos amargos? Estamos esmagando a porra deles agora. Você precisa de mim, eu estou aqui. Você *não* precisa de mim, eu ainda vou estar bem aqui, esperando."

Olhando sacudida, Avery lambeu os lábios. “Você poderia estar esperando para sempre. Eu duvido que alguém esteja me procurando."

“Você não acha que Foleyirá se ele descobrir?"

Seus olhos castanhos se fecharam. "Eu não sei. Espero que não."

Ele pode não estar agora, mas ele estaria em breve. Se Hampton estava mexendo o pote, e assim era Ambideaux, era apenas uma questão de tempo antes que Foley percebesse o vento e começasse a prestar atenção em tudo ao seu redor.

Meu pai ficou confortável durante seu mandato como prefeito - não era um segredo. Mas a merda estava mudando, e um movimento errado poderia colocar Avery de volta no seu radar.

A menos que eu entrasse e a observasse de volta. Eu era um assassino glorificado com um distintivo suspenso, não um guarda-costas. *Você não pode ir embora - não de novo.*

Não dela, Avery.

Laurel Peyton.

O motivo da cicatriz no meu rosto e a dor antiga na minha perna direita.

Ela era a garota que eu fui enviado para matar. Só que eu nunca consegui passar pelo gramado da frente da mansão de Foley. Um visual dela correndo da casa e caindo de joelhos manchou minha retina. Lembrei-me de seu vômito, seu rosto jovem a centímetros da grama, seu longo cabelo loiro roçando o chão, quando ouviu uma arma disparada da grande mansão.

Eu supus que Ambideaux tivesse enviado outra pessoa depois de sentir minha hesitação.

Que Foley foi para Jason, eu nunca soube. Quem ele era para mim, bem, eu não tinha descoberto isso até muito mais tarde.

Mas eu falhei com ela naquela noite. Sem coração até o final, quando eu saí e voltei para o meu carro. A qualquer momento, poderia ter avisado Foley sobre os planos de Ambideaux. Que homem não gostaria de saber que sua família estava sendo alvo? E ainda assim, eu saí, o tempo todo sabendo que alguém poderia ser enviado em meu lugar para fazer o trabalho que eu não poderia realizar.

Um ano depois, quando ouvi falar de seu suicídio no noticiário, vomitei exatamente como ela - de joelhos, o estômago se agitou de culpa reprimida e auto repugnância. Eu posso não ter sido a razão direta pela qual ela estava morta, mas eu me sentia responsável, no entanto. E, abaixo de tudo, a morte dela era um reflexo do quanto eu havia afundado: roubar vidas nunca era honroso, mas até considerar matar alguém tão jovem? Não havia nada pior. Nada mais repugnante ou deplorável.

Eu coloquei a mão sobre o meu coração agora, meus dedos roçando meu suéter, bem em cima de onde eu tinha tatuado o seu número no meu peito.

Eu posso não a ter feito tomar aquelas pílulas, mas do jeito que eu olhei naquela época, eu tinha tido uma mão direta em sua morte de qualquer maneira.

Exceto que ela não estava morta.

Ela estava viva, respirando e prosperando bem na minha frente, e eu estava preso no limbo, querendo capturar seus lábios com os meus e implorar perdão, ao mesmo tempo em que queria manter nosso relacionamento estritamente profissional.

A pequena bomba de Hampton me deu voltas, por mais razões do que uma.

Eu era o pecador.

O carrasco.

O homem que pertencia a todos os círculos do inferno.

Com a mão sobre o meu coração, encontrei o olhar de Avery e baixei a voz para um murmúrio baixo. "Deixe-me estar lá para você."

*Deixe-me encontrar algum tipo de redenção.*

Seus lábios se separaram em uma inspiração. "Tudo bem," ela sussurrou. "Ok."

# 11

## *Avery*

"E*ntão*, quanto tempo exatamente vamos fingir que o Sr. Policial Quente não está lá embaixo e agindo como nosso próprio Capitão América, todo cavalheiresco?"

Droga. Claramente, hoje não seria o dia em que Katie de repente aprendia a não se intrometer nos negócios de todos.

Enfiei um travesseiro sob o braço assim que a porta da frente se fechou atrás dela. "Ele não tem um escudo," eu disse, virando-me para a minha colega de quarto e melhor amiga, "Então o Capitão América provavelmente não é a melhor comparação."

Soltando sua bolsa de trabalho pela nossa pequena mesa de entrada, Katie me deu um sorriso torto. "Ave, vamos resolver isso." Ela empurrou o polegar por cima do ombro para a porta. “Um homem assim não *precisa de* um escudo. Parece que ele quebra ossos e ganha nomes."

*Eeeeeee, nós oficialmente nos aproximamos demais do conforto agora.*

Mesmo depois de dizer a Lincoln que eu não precisava dele saindo em frente ao meu prédio esta noite, ele se recusou a ouvir a razão.

*"O que você vai fazer se alguém aparecer procurando por você?"* Ele exigiu, braços sobre o peito largo, mandíbula trabalhando firmemente enquanto ele olhava para mim. *“Você já está sem um taser, querida. Eu sou a próxima melhor coisa."*

A maneira como eu olhei para ele, ele estava se vendendo pouco. Ele era muito mais capaz do que o taser, garras de eletrochoque e tudo mais.

Além disso, o homem teimoso foi a razão pela qual eu estava "sem" um taser em primeiro lugar.

Apertando o travesseiro embaixo do meu braço para que eu pudesse segurá-lo, joguei um cobertor sobre o antebraço e em seguida, abaixei para pegar a variedade de lanches que eu peguei mais cedo no caminho de volta de Flambeaux. Pela primeira vez em anos, fiquei grata por ter interagido com um dos funcionários de Pete e não com o próprio Pete - não com Lincoln Asher esperando do lado de fora na rua. Eu só podia imaginar que tipo de perguntas seriam levantadas.

"Oh, Ave."

Ouvindo a nota melancólica em sua voz, levantei meu olhar para encontrar Katie. "O que?"

Ela gesticulou para todos os itens em meus braços. "Garota, você está aninhando."

De olhos arregalados, olhei para o peso em meus braços e balancei a cabeça. "Falso. Eu só estou trazendo-o..."

"Você está se aninhando." Sem me dar a chance de protestar, ela roubou o pacote amarelo de M&M's do saco de plástico pendurado no meu dedo indicador. Rasgando-a como um selvagem, ela colocou um M&M vermelho em sua boca, molares moendo enquanto ela mastigava. "Deixe-me perguntar-lhe isto," disse ela. "P*or que o* Sr. Policial Quente está em seu SUV agora, andando por aí?"

Outro M&M entrou em sua boca enquanto eu ficava lá e contemplava meu

próximo passo.

Finalmente, eu murmurei: "Como você sabia que ele estava lá?"

"A cara dele. Totalmente digno de um sonho. É o tipo que é totalmente difícil de esquecer."

Eu duvidava muito que “digno de um sonho” fosse um nome que Lincoln Asher ouvia frequentemente sobre sua aparência. Corajoso. Poderoso. Cru. Aqueles pareciam inegavelmente mais apropriados.

Então, novamente, quando ele realmente se permitiu usar seu coração em sua manga, como ele tinha feito esta noite, então, sim, "digno de um sonho" era na verdade uma descrição perfeita.

"Avery."

Nossa, ela não estava sacudindo as garras hoje à noite.

"Você já se sentiu atraída por alguém que não era bom para você?" Rolando meus ombros, eu desajeitadamente gesticulei para ela devolver os M&M's para a bolsa. "E eu não estou dizendo apenas que eles são uma coruja da noite e você adora acordar ao raiar do dia."

O olhar de Kate se afastou, pousando em todos os lugares menos em mim. "Oh, você sabe," ela murmurou em um tom alegre. "Assim como todo relacionamento que eu já tive."

Certo. De alguma forma, eu não achei que fosse exatamente a mesma coisa.

Katie adoraria ficar escandalosa no quarto, mas seus relacionamentos eram frequentemente muito mais conservadores. Ela se apaixonou pelos tipos ricos que entravam no clube semanalmente. O tipo de homem que estava na cidade a

negócios, e que sentia a necessidade inexplicável de se divertir como se tivessem vinte e poucos anos.

Quantas vezes Katie chegou em casa de coração partido quando outro idiota a abandonou três meses depois de sua visita a Nova Orleans?

Era um ciclo vicioso, um esporadicamente interrompido por sexo quente com quem ela imaginava no momento, mas ainda assim, de forma alguma, era a mesma situação em que eu me encontrava.

"Asher é problema," eu disse, lutando para manter uma expressão neutra.

Olhos azuis baixaram para o meu braço. "Então por que você está se incomodando em descer as escadas?"

*Porque eu não posso me impedir.*

Eu não pedi a ele para ficar, mas agora que ele estava aqui, eu não suportava a ideia de ele ficar sozinho em sua SUV a noite toda sem um único conforto. Não importa o fato de que ele provavelmente fez esse tipo de trabalho para ganhar a vida. Só porque ele estava *acostumado* com isso, não significava que eu não me preocuparia.

Meu sorriso forçado escorregou um pouco. “Nenhuma pergunta hoje à noite. Por favor."

O rabo-de-cavalo loiro de Katie balançou bruscamente enquanto ela balançava a cabeça. "Depois de anos ouvindo você continuar e falar sobre como você não precisava de um homem, você fez uma reviravolta rápida." Ela bateu o queixo, franzindo os lábios. “É quando te digo que te avisei?”

Eu fiz uma careta. "Talvez um pouco cedo demais?"

"Não, nunca." Sorrindo, Katie me surpreendeu puxando o travesseiro do

meu alcance junto com os lanches. "Vamos, eu quero uma introdução formal."

*Formal...*

"Espera!"

Katie acenou com um braço acima da cabeça, o saco plástico de guloseimas pendendo de seu dedo indicador enquanto ela se virava e se dirigia para a porta da frente. “Venha, Avery. Não quero parecer uma idiota quando bato na janela dele."

Um visual de Katie assustando Lincoln - e, naturalmente, ele reagindo agressivamente - me colocou em movimento. Minhas pernas se agitaram em direção à porta, cobertor em desordem dentro dos meus braços. "Sério," eu murmurei, saindo do nosso apartamento para deixar Katie descendo a escada de madeira. "Não precisamos fazer disso uma grande *coisa.*"

“Quem mais vai fazer isso para você? Uma vovó? Uma tia? Você me tem, Ave. Apenas eu."

“*E* ninguém*?”* Eu nunca estive mais agradecida por estar balançando minha vida sozinha do que neste momento. "Estou perfeitamente bem com isso."

De costas para mim e os pés descendo o último lance de escadas, Katie anunciou: "Ouça, garota. Nenhuma vez em todo tempo em que vivemos juntas você já *flertou* com um cara. Então, esse sargento? É uma grande notícia. Antes de jogar seu coração nisso tudo, eu só quero fazer um pequeno reconhecimento para ter certeza de que ele está a par de como tudo vai acabar.”

"Reconhecimento? Eu pensei que você tivesse parado de assistir *CSI."* Confusão estilhaçou a névoa dos meus pensamentos. "E como tudo vai acabar?"

"Ele fode com você, e ele vai ouvir sobre isso de mim."

A porta da frente se abriu e Katie se derramou na varanda da frente. Ela mal esperou que eu aparecesse ao seu lado antes de sair para a calçada rachada e olhar da direita para a esquerda antes de atravessar a rua de mão única, calma como pode ser.

"Katie," eu mordi, arrastando atrás dela. "Sério, por favor, não me envergonhe."

Sua risada foi tudo que ouvi. E então. “Não se preocupe, vou guardar as coisas boas para mim mesma. Para agora. Veja! Aqui está ele.” Ela deu um sorriso na minha direção, e então, com o jeito típico de Katie, simplesmente bateu na janela do SUV com total confiança.

Correndo em sua direção, tropeçando em um canto do cobertor, arranquei o material entre as minhas pernas e peguei o meu ritmo. "Katie, vamos lá..."

Eu a vi parar em linha reta, a sacola plástica caindo no cimento.

Oh droga.

Então, soando como se estivesse sendo estrangulada, minha melhor amiga soltou uma risada desajeitada e disse: "Capitão América está armado, Avery. Você está certa, eu preferiria o escudo."

# 12

## *Lincoln*

Eu olhei para a loira do lado de fora da minha janela, observando-a do interior do meu SUV enquanto ela balbuciou algo que parecia muito com “Capitão América”.

Antes que eu tivesse a chance de entender, ela estava sendo intimidada para o lado por uma mulher que parecia estranhamente parecida com Avery.

Meus olhos se estreitaram.

Porra. Ela *era* Avery.

Arremessando a porta, meus pés bateram no concreto quando a cabeça escura de Avery bateu na minha direção de onde ela estava, com o corpo inclinado na frente da loira. "Abaixe a arma, sargento."

Minhas mãos vazias flexionaram-se ao meu lado e senti o impulso absurdo de levantá-las e contorcer meus dedos. Só para mostrar que não sou um completo selvagem. "A arma não está aqui, *Avery.*"

Atrás dela, a loira se levantou. "Por que estamos falando de armas?"

Olhando para trás, Avery soltou um som muito estrangulado: "Você disse que ele estava *armado."*

“Oh, certo.” Ela saiu de perto de Avery, então continuou: “Eu estava fazendo uma piada. Ele estava... bem, ele estava comendo algo."

A satisfação me cortou enquanto observava a realidade da situação atingir

Avery. Seus lábios se separaram e suas bochechas ficaram um pouco ruborizadas e eu era apenas um bastardo para murmurar: "Peixe frito, no caso de estar em questão também."

A loira soltou uma risada barulhenta.

Avery parecia que ela estava apenas esperando que o chão engolisse tudo.

E foi quando notei isso.

*Tudo* isso.

O travesseiro apertou o peito da loira, o cobertor meio enrolado nas pernas de Avery. Um saco de plástico estava rasgado no cimento, seu conteúdo se derramando.

M&M's.

Um saco de batatas fritas.

Dois sanduíches triangulares ainda guardados em segurança em seus recipientes de plástico.

Uma garrafa de água.

Uma sensação que eu não reconheci puxou para baixo no meu intestino, quente e completamente estranha. Meu olhar avançou, por cima das calças largas de moletom de Avery até a camiseta que ela puxou sobre a cabeça. Ela parecia que estava pronta para dormir. Amarrotada. Sexy. Então maldito fora dos limites.

Voz rouca, perguntei: "O que é tudo isso?"

A loira respondeu no lugar de Avery, caminhando em minha direção com a mão alcançada. “Eu gosto de pensar que estou vendo minha melhor amiga finalmente se apaixonar. De qualquer forma, eu sou Katie! A colega de quarto de

Avery, amiga, irmã de outra mãe. E você é o Capitão América."

"Oh meu Deus, Katie, por favor, pare de falar."

A risada retumbou na minha garganta pelo tom miserável de Avery. Eu não pude resistir a ficar sob sua pele. "Você me deu esse apelido?" Eu perguntei a ela, completamente apreciando o jeito que ela mordeu o lábio inferior em clara consternação.

Sua boca caiu aberta. "Não..."

"Ela fez totalmente," Katie interveio, sua expressão de pura alegria. “Ela só está se sentindo um pouco envergonhada por eu ter falado por ela. Ela pensa o *mais alto* de você." Abaixando-se, ela pegou a sacola de plástico e empurrou a comida de volta para ela. "É por isso que ela planejou este piquenique para vocês dois."

Cristo, eu sabia que não deveria achar engraçado.

Mas no grande esquema dos políticos concorrentes e no aumento do número de mortes, este foi o destaque da minha semana.

Se nós não contássemos que eu fiz sexo com Avery, obviamente.

Olhando a companheira de quarto, eu me agachei e peguei a garrafa de água de onde ela rolou ao lado do meu pneu. Gentilmente puxei o travesseiro do aperto de Katie e depois fiz o mesmo com o cobertor enrolado nas pernas de Avery. Para Avery, eu disse: "Você sabe de algum lugar que podemos ir para aproveitar?"

Isso pareceu surpreendê-la de qualquer transe em que ela estivesse.

Olhos cor de avelã piscaram para mim e depois baixaram para as mercadorias. "Eu pensei que você disse que precisávamos ficar no local?"

Sim, provavelmente era melhor - só que eu queria me sentir de novo, assim como eu tinha na Jackson Square anteriormente. Estaríamos cometendo um grande erro deixando a base? Só há uma maneira de descobrir.

Abrindo a porta dos fundos, coloquei o travesseiro e o cobertor no assento de couro. Então, apontando Katie para todo o resto, amarrei o topo da sacola de plástico, para que a merda não ficasse solta de novo, e a coloquei em cima do cobertor.

Algum dia você tem que correr o risco e esperar que não ficasse com cicatrizes no processo.

Eu me virei para as mulheres e dei um rápido aceno na direção da loira. "Foi bom conhecer você, Katie."

"Você também, Capitão."

Eu quase ri. Ela era uma louca - o equilíbrio perfeito para a visão mais sombria de Avery sobre a vida.

Uma perspectiva, eu me lembrei, que ela tinha todo o direito de ter.

Culpa deslizou pelas minhas pernas como vinhas selvagens e crescidas.

Com a mão curvando-se por cima da porta, fixei minha atenção na mulher que queria com cada fibra do meu ser. “Entre no carro, Avery. Eu tenho o lugar perfeito para o nosso piquenique."

Um piquenique quase à meia noite.

Se meu coração não estivesse trovejando de antecipação, enviando sangue bombeando para dois hemisférios diferentes do meu corpo, eu teria questionado minha própria sanidade. *Por que diabos você está saindo do seu caminho para fazer isso acontecer?*

Sem um olhar na direção da companheira de quarto, Avery fechou a distância entre nós. Sua mão pousou na moldura da porta ao lado da minha, nossos dedos roçando como se fôssemos colegiais se sentindo pela primeira vez.

Não foi o suficiente, não para mim.

Minha mão cobriu a dela, nossos dedos entrelaçados, minha respiração pegando os fios soltos em sua linha do cabelo quando me inclinei para baixo.

Queixo inclinando, ela encontrou meu olhar e disse as palavras que roubaram o tapete debaixo dos meus pés: "Eu preciso disso."

Eu também precisava disso.

Calor dela.

Seu sorriso lento.

Sua sagacidade seca que desafiou a minha.

Eu apertei a mão dela e dei um passo para trás. “Entre no carro. Nós vamos dar uma volta."



Levei-a através do rio Mississippi até Algiers Point, uma pedra angular de Nova Orleans que rivalizava com o French Quarter quando se tratava de um personagem pitoresco do século XIX. O bairro histórico ficava bem em frente ao bairro e ao centro financeiro do centro da cidade, e seus pontos de vista eram os dos livros de registro.

E para encontros.

Se este *era* um encontro, qual lógica me disse que não era.

Havia muito drama em torno de nós, ameaçando nos arrastar para baixo, mas eu não podia - pela minha vida - me afastar de como me sentia ao seu redor. Vivo. Humano. Um homem entorpecido finalmente descontrolado para o mundo.

Colocando o SUV no parque, olhei para ela. "Você já esteve neste lado do rio antes?"

“Uma vez.” Olhando diretamente para os topos dos arranha-céus que espiavam os diques de 3,6 metros de altura, ela acrescentou: “Ele nos trouxe aqui para um jantar. Uma daquelas festas extravagantes onde eu fui empurrada para um vestido com lantejoulas aos oito anos de idade, e meus sapatos apertados beliscaram meus dedos durante toda a noite. Tudo que lembro além disso é a quantidade de comida que cobria a mesa de jantar. Poderia ter alimentado toda a minha série na escola, incluindo os professores."

Uma festa como a que Ambideaux mantinha o tempo todo - o tipo que eu assisti do lado de fora das janelas, um olhar silencioso para uma vida que eu nunca sonhei em ter.

Engolindo o nó na garganta, desliguei o carro e esperei que o zumbido silencioso do motor se acalmasse. “Pronta para subir? Eu prometo que a visão é ainda melhor no topo.”

"Sim, vamos fazer isso."

Reunimos as mercadorias, eu com o travesseiro e o cobertor, e ela com a comida. O dique era uma subida íngreme, um muro externo moderno para proteger o bairro de qualquer inundação. Argel Point estava quieto a essa hora da noite - um bar no fim da estrada tinha blues antigos tocando, e havia algumas

risadas e música surgindo dos dois restaurantes logo atrás de nós.

Caso contrário, era apenas o som de nossos sapatos esmagando a grama enquanto nos arredondávamos para o topo do dique, onde um caminho de concreto estava localizado para ciclistas e caminhantes.

Eu cutuquei Avery no braço, reunindo sua atenção. "Quer viver a vida no limite?"

Uma risada suave escapou dela, e nela ouvi toda a exaustão de longa data existente naquela cúspide de não retorno. "Por que não?" Ela disse, lábios virados em um sorriso. "Pode muito bem ir embora."

"Garota corajosa."

Seus ombros se sacudiram, e o saco de plástico enrolado em suas mãos chicoteava para a direita enquanto ela se contorcia para me encarar. “É a segunda vez que você diz isso para mim. Você diz isso como se você me admirasse."

Eu não queria mentir, mas dadas as recentes notícias sobre nossas respectivas conexões com Jay Foley, eu não queria fazê-la se sentir desconfortável também. Ao longo dos anos, eu aprendi que, se eu quisesse alguma coisa, ninguém jamais estaria lá para oferecer isso a mim.

Eu peguei, ou a oportunidade passou por mim sem uma segunda chance.

Com Avery - *Laurel* - tinha que ser uma via de mão dupla. Eu não podia aguentar sem ela dar a aprovação primeiro que ela me queria em troca, e eu não podia presumir que nós dois estávamos na mesma página.

"Você é uma força a ser reconhecida," eu finalmente disse, encontrando seu olhar sem hesitação. "Eu seria um idiota se não admirasse isso."

Ela mordeu aquilo, literalmente mordendo o lábio inferior enquanto me

dava uma vez, o que fez meu pau endurecer nas minhas calças. "Eu não posso imaginar o Capitão América sendo um idiota." Com uma piscadela e um sorriso, ela se virou, seu longo rabo de cavalo com o movimento. “Agora para onde estamos indo? Estou pronta para assumir um risco. Você me convenceu."

Meus pés estavam enraizados no concreto.

E, pela primeira vez na vida, desejei algo além da morte.

Se eu fechasse meus olhos, eu poderia quase fingir que *essa* era a minha vida - fazer um piquenique à meia-noite em um dique com uma linda mulher que fez meu pau duro e meu coração quente, e que me fez querer jogá-la por cima do meu ombro. Apenas para ouvir o som de sua risada enquanto eu a provocava com a possibilidade de jogá-la direto na água.

O devaneio se afastou de mim, e depois não foi só Avery e eu aqui na beira do rio, mas também um cachorro pulando atrás de uma bola de tênis. Ele estaria enlameado, com os pés dançando com a água, antes de voltar e se secar ao nosso lado enquanto eu o envolvia em uma toalha e olhava para Avery. Seus cabelos escuros cobriam um dos ombros, o rosto dela brilhando de felicidade, uma mão pousou sobre a curva de sua barriga de grávida.

“Lincoln! Você está vindo?"

Assim, o visual vívido se dissipou como névoa em um dia quente e ensolarado.

O frio que vinha do rio Mississippi esfriou meu coração acelerado, mesmo que não fizesse nada pelo tesão que agora eu estava ostentando abaixo do cinto.

"Sim," eu murmurei, minha voz enferrujada de desejo. "Siga-me."

Assim como nós escalamos o dique, eu a levei pelo outro lado, em direção à água. Nós tínhamos tido semanas sem chuva, o que significava que o rio estava

mais baixo do que o habitual e bancos de grama surgiam ao longo da orla. Uma olhada nos joelhos expostos dos ciprestes foi o suficiente para me dizer que não precisávamos nos preocupar com a correnteza do rio que vinha dessa maneira - eram tão secos quanto o Saara.

Eu escolhi um local com uma vista do horizonte e da Ponte que tínhamos levado para dirigir até Algiers Point. Lá embaixo, nas margens, com as luzes do ponto amenizadas pela altura dos diques, não havia a menor chance de alguém nos ver se estivessem vagando pela ciclovia.

"É lindo," murmurou Avery, enquanto eu colocava o cobertor para nós sentarmos. “Eu era tão jovem quando vim aqui, nem acho que prestei atenção a uma visão como essa.”

Sentando-me, dei um tapinha no lugar vazio ao meu lado. “Em casa, eu tenho uma moldura com essa visão. Eu comprei no Royal - alguém estava vendendo obras de arte na rua e eu tive que comprar.”

"E o sargento Asher sempre consegue o que quer."

Ela disse em tom de provocação, mas me irritou de qualquer maneira. "Às vezes você aprende da maneira mais difícil que ninguém está lá fora dando-lhe brindes apenas para respirar."

Isso a fez rir. Pegando um dos recipientes de sanduíche, ela abriu e entregou. Eu peguei com um *agradecimento* rouco e esperei até que ela fizesse o mesmo com seu próprio sanduíche antes de dar uma mordida na minha. Salada de frango com pão de centeio - nada mal.

"Nós somos um par tão cansado," disse ela depois de lavar uma mordida com um jorro de água. “Katie gosta de brincar que eu estou muito cansada, mas eu apenas... Eu não sei como baixar minha guarda. Depois da minha mãe..."

Rumores circulavam o suficiente no subúrbio de Nova Orleans, que eu sempre suspeitei que Foley havia acabado com sua esposa da mesma forma que eu tinha sido enviado para acabar com Avery. Na época, porém, eu egoisticamente pensava apenas na minha vida e queria sair dela.

Sanduíche grudado na minha mão direita, meu joelho saltou sob o peso do meu cotovelo. *Conte tudo a ela. Admita isso.*

Minha boca abriu e um pedido de desculpas não foi o que surgiu: “Vá em frente. Não vou repetir o que você diz para ninguém."

“E eu deveria confiar em você... porquê?"

*Você não deveria confiar em mim.* Eu não disse isso também.

Eu bati seu joelho com as costas da minha mão, a segurando o sanduíche. "Pensei que você disse que queria correr um risco."

"Eu faço."

"Então abaixe sua guarda," eu disse, me odiando com cada palavra por não fazer o que eu preguei. "E me deixe entrar. Não cartas de tarô, desta vez - só eu e você."

Ela me encarou com seu perfil quando olhou para o outro lado do rio. No escuro da noite, a água parecia quase preta, embora as luzes do lugar refletissem suas correntes redondas. Ela bufou uma risada suave. "Engraçado como sentar deste lado do Mississippi me faz sentir como se eu tivesse uma perspectiva completamente diferente da vida."

Alguém poderia ter me segurado com uma arma, e eu ainda não teria arrancado meu olhar do rosto dela. A luz da lua beijou a inclinação torta de seu nariz, acariciou as cristas de suas maçãs do rosto, destacou o comprimento de seu pescoço.

"Diga-me porquê," eu disse asperamente.

"Dê-me suas armas."

Uma risada incrédula subiu pela minha garganta e borbulhou para fora. Só que ela não riu comigo. Apertando o peito, eu olhei para ela. "Você não está fodendo comigo agora."

Não foi uma pergunta.

Ela apenas deu um tapinha no espaço vazio entre nós, muito parecido com o que eu tinha, a palma da mão pousando no saco de batatas fritas e fazendo-o ranger. “Estou nivelando o campo de jogo. Você quer que eu confie em você? Então eu quero que você abaixe sua guarda também.” Sua boca se curvou. "A menos que você seja muito covarde para fazer o que você prega?"

*Fazer o que você prega...*

Cristo, ela não deu nenhum soco.

Caindo meu olhar até o dique, eu me submeti. Não que eu estivesse feliz com isso. "Segure meu sanduíche," eu grunhi, já questionando a minha sanidade quando passei a maldita coisa e dobrei uma perna. Erguendo a bainha da minha calça, eu tirei minha arma e a coloquei no canto do cobertor. Ainda no alcance, se precisássemos, mas longe o suficiente para fazer um ponto.

Eu estava baixando minha guarda - literalmente.

Só para ela.

Depois de repetir o processo com a arma no meu quadril, fiz sinal para ela me devolver o sanduíche. Não era tão bom assim, mas comê-lo não me deixava preocupado com o fato de que eu estava desarmado...

"Outra arma também."

Eu levantei meus braços, minha testa levantada. "Sem armas para me livrar, querida."

Seu olhar percorreu meu torso, depois parou e inclinou a cabeça. "Mais alguma coisa que você quer colocar na pilha?"

Porra, mas ela era agressiva.

Colocando o resto do sanduíche de salada de frango na minha boca, eu mastiguei, frustrado e, em seguida, levantei a bainha da minha camisa. De sua pulseira de couro, logo atrás do coldre para a minha arma, eu retirei minha faca de trincheira e soltei-a ao lado das armas de fogo. "Feliz?"

Ela mastigou um pedaço do sanduíche. Engolindo disse. "Sentindo-se nu, Capitão?"

Eu estava sentindo *alguma coisa,* mas provavelmente era melhor que eu fiquei resmungando para mim mesmo. "A coisa do capitão não vai desaparecer tão cedo, vai?"

"Eu gosto disso."

“Eu não sou um herói, Avery. Nós dois sabemos disso."

"Talvez não, mas que tal, para esta noite, nós dois fingimos ser algo que não somos?"

Minha boca ficou seca. E minha mão foi para o meu peito, bem em cima de onde o número dela estava gravado em minha pele, e então eu voluntariamente pisei na frente: "O que você está fingindo ser?"

"Sua."

# 13

## *Avery*

Eu estava brincando com fogo.

E não havia nada que eu pudesse fazer para me impedir.

Sentada aqui na calma da noite, longe da agitação da cidade, me fazia sentir que tudo era possível. Pela primeira vez em anos, minha cabeça ficou clara. Não havia Jay, nem medo, nem necessidade de ser valente por causa da sobrevivência.

O que aquela senhora disse na minha mesa na praça há algumas semanas?

*Eu quero ser desejada.*

Parecia uma estranha reviravolta do destino que Lincoln havia entrado em minha vida naquela noite. Aqui estava eu, três semanas depois, quase no mesmo dia, e eu era como aquela mulher, fumando um cigarro, esperando, além da esperança, que tudo ficasse bem no final.

Eu queria ser querida - por mais ninguém além dele, o homem que era errado para mim em todos os níveis.

"Avery."

Ele disse o meu nome como se fosse a última palavra que ele pronunciaria, e eu aproveitei a oportunidade para apreciar o modo como a luz da lua passou por ele. Ele estava de joelhos, com as mãos no cinto, e eu tomei o mergulho.

"Pergunte-me qualquer pergunta que você quer, e eu vou responder." Eu

olhei para a camisa dele, do jeito que flertava com as calças. Deus, eu queria tirar isso dele e finalmente ver *tudo* dele. "Eu vou fazer o mesmo em troca."

Seu rosto virou-se para o rio, expondo o lado não marcado de seu rosto. Ele parecia absolutamente pecador com seus grandes músculos brincando sob o tecido de sua camisa, e o jeito bagunçado de seu cabelo escuro cair sobre a testa. Ele precisava de um corte, assim como ele precisava se barbear, e ainda assim eu não queria que ele fizesse qualquer um.

Uma mão levantou para esfregar a metade inferior do rosto. "Eu preciso de duas perguntas."

"Isso é ser ganancioso."

Ele me deu um sorriso perverso, seus dentes parecendo brancos extras na luz da noite. “Coloque desta forma - uma pergunta é para mim e a outra é para *nós.*”

*Nós.*

Três pequenas letras e ainda assim elas aqueceram meu coração como nenhuma outra.

"Você faz uma barganha difícil," eu disse, tentando parecer brincalhona e não nervosa. "Mas eu aceito."

Sentando-se em seus calcanhares, suas mãos foram para suas coxas. "Diga-me o que aconteceu com sua mãe."

*Assassinada brutalmente.*

Em teoria, deveria ter sido tão fácil admitir isso. Não era como se fosse a primeira vez que eu contava a alguém - Katie sabia. E, no entanto, minha língua estava inchada quando eu me sentei lá, os dedos alcançando a garrafa de água

para saciar minha sede repentina.

Ele foi paciente na espera, expressão solene, corpo completamente imóvel.

*Apenas diga isso.*

Eu respirei fundo. Apertei a garrafa de água em um punho apertado. Forçando as palavras: “Ele a matou. O único homem que o mundo inteiro de Nova Orleans colocou em um pedestal. Ele." Minha garganta se fechou de raiva e eu engoli um punhado de água. “Ele contratou alguém - não sei quem ele era - e esse homem atirou nela. Eu ouvi tudo."

Lincoln soltou uma maldição volátil, e então ele estava se movendo para frente e envolvendo seus grandes braços em volta de mim. "Não chore, querida," ele disse no meu cabelo. "Porra, não chore."

Eu não estava chorando.

Eu não chorava há *anos.*

Mas quando ele me embalou em seu grande abraço, eu toquei um dedo na minha bochecha e fiquei surpresa ao encontrá-la úmida.

Porcaria. Eu *estava* chorando.

"Ele é um bastardo." Lincoln segurou a parte de trás da minha cabeça, embalando-a enquanto ele me encorajava a olhar para cima e encontrar seu olhar. Meu coração foi para o triplo do tempo com a expressão tensa em seu rosto - ele parecia pronto para cometer assassinato, e eu tinha uma suspeita de quem era a marca neste caso.

E não era eu.

Como se tivesse aberto as represas, não consegui trancá-las de volta. As palavras se espalharam para a frente, uma bagunça emaranhada de coisas melhor

não ditas. "Eu o odeio. Todo dia eu acordo e eu..."Minhas mãos flexionadas contra os fortes músculos de seu bíceps." Penso sobre o quanto ele tirou de mim naquela noite. Minha mãe, minha identidade. Eu *não* sou *ninguém*, e não há nada, nada mais que eu queira do que devolver esse favor.”

O corpo de Lincoln congelou contra o meu. "Você não pode."

*Não posso?*

Empurrando para trás, eu caí na minha bunda e no saco de batatas fritas. Com um *pop!* chiou ar. Eu golpeei para o lado, frustração aguçando meus movimentos. Isso fez minha voz ainda mais nítida. "O que? Você não acha que eu posso fazer isso? Eu não sou criança, Lincoln. Se eu quisesse matá-lo, o que faço, não teria problemas..."

Mãos fortes envolveram meus pulsos. "Pare," ele rosnou quando tentei me afastar. "Apenas pare e olhe para mim."

Talvez fosse a nota implorante em sua voz rouca, mas eu cedi. Só assim, a luta fugiu do meu corpo.

“Olhe para mim, Avery. Porra, olhe para mim."

Eu olhei.

E de repente desejei que não tivesse.

Seus olhos azuis eram estranhamente intensos na luz esporádica que cortava seu rosto, e havia algo quase arruinado na maneira como seu olhar procurava meu rosto. “Você perguntou, uma vez, se eu sabia quantas pessoas eu matei. Eu te disse hoje à noite que eu sabia.” Suas mãos apertaram ao redor das minhas. "Sessenta e uma. Sessenta e uma pessoas que eu olhei na cara como se estivesse fazendo com você agora e as trai na próxima respiração." Respiração apertada, ele explodiu como uma rajada de vento. "Não há prazer nisso."

"Eu não estou fazendo isso por *prazer,* eu quero fazer isso..."

"Por vingança," ele terminou por mim com um aceno rápido de sua cabeça. “Você me perguntou se eu matei Tom Townsend. Você estava tão determinada a saber se eu tinha ou não. Então, me pergunte de novo."

Meu estômago revirou. “Lincoln...”

“Eu não vou fugir. Me faça a pergunta."

Deus, não deveria ser assim. Ele não deveria me fazer questionar a mim mesma. Durante anos, matar Jay Foley em seu próprio jogo tinha sido tudo que eu sempre quis. E aqui estava seu filho, tentando me convencer do contrário. A ironia era quase dolorosa.

Amargamente, eu disse: "Talvez você só queira mudar minha mente para que eu não machuque seu precioso pai."

Meio segundo depois, encontrei-me de costas, o corpo de Lincoln me pressionando no cobertor. Eu ofeguei por ar, sugando para os meus pulmões.

Nossas pernas emaranhadas. Seus cotovelos se plantaram em ambos os lados do meu rosto.

Seus lábios - oh cara, eles eram tentação no seu melhor, a apenas alguns centímetros dos meus.

"Vamos ver se entendi," ele rugiu, seu peito pressionando contra o meu. "Eu não dou a mínima para Foley, mas eu vou ser amaldiçoado se eu acabar com você exatamente como eu."

"Não há nada de errado com você"

Ele jogou a cabeça para trás com uma risada severa. “Não minta, querida. Você falou isso naquele maldito quarto de motel. Eu sou um

assassino de coração frio até o fim. *Você não quer ser eu.* Você não entende? Estou fodido. Eu não durmo. Eu ando por aí como um maldito arsenal. Dada a oportunidade, metade dessa cidade me mataria." Sua respiração soprou sobre o meu rosto enquanto meus seios se esfregavam contra seu peito duro. Não foi intencional, mas isso não impediu que nós dois gemêssemos com o contato.

Seus músculos do braço flexionaram pelo meu rosto. "Você acha que sabe como é andar por aí com um alvo nas costas, mas posso prometer a você," ele abaixou o rosto, nossos narizes quase se tocando. "Você não quer descobrir."

"O que você fez para Townsend?" Eu não queria saber a resposta, não de verdade, mas parecia que era algo que eu precisava ouvir. Talvez ouvir a grosseria de tudo isso me colocaria de volta à realidade, de volta a um lugar onde eu estava perfeitamente contente em pegar um desses ônibus em North Claiborne e Elysian Fields e deixar o estado.

Olhos azuis nunca vacilaram do meu rosto. "Eu coloquei uma bala no crânio dele e o deixei no Atchafalaya."

Eu queria vomitar com a visão, assim como a perda de vida sem sentido.

E então eu queria dar um soco em Lincoln por ser tão direto, como se soubesse que, se ele dissesse tudo com naturalidade, eu iria cambalear na minha decisão.

Meu pescoço ficou tenso quando olhei para o céu. "Você vai matar Tabitha?"

“Tabitha Thibadeaux? Não. Eu saí do trabalho. Jason, o ex-marido de Nat, não levou isso de brincadeira. Todos eles... merda, como eu digo isso?" Ele tossiu desajeitadamente, e depois rolou para o lado, apoiando-se no cotovelo enquanto mantinha o olhar fixo no meu rosto. "Sua garota se meteu com a turma

errada."

"Como você sabe disso?"

Ele cegamente pegou a minha mão e depois levantou-a, enrolando meus dedos para que roçassem os fios escuros de seu cabelo. Até que meu dedo do meio foi pressionado contra um ponto na base de seu crânio.

"Eu não entendo."

“Jason tem um complexo de superioridade. Ele marca aqueles que trabalham para ele - eu tenho um aqui, onde você está me tocando agora. Você nunca ficou curiosa sobre a tatuagem da sua amiga na testa?"

"Ela disse que conseguiu por um capricho."

"Não é assim que funciona." Soltando a minha mão, ele acrescentou: "Ela trabalhou para ele - quem sabe por quanto tempo - e em algum momento ela decidiu trabalhar para Nat em vez disso. Jason ficou ofendido. Daí os corpos de Banterelli e Welsh, que também o abandonaram. E não, eu não tive nada a ver com eles dois."

Simplesmente não parecia possível que Tabby estivesse trabalhando para nada disso. E, no entanto, Lincoln também não tinha motivos para mentir para mim sobre ela. Inferno, ele tinha sido enviado para *matá-la*, o que realmente dizia tudo.

Ela ainda estava respirando, o que significava que ela estava bem. Por agora.

Eu empurrei meus cotovelos, meu olhar pousando na paisagem urbana do outro lado do rio. “Nós dois sabemos porque ainda estou aqui em Nova Orleans. Por que você está?"

"Muitas conexões," veio sua baixa resposta. "Você não pode deixar uma cidade quando você tem negócios inacabados."

Intrigante. Meu polegar tamborilou um ritmo constante contra o cobertor amarrotado abaixo de mim. "E quando esse negócio terminar, você vai sair?"

"Nunca me deixei pensar tão longe."

"Porque você não acha que vai dar esse passo?"

Ele fez uma pausa, o silêncio se prolongando. E então. "Porque eu nunca acreditei que estaria vivo o suficiente para tomar uma decisão como essa."

# 14

## *Avery*

Meu estômago caiu com sua confissão.

"Capitão," eu sussurrei, tentando abafar o horror no meu tom. "Não fale assim. Você é invencível."

Ele riu. “Ninguém é invencível, querida. Nem mesmo eu."

*Querida.*

Com as pálpebras se fechando, eu me afastei: “É a minha vez. Deixe-me fazer a minha pergunta."

Houve o suave arrepio, como se ele estivesse se reposicionando e, em seguida, "atire".

Droga. Ele *sempre* teve que me trazer de volta para isso? O homem gostava de suas armas - um fato que eu sabia muito bem agora. Enrolando em minhas canelas, eu coloquei minhas mãos na minha calça folgada nos joelhos. Era agora ou nunca.

*Você pode fazer isso.*

Eu estendi a mão para apertar meu rabo de cavalo, só para ganhar tempo. Um segundo passado gotejou e depois outro. Engolindo em seco, meu peito arfava com coragem. Falsa coragem, mas coragem mesmo assim.

"Eu quero você." *Continue.* Eu apertei a faixa do meu rabo de cavalo novamente. “Eu sei que não deveria. Quer dizer, por um lado, estamos todos

errados um pelo outro. E em segundo lugar... sobre o que Big Hampton nos disse..."

"Eu não dou a mínima para o que ele disse."

Eu pisquei, surpresa. Olhei para trás, para o caso de ele estar falando com outra pessoa. "Sinto muito," eu disse. "O quê?"

As mãos de Lincoln tocaram as minhas, abaixando-as do meu rabo de cavalo e colocando-as nos planos duros de seu peito. “Eu não dou a mínima para o que ele disse. Você e eu? Estranhos até três semanas atrás. Eu não te conhecia. Você não me conhecia. Se alguém tem algo a dizer - e por que diabos, quando você nem ao menos passa pelo seu nome legal? -, então é isso."

Risos aqueceu meu peito. "Você faz isso parecer fácil."

"É tão fácil." Com uma gentileza que eu não esperava, ele segurou minhas bochechas, seus polegares roçando as maçãs do rosto. "Eu te admiro. Você me admira..."

"Não empurre, amigo," eu murmurei, embora eu tivesse certeza de que meu sorriso desmentia meu tom brusco.

Ele continuou como se eu não o tivesse interrompido. “Você me admira, Ave. Pode ser apenas para o meu pau, mas diabos, eu vou aguentar."

Eu coloquei minhas mãos em seus joelhos, unhas cavando enquanto esperava que ele fizesse um movimento. Embora eu nunca fosse tão longe a ponto de dizer que eu era submissa, de qualquer forma, ele era o agressor em nosso relacionamento. Aquele que me empurrou por uma parede e me fez arquejar na curva do meu braço. O único, quando sentado em uma sala de pessoas que fazem sexo, rasgou minha calcinha direto de meus quadris e começou a me fazer gozar com sua língua e seus dedos.

Ele empurrou e eu dei de volta, dez vezes.

Foi a nossa coisa.

Mas enquanto eu me sentei lá com os seus polegares acariciando minhas bochechas e minhas mãos em seus joelhos... ele não fez nada além de me observar. Olhos azuis-escuros acompanhando meu rosto, mergulhando no meu pescoço, mas ele nunca se aproximou. Nunca bateu seus lábios nos meus e me fez implorar por mais.

Um minuto se passou.

E o tempo todo, meu núcleo se apertou e meus dedos dos pés se flexionaram em meus sapatos e minha respiração ficou mais irregular quando me perguntei quando ele me empurraria para trás e apostaria sua reivindicação.

"Pegue o que quiser."

Meu olhar foi para o dele. "O que?"

Sua cabeça mergulhou, a boca encontrando a curva da minha orelha para roer a carne, e *oh Deus,* isso era bom. Com a boca raspando contra a minha pele, ele murmurou: "Estou te ensinando uma lição." Outra mordida afiada no meu ouvido, e depois sua língua suavizou a dor. "Eu te disse - às vezes você tem que pegar o que você quer ou você vai acabar com nada."

"O que você está dizendo?"

"Não seja tímida, essa é a nossa primeira regra." Suas mãos caíram do meu rosto e ele se sentou de volta, de modo que meus dedos escorregaram de seus joelhos.

"E a nossa segunda?" Deus me ajude, mas eu já soava excitada. Eu apertei meus joelhos juntos, mas a pressão não fez nada para aliviar a maneira como

meu núcleo pulsava.

Lincoln sacudiu a cabeça. "Diga-me, Ave, o que você gostou sobre as vezes em que ficamos?"

Eu ri nervosamente. Alcancei o braço da minha camiseta e afastei-a da minha pele. “Ah, me senti bem.”

"Nem é preciso dizer," disse ele. "Mas não é isso que eu quero que diga. O que você gostou sobre tudo isso? O que fez você ir de, *eu quero esmagar cabeça desse cara* para *eu quero transar com ele?*"

Oh. Isso.

Deslocando meu peso mais para trás em meus calcanhares, eu reuni a confiança para tirar as palavras. Para realmente *pensar* sobre o que foi que me enviou de zero a cem em menos de um segundo. "Eu... Eu gostei...” Nossa, isso não era fácil. Eu molhei meu lábio inferior, em seguida, olhei para o centro da cidade bem iluminado. "Eu gostei..."

Sem esperar que eu terminasse minha sentença, Lincoln se levantou. Ele soltou um gemido baixo quando seu joelho direito se endireitou, e fiz uma careta de simpatia. Sem dúvida, ele ainda sentia a dor dos lacaios imbecis de Big Hampton.

Meu olhar percorreu-o enquanto ele tirava a comida do cobertor, e então, enquanto ele circulava ao meu redor, ficava em minhas costas. Ele se ajoelhou lá, meu corpo mais baixo imprensado entre suas pernas. O contato próximo inesperado me fez pular, mas me acomodei assim que suas mãos se ajustaram aos meus quadris.

"Eu vou te dizer exatamente o que eu gostei."

Oh Deus.

Um arrepio esculpiu minha espinha no barítono profundo dele pela minha orelha, arrepiando os cabelos de bebê que não alcançaram meu rabo de cavalo. "Tudo bem," eu consegui soltar, me perguntando qual era o protocolo quando chegasse às minhas mãos. Devo colocá-las em seus braços? Deixa-las ficar ao meu lado? Colocar elas em seu cabelo?

No final, isso não importava.

Não quando ele falou como se as palavras fossem um pedaço de sua alma, selecionadas e escolhidas apenas para mim. "Eu gosto do jeito que você se encaixa contra mim." Suas mãos varreram meus lados, seguindo o recuo da minha cintura até o peso leve dos meus seios. "Eu notei estes primeiro, como você estava perfeita."

Pequenos como meus seios, eu ainda ofeguei quando ele beliscou meu mamilo sobre o tecido da minha camiseta, a pélvis batendo sem querer.

"Eu gosto disso também." Sua boca caiu para o meu queixo, e ele pressionou um beijo lá. “Para uma mulher, sua voz é tão única." Garganta, pensei uma vez. "Mas não é assim que você soa quando está em meus braços. Seus suspiros..."Ele colocou a mão sob a minha camisa. “Me deixam duro em um instante. Seus gritos...” *Por favor,* pensei, enquanto ele circulava meu mamilo e puxava com força. “São tão viciantes que você me arruinou para sempre.”

"Lincoln..."

Sua outra mão foi para o centro das minhas costas e deu um empurrão suave. Ele me pegou desprevenida, e eu caí de bom grado, aterrissando de quatro quando torci a cabeça para tentar olhar de volta para ele.

"Eu também gosto disso," ele rosnou, aquela palma grande dele deslizando para baixo, para os cumes da minha espinha até que descansou sobre a fenda da

minha bunda. "Eu gosto de como você é rápida para colocar alguém em seu lugar, mas comigo, tudo o que você quer é prazer."

*Eu quero ser desejada.*

“Você é linda, mas eu acho..."

Eu esperei que ele terminasse esse pensamento, minha bunda suspensa no ar, meus seios sem sutiã soltos sob a minha camisa. Meu pescoço se esticou enquanto eu segurava a posição, meus braços tremendo com todo esforço necessário para não se virar e exigir saber por que ele parou.

Mas então senti uma onda de ar frio, e...

Oh. Meu. Deus.

Ele puxou meu moletom até que ficou agrupado em meus joelhos dobrados.

Coxas apertando, eu fechei meus olhos com força. Eu deveria discutir. Dizer para cortar a merda e depois puxar o material de volta ao lugar.

"Espalhe suas pernas para mim, querida."

Olhando de relance através da escuridão para o dique, fiz o que ele ordenou. Não havia ninguém por perto. Apenas ele e eu, *nós,* com uma música de Louis Armstrong tocando ao longe e o zumbido silencioso dos carros enquanto eles dirigiam ao longo do outro lado do dique.

Com o toque mais simples de seu dedo na parte interna da coxa, minha cabeça caiu e meus dedos se enrolaram no cobertor abaixo de mim.

"Você sabe o que mais eu gosto?"

A ponta de seu dedo bateu em sua base, circulando meu clitóris com o

menor indício de pressão, arrancando um soluço da minha boca. Ele pressionou o nó sensível, colocou outro dedo em movimento, circulando, circulando e circulando até que minha voz quebrou seu nome.

Sua risada baixa ecoou nos meus ouvidos. “Eu amo como você está molhada. Quão ansiosamente sua buceta escorre por mim. Como apenas estar aqui fora, com a possibilidade de alguém nos ver, te excita tanto que você já está tremendo.” Ele enfiou dois dedos dentro de mim, enrolando-os apenas para a direita, logo depois do início, para que minha coluna arqueasse e meu núcleo apertasse em torno dele.

"Por que isso?" Ele exigiu, e então meu rabo de cavalo estava levantando do meu ombro e sendo envolvido em torno de um punho masculino. "Não seja tímida."

Sua primeira regra.

Sua *única* regra.

A verdade pairou na minha língua, mas seus dedos empurraram minha atenção. Com avidez, afundei meus quadris, buscando mais daquela delícia. Deus, me senti tão bem. Eu queria mais dessa pressão, mais daquela fricção que só ele poderia me dar...

Ele puxou meu rabo de cavalo e meus dentes racharam juntos.

Como se ele tivesse acionado um interruptor, as palavras se derramaram de mim em um suspiro duro: "Estou cansada de me esconder." Seu aperto no meu cabelo se soltou e eu imediatamente senti falta do contato, por mais errado que fosse. "Eu quero me sentir viva. Eu, Lincoln, *por favor.* Sim, *sim*, apenas assim."

Ele trabalhou um outro dedo em mim, aquele deslize sensual muito mais apertado. Era quase muito apertado, mas eu sabia, ah, eu sabia, que o pau dele

era maior. Mais grosso. Suando na minha testa, eu descobri minha alma e sussurrei: “Eu quero ser amada. Eu não me importo com quem sabe. Quero gritar isso dos telhados e não me importar com quem me vê,*nos* vê."

"*Foda-se*."

Quando seus dedos deslizaram do meu núcleo, eu agrupei os cobertores em meus punhos e rezei para que eu não tivesse cometido o maior erro da minha vida. Mas eu não me esconderia - ele pediu a minha verdade, não foi? Ele me perguntou o que eu gostava.

Eu seria amaldiçoada se pedisse desculpas por isso.

“Da próxima vez que fizermos isso,” veio a voz dura de Lincoln. “Vai ser em algum lugar privado. Barras de ferro meio que privadas. Mas não há uma chance no inferno que eu possa... Cristo, você é linda. Vire-se de costas, Avery. Eu quero ver seu rosto quando eu afundar em seu corpo."

Eu me virei - como se realmente houvesse outra escolha.

Não havia.

Por alguma razão, Lincoln entrou na minha vida. Eu não acreditava muito no destino, apesar do fato de eu ler cartas de tarô para ganhar a vida.

E ainda assim, parecia que o destino tinha uma mão nesta noite. Nem uma única alma passou pelo dique. Era só eu e Lincoln, e quando ele se abaixou para tirar a camisa, senti-me aquecer. Ou quente, conforme o caso pode ser.

"Capitão," eu disse, quase reverentemente, chutando minha calça de moletom e calcinha completamente. "Você tem um pouco de tinta em você."

Estava escuro demais para distinguir os detalhes, mas havia luz suficiente para notar as tatuagens escuras cobrindo seu peito e as partes superiores de seus

braços. Seus ombros eram grandes, os bíceps ainda mais poderosos. Incapaz de me conter, eu me apoiei em um cotovelo e tracei os sulcos duros de seu abdômen com a outra mão.

Ele era... divino.

"Thor."

Eu o senti tenso. "O que?"

"Eu acho que..." Oh homem, agora *não* era a hora de começar a sofrer de diarreia verbal. "Katie pode ter se enganado em chamá-lo de Capitão América. Thor pode ser mais... apropriado."

Houve uma pausa minuciosa, na qual eu corri sobre qualquer outra coisa idiota que poderia sair da minha boca, e então sua mão estava me pressionando no cobertor antes de varrê-lo sobre o meu corpo para me segurar entre as minhas pernas.

Um assobio escapou de mim, para o qual ele apenas soltou uma risada sombria.

"Ainda bem que eu estou equipado com um martelo."

Ele enfiou um dedo na minha boceta e eu não sabia se gemia ou ria, era tão bom. O som que *fez* emergir foi estrangulado. "Coloque o martelo em bom uso, por favor."

"Tire sua camisa e eu vou."

Ele não precisou me pedir duas vezes.

Eu soltei na próxima respiração, então usei o tecido para prender na parte de trás do seu pescoço e puxá-lo para baixo em cima de mim.

Ele pegou seu peso em suas palmas e não perdeu mais um segundo antes de reivindicar meus lábios. O beijo era uma obsessão personificada - carente, cru, exigente. Sua língua varreu a almofada do meu lábio inferior e eu abri para ele. Dando-lhe qualquer coisa e tudo o que ele queria.

E ele tomou, como ele me ensinou a fazer.

Mas eu aprendi o mesmo esta noite.

Deixando de lado um lado da camiseta, eu contornei minha mão sobre seu peito, seu abdômen, e então circulei seu pau com um aperto firme.

"Não hoje à noite," ele grunhiu, tentando afastar minha mão. "Estou a dois segundos de foder você."

Eu belisquei sua mandíbula. "Então eu tenho dois segundos para fazer você perder a cabeça desse jeito."

Eu cumpri esse voto, engolindo seu pau com o meu punho. Apertando firme, torcendo a ponta do jeito que ele tinha gostado quando foi minha boca fazendo o trabalho no Porão, e então mergulhando de volta para a base grossa. De novo e de novo, até que sua boca estava aberta, e seus olhos estavam fechados, e ele estava me amaldiçoando e me elogiando ao mesmo tempo.

Só então ele empurrou minha mão e pegou sua carteira. Havia o som revelador de uma embalagem de preservativo sendo rasgada, e então minhas pernas estavam sendo empurradas e eu nem tive a chance de me preparar porquê...

"Oh!"

Ele enterrou-se ao máximo, parando apenas o tempo suficiente para murmurar. "Sinta-se livre para gritar como você está se sentindo nos telhados," antes de ele sair e empurrar de volta para dentro.

Esqueça gritos dos telhados.

Se eu não resistisse, seria empurrada até o rio Mississippi.

Envolvendo minhas pernas ao redor de sua cintura e segurando seus ombros cheios de tatuagem, olhei para o homem cuja alma, ele dizia, era tão escura quanto a do diabo. Mas isso não era verdade - ele baixou a guarda esta noite, descascando suas camadas até que ele estivesse completamente exposto.

Os músculos do pescoço esticando, ele movimentou seus quadris de maneira diferente. Com cada impulso, sua pélvis encostou no meu clitóris, e foi demais. Minha cabeça foi para o lado e, quando Lincoln dominou meu corpo, avistei a cidade que me enterrara no submundo de Nova Orleans.

Se não fosse pelo meu passado, eu não estaria aqui agora.

Agarrando-se a um homem que poderia passar por um deus nórdico.

Gemendo seu nome como se eu nunca tivesse o suficiente dele.

Esfregando minhas mãos ao longo de sua pele pintada.

Tão perto, eu pude perceber que as tatuagens eram de números. Eles não estavam em uma linha. Eles não estavam em ordem. E na parte de trás da minha cabeça, percebi o que elas deveriam ser.

Sua matança.

Todas e cada uma.

Minha respiração ficou presa, e ele se inclinou para capturar meus lábios com os dele, enredando nossas línguas juntas.

Ele era poderoso. Ele era mortal.

"Mais," eu sussurrei, uma mão pousando diretamente sobre seu coração.

"Não segure nada de volta."

Lincoln amaldiçoou, seus quadris momentaneamente parando, antes de continuar o ritmo que fez meus dedos se curvarem e meu coração bater forte. "Você foi feita para mim, Avery," ele sussurrou de volta, sua respiração dura quando ele me levou. "Tudo o que você é... foi feito para *mim."*

Ele estendeu a mão, um dedo pousando no meu clitóris, e isso era tudo que eu precisava para ultrapassar o limite. Eu gozei, chamando o nome dele, e ele seguiu um momento depois, as costas tensas, a boca pressionada em uma linha firme, os olhos azuis focados solidamente no meu rosto. Como ele nunca quis esquecer uma coisa sobre esta noite.

Ele era poderoso. Ele era mortal. E esta noite ele era meu.

# 15

## *Avery*

Adormecemos naquele cobertor, nossa comida descartada espalhada ao nosso redor, o horizonte se transformando em um pouco de laranja, amarelo e rosa.

Lincoln mencionou que raramente dormia, mas seu peito se erguia e caía uniformemente sob a minha bochecha.

Com o sol nascendo como um holofote sobre os meus pecados, eu gentilmente me afastei do seu abraço e endireitei minha camiseta emaranhada. Como qualquer outro homem teimoso, Lincoln tinha deixado de usar a camisa quando desmaiamos, e aproveitei a oportunidade para estudar as tatuagens pintadas em sua pele bronzeada.

Números.

Tantos números.

Alguns eram de um dígito, outros dois dígitos, alguns marcados como se fossem datas de nascimento. Com o brilho do início da manhã, era fácil perceber que ele procurou dar a suas mortes algum tipo de refúgio. Asas de anjo esticadas no peito, e os números eram aparentemente "costurados" nas próprias penas.

Ele se chamava pecador.

E eu era uma santa.

Mas ele percebeu tudo errado.

Meu olhar se apegou às armas de fogo que eu pedi para ele remover na noite passada. Elas ficaram exatamente onde ele colocou, e, em pés silenciosos, eu me mudei para o canto do cobertor e caí de joelhos. Peguei a faca que parecia algo saído de um filme de ação. Testei seu peso em minhas mãos e depois olhei de relance para o homem que balançou meu mundo por horas sem se cansar.

Um habilmente colocado impulso da faca e eu poderia ter tudo que eu sempre quis. Jay Foley morto, na minha mão. Minha liberdade, finalmente.

*Seja corajosa.*

*Seja ousada.*

Sangue trovejou em meus ouvidos, tão alto quanto as sirenes de nevoeiro que tínhamos ouvido até tarde da noite quando eles desligaram o poderoso Mississippi.

Eu reajustei meu aperto na faca, torcendo minha cabeça para poder olhar para Lincoln novamente. Ele se mexeu em seu sono, braços estendendo-se como se perdesse meu calor pressionado contra ele.

Sim, ele percebido tudo errado.

*Eu* era a santa, a pecadora e, no final do dia, fui eu quem sangrou a vingança.

# 16

## *Lincoln*

Aqui estava algo a ser dito sobre esperar que seu chefe aparecesse quando sua bunda já estivesse no banco - especialmente quando você tinha notícias que poderiam mudar o jogo.

"Próximo!"

Fui até o balcão do Café Vieux Carre e imediatamente engoli um gemido quando vi que era Sarah no caixa. Seus olhos estavam injetados de sangue - lágrimas, não maconha, se eu tivesse que adivinhar - e ela parecia ter acabado de sair da cama.

Colocando sem rodeios, ela parecia um inferno.

"Bom dia, Sarah." Fiz uma pausa, esperando por sua habitual saudação de paquera e, porque eu ainda estava andando no auge do sexo com Avery a noite toda, tentei ser legal. "Você está bem?"

Seu rabo de cavalo cortou o ar quando ela virou com raiva, já pegando um copo de isopor da pilha. "Eu estou *bem.*"

Ai Jesus.

Até eu sabia o que “bem” significava, assim como o cara atrás de mim na fila. Ele murmurou algo que soou suspeitosamente como "Foda-se isso," e então correu pela porta da frente. Homem inteligente. Se eu não tivesse que estar aqui esta manhã, faria a mesma coisa.

Com um forte movimento Sarah jogou novos moinhos de café na máquina

e empurrou a xícara para o local apropriado. "Leite?" Ela estalou, a mão em seu quadril enquanto me encarava.

"Uh..." Meu olhar disparou para a esquerda e depois para a direita. Ninguém parecia estar percebendo a barista do café tendo um colapso. Ou eram alheios ou já haviam recebido seu tratamento especial durante o dia e estavam decididos a manter a cabeça baixa e fora de vista. *Queria poder fazer o mesmo.* “Sim, o leite é ótimo. Eu vou levar o habitual."

Como se eu tivesse escolhido outra coisa além de um *café com leite.*

Curvando-se na cintura, Sarah me mostrou sua bunda de jeans e abriu o mini frigorífico.

Sim, algo ruim estava prestes a acontecer, e eu verifiquei atrás de mim e contei o número de passos necessários para eu escapar. Seis. Mas só se eu não estivesse correndo.

"Aqui está o seu leite, *sargento.*"

Eu me virei a tempo de vê-la derramar leite de soja no meu café. Meus olhos se arregalaram quando ela não parou de derramar, e o café que deveria ter sido preto de cor estava de repente parecendo uma merda que tinha acabado de ser bombeada do úbere de uma vaca.

Ela bateu a caixa no balcão e o café respingou na borda da xícara. Para o meu cartão de débito, ela disse: "Espero que seja tão fraco quanto o pau de Marco."

No meio do caminho, querendo protestar, pagando pelo que tinha de ser o pior café da cidade, peguei minha carteira e entreguei o cartão de qualquer maneira. "Acho que vocês foram a um encontro e não foi bem?"

“*Não foi bem?”* As sobrancelhas de Sarah se franziram juntas. "Seu pau

era tão grande quanto esta palha." Ela apontou para a palha em questão, e eu estremeci.

Eu abri minha boca. "Nem todo mundo pode ser..."

“Ele está super compensando. *Cinco* lojas de daiquiris. Literalmente, quem diabos precisa de *cinco*? Você experimenta uma lamacenta, já experimentou todas elas."

Provavelmente não era o melhor momento para dizer a ela que as lojas daiquiri eram apenas uma fachada para passar drogas pela cidade. Ela acenou com a mão enquanto continuava seu discurso, meu cartão de débito apertado entre os dedos, e eu fiz uma rápida esquiva da minha mão para tirá-la de seu alcance.

Eu perdi a primeira vez. E na segunda.

Empurrei o cartão na minha carteira e peguei meu café mutilado.

"Você tem um bom dia agora, Sarah."

"Eu aposto que você tem um pau pequeno, também, se você é amigo dele!" Ela gritou nas minhas costas. "É o clube de paus pequenos!"

"Que diabos você tem se juntado desde que eu suspendi você, Ash?"

Porra. Como se a manhã não fosse apenas fantasticamente uma merda.

Balançando a cabeça na direção da voz do meu tenente, observei sua aproximação com um gole do meu café. Quase cheguei a engasgar quando eu provei o quão horrível era.

Quando Stefan Delery estava a menos de um passo de distância, eu murmurei: "O quanto você se sente em me expulsar da força?"

Seu bigode se contraiu. “Primeiro,” ele grunhiu. “Você está *suspenso,* não demitido. Não estou interessado em envolver o sindicato nessa merda. Em segundo lugar, não é tão ruim. Tem sido a luz do sol e arco-íris aparecendo para trabalhar sem ter que ver sua caneca média."

Sim, eu ia ignorar tudo isso. "Ótimo. Para a causa maior, me consiga outra coisa." Joguei o copo na lata de lixo mais próxima. "Você não quer que eu tenha essa conversa sem café, e eu com certeza não posso ir lá de novo."

Ele olhou para mim em direção ao registro. "Não me diga que você comeu ela, cara."

Eu vinha aqui há anos e nunca lhe dei uma segunda olhada. E agora que eu estava todo envolvido - literalmente - em Avery... Sim, esse navio nunca navegaria. Nem uma maldita chance.

“Não. Coloquei-a em um encontro com Marco Carvino. Acontece que o homem está carregado em todos os lugares, menos nas calças."

"Isso é lamentável."

"Então é o meu café que acabou de ser submetido a leite de soja." Eu bati palmas no ombro dele. “*Café com leite*, grande. Vou até sorrir para você quando você o entregar."

Não querendo dar a ele a chance de me recusar, eu saí pela porta da frente em seis degraus e me sentei em uma das mesas de piquenique ao ar livre em dez. De costas para o café, coloquei meus óculos de sol no rosto e observei a rua. Se eu tivesse tido a oportunidade de ter essa conversa na delegacia, eu teria, mas com a minha suspensão ainda pairando sobre minha cabeça, não havia outra escolha.

Era estranho em encontrar-se nos apartamentos das pessoas e raramente -

também conhecido como nunca - permitia que outros visitassem sua casa.

Então, nós estávamos fazendo essa merda aqui, e tudo que eu podia fazer era esperar que ninguém ouvisse.

A porta da cafeteria se abriu e Delery se aproximou, com duas xícaras de café na mão. Ele deslizou uma para mim com um seco. "Soja para você," e nem piscou duas vezes quando lhe mostrei o sorriso e tomei um pequeno gole.

Ele desceu suavemente, embora descendo pela minha garganta, e eu assenti em satisfação.

"O que estamos fazendo aqui?" Delery pegou o banco oposto ao meu e apertou sua xícara entre as mãos. "Você sabe que nem devemos estar falando agora."

Nós dois sabíamos que eu tinha a vantagem nessa situação. Talvez nas paredes da delegacia, Stefan Delery reinava como superior, mas não estávamos na propriedade da polícia de Nova Orleans. E a merda que eu tinha por ele estava completamente fora dos livros de qualquer maneira.

Meses de trabalho na fabricação.

Anos, se você contasse o tempo que eu estava fazendo movimentos sem o Departamento de Polícia de Nova Orleans atrás de mim - e mesmo quando eles tivessem, eu sempre contornei a linha de ilegal. Rank como Delery fez vista grossa quando eu consegui os resultados que eles queriam. Mas esse tipo de quebra... isso poderia mudar as coisas. Inferno, isso poderia mudar *tudo.*

E então Avery estaria livre.

Ela não pediu um salvador, e não era como se eu tivesse uma maldita auréola acima da minha cabeça, mas envolvê-la nisso significaria deixar de lado anos da minha vida e respirar fundo.

Assim como ela, eu estava pronto para viver.

Alcançando o bolso interno da minha jaqueta, lancei outro olhar para a rua e, em seguida, tirei um pequeno caderno de sua manga. Eu deixei cair sobre a mesa, abrindo-a para revelar uma folha de papel dobrada.

"Olhe para isso," eu disse, em seguida, tomei outro puxão da minha bebida.

Eu esperei, o estômago apertado, para o meu tenente ficar com a palma da mão.

Sua surpresa registrou-se na contração do bigode. "Você tem razão em me mostrar o obituário da enteada do prefeito?" Ele esfregou o queixo. Puxou sua orelha direita. "Jesus, isso foi uma merda triste."

A culpa floresceu em minhas veias como se eu tivesse tomado um tiro de depressivo, e eu propositalmente me distraí, virando a próxima página do caderno. Retirando o ID de onde eu o escondi rapidamente esta manhã, eu deslizei para Delery. "Observou alguma coisa?"

Com os dedos no plástico laminado, meu tenente arrastou a identidade para mais perto e olhou para ele. "Avery Washington." Ele olhou para mim. "Eu deveria reconhecer o nome dela?"

Meu instinto me disse que eu estava ultrapassando limites aqui. Nem mesmo ultrapassando - *saltando.*

*Você tem a chance de salvá-la enquanto a mantém segura.*

Até três semanas atrás, eu não teria questionado minha decisão. Quando você se importava com pouco, nada importava. Eu fiz o meu trabalho, assim como eu tive, uma vez, por Ambideaux. Pelo menos este estava mais perto da linha de estado de ser legal. Mas com Avery para considerar... merda, não mais

adivinhar.

Foi o movimento certo.

Ele *tinha* que ser o movimento certo.

Limpando minha garganta, eu balancei a cabeça em direção ao ID. "É um dos de Rafael," eu murmurei, referindo-me ao técnico especialista em Basin, que era conhecido por fazer identidades falsas, para não falar do tipo de mágica maluca que ele usava na internet. "Você olha o suficiente para o que eu já fiz no passado e você começa a reconhecer os pequenos detalhes."

Como o espaço extra que ele adicionou depois da data de nascimento da pessoa.

E o holograma que era quase uma réplica para o verdadeiro ID da Louisiana, mas estava desligado... Apenas o suficiente para alguém como eu notar.

“Ignore o cabelo escuro, Stefan. Olhe para o rosto dela."

Sentado em meu SUV depois de pegar um dos documentos de identificação de Avery da sua carteira e deixá-la no apartamento dela, era difícil acreditar que eu fosse tão idiota. Como eu não tinha visto as semelhanças antes? O anel verde em torno de seus olhos cor de avelã e o desafio em seu queixo, e uma miríade de outras pequenas peculiaridades que eram intrinsecamente *dela.*

*Talvez porque você não quisesse.*

A boca de Delery caiu aberta. “Ash, você não está dizendo isso..."

*Não faça isso com ela. Não a exponha.*

Eu golpeei os pensamentos para longe como uma mosca sendo levada à

inexistência.

Cotovelos sobre a mesa, falei, voz baixa. "É ela. Eu sei que é ela, o que significa que essa merda com Foley pode finalmente ser colocada para descansar."

O olhar de Delery foi para frente e para trás entre a foto do obituário e depois a identificação. "Você acha que ela vai testemunhar?"

“Para o fato de que seu padrasto tem um fetiche doentio por garotas menores de idade? Por que diabos ela *não iria* testemunhar?"

Era a razão pela qual Ambideaux me enviou para assassiná-la, afinal de contas. Que melhor maneira de contra-atacar do que tirar a única pessoa que seu inimigo mais apreciava? Não *era* nenhuma maneira melhor. Eu ir atrás de Avery aos treze anos era como cortar Foley dos joelhos. Se alguma das minhas investigações nos últimos anos provou alguma coisa, foi que ele gostava delas, jovens e inocentes. Avery tinha sido assim, escolhas perfeitas para um homem como o prefeito.

E foi a razão pela qual eu passei o último número de anos trabalhando no subsolo nesta cidade que eu chamei de lar. Fazendo ligações, conversando com todos os tipos de garotas que se encontraram conectadas ao meu pai bastardo de alguma forma.

E às vezes, a raiva ficava um pouco demais para lidar. Às vezes não eram as vítimas de Foley que me deparei, mas outras jovens que tinham lidado com uma sorte do destino. E, às vezes, eu voluntariamente escolhi fazer o que faço melhor e eliminar os predadores - eu não era um Robin Hood dos dias de hoje por qualquer extensão da imaginação. Nunca desejei ser o herói de outra pessoa.

Mas quando você divide seu tempo entre trabalhar a batida com seus colegas de trabalho e depois viver nas trincheiras com os humanos mais vil que o

mundo tinha a oferecer, ser um pouco feliz como gatilho não era necessariamente uma coisa ruim.

Não se deixasse alguém respirar um pouco mais fácil quando fosse dormir à noite.

E mesmo se isso esculpir outro pecado em minha contagem rapidamente crescente.

Delery sentou-se, a identidade em uma das mãos e o obituário na outra. “Eu não vou mentir para você, Ash. Se esta... A Srta. *Washington* não apresentar provas sólidas, não sei por quanto tempo o NOPD pode ter suas costas para isso.”

Minha boca se curvou em um sorriso de escárnio. "Cristo, você se *ouviu,* Stefan?" Eu abaixei a mão no caderno. “Não seja como qualquer outra buceta neste departamento, curvando-se para pegar no traseiro. Ele é um prefeito. Ele não é o caralho de *Deus."*

Meu tenente engoliu em seco. “Você sabe que ele tem o Harlonne no bolso. Você *sabe o* quanto tem sido difícil manter isso em segredo quando ninguém está disposto a ir contra o idiota - pelo menos não até que ele esteja fora do escritório."

A fúria fervia no fundo do meu intestino quando empurrei minha cadeira em suas pernas traseiras e tentei controlar meu temperamento. Explodir em meu chefe não me faria bem - não por manter meu emprego e absolutamente por não colocar Foley na prisão. Que ele seja a puta de outra pessoa e veja o quanto ele gosta.

Ar bombeado para os meus pulmões quando eu inalei profundamente. *Fique calmo, cara.*

“Então, o que você está dizendo é que eu posso convencer Avery a testemunhar ou estou sem sorte nisso. Mesmo com todas as outras provas que reuni."

“Você não tem provas de que essas garotas não vão repetir para um juiz o que elas te contaram. O que eles nem sequer diriam a você sobre um maldito gravador de *áudio,* porque elas estão aterrorizadas com as consequências. Você tem histórias, sargento. Histórias grotescas e feias contadas nas esquinas na calada da noite, mas nada mais."

Tudo se resumia a Avery, e essa não era a verdadeira ironia nessa situação?

Quando ela falou de Foley, ela não mencionou abuso. Era possível que ele não tivesse mexido com ela ainda, apenas aguardando seu tempo até que ela estivesse madura o suficiente para arrancar o galho de árvore proverbial.

*E ela era virgem... até você.*

Delery tomou um gole de café e passou a mão pela boca. “Você é policial há muito tempo, Lincoln. Você é bom. Um muito bom. Mas você sabe o que vai funcionar e o que não vai. Você está muito próximo deste caso para ser mais objetivo. *Não há provas suficientes.*"

Cabeça batendo com frustração não diluída, eu fechei o caderno. “Às vezes, acho que a razão pela qual esse 'caso' não foi a lugar algum é porque nenhum de vocês quer que isso aconteça.”

Meu tenente deslizou o obituário e a identificação do outro lado da mesa. “Por qualquer motivo, você tem uma vingança contra o homem. Eu não gosto dele - nunca gostei. Mas eu conheço o meu lugar e gosto do meu trabalho. Nem todo mundo é você, sargento. Nem todo mundo se importa."

Ele fez parecer que eu usava meu coração na manga.

Isso não poderia estar mais longe da verdade. Inferno, a única pessoa com quem eu chegaria perto de compartilhar qualquer parte de mim era Avery, a única mulher que eu tinha que convencer a limpar e *não* matar seu padrasto, para que todo o trabalho que eu fizesse por anos pudesse finalmente ser feito.

Ela não era a única correndo.

Ela não era a única cuja vida tinha sido brutalmente rasgada ao meio pelo homem que comandava esta cidade.

Mas ela era a única que tinha poder completo para acabar com tudo - para sempre.

# 17

## *Avery*

Os estudantes da universidade estavam em toda parte - e eu quis dizer em *todos os lugares.*

A boa notícia: a Universidade Pershing estava equipada com mapas em todo o campus, o que significava que *deveria* ser fácil navegar até o prédio principal da administração.

A má notícia: tinha algum tipo de evento esportivo acontecendo hoje. Eu nunca tinha visto tantos peitos nus com letras pintadas de verde em suas formas magras.

AP tropeçou na minha linha de visão, a pintura em seu peito meio lavada quando ele balançou uma garrafa de água, em seguida, despejou sobre o topo de sua cabeça. "Merda, sim!" Ele gritou, jogando a garrafa na multidão.

Ela bateu na cabeça de uma garota a uns dois metros de distância.

Eu sempre pensei que tinha perdido toda a experiência da faculdade, mas uma olhada no caos ao meu redor me disse que talvez *eu* fosse a pessoa que acabaria tendo sorte.

*Você é muito velha para isso.*

Em termos de anos, talvez não tanto.

Com base na experiência de vida, eu poderia muito bem ter artrite, uma bengala e uma tumba escolhida em um dos notórios cemitérios acima da superfície da cidade.

"Desculpe-me," eu murmurei, desistindo de toda a pretensão de jogar bem. Eu espalmei o ombro de um cara e empurrei-o rudemente para o lado. Enfiei-me no próximo espaço aberto no meio da multidão - e depois repeti o processo até estar nos mapas do campus, tentando determinar exatamente onde eu estava em relação aos escritórios administrativos.

A Universidade Pershing estava localizada no centro do bairro Uptown, em Nova Orleans, bem na linha de bonde que começava no French Quarter e cortava a cidade. Ao contrário do campus que eu via na TV, Pershing não era enorme em área, mas era mais lotado em uma área centralizada, seu perímetro flertando com casas residenciais circundantes.

Meu olhar seguiu minha localização - a quadra perto do refeitório principal - e depois segui para o meu destino final. Não muito longe, talvez uma caminhada de cinco minutos.

Com um olhar para o caos acontecendo no pátio, virei as costas para a festa no campus e pisei no caminho de cascalho. Construções de pedra calcária alcançavam o céu à minha esquerda, e o que devia ser a rua mais lisa da cidade enfeitava a minha direita.

Pershing era lindo - se ao menos seu presidente não fosse um idiota total que sequestra.

Quando subi os degraus da frente e depois subi de elevador até o terceiro andar, estava suando embaixo de minhas axilas, e o desconforto mais uma vez começou a se apegar à minha confiança. Visitar Big Hampton era um passo ousado, embora inesperado. Eu esperei.

Um sino ressoou quando eu abri a porta de vidro e entrei na sala de estar. Obras de arte de luxo cobriam as paredes, e vasos de plantas ficavam no topo de cada pequena mesa.

A cabeça da recepcionista se ergueu na minha entrada e um largo sorriso se espalhou pelo rosto dela. “Oh! Olá, querida." Ela empurrou os óculos que estavam empoleirados no nariz até o topo da cabeça. "Você tem uma consulta com um de nossos conselheiros?"

Felizmente, eu pensei no futuro.

Fechando a distância da porta para a recepção, sorri para a mulher, tomando nota do seu crachá. “Olá, senhorita Betty. Eu realmente liguei hoje cedo? Sobre o artigo que estou fazendo para o *Times-Picayune*?"

Estalando os dedos, ela exclamou: “Ah, certo! Sim, sim. Srta. Samantha Lovelace. Sim, sinto muito. Eu tenho todos vocês marcados para o seu encontro com o Sr. Hampton." Ela bateu um dedo no nariz, olhando para a extensão de sua mesa bagunçada, e então pegou um papel do canto mais à direita. "Aqui vamos nós. Ele está esperando por você - 2 da tarde, bem no ponto."

Eu forcei um sorriso. “Desculpe por não ter chegado aqui um pouco antes, como prometido. Eu não esperava que o campus estivesse tão ocupado hoje.”

“Oh, você está *bem*, querida. É o aniversário de 100 anos da Pershing esta semana, então há muita celebração.” Sob a respiração dela, ela murmurou algo que soou muito como “e muita bebida.”

Meu sorriso falso flertou com um real. "Enquanto o Sr. Hampton ainda tiver espaço para mim hoje, acho que podemos incluir algo sobre o aniversário junto com o meu artigo."

Olhos verdes piscaram para mim. “Ele *adoraria* isso. Boa imprensa é o melhor tipo de imprensa.”

Eu tinha certeza de que o ditado dizia "qualquer tipo de imprensa era boa imprensa", mas eu não estava prestes a corrigi-la.

"Por que você não me segue?" Ela empurrou a cadeira para trás e deu a volta no canto da mesa, gesticulando para eu dar um passo à frente dela. Apertando minha bolsa perto do meu lado, eu segurei meu queixo e mantive meus ombros pressionados para trás.

*Aja como se você pertencesse aqui.*

“Vir aqui hoje, não posso acreditar que escolhi ir para a Loyola University.” A mentira quase me fez sorrir, e como Samantha Lovelace sempre foi uma versão mais ingênua de mim mesma, eu alegremente acrescentei: “É tão *lindo* aqui. Oh meu Deus, o campus é como algo saído de um conto de fadas."

"Não é?" Betty me deu um tapinha no ombro como se eu fosse um bom cachorro. "Não se preocupe, querida, não vamos nos deter contra você que você foi para *a* escola por causa do Pershing."

*Aquela* escola.

Ela não morreria um pouco por dentro se soubesse que eu nunca me formei no ensino médio?

Um dia eu iria, no entanto. Eu receberia meu certificado e depois meu diploma universitário. E talvez, quando tudo isso tivesse acabado, eu me inscrevesse na escola veterinária, só para ver.

Eu estava um passo mais perto da liberdade, mas primeiro Joshua Hampton tinha que me levar até lá.

Betty bateu duas vezes e, em seguida, em uma voz masculina explodindo chamando. "Entre!" Ela abriu a porta e colocou a cabeça dentro. "Você está pronto para o seu compromisso das duas horas? Lovelace está aqui."

"Que diabos de nome é *Lovelace*?"

Um falso. Definitivamente um falso.

Sem mencionar que eu tinha pensado nisso quando tinha treze anos - ninguém deveria julgar uma garota daquela idade.

"Isso é um sim, Josh?" Perguntou Betty.

"Mande-a entrar."

Encarando-me novamente, a boa e velha Betty me deu um sorriso encorajador que poderia ter lido em qualquer lugar entre *vá pegá-los, tigresa* e *abençoe seu coração.*

Um rápido aceno de apreciação depois e eu estava no escritório, a porta se fechou atrás de mim, enquanto eu olhava para o homem da hora atrás de sua mesa.

Seus olhos se estreitaram. "*Você.*"

*Hora de fazer a mágica acontecer.*

Sorriso alegre no meu rosto, eu peguei o assento disponível em frente a ele, bolsa no meu colo. “Que incrível o ver novamente, Sr. Hampton. Tem sido o que... três, talvez quatro dias desde que você me segurou com uma arma?"

Ele empalideceu, olhando contornando atrás de mim para olhar para a porta. "O que você está fazendo aqui, Srta. *Lovelace*?"

"O que? Sem conversa fiada?"

"Minha secretária disse que você estava aqui para um artigo sobre a corrida para prefeito."

Meus lábios se curvaram. "Eu estou. Infelizmente, a informação não vai além de mim, mas eu não posso imaginar como você teria um problema com

isso.” Eu me inclinei para sussurrar. “Quero dizer, sem ofensa, mas considerando o comportamento recente, você teria um processo em suas mãos se a notícia for divulgada sobre seus empreendimentos em sequestro.”

"Meus..." Suas sobrancelhas se elevaram, e sua mão, que estava em punho fechado, alisou a mesa. "Eu não vou me repetir de novo - o que você quer?"

Eu dei um pequeno encolher de ombros. “Eu quero o que *você* quer. Foley morto. Embora eu esteja indo para adivinhar que nossas razões do porquê estamos orando por um milagre que nosso adorável prefeito morra são por duas razões diferentes.” Estendendo a mão na minha bolsa, eu peguei uma pasta de papel pardo e a coloquei aberta na mesa. “Você me diz o que sabe e eu farei o mesmo. Acho que você descobrirá que ambos estamos alcançando o mesmo resultado."

Um resultado que não incluiu Lincoln Asher morto.

Meu coração se contorceu apenas com o pensamento disso, e eu suprimi a emoção para ficar na ponta dos pés. Eu não podia me permitir insistir muito nele - não agora. Não quando esta era uma situação de vida ou morte, literalmente.

No silêncio teimoso de Hampton, vasculhei os folhetos de papel que eu trouxe. As copiosas anotações que tomei ao longo dos anos estavam finalmente valendo a pena. Embora, se Hampton falhasse em cooperar com o plano que eu tinha em mente, não importaria o que eu dissesse hoje.

"Como você conheceu Nat?" Eu perguntei casualmente, descendo a mão para descansar na última folha de papel no grupo.

Hampton olhou para mim. "O que isso tem a ver com alguma coisa?"

Eu encontrei seu olhar sem vacilar. “Você nunca se perguntou como ela está tão envolvida na política desta cidade? Ela se casou com Ambideaux,

trabalhado em suas costas para o meu padrasto e agora...” Eu ofereci um sorrisinho. “Ela está transando com *você*. O homem mais rico da cidade, o prefeito e um estimado presidente universitário como você. Por quê?"

"Talvez ela tenha bom gosto."

Duvidoso. Todos os três eram criaturas da primeira ordem.

Balançando a cabeça com tristeza, murmurei: "Ou talvez ela tenha um motivo oculto."

Ele soltou uma risada com isso. “Claro que ela tem um motivo oculto. Ela é uma prostituta, Srta. *Lovelace*, e é isso que as prostitutas fazem. Elas vão subir socialmente até que estejam mortos, na prisão ou vivendo sob um nome falso no México. Eu não tenho absolutamente *nenhuma* ilusão de que ela me quer por nada além do meu dinheiro e do meu status.”

Nossa, ele era um bastardo arrogante.

Não que eu esperasse mais nada.

Batendo meus dedos na mesa, eu tirei o silêncio até que suas bochechas começaram a ficar vermelhas com impaciência. Então. "E por que você a quer?"

Sua postura endureceu, a boca ficando plana quando ele olhou para mim. “Ela tem uma grande bunda e uma buceta ainda melhor. Isso responde à sua pergunta?"

"Nem perto, mas o sarcasmo é apreciado."

Seus molares se juntaram e ele se afastou da mesa, a cadeira quase caindo até ele ficar de costas. “Este *compromisso* está ficando velho. Eu não tenho interesse em jogar jogos. Ou diga o que você veio dizer ou saia do meu escritório."

O suor que disparou sua maratona sob minhas axilas se espalhou para o meu peito, entre meus seios. Seria tão fácil sucumbir ao medo e aos nervos, mas nem o medo nem os nervos me tirariam dessa confusão.

"Eu não acredito que você é um homem mau," eu murmurei, arrastando minha pasta para perto e virando para a frente da pilha. “Às vezes as pessoas boas fazem coisas ruins.” *Como eu agora.* “Às vezes...” Eu olhei para a expressão de Hampton. “Você se encontra em uma posição difícil. Certo ou errado, bom ou ruim. Você só pode fazer o que acha que é certo."

Seus olhos se estreitaram em fendas. "Que bom saber que você não acredita que eu seja um idiota."

*Idiota* pretensioso, mais parecido com isso.

Deixando de lado sua atitude ruim, voltei minha atenção para a pasta à minha frente e para as anotações que eu falsifiquei naquela manhã. *Às vezes as pessoas boas fazem coisas ruins.* Meu novo lema - para melhor ou para pior.

“Nat vem me visitar há anos na Jackson Square, Sr. Hampton. Li suas cartas o suficiente para pensar que a conheço razoavelmente bem."

“Ninguém conhece Nat bem. Não você, não eu, não seu maldito ex-marido. *Ninguém.*"

Meu plano era arriscado e havia uma boa chance de Big Hampton rir na minha cara. Mas se havia algo que eu aprendi assistindo o mundo atrás da cortina de leitura de cartas, era que não havia nada mais destrutivo - nada mais *implosivo* - *do que* colocar duas pessoas egocêntricas umas contra as outras e assistir as faíscas voarem.

Flexionando meus dedos para sacudir sutilmente os nervos, tirei as três cartas de tarô que tinha colocado no fundo da pasta. "Diga-me, você já teve suas

cartas de tarô lidas?"

Com a boca franzida, Hampton disse: "Pareço alguém que acredita nessa merda?"

*Idiota de julgamento.* Eu nem sequer lhe dava uma resposta por isso - embora isso me fizesse sentir melhor pelo que eu estava prestes a fazer. Um por um, coloquei as três cartas diante de mim na mesa de carvalho, empurrando minha cadeira para trás com a esperança de que a curiosidade mordesse Joshua Hampton no traseiro e o impelisse a ver as cartas que eu havia puxado.

"A coisa é," eu falei baixinho, soltando o tom da minha voz para combinar com o tenor gutural que eu sempre usava na praça. "Tarô é muito parecido com a Lei de Murphy, Sr. Hampton. Se você acredita que algo *vai* dar errado, sem dúvida vai. Mas dentro do Tarô, eu gosto de pensar assim... se sua mente estiver constantemente obcecada com um pensamento ou ideia, isso naturalmente se manifestará nas cartas que você puxa."

Da minha jaqueta, peguei minha bolsa de veludo onde guardei minhas cartas. Esvaziando-os, eu coloquei o baralho na mesa, à esquerda das três cartas abertas. Com a palma da mão, rolei o convés para fora, de modo que eles formaram um arco raso.

Recuando, eu encontrei o olhar de Hampton. "Então, senhor. Por que você não escolhe uma carta?"

Apertando a mandíbula, ele olhou de mim para a mesa e depois de novo. "Nat faz isso?" Ele perguntou, e não havia como negar a hesitação revestindo seu tom.

Meus lábios se transformaram em um sorriso. "Semanal. Ela é muito *fanática* por ter vindo me ver."

Indecisão dançou através de suas feições.

Os segundos se arrastaram. Eu me recusei a tirar o meu sorriso, me recusei a gritar como uma maníaca quando ele desabou e se aproximou da mesa como se tivesse correntes presas em torno de seus tornozelos.

"Eu posso pegar qualquer carta?" Ele perguntou, parecendo duvidoso.

"Qualquer carta fala com você."

*Por favor, deixe este trabalho.*

Eu estava desesperada para mexer com alguma coisa, apenas para exercitar o excesso de nervos, mas forcei minhas mãos para o lado do corpo.

Sua mão hesitou no meio do arco, pairando. Ele olhou para mim por cima do ombro, examinando-me com os olhos apertados, e levou tudo em meu poder para manter minha expressão passiva... embora, por dentro, eu estivesse morrendo por ele fazer uma escolha.

Com o passar dos anos, não foram apenas as histórias das pessoas que eu gravei, mas as cartas que eles normalmente escolheram do monte - e qual número eles estavam em uma lista. Pessoas confiantes tendiam a escolher na extremidade dianteira do baralho, como se achassem que, mesmo em suas leituras, elas estavam sempre à frente. Aqueles que eram mais sensíveis escolheram a partir do meio, como se estivessem se empurrando no meio da escuridão e procurando por algum tipo de orientação.

Joshua Hampton era um homem confiante.

Um homem que não acreditava na arte do tarô ou qualquer coisa que ele não pudesse tocar tangivelmente.

Era óbvio que ele queria poder e dinheiro. Ainda mais óbvio que a única

coisa que ele menosprezava do que alguém brincando com seu filho era uma pessoa que ameaçava seu poder *ou* seu dinheiro.

Seus dedos flertaram com a primeira carta na propagação e, em seguida, virando o corpo para me encarar, ele selecionou a segunda carta.

Puxou de seu lugar.

Virou e olhou para as palavras na parte inferior da carta.

Ele limpou a garganta. "Quatro de espadas."

Também conhecido como Poder, a carta que eu tinha colocado naquele exato lugar para ele selecionar, sabendo que isso acariciaria seu ego e o tornaria mais maleável. *Obrigado, Lincoln, por me mostrar o caminho para* não *ler o tarô corretamente.* Afinal de contas, se ele não tivesse decidido ensinar-se a ler Tarô, pegando minhas cartas com antecedência, eu nunca teria pensado em fazer o mesmo com Hampton agora.

Só que, ao contrário de Lincoln, eu não tinha planos de dizer ao presidente da universidade que tinha participado de alguma coisa.

"Que interessante," eu ronronei, dando um passo para fazer uma demonstração de esticar o pescoço para ver a carta que ele segurava na mão. "E como é apropriado."

"Sim?"

Eu bati na minha testa, em seguida, apontei meu dedo para ele. "Eu estava com a impressão de que você queria ser prefeito."

Ele franziu a testa, olhando para mim. "Eu faço."

Sem lhe dar a chance de protestar, tirei a carta de seu alcance. “Então não há melhor carta para puxar. Ser prefeito é como ser o homem mais poderoso de

Nova Orleans. Parece que você tem pensado muito sobre isso, Sr. Hampton."

"Eu não penso em mais nada."

"Não?" Eu apontei para a propagação novamente. “Por que você não escolhe outra carta? Veja se a Lei de Murphy está trabalhando a seu favor novamente - a versão do Tarô da lei, quero dizer."

Seu pomo de Adão se curvou ao longo de seu pescoço, mas ao contrário de sua primeira seleção, ele não perdeu tempo em pegar as cartas novamente. Com a palma da mão aberta, ele acenou com a mão da frente para as costas, hesitou, e então seus dedos estavam empurrando a terceira para a última carta, removendo-a da mochila.

Sufoquei um suspiro de alívio.

Eu coloquei três cartas possíveis para ele na parte de trás, mas a minha primeira escolha foi a que ele tinha escolhido.

*Deve ser meu dia de sorte.*

Ele virou e imediatamente levantou para eu ver. "Seis de espadas."

*Sucesso* - literalmente. Eu dei a ele um sorriso brilhante. “Parece que o seu caminho para o prefeito será recebido com sucesso. Que sorte."

"Sim?" Ele puxou o braço para olhar para a carta. "Bem desse jeito?"

Dei de ombros. "Nada é garantido e o livre arbítrio pode mudar qualquer coisa."

Com outro olhar para baixo em Sucesso, ele a colocou no chão e prontamente deixou a curiosidade mordê-lo no rabo - como eu esperava que fosse.

Cotovelos pressionaram a mesa, Hampton inclinou o corpo para as três cartas que eu tinha colocado. "São para você?" Ele perguntou.

Nem mesmo perto.

Torcendo, me inclinei contra a mesa e cruzei os braços sobre o peito. "Aquelas?" Eu balancei a cabeça. "Infelizmente, essas foram as últimas cartas que escolhi para Nat."

Hampton se virou na minha direção. "Por que você está mostrando para mim?"

*Porque eu estou esperando que você seja burro o suficiente para cair direto na armadilha.*

E então, como se eu estivesse fazendo uma apresentação no palco na Broadway, meu tom de voz endureceu quando eu murmurei: “Honestamente, depois do que você fez com Lincoln e eu, eu não tinha o menor desejo de ajudá-lo. Por tudo que eu me importo, você pode apodrecer no inferno. Quanto mais quentes as chamas, mais satisfeitas ficarei."

Suas narinas se alargaram. "E ainda aqui está você."

"E ainda aqui estou eu." Estendendo a mão, eu puxei as três cartas para perto de mim. "Você vê, Sr. Hampton, eu sou o tipo de pessoa que vai parar um grupo de garotos idiotas de agredir uma jovem mulher." Se ele pegou minha referência, sua expressão nem sequer se contorceu em reconhecimento. Eu continuei. “Por tudo que passei, só quero ajudar as pessoas. Nat vem vindo até mim há anos e eu li cartas para ela em todas as fases de sua vida.”

Eu levantei meu olhar, subi o ajuste apertado do terno do homem e fixei minha atenção em seu rosto. “Eu adoraria deixar isso passar. A ideia de ajudar *você* de todas as pessoas vira meu estômago, mas aqui estou eu, mais uma

vez bancando a santa, porque eu simplesmente não consigo me controlar."

Voz firme, ele disse: "E o seu ponto é?"

“Aqui estão as cartas que eu puxei pela última vez para Nat. Leia-as para mim."

Com a mão em punho, ele a deixou cair na mesa e se inclinou para frente para olhar a primeira carta. "Oito de espadas."

Eu engoli um sorriso. "Isso seria interferência."

Ele visivelmente endureceu.

"Leia o próximo, senhor."

Com a mão livre subindo para percorrer o percurso ao longo do queixo, ele olhou para a próxima carta. "Morte."

Estremecendo por efeito dramático, coloquei minha mão no meu peito. "Que pena."

Desta vez, eu nem precisei estimulá-lo a me dizer a próxima e última carta. Ele olhou para baixo, suas bochechas ficando vermelhas do que só poderia ser raiva ou constrangimento.

"É o Imperador," ele suspirou, virando-se para mim. “O que isso significa? Isso é sobre Whisky Bay?"

*Às vezes as pessoas boas fazem coisas ruins.*

Peguei a carta dele, respirei fundo e depois menti. “É sobre você, Sr. Hampton. Ela veio até mim querendo falar sobre um interesse amoroso, e então..." Dei de ombros. “Bem, eu vi a maneira como você agiu em direção a ela na outra noite, e tanto quanto eu *amo* vê-lo entrar no fogo...”

"Sim," ele disse, cortando-me. "Você mencionou isso."

"Pareceu-me justo dizer o que ela me disse. Ela ficou *muito* satisfeita quando saiu, o que é um pouco alarmante, obviamente, considerando a natureza das cartas. Quero dizer, para ela se sentir tão fortemente contra você, claramente você deve ter algo que ela quer. Certo?"

Suas unhas arranharam a mesa enquanto seus ombros se curvavam. "Ela continua mencionando o quão feliz isso a faz quando eu dou a ela dinheiro para gastar como ela quiser."

*Nenhuma surpresa nisso.*

"Hmm." Eu mordi meu polegar, fingindo pensar muito na situação. “E ela *tem* mencionado o casamento para mim antes em nossas sessões. Então, isso é preocupante. A menos que, você sabe, você não esteja particularmente preocupado com ela querer casar com você pelo seu dinheiro e então, bem..." Eu bati na Morte, só para fazê-lo se contorcer.

E se contorceu ele fez.

De volta, empertigada, Hampton se desvencilhou da mesa, com as mãos nos quadris. "Se isso é tudo o que você tem para mim, Srta. *Lovelace*, eu tenho que voltar ao trabalho."

"Oh, eu não quero te abraçar."

Eu coloquei as cartas de volta em sua bolsa de veludo, enfiei minha pasta na minha jaqueta e me movi em direção à porta. Somente quando minha mão estava na maçaneta eu parei e olhei para trás para dizer: “O livre-arbítrio é uma coisa tão poderosa, Sr. Hampton. Apenas lembre-se de que nada é gravado em pedra.”

Ele não ofereceu uma resposta, mas eu não estava procurando por uma.

Eu plantei a semente da desconfiança. Para um homem já suspeito como Joshua Hampton, tive a sensação de que a semente era tudo de que ele precisava para atacar qualquer um que ameaçasse seu reino.

Mas reinos subiram e reinos caíram, e um por um, eu não pararia até que todos desmoronassem.

# 18

## *Avery*

"Você precisa de um encontro, e eu não ligo para o que o Capitão América diz, eu fui a sua primeira e única," Katie gritou da porta. “O que significa que eu mereço a chance de te tirar do chão.”

Os ovos no fogão chiaram e estalaram quando eu os joguei na panela. "Com esse tipo de lógica," repeti para Katie quando ela entrou na cozinha, ainda com seu uniforme de trabalho de uma camiseta regata e até mesmo shorts curtos mais curtos. "Você deveria estar cozinhando *nosso* almoço hoje em vez do contrário."

Agarrando dois pratos do armário ao lado da geladeira, eu gritei: "E o que você está falando, afinal?"

"Uma festa chique, é disso que estou falando."

Fora da minha periferia, observei-a jogar um envelope aberto no balcão. Ele deslizou para uma lenta parada a centímetros da panela. Curiosidade pesando, movi a frigideira do fogo quente para a parte de trás do fogão e, em seguida, peguei o envelope.

"A festa está marcada para amanhã à noite."

Eu levantei meu olhar para o rosto da minha colega de quarto. "Desde que você já abriu, por que não apenas me diga o que é?"

"Eu odiaria tirar a diversão de você."

Eu mordi de volta uma risada. “Você já abriu a maldita coisa. Quer dizer, o

ônibus da festa já saiu de cena."

"Bom ponto." Puxando o envelope do meu alcance, Katie prontamente puxou um cartão de cor creme e, em seguida, limpou a garganta. “Amanhã à noite, às sete horas em ponto,” ela balançou as sobrancelhas de brincadeira. “Você foi convidada para uma festa em apoio ao anúncio de um novo candidato a prefeito para a próxima eleição.” Pausando, Katie sugou seu lábio. Então. “Não vou mentir, é um pouco estranho que eles lhe enviem um convite como este em tão pouco tempo. Quem eles pensam que você é? E que tipo de clientes você tem visto na praça em que você recebeu um convite como esse?"

O tipo que queria que eu brincasse de fantoche para seu marionetista.

Estômago caindo, agarrei a borda do balcão da cozinha por causa da estabilidade. Havia apenas uma razão pela qual eu receberia um convite como esse - e não havia dúvida em minha mente sobre quem o enviou.

"Dê-me o cartão," eu murmurei, estendendo um braço.

"Parece que você acabou de morder um limão." O cartão foi colocado na palma da minha mão. "Novidade, Ave, as pessoas *morrem* para serem convidadas para coisas assim."

Sim, esse era o meu medo.

Isso e o fato de que o evento estava a menos de vinte e quatro horas de distância.

Vinte e quatro horas até ficar cara a cara com Jay, meu padrasto.

Vinte e quatro horas até eu finalmente colocar para descansar a retribuição que eu estava determinada a distribuir por anos agora.

Forçando meu olhar para o cartão, eu folheei a prosa florida de

"reconquistar Nova Orleans" e a menção de "representar o povo para o bem maior".

Mentira, besteira e mais palavras.

Políticos da cidade eram todos um e o mesmo nesta cidade - sujos e corruptos em seu núcleo.

Apenas, o nome na parte inferior do cartão não era Natalie Lauren, como esperado. Tampouco era Big Hampton.

Não, Jason Ambideaux era o homem por trás do convite.

O ex-marido de Nat.

O ex-chefe de Lincoln.

Meus pés descalços enrolaram no chão de linóleo, e eu engoli em seco. Talvez... Lincoln tinha me mencionado a ele em passar recentemente? Ou talvez Nat tivesse deixado algum tipo de informação sobre mim, mesmo que eu achasse que eles não falavam mais um com o outro mais?

Talvez eu estivesse no radar de Big Hampton, talvez eu estivesse no de Nat.

Mas Ambideaux, o homem que ordenou que alguém fodesse o rosto de Lincoln? Não havia absolutamente nenhuma razão para ele me conhecer. Para não mencionar... como ele sabia onde entregar o convite? Eu não estava listada em nenhum registro, e ninguém sabia que eu morava aqui no Palácio do Sultão, além de Pete, Lincoln e Katie.

Mas o apartamento e o aluguel estavam em nome de Katie, não meu - o que significava que *alguém* tinha de lhe dizer para onde mandá-lo. E esse alguém...

Minhas bochechas ficaram vazias com uma exalação severa. Ou talvez tenha sido uma risada quebrada.

Eu era tão estúpida. Ainda aquela idiota ingênua nas ruas querendo acreditar no bem de todos que conheci. E eu confiava em Katie - talvez não com quem eu era, mas em todos os aspectos que importavam, ela era minha família.

Minha *única* família.

Coração trovejando, eu deixei cair o cartão no balcão como se tivesse pegado fogo. Dei um passo para trás e depois outro, até que a extensão fria da geladeira estava nas minhas costas. Eu queria correr - sair pela porta da frente e descer a escada, até que a respiração que eu puxava para os meus pulmões tinha gosto de liberdade. Liberdade e uma nova identidade - como sempre fiz.

*Seja corajosa.*

*Seja ousada.*

Mãos tremendo ao meu lado, eu enrolei meus dedos, apertando meus polegares. Erguendo meu queixo, eu parei no choque para moer as palavras que precisavam ser ditas. “É estranho que eu tenha recebido um convite, considerando o fato de que eu não conheço um Jason Ambideaux.”

Os olhos azuis de Katie foram do meu rosto para o convite brilhante. "Mesmo? Isso é definitivamente... inesperado, então."

"Inesperado" nem sequer cobri-lo.

Por mais que eu quisesse manipulá-la em uma confissão, eu queria mais respostas. E não acreditei, nem por um segundo, que o convite de Ambideaux fosse apenas casual, *vamos nos conhecer um ao outro.*

Não da maneira como Lincoln o descreveu.

Um movimento errado da minha parte e eu teria um maldito *J* esculpido no meu rosto, assim como ele.

"Ele pagou para você?" A amargura pingava de cada palavra e minhas mãos trêmulas tremiam de repente por uma razão completamente diferente. Traição. Raiva. E a camada subjacente de hipocrisia - porque eu não a mantive no escuro também? Eu não tinha encenado nosso primeiro encontro por causa de *quem* ela era?

Sobrinha de Jay Foley.

Minha prima pelo casamento.

Família, por qualquer valor que valesse essa palavra.

Em silêncio, Katie tirou a panela do fogão e fez uma demonstração de jogar os ovos na lata de lixo, como se a ação fosse algum tipo de metáfora para o nosso relacionamento. Foi direto pro lixo.

Paciência se esgotando, eu respondi: "Você não vai dizer nada?"

Depois de derrubar a panela na pia, as mãos de Katie subiram para apertar o elástico de seu rabo de cavalo. "O que há para dizer? Aqui está seu convite." Seu olhar cortou para o meu. “Você está sendo uma cadela por absolutamente nenhuma razão. A maioria das pessoas ficaria empolgada com a elite da cidade.”

A maioria das pessoas não precisava se preocupar em permanecer nas sombras por motivos que *ainda* não entendiam. E como não era como se eu pudesse passear até meu padrasto e fazer a pergunta - *ei, por que você quer tanto me matar?* - Eu estava presa em uma posição permanente de ignorância que me manteve sempre vulnerável.

Suspeita rastejou como aranhas sobre a minha pele, levantando os cabelos minúsculos do meu braço. “Apenas responda a pergunta, Katie. *Onde* você

recebeu o convite? Porque nós duas sabemos que não estava na caixa de correio para mim no andar de baixo."

Apertando a boca, ela se virou, falando de costas. "Ele viu você, você sabe."

Minha boca ficou seca. Ela quis dizer Ambideaux ou Jay? *Quem seria a menor ameaça?*

Eu não tive a oportunidade de expressar a pergunta. Com uma mão na parede, os ombros curvados, a voz de Katie praticamente fervilhada de tensão. “Fora da delegacia de polícia com Capitão-fodido-América. Você tinha ele em cima de você, então a maneira que eu vejo isso, você trouxe isso para si mesma."

Porque eu finalmente queria um homem? Porque eu finalmente tive coragem de baixar a guarda e deixar alguém me tocar? Como no mundo era *minha* culpa? Inferno, parecia algo que Katie costumava me aplaudir.

Somente... “Você não está fazendo nenhum sentido. *Quem* me viu e o que diabos *isso* tem a ver com isso?” Eu apontei para o convite. "Você está falando em enigmas."

Foi a coisa errada a dizer.

Braços voando no ar, Katie se virou, sua expressão tão dura, tão diferente dela, que se eu pudesse ter recuado sem subir na geladeira, eu teria feito isso.

"Falando em *enigmas*?" Ela sussurrou, atacando em minha direção. “Você está brincando comigo agora? Você quer atirar pedras, então que tal isso? Ambideaux viu você naquela noite, e então ele viu você no clube com seu precioso sargento.” Seu olhar brilhou com fúria, e meu choque deve ter registrado no meu rosto porque ela soltou uma risada cáustica. “Oh, sim, *Laurel*,

ele viu você com a mão do bom sargento em suas calças. Então Ambideaux me visitou no trabalho. Ele queria saber quem você era, quanto tempo eu te conhecia. Talvez se você tivesse vindo comigo desde o começo eu teria dito a ele para se foder. Mas não, eu queria respostas e as encontrei."

*Laurel.*

O medo estava de volta, entupindo minha garganta, transformando meus membros em concreto, submergindo-me debaixo da água.

"Katie, eu teria..."

Sua mão subiu, me cortando. "Eu dei a você a oportunidade de limpar depois que eu passei pelo seu precioso arquivo e o resto que você escondeu acima da geladeira. Foi errado de mim? Eu nem me importo. E embora o cabelo loiro possa deixar você acreditar no contrário, eu não sou uma idiota. Eu sentei naquele maldito sofá e te chamei e esperei que você dissesse *alguma coisa."* Ela soltou uma risada que soou como uma decepção tangível, e eu não podia negar que queria me encolher onde eu estava. "Mas você só me alimentou de outra mentira, que eu deveria ter esperado. Quero dizer, para quem você *não* mente?"

Sua pergunta pontuda pousou como um soco no meu peito.

Mentir era minha chave para a sobrevivência, mas ouvir em voz alta era... oh, Deus, eu não conseguia respirar.

No meu silêncio, minha colega de quarto bufou de forma desdenhosa. "Isso foi o que eu pensei."

Eu precisava me desculpar. Inferno, havia *muito* que eu precisava fazer para compensar com minha única amiga, mas enquanto eu estava lá, meu cérebro trabalhando na prorrogação, eu apenas sussurrei: "Jay Foley matou minha mãe. *Foi* ele quem a assassinou, a razão de eu ter vivido nas ruas. Você

tem que entender que há alguns fatos que eu não poderia contar com medo de que você contasse a *ele."*

O medo mandou em minha vida.

Governou minhas emoções.

E enquanto Katie olhava para mim, sua expressão apertada, percebi que meu medo também havia causado a morte da minha única amizade.

“Me chame de irracional ou uma cadela,” ela disse em uma voz fina. “Mas eu vou precisar de espaço. E, ironicamente, tentei avisá-la de que correr para sempre lhe traria problemas."

Ela não podia estar...

Cabeça latejando com pânico, eu murmurei: “Vinte minutos atrás você estava exigindo ir a essa festa comigo, e agora você está, o que? Chutando-me para fora?"

Katie pegou o convite do balcão e amassou em uma das mãos. “É chamado finalmente voltando a meus sentidos e sabendo quando encerrar. Talvez se você não tenha fodido totalmente o seu sargento, ele te aceitará."

*Como uma perdida* parecia ser sua implicação não dita, e o pensamento só era como ter aço injetado na minha medula óssea.

Eu estava completamente ciente do fato de que acendi os palitos de fósforo para nossa amizade implodida. Eu me aproximei dela primeiro. A aqueci para mim e arrastei as paredes até sairmos regularmente e então estávamos escolhendo apartamentos juntas.

Ela confiou em mim e eu traí aquilo repetidas vezes por anos.

*Você não é muito santa depois de tudo, é?*

Meu peito se apertou com a verdade. Eu poderia fingir tudo o que eu queria que cada uma das minhas ações fosse justificada, mas em algum momento ao longo do caminho eu me tornaria irreconhecível até para mim mesma.

Uma mulher tão determinada a corrigir um erro que nem pisquei ao usar os outros para me colocar em um lugar melhor para manifestar meus próprios objetivos.

"Eu sinto muito," eu sussurrei. Foi um pedido de desculpas a Katie, sim, mas também a mim mesma. Por deixar minha ira ignorar tudo o mais, incluindo minha decência comum. "Eu só..." Eu parei, incapaz de colocar em palavras como eu travava uma guerra comigo mesma por anos. "Eu sinto muito."

Katie assentiu, depois virou a cabeça, como se não quisesse que eu lesse sua expressão. “Não vá para aquela festa sozinha, Avery. Isso é tudo que vou dizer. Se você é inteligente, apenas não vá sozinha.” Recuando, ela girou nos calcanhares e se dirigiu para o quarto. Por cima do ombro, ela disse: “Você pode sair. E se isso faz você dormir melhor, não, eu não vou contar ao meu tio sobre você. Seu precioso segredo está seguro comigo, por qualquer coisa que valha a pena para você."

Ela fechou a porta do quarto e ouvi o clique da fechadura.

Minha palma fechou sobre a minha boca, e eu mordi meus dedos para não soluçar. Eu era forte, sempre fui forte, mas nunca antes quis admitir a derrota tanto quanto agora.

Jay Foley havia me tirado da minha identidade.

Mas ele não era responsável pela maneira como eu perdi quem eu era no coração.

E, se eu quisesse cavar fundo, nem sabia a resposta para essa pergunta.

Laurel.

Samantha.

Rubi.

Avery.

Uma invenção de identidades misturadas, cujo único propósito na vida, por mais de uma década, foi assassinar o homem que matou minha mãe.

Além disso, eu não era ninguém.

E isso, parecia, ser a maior perda de todas.

# 19

## *Lincoln*

Não foi o rosto de Avery que me recebeu depois de eu ter passado cinco minutos batendo com o punho na porta do apartamento dela.

Não, era a companheira de quarto dela.

A loira.

Eu não conseguia lembrar o nome dela - mas não havia dúvidas sobre seus olhos injetados de sangue ou sobre a forma como sua coloração estava toda errada. Ela parecia uma merda e eu tinha a sensação de que não parecia melhor.

A culpa pode fazer isso com uma pessoa.

"Se você está procurando por ela, ela não está aqui."

Eu fiquei rígido. "Você quer dizer que ela está na praça para o trabalho já?"

Era muito cedo para ela ler cartas. Inferno, não era nem 6 da tarde, o que significava que os portões da Jackson Square não estavam nem trancados para a noite ainda.

A loira levantou o queixo. "Não." Ela balançou a cabeça, em seguida, rapidamente desviou o olhar para o meu ombro direito. "Quero dizer, eu não sei."

Havia algo em seu tom... algo que não se encaixava bem para mim, e mesmo sabendo que era inerentemente errado assustá-la, eu coloquei a palma da minha mão no batente da porta de qualquer maneira. Usei o tamanho do meu

corpo para intimidá-la.

Eu nunca disse que eu era nada menos que um idiota insensível.

Minha voz era baixa, dura, quando eu disse: “Eu leio mentirosos para ganhar a vida, e eu sei quando alguém está tentando me chatear. Então, vamos tentar de novo, onde ela está? E nós dois sabemos que Avery não é do tipo que vai a algum lugar sem dizer algo primeiro."

Se ela tivesse ido, ela teria deixado esta maldita cidade anos atrás.

Como eu, ela tinha negócios inacabados.

*E ela me tem.*

Cristo, eu não poderia ir lá agora. Não até eu descarregar tudo o que tinha para contar a ela sobre o caso - e não até confessar a noite em que fui enviado para matá-la. Eu tinha que me limpar, mesmo que isso significasse que ela nunca mais iria querer alguma coisa comigo.

A colega de quarto de Avery cruzou os braços em volta do meio dela. Então, suavemente, ela sussurrou: "Eu pedi a ela para sair."

O gelo deslizou pela minha espinha, e minhas unhas arranharam o batente da porta quando minha mão se fechou em punho. "Por quê?"

“Ela...”Levantando uma mão, ela correu sobre a ponte do nariz e respirou fundo, instável. “Isso é entre ela e eu. Eu não deveria ter..." Ombros se encarando, ela encontrou meu olhar e eu pude ler a preocupação em seus olhos azuis. O arrependimento flagrante.

*Junte-se à festa - há espaço mais que suficiente.*

Limpando a garganta, ela murmurou: “Ela desligou o telefone. Eu tentei ligar. Eu tenho esperado aqui no caso dela... Isso não importa. Estou divagando

e duvido que você dê importância."

Se tivesse a ver com Avery, eu me importava. Mais do que eu queria admitir, e sinceramente mais do que gostava. Ela penetrou seu caminho em minha vida, apostando sua reivindicação e me fazendo acreditar na merda que eu sempre assumi ser um bando de touro.

"Onde ela iria?" Eu não conseguia esconder a urgência na minha voz, e a loira notou.

Seus ombros se contraíram e o menor sorriso subiu por seus lábios. "Merda, você gosta dela."

Eu não estava tendo essa conversa. Empurrando o batente da porta, eu fiz um esforço sólido para limpar qualquer traço de bondade da minha expressão. "Sem besteira," eu disse. "Para onde ela iria? Se ela não está aqui, qual é o lugar mais provável?"

Mudando seu peso, a colega de quarto de Avery baixou as mãos para os lados. “Ela foi embora ontem. Eu não... Eu não sei onde ela dormiu, mas ela é engenhosa. Provavelmente a pessoa mais engenhosa que já conheci."

Um visual de Avery dormindo na rua me atingiu como um soco no rosto, e foi um testemunho do meu autocontrole que eu não soltei a raiva que varria sobre mim. Minha periferia está borrada. A frequência cardíaca foi para as horas extras.

Eu recuei, meio com medo de reagir fisicamente.

Fazer algo de que eu sempre me arrependa.

Quando adolescente, eu estava obcecado por estudos - a natureza humana era aprendida ou genética? As coisas que eu fiz, a maneira como agi, um reflexo de ações aprendidas com o tempo ou algo que eu herdei de meus pais e de seus

pais antes deles?

A maneira que eu olhei para isso, eu estava fodido de qualquer maneira.

Eu fui ensinado a matar, ensinado a reagir com violência e raiva. Ninguém jamais me mostrou uma mão gentil, um toque amoroso.

Mas enquanto olhava para a mulher de aparência miserável diante de mim, rejeitei ambos os casos, aprendidos e genéticos.

Só abri a boca e murmurei: "Preciso de um lugar em que você possa pensar - apenas um."

Eu iria até lá.

Eu rasgaria toda a cidade até que ela ligasse o maldito telefone de volta ou eu a encontrasse - o que viesse primeiro.

A loira molhou os lábios, como se estivesse nervosa por estar perto de mim. Então. “Flambeaux. A loja da esquina no St. Phillip. Ela é... ela é amiga dos donos."

Teria que ser o suficiente.

Um breve aceno de cabeça depois e eu estava subindo os degraus de dois em dois, mas a voz do colega de quarto me parou logo antes de eu abrir a porta.

"Capitão América," ela gritou, e eu olhei para a escada. “Quando você a encontrar, diga isso a ela... diga a ela que sinto muito. Eu exagerei e eu apenas - não sinto em casa sem ela aqui.”

Eu tive meu próprio tom para fazer, sem adicionar alguém na mistura.

"Desculpe, loira, você vai ter que dizer isso a ela mesma."

# 20

## *Avery*

Eu era velha demais para dormir nas ruas da cidade.

Também muito velha para ter, no meio de fugir da cena ontem com Katie, cometido o erro crítico de esquecer meu celular em algum lugar no apartamento.

Nem foram destaques particulares das últimas vinte e quatro horas para mim, mas hey, o que não te mata te faz mais forte. Certo? Certo.

Enfiei a mão no saco de pipoca de cheddar e coloquei dois grãos na minha boca, observando enquanto dois fregueses serpenteavam pelos corredores minúsculos de Flambeaux. Depois de quase uma década tendo Pete me importunando para trabalhar para ele, eu o levei para o show - temporariamente - em troca de me deixar ficar em seu sofá e no de Sal.

Sofás que eu podia aguentar - ruas não eram mais minha coisa, e eu nunca amei Pete mais do que quando eu vim para a loja da esquina ontem, segurando as lágrimas, e ele me disse para puxar minhas calças, secar os olhos e entrar no carro antes que ele me jogasse de cabeça.

Eu tinha vinte e cinco anos e era mais do que capaz de encontrar novas acomodações, mas havia algo a ser dito sobre ficar com o familiar quando você estava sangrando do coração.

"Vocês têm alguma mistura de jambalaya aqui?" Gritou um dos caras que tinha entrado em poucos minutos atrás. "Disse a minha esposa que eu voltaria para casa com isso."

Eu visitei Flambeaux vezes suficientes para saber onde tudo estava localizado. “Corredor dois! Ao lado do arroz de micro-ondas."

Os sinos soaram acima da porta com um recém-chegado. Com a mão enfiada no meu saco de pipoca, virei-me para dar as boas-vindas à pessoa - e prontamente deixei cair o lanche no chão enquanto um corpo musculoso se inclinava sobre o balcão, as mãos envolvendo meus bíceps e me puxando para perto.

Os lábios de Lincoln se chocaram contra os meus, dominadores e possessivos.

O outro problema de não ter telefone significava que eu não tinha como chegar até ele, especialmente porque nem sabia onde ele morava. Mas, diabos, ele estava aqui e não *havia* como negar a tensão que reverberou em seu corpo.

Suas mãos estavam apertadas em meus braços, seu beijo agitado, mas tão quente, e eu quase podia sentir o seu desespero quando ele me devorou. Era inebriante, viciante e, como um drogado de primeira ordem, passei a língua pelo seu lábio inferior, querendo mais. Precisando mais.

Com um gemido áspero, ele se afastou e olhou para mim, seus familiares olhos azul-claros piscando fogo. “Estamos saindo daqui. Agora."

Além do ombro direito, avistei o Sr. Jambalaya nos encarando, a boca escancarada. Ao meu olhar, ele corou e acenou com a mão. "Desculpe," ele murmurou. "Em um período de seca com a esposa. Eu vou apenas, uh... achar a jambalaya que ela quer tanto."

Antes que eu pudesse dizer outra palavra, ele correu pelo corredor, e então Lincoln estava me abaixando de novo, seus músculos se enrolando sob o tecido de sua camisa enquanto seus braços se desenrolavam.

Eu pisquei para ele. "O que você está fazendo aqui?"

Seu polegar subiu para deslizar seu lábio inferior, como se ele ainda estivesse absorvendo o gosto de mim, e foi... Eu queria que ele fizesse isso de novo - de preferência depois que ele se acomodou entre as minhas coxas.

"Sua colega de quarto me disse que eu provavelmente te encontraria aqui."

Meu coração se contorceu ao pensar em Katie, e eu baixei meu olhar para o registro. "Nós tivemos uma..." Uma briga? Um rompimento? Com certeza parecia um rompimento. Eu apertei meus olhos fechados. “Ela me disse que Ambideaux nos viu juntos, eu e você. Fora da delegacia. E então, novamente fora do clube quando nós..."

Lincoln soltou uma maldição áspera, uma mão subindo. “Eu vou precisar de você para entender. Ele fez o que? E como diabos sua colega de quarto conhece Jason?"

“Ela não conhece. Ela *não,* não realmente, mas ele..."

"Cinco caixas de jambalaya, por favor."

Cortei um olhar penetrante para a direita, onde o próprio Sr. Jambalaya estava de pé. Ele esvaziou a cesta, jogando caixa após caixa do prato cultural pré-cozido de Nova Orleans no balcão. Minhas sobrancelhas levantaram e ele ofereceu um encolher de ombros casual em retorno. "Estou rezando para que cada caixa termine com outra rodada de sexo com a esposa."

"Eu..." Limpei a garganta, peguei a primeira caixa e passei-a sob o scanner. "Você sabe, eu realmente espero que funcione para você."

“Deus, eu também. Você pensaria que ela iria querer joias ou alguma merda daqui, mas não, jambalaya era seu único pedido. Honestamente, é estranho, mas se ela chupar meu..."

Lincoln rosnou, levantando-se a toda a sua altura, e o Sr. Jambalaya imediatamente respirou fundo. "Droga, cara," ele sussurrou admirado. "Você pode fazer isso no comando? Eu nem sequer estou a fim, mas eu iria bater em você. Espere, aguarde. Você acha que pode fazer isso de novo enquanto eu gravo desta vez? Vou mandar para minha esposa e ver se consigo convencê-la de que sou..."

Só deu um passo de Lincoln na direção do cara para fazer o Sr. Jambalaya empurrar uma nota de vinte na minha direção antes de pegar sua sacola de plástico no balcão.

Ele recuou, os pés tropeçando um no outro, e ele se dirigiu para a porta. “Vocês dois tenham um ótimo dia. Tipo, façam sexo incrível por mim.” Seu olhar foi para Lincoln. “Eu quero ser você quando eu crescer. Sério, status de paixão masculina por aqui."

Antes que Lincoln pudesse fazer outro movimento, o homem saiu pela porta e a frágil porta se fechou atrás dele.

"Malditos turistas," grunhiu Lincoln, e eu segurei um bufo.

Inclinando-me para pegar minha sacola descartada de pipoca do chão, eu a joguei na lata de lixo. "Você tem um admirador secreto."

"A única admiração que eu quero fazer é com você montando meu pau e meu olhar em seus seios."

Calor irrompeu sobre minhas bochechas. "Eles são pequenos."

Lincoln se inclinou, as mãos no balcão. "Eles são perfeitos. Especialmente quando estão na minha boca e você está gemendo meu nome."

Eu soltei um suspiro e, em seguida, enviei um rápido olhar para o resto da loja. Vazia, além de um sujeito de aparência de avô, olhando os frigoríficos

abrigando as opções de laticínios. Ele apareceu completamente em seu próprio mundo quando voltei minha atenção para o homem poderoso diante de mim.

Por mais que eu quisesse continuar flertando, eu não conseguia disfarçar a preocupação em minha voz quando disse: “Não estou tentando obter toda a energia negativa aqui, mas por que... por que Jason Ambideaux se importaria em me seguir? Nós? Quero dizer, você... bem, posso te ver, considerando tudo com Tabby e os outros, mas eu?"

Expressão sóbria, o calor em seus olhos azuis esfriando a um baixo fervor. "Você é uma maneira de chegar até mim."

Ele disse isso tão simples, tão facilmente, e ainda assim minha boca se abriu e se fechou em um ritmo embaraçoso que só foi quebrado quando eu finalmente murmurei: “Ele me convidou para uma festa hoje à noite. É para anunciar um novo candidato a prefeito e, para ser honesta com você, tenho a sensação de que todo mundo nesta cidade está tentando disputar o concurso de quem *é o pau-maior* e jogar seu chapéu no ringue.” Fiz uma pausa, então, tardiamente, acrescentei: "Eles provavelmente deveriam estar agradecidos por você não estar entrando."

Lincoln soltou uma risada assustada. "Meu martelo gostaria de ficar de fora dessa narrativa, obrigado."

Eu sorri - era grande, e era tudo, e o melhor de tudo, era *real.* Ele fez isso comigo, e foi apenas por puro instinto que me fez rapidamente enganchar um dedo no pescoço de sua camisa e puxá-lo para outro beijo.

Ele me deixou, movendo-se livremente sob o meu comando, e isso levou a uma corrida que eu não esperava. Minha mão deixou sua camisa, contornando até a bochecha dele, e então *eu* era a única que puxava seu rosto para um melhor ajuste. Lábios escovando, línguas se entrelaçando.

Eu queria alternativamente escalar o corpo dele e forçá-lo a se submeter a mim, da mesma forma que eu queria implorar para ele me inclinar e me levar por trás.

E, por mais que eu fosse relutante em admitir isso, eu quase desejei não estar fora com Nat, só para que pudéssemos revisitar o Porão novamente e experimentar mais dos quartos.

Deixando cair sobre meus calcanhares, eu interrompi o beijo e puxei um dos seus movimentos - polegar escovando meu lábio, os olhos levantando para encontrar seu olhar.

Ele parecia pronto para pular o balcão e me foder bem aqui, agora mesmo.

"Precisamos sair daqui," Ele disse asperamente.

"Porque precisamos conversar sobre Ambideaux?"

Olhos azul-claros brilhavam. “Porque eu preciso afundar em seu corpo, querida. Porque eu estou morrendo, e se eu achasse que poderia sair com você agora, eu faria isso. Nenhuma pergunta feita."

Eu olhei o homem idoso novamente especulativamente. "Não vou mentir, estou tentada."

"Você deveria ser a voz da razão."

Voltei meu olhar para Lincoln. "Quando eu já fui a voz da razão?" Abaixando a minha voz, eu zombei, "Quando eu deixo você colocar a mão na minha calça em uma rua não tão privada? Ou talvez tenha sido quando você desceu na frente de quase todo mundo em um clube de sexo?"

Seu peito arfava com uma inspiração. "Estamos indo embora."

Eu apontei para a loja. "Não posso ir até Pete voltar."

Havia uma boa chance de que essa fosse a primeira vez que eu o via perto de ser desfeito. Lincoln estoico, Lincoln durão, Lincoln perigoso, estendeu a mão para se ajustar sutilmente. "Quanto tempo?" Ele exigiu mais ou menos.

"Quanto tempo até o quê?"

"Até que Pete volte."

Eu balancei em meus calcanhares, empurrando meu peito para fora, e olhei para o relógio digital na parede. "Outra hora."

"Outra..." Ele parou com uma maldição, as mãos indo para o balcão como se ele precisasse de apoio físico.

Eu não sabia o que me possuía para fazer isso, mas eu dei um tapinha no peito dele - como se ele não fosse o homem mais temido da cidade - e falei em voz alta: "Deve ser karma."

Olhos azuis se estreitaram em mim. "Karma por *quê*?"

Dei de ombros. “Jogar meu taser no Mississippi? Roubar minha calcinha? Ou que tal..."

"Quem é seu amigo, Avery?"

*Pete.*

Virei-me para o homem que tinha sido um amigo para mim desde que eu era adolescente, e embora não estava em *tudo* como a introdução de um homem ao meu pai, borboletas nervosas entraram em erupção em meu estômago de qualquer maneira.

Engolindo nervosamente, fiz as apresentações o mais rápido possível. Estranho, tão desajeitado, especialmente desde que meu núcleo ainda estava pulsando para Lincoln.

Lincoln, que abandonou sua personalidade durona por tempo suficiente para trocar uma palavra ou duas com Pete sobre os Saintse o recrutamento da NFL.

Lincoln, que sorriu um pouco quando perguntou se poderia me roubar mais cedo.

Lincoln, que me conduziu para fora de Flambeaux cinco minutos depois, gentilmente me empurrou para o banco do motorista e depois subiu ao volante.

Nós não estávamos nem dois minutos em nosso caminho para Destino Desconhecido antes que ele diminuísse o volume do rádio do carro e soltasse. “Tire sua calcinha, Avery. O karma está me deixando tão difícil que nem consigo ver direito, e estou com vontade de retribuir o favor."

# 21

## *Avery*

Chocada, eu torci minha cabeça para olhar para Lincoln.

Com a boca seca, eu resmunguei: "O quê?"

Com os dedos brancos no volante, ele deslizou um rápido olhar para mim. “Calcinha, querida. Tire-a."

*Tire-a?* Eu ri brevemente. "Desculpe-me por um momento enquanto eu tenho um flashback para mim caindo de uma escada de incêndio, estando *completamente* nua abaixo da cintura."

"Você aproveitou cada momento que veio antes disso."

"Sim, *antes* disso." Eu assisti os edifícios passarem por nós quando saímos do French Quarter. "Eu não posso dizer que eu gostei de tudo o que veio depois, especialmente de toda coisa do sequestro."

"Essa merda não está acontecendo de novo." Ele me lançou um olhar sério e sombrio. "Eu prometo. Nenhum deles vai tocar em você. Não de novo, não enquanto eu estiver aqui."

Pensei no que Katie disse sobre Jason Ambideaux... sobre ele nos observando. Um arrepio de trepidação deslizou pela minha espinha. Uma coisa foi Lincoln e eu nos fodermos no Estágio Um, quando de boa vontade participamos de tudo o que estava acontecendo.

Era uma coisa totalmente diferente era saber que Ambideaux tinha nos seguido, nos observado e chegado ao ponto de até mesmo se aproximar de Katie

sobre mim depois de sem dúvida, nos ver falar enquanto cuidava do bar.

Aquele sentimento doentio voltou, empurrando para o lado a luxúria, a necessidade, para resolver como chumbo no meu estômago. E isso - isso me deixou com raiva. Que eu poderia facilmente deixar outra pessoa manchar minhas experiências com Lincoln que eu acumulava como fragmentos de tesouro.

Sexo com Lincoln era como juntar fragmentos da minha alma quebrada.

Sem me dar a chance de repensar minha decisão, meus dedos foram para o botão do meu jeans. Eu abri.

O zíper que se desatava foi o que chamou sua atenção - suas narinas se dilataram ao mesmo tempo, suas bochechas se esvaziando.

Era o lado direito de seu rosto que me foi apresentado, e parecia quase apropriado que ele me desse o seu pior, inflexível sob minha leitura, e eu mal notava suas cicatrizes. Elas estavam lá, mas não eram meu único foco. Não, eu só queria ele. Qualquer maneira que eu pudesse tê-lo.

Eu deslizei minha calça jeans até os joelhos, a bunda se levantou do assento, a calcinha indo com o jeans.

Lincoln freou um pouco demais e o carro atrás de nós soltou três bipes consecutivos.

"Distraído?" Eu provoquei em um murmúrio baixo, puxando meu dedo para o comprimento da minha coxa interna apenas para tocar a sedutora e fazê-lo suar. Observá-lo perder o controle era a minha parte favorita do sexo com ele. Além dos orgasmos, claro. "Eu me pergunto... você pode dirigir quando está focado em mim?"

"Mãos na parte de trás do seu assento."

Eu pisquei. Então novamente. "O que?"

"Karma." Desacelerando até parar em um semáforo, ele levou o segundo extra para olhar em minha direção. "Eu vou te contar uma pequena história - e você pode esperar até eu deixar você se tocar."

"Isso parece um negócio de merda."

"Você vai gostar."

Duvidoso. Mas mesmo quando o pensamento passou pela minha cabeça, não pude deixar de pensar que estava mentindo mais uma vez - desta vez para mim mesma. Não havia uma única coisa que Lincoln fez até agora que eu não gostasse.

E foi por essa razão que minhas mãos lentamente se levantaram para o assento, como ele havia dito, e se enrolaram nas costas do encosto de cabeça. Com as unhas cavando, olhei para baixo - minhas pernas estavam tão largas quanto poderiam estar com o meu jeans ainda em volta dos meus joelhos. Era uma sensação inebriante, sabendo que cada vez que ele puxava outro fôlego, era por causa do fato de que eu estava seminua e o deixando louco.

"Quanto tempo você vai me fazer esperar?" Meus braços flexionaram na posição, os dedos reapertando o assento. "Até chegarmos aonde estamos indo?"

"Se tivesse que dar dez voltas ao quarteirão só para te tirar primeiro, eu faria isso."

“Eu sabia que você era um cavalheiro sob tudo isso..."

Ele se mexeu em seu assento, seu olhar pousou momentaneamente nas minhas pernas com calor suficiente para que eu ficasse surpresa que minha pele não chamuscasse. “Eu não sou nenhum cavalheiro, querida. Nunca fui, nunca..."

"Será," eu terminei para ele com uma piscadela que ele não pegou. “Vamos parar à frente dos clichês, o que você acha? Estou praticamente nua, o ar-condicionado está um pouco alto demais e posso dizer *lá embaixo,* e estou esperando para me impressionar com o que você tem na manga.”

Isso trouxe uma risada assustada dele. "Eu acho que eu gostava mais de você quando você era virgem."

"Eu não posso dizer que sinto o mesmo."

"Porra," ele trabalhou depois de outra gargalhada. "Você foi feita para mim. Eu não ri até você. Não vi um vislumbre de luz dentro de toda a escuridão.” Uma mão grande se levantou do volante para passar pela nuca ao longo da metade inferior de sua mandíbula como se estivesse envergonhado. "E agora você me deixou derramar minha alma como se eu fosse algum tipo de poeta."

Eu não podia negar - *clichê* ou não, meu coração acelerou com o jeito desajeitado de continuar olhando para mim antes de rapidamente fixar sua atenção na estrada novamente. Sorrindo, eu me ofereci: “Eu não me importo com poesia. Você é bom com haikus[1]?"

O pomo de adão balançou enquanto engolia, Lincoln dirigiu o carro para fora do caminho principal e para uma rua lateral com uma fileira de moradias que eram todas idênticas. Pintadas com cores brilhantes como se fossem diretamente do Caribe, cada uma era completa com uma pequena área de grama na frente e uma entrada estreita.

Arrumado.

Ordenadamente.

Fofo.

Por qualquer motivo, imaginei Lincoln morando na encosta, onde a vida selvagem prosperava e a única coisa mais indomável do que o homem que possuía a terra eram os animais ferozes que rondavam o pântano.

“Mudança de planos,” ele disse enquanto entrava em uma das calçadas em frente a uma casa verde azulada. “Nós estamos levando isso para dentro.”

Minhas mãos se abriram do apoio de cabeça, o bíceps dolorido de segurar a posição. “A decepção é real, sargento. Aqui estou disposta e esperando, nua para o mundo e..."

O resto da minha frase terminou em um suspiro.

Seu grande corpo invadiu meu espaço, assento rangendo sob seu peso quando ele se inclinou sobre o console central, sua mão quente entre as minhas pernas. Seu polegar flertou com o que eu mais queria, pairando acima do zero. Palma apertando minha parte interna da coxa, seus lábios roçaram minha orelha. “Hora de brincar, Avery. Você gosta de ser empurrada para o limite. Você gosta quando sou áspero. Então, vamos colocar desta forma - puxe sua calça jeans e vá para dentro. Eu posso prometer a você que a única decepção que você está prestes a sentir é quando você vem muitas vezes e seu corpo está cansado demais para ir para outra rodada.”

Os lábios se separaram, eu encontrei seu olhar quando ele se afastou.

Então confessei: "Gostei do que fizemos no porão."

Polegar no meu clitóris, fazendo-me se contorcer de desejo, ele levantou a mão e segurou meu queixo, o mesmo polegar roçando meu lábio inferior. "Eu sei que você gostou."

"É errado que eu esteja irritada por não podermos voltar?" Até mesmo a ponta de seu polegar estava calejada, e era uma contradição tão grande entre o

jeito gentil com que ele me tocava e a aspereza inata que era muito *dele.* Cedendo à pura luxúria, lambi a ponta do polegar só porque podia. "Não, a menos que estejamos ansiosos para nos ver saltando de uma escada de incêndio novamente, obviamente."

Seus olhos azuis escureceram. “Nós não precisamos do Porão para você se sentir como se estivesse sendo empurrada para o precipício. Tudo o que você precisa é de mim."

Ele disse isso tão casualmente, tão facilmente, e quando ele torceu o corpo para sair do SUV, eu me arrastei para puxar minhas calças. Nem me incomodei em passar o botão pelo buraco.

Eu estava fora do carro em segundos, batendo a porta atrás de mim, alongando meu passo para a porta da frente para cortar a distância. Logicamente, entendi que precisava conversar com ele sobre o convite de Ambideaux - sobre o ultimato que Nat havia me dado - mas Lincoln nunca deixou de me fazer perder de vista tudo, menos ele.

E como ele disse, se eu quisesse alguma coisa, então eu precisava aceitar.

Eu escolhi levá-lo, colocando todo o resto em segundo plano, mesmo que apenas por algumas horas.

Ele abriu a porta. Empurrou largamente. Me levou para dentro com uma mão nas minhas costas. Rapidamente, eu folheei o espaço: uma sala de estar que se abria para o que tinha que ser a cozinha através de uma porta.

A mão de Lincoln deslizou da base da minha espinha até o espaço entre as minhas omoplatas. "Vá sentar no sofá."

Ele não teve que me dizer duas vezes.

Eu avancei, dando a volta em uma pequena mesa lateral e me sentei no

centro da seção. Imediatamente me abaixei para tirar meus sapatos, jogando-os para a direita, enquanto Lincoln se abaixava para a única cadeira em frente.

"Eu sinto que você está um pouco longe." Fiz um sinal para o espaço entre nós, em seguida, falei: "Você é grande, sargento, mas não *tão* grande."

Sua boca se contorceu com a minha insinuação, mas ele não reagiu de outra maneira.

Em vez disso, ele se acomodou em seu assento, com as pernas bem abertas naquele jeito masculino que parecia fazer parte da composição genética de um cara. Seus antebraços pousaram nos braços, como se estivesse sentado em um trono.

"O porão atende a todos," ele murmurou. “Não importa o que você tenha, eles cuidarão muito bem de você. É a razão pela qual eles têm uma lista de espera de um quilômetro de comprimento.”

Eu engoli em seco. "Você tem uma fantasia que eu deveria saber, sargento?"

Ele sorriu, só um pouco. "Eu gosto de estar no controle."

"Certo." Eu balancei minha cabeça em um aceno de cabeça. “Eu estava pensando mais nas linhas de... como chicotes ou correntes ou algo assim."

"É isso que você quer? Ser chicoteada?"

Eu rolei a imagem na minha cabeça. Descartando no segundo pensamento. "Não. Tenho certeza que é... Diversão. Mas eu apenas..."

"Não é para você."

"Não."

"Eu passei uma boa quantidade de tempo no porão, quando eu era muito jovem para fazer qualquer coisa mais do que sentar e assistir." Ele se abaixou, agarrou a bainha de sua camisa, e puxou-a para cima e sobre a cabeça. Foi a primeira vez que tive a oportunidade de ver sua parte superior do corpo em plena luz do dia, e era...

Brutalmente selvagem.

Tanto o poder que existia em seus músculos fortemente amarrados quanto as tatuagens que estavam cobertas em sua pele.

*Não,* eu pensei enquanto olhava para ele, *ele era lindo.*

Com suas cicatrizes e suas tatuagens, ele parecia um homem que passou pelo inferno e saiu do outro lado. E quando ele falou, sua voz era um timbre áspero, tudo em mim estava apertado com desejo.

“Cicatrizes muitas vezes refletem o que uma pessoa sofreu em sua vida passada. Um homem que nunca teve a oportunidade de falar sua verdade, por exemplo, pode achar que ele gosta de usar algo durante o sexo que limita seus vocais.”

Como Zak Benson.

Eu abri minha boca, preparada para mencionar isso exatamente, mas Lincoln continuou, seu olhar impossivelmente astuto. "Eu diria que isso vale para você também."

"O que?"

“Minha mão em volta do seu pescoço, querida. Anos de manter seus segredos e nunca contar uma alma." Ele se levantou, então. Veio pela parte de trás do sofá até que ele estava lá, atrás de mim, seus braços envolvendo-se como bandas ao redor do meu corpo enquanto ele se inclinava sobre o encosto do

sofá. "Você não tem ideia do quão molhada você fica no segundo em que meus dedos tocam você aqui."

As pontas de seus dedos roçaram a parte inferior do meu queixo.

Minha boceta apertou, e eu odiava que eu fosse tão transparente.

"Nem tudo é sobre chicotes ou correntes," ele secou, os dedos dele correndo, sobre o meu peito, passando pela minha barriga, até que eles estavam descansando no cós do meu jeans. Minha respiração ficou presa quando ele silenciosamente me encorajou a tirar o jeans.

Eles foram embora em um piscar de olhos. Chutado para o lado.

E sua mão estava me empurrando gentilmente para a frente, até que eu estava sentada na beira da almofada do assento.

Eu torci minha cabeça para olhar de volta para ele. "Lincoln?"

Meus olhos se arregalaram quando percebi que ele tinha tirado as calças também. Ele estava totalmente ereto, totalmente nu e eu estava totalmente na luxúria. Firme como um atleta, ele pulou a parte de trás do sofá e caiu no espaço atrás de mim.

Atingido para frente para me agarrar nos quadris e me puxar de volta para ele.

*Oh Deus.*

Apesar do tecido fino da minha camisa, eu podia sentir seu pau como uma marca nas minhas costas. Podia sentir o calor irradiando de sua pele enquanto seus braços me envolviam, mantendo-me perto.

Eu estava cercada por ele.

Seu calor.

O poder dele.

Ele roçou meu lóbulo da orelha com sua língua, enviando arrepios disparando pelos meus membros.

"Devemos ver como você está molhada?" Ele brincou.

"*Sim.*"

Rindo, ele pressionou um beijo no meu ombro. "Continue."

Eu engoli em seco. "O que?"

"Tome o que você quer, Avery." Apertando minha mão na dele, ele colocou na minha coxa. “Eu vou te dar o que você quer... mas eu quero ver você primeiro."

*Oh Deus.*

O meu coração bateu no meu peito, tão forte que fiquei surpreendida por não o termos ouvido. Uma coisa era me tocar no porão, quando eu não estava sozinha. Outra coisa é fazer tudo sozinha.

Borboletas tomaram vida na minha barriga. Eu flexionei minha mão sob a dele, então trouxe para o ápice das minhas coxas.

"Menina corajosa." Sua respiração quente agitou meu cabelo e eu o senti endurecer ainda mais contra as minhas costas.

Eu queria ser aquela garota corajosa, do jeito que eu era em tudo na vida, mas nunca aqui. Nunca com um homem. Deixando minha cabeça cair de volta nos planos duros de seu peito, olhei para a minha mão como se fosse de outra pessoa, mas não minha.

Aqueles dedos se enrolaram, o meio procurando meu clitóris. Estava inchado ao toque e eu estava no limite. O leve roçar do meu dedo enviou meus dedos do pé cavando no tapete e minha mão livre foi para a coxa de Lincoln, onde minhas unhas esculpiam em sua carne.

"Porra, sim," ele rosnou atrás de mim.

A luxúria clara em sua voz me excitou. Eu mergulhei meu dedo, deslizando ao longo da minha fenda, traçando a minha entrada. Meu núcleo apertou, e eu levantei meu polegar para circular meu clitóris enquanto eu provocava minha boceta.

Havia algo inebriante em tocar para ele dessa maneira, como se eu tivesse o prazer dele, ditado seus fluxos e refluxos. Lincoln Asher era um homem que gostava de estar no controle, mas o que aconteceu quando ele perdeu?

Um sorriso cintilou ao longo dos meus lábios, e eu joguei minha cabeça para trás em retaliação. Eu daria a ele o que ele queria, mas seria em meus termos. Não dele.

"Oh, meu Deus," eu gemi, deslizando um dedo para dentro, enrolando-o apenas para que quando eu gritasse, era tudo muito real. Fazer um show para Lincoln pode ser o melhor tipo de performance que eu já participei - literalmente.

Liberando sua perna, eu deslizei minha palma da minha barriga até o meu peito esquerdo. Tocando o mamilo sobre a minha camisa. Dedos empurrando para baixo, eu subi a perna esquerda e coloquei sobre a sua, espalhando-me bem.

"Cristo," ele grunhiu, suas mãos pousando nos meus quadris. "Não pare."

Eu não parei.

Puxando meus dedos da minha boceta, eu espalhei essa umidade sobre o

meu clitóris inchado. Esfregando em pequenos círculos incessantes até que minha visão se turvou e eu estava ofegando por alívio. Alívio que Lincoln estava determinado a adiar, como se estivesse se punindo tanto quanto estava me punindo.

Ele me moveu para frente, sua ereção deslizando entre as bochechas da minha bunda.

Foi um choque, o peso dele, o calor de seu pau ali.

Todas as palavras fugiram do meu cérebro. Minha mão deixou minha buceta para pousar em seu joelho. Usando-o como alavanca, eu levantei e caí, precisando da pressão de seu pênis, mesmo que ele não estivesse dentro de mim.

Eu queria que ele perdesse o controle, e eu não pararia até que ele fizesse.

Virando-me, eu montei seus quadris e afundei meu peso em seu corpo. Envolvi uma mão atrás de mim enquanto circulava meus dedos ao redor de sua ereção e esfregava a ponta ao longo da minha fenda. Lá em cima eu fui roçando seu pau com nada além da sugestão tentadora do que estava por vir. Abaixo eu vim, a ponta *me* provocando, esfregando-se contra o meu clitóris e fazendo minhas pernas se contorcerem.

Era sedução em sua melhor forma, e os olhos azuis de Lincoln eram selvagens.

Seu peito subiu e desceu com pequenas respirações, e seus dedos se curvaram nas bochechas da minha bunda. "Puta merda," ele grunhiu duramente. "Eu preciso de um preservativo. Avery, eu preciso..."

Eu me inclinei com um beijo curto em sua boca. E então eu disse: "Eu acho que você pode sofrer um pouco mais, sargento."

Se o seu olhar tinha sido selvagem antes, não era nem perto de agora.

Ele saiu do sofá, eu em seus braços, no estilo de noiva.

"Eu estou chamando isso de um presente." Suas narinas se abriram quando ele chutou aberto o que tinha que ser a porta do seu quarto antes de me deixar na cama. "Eu estou no comando."

Meus dedos mergulharam entre as minhas pernas novamente depois que tirei minha camisa, e com certeza, seus olhos azuis seguiram o caminho da minha mão como um homem faminto. “Não,” eu disse. “Eu acho que é seguro dizer que *eu e*stou.”

Seu grande corpo parou como se ele estivesse catalogando o que eu disse.

E então ele entrou em ação e eu não tive chance.

Minha bunda estava no ar, minhas mãos presas aos meus lados, meu rosto plantado nos lençóis. Ouvi o som de papel alumínio e depois uma gaveta batendo com tanta força que tive certeza de que ele havia derrubado a mesinha de cabeceira.

A cabeça bruta de seu pau se alinhava com a minha entrada.

"Você virá quando eu deixar você gozar." Sua palma alisou sobre a parte inferior das costas, mantendo-me em posição. "Você entende? Se eu quiser adiar o seu orgasmo até que você esteja chorando, você estará tão desesperada por alívio, eu vou deixar."

Virei a cabeça, o nariz farfalhando com o algodão e zombei: "Parece que você pode provar que não é um homem de cinco minutos."

Sua mão desceu na minha bochecha direita. Foi prazer e dor, tudo misturado em um, e minha pele ficou em chamas quando ele se afastou e fez de novo. Eu mordi de volta um grito, apertando meus dentes inferiores, enquanto eu punha os lençóis e me impedia de implorar por mais.

Eu queria Lincoln como tudo o que ele era: áspero, selvagem, dominante.

Eu empurrei minha bunda contra ele, silenciosamente desafiando-o a fazer o seu pior.

Ele empurrou dentro de mim um momento depois, e eu soube então que ele não tinha me dado o pior, mas apenas o seu melhor. E ele apoiou minha teoria quando ele saiu e se enterrou ao máximo.

Oh.

Meu.

Deus.

Eu abafei meu grito nos lençóis, incapaz de me impedir de empurrar para trás para encontrá-lo. Eu ansiava por ele como nenhum outro. Queria ele como nenhum outro. E então ele estava arrastando a mão pelas minhas costas, fazendo-me arquear minha espinha como um gato espreguiçado ao sol. Sua palma deslizou sobre uma bochecha e eu me preparei para a dor, pelo desejo, pelo jeito que minha boceta apertou em excitação e antecipação e desejo.

Sua mão nunca se conectou com a minha bunda, não do jeito que eu esperava. Em vez disso, ele abriu minhas bochechas e...

Engoli. Segurando o lençol.

Seu polegar circulou a borda enrugada da minha bunda, e eu não sabia se pedia mais ou corria na direção oposta.

Mas seu pau continuou me atingindo no ponto certo e a pressão - oh, Deus, a pressão - de seu polegar parecia insanamente boa. Ele circulou lá, assim como ele faria com o meu clitóris, e eu gemi tão alto que eu tinha certeza que eles ouviriam na cidade.

"Sua buceta é minha," Lincoln rosnou. "Sua bunda é minha."

Eu gritei com as pressões alternadas de seu pau e a passada macia de seu polegar. Esforcei-me para recuperar o fôlego quando me afastei: "Você está a três minutos, sargento. Q-quase lá."

*Eu* estava quase lá.

Eu estava em espiral em um abismo que eu nunca soube que existia, viciada na sensação dele dominando meu corpo como se ele realmente possuísse o meu prazer. Dito isso, assim como ele ordenou sobre todos os policiais em sua unidade.

Prazer varreu sobre mim, meu cabelo caindo em meu rosto, meus seios sensíveis esfregando contra os lençóis.

A pressão aumentou, seus golpes mais insistentes, seu polegar mergulhando para que eu o sentisse ao longo da minha fenda enquanto seu pau continuava a me penetrar. E então a pressão na minha bunda estava lá novamente, mais pesada.

Eu não conseguia respirar. Não podia pensar.

Lincoln chegou ao redor, sua mão livre indo para o meu clitóris, circulando com dois dedos. Me amarrando com tanta força que o senti em todos os lugares, ouvi seus gemidos profundos e a maneira como ele disse meu nome como se eu tivesse sido feita para ele.

Como se ele tivesse sido feito para mim.

Outro círculo de seus dedos no meu clitóris, outro impulso de seus quadris, e eu gozei, tremendo tanto que não havia nada que eu pudesse fazer além de aproveitar o passeio. Minhas pálpebras se fecharam, e eu senti Lincoln cair atrás de mim, seu ritmo acelerando, suas mãos nos meus quadris enquanto ele me

fodia.

Ele gozou, gemendo meu nome, me colocando debaixo dele enquanto nós acidentalmente rolamos para fora da cama e para o chão. Eu joguei minha cabeça para trás com uma risada, a base do meu crânio conectando com o lado do colchão.

Lincoln riu, seus olhos azuis em mim. "Não foi o grand finale que eu estava esperando."

Sem vergonha, olhei para o seu pau. “Tudo que eu preciso saber é... se minha buceta pertence a você e minha bunda pertence a você, eu consigo possuir *isso*?"

Como se estivesse ciente de que ele estava em discussão, o pau de Lincoln se contraiu. “Todo seu, querida. Ele é todo seu."

Roubando um grande fôlego em meus pulmões, observei-o subir de joelhos e depois seguir em direção ao pequeno caixote de lixo no canto da sala.

"Nós fizemos uma bagunça." Eu preguiçosamente chutei as gavetas que tinham caído da mesa de cabeceira. "Uma bagunça total." Havia um baralho de cartas no chão, uma tira de pacotes de preservativos, uma garrafa de Advil e...

Meu coração parou.

Movendo-me de joelhos, inclinei-me para a frente, meus dedos segurando a pulseira que estava misturada com o resto de todo o resto. Eu conhecia esta pulseira. Isso pertenceu a mim uma vez. De volta antes que mamãe morresse e eu saísse correndo de casa. Quando eu estava feliz.

"Lincoln." Minha voz estava rouca, e eu limpei. Ignorei o zumbido nos meus ouvidos e tentei novamente. "Lincoln, onde você conseguiu isso?"

# 22

## *Lincoln*

"Lincoln, onde você conseguiu isso?"

Eu estava fodido, não importava de que maneira eu olhasse para isso.

Mentiras se emaranham na minha garganta, cada uma exigindo sua própria chance de suavizar a situação e colocar tudo de volta aos seus direitos.

Os direitos seriam Avery e eu na cama juntos, ela encostada ao meu lado enquanto eu deslizava minha mão para cima e para baixo em seu quadril e memorizava cada mergulho e curva.

Cristo, eu precisava de calças para esta conversa.

Com o meu pau ainda meio duro, eu vasculhei o chão do meu quarto em busca de um par perdido - então me movi rapidamente em direção aos meus armários e puxei a segunda gaveta aberta. Eu joguei uma camiseta de volta para Avery, então vesti uma calça de moletom nas minhas pernas.

Isso tem que servir.

"Lincoln," disse Avery, seu tom naturalmente gutural elevando o suficiente para eu saber que ela estava tentando segurá-lo juntos. Aquele espaço no meu peito - que eu sempre assumi estar vazio e morto - deu uma piedade ao som. “Onde você conseguiu essa pulseira? Não minta. Por favor, não minta."

Eu não mentiria.

Mas ela também não gostaria da verdade.

Mãos nos meus quadris, eu a encarei. Sentiu o olhar tenso em sua expressão como um soco no estômago. Se eu fosse alguém além de mim, aquele olhar em seu rosto teria me deixado de joelhos. Eles vacilavam agora de qualquer maneira quando eu olhei em seus olhos cor de avelã e me entreguei: “Do túmulo da sua família.”

As palavras eram como uma marreta até os joelhos.

Eles desistiram sem aviso, e sua bunda bateu no colchão um momento depois. Ela não puxou a camisa por cima da cabeça - não fez nada além de ficar sentada ali, o peito subindo e descendo ritmicamente, os dedos dos pés descalços curvando-se no chão do carpete como se estivesse a segundos de sair desse quarto.

Ela estava nua, exposta.

E, desta vez, fui o único responsável pela devastação que revestiu seus traços.

"Eu não entendo," ela sussurrou com voz rouca, a camiseta emaranhada entre os dedos enquanto ela punha as mãos no colo. “Você foi lá recentemente? Depois de descobrir quem eu era? Quem eu sou?"

Em dez segundos, talvez menos, ela me odiaria.

Eu experimentei minha própria fatia de devastação, então. Meu punho veio para esfregar meu peito, diretamente sobre o meu coração, onde seu número estava tatuado. Eu desejei... porra, mas eu gostaria que tivéssemos sido outras pessoas além de quem nós éramos. Que eu a conheci em um restaurante ou em um encontro às cegas ou em *qualquer* outro *lugar* além da nossa verdadeira realidade.

No final do dia, porém, *essa* era a nossa realidade.

"Eu fui lá uma semana depois que eles colocaram seu corpo para descansar."

Seus lindos olhos cor de avelã se arregalaram, a cor se esvaindo de seu rosto. "Não."

Foi tudo o que ela disse, e isso cavou a faca de culpa mais profundamente no meu peito do que se ela tivesse me pedido para me repetir.

Eu estava tão arrependido, muito, e vendo sua expressão destruída privou-me das minhas emoções. Eu estava pendurado em um precipício onde fui de um homem que ela achava que podia confiar para o inimigo.

*Agora ela sabe o que o resto da cidade sabe sobre mim.*

Eu nunca fui um bom homem. Nunca fui um herói. Eu vivia na escuridão e confiava na violência para transmitir meu ponto de vista.

E eu nunca me odiei mais.

Sabendo que isso só pioraria a situação, tentei explicar. Minha língua estava inchada, e quando eu falei, era uma bagunça caótica e confusa. “A criança, *adolescente* que Ambideaux me mandou matar... Não há uma boa maneira de eu dizer isso. Eu queria que houvesse. Eu queria ser outra pessoa, e não o homem que..."

"Não."

Ela se levantou da cama, deslizando minha camisa sobre a cabeça enquanto se movia ao meu redor.

Eu não podia deixá-la ir. Me chame de idiota, um bastardo como meu pai, mas eu não podia deixá-la sair. Antes mesmo que eu percebesse que eu tinha feito isso, minha mão estava trancada em torno de seu braço, arrastando-a de

volta. Mantendo-a de fugir, de *me* deixar.

*Por favor não me deixe.*

Desesperado. Patético. Mas para um homem como eu - um homem que viveu sem luz por tanto tempo - eu não estava disposto a deixar essa relação cair em uma bola de fogo sem tentar consertar isso.

"Avery, por favor..."

Ela olhou para o meu braço como se fosse a fonte da próxima peste bubônica. Seus lábios puxaram para trás, as narinas queimando, e então ela afastou bruscamente. Saiu do meu alcance. “Você não era o homem que matou minha mãe. Eu sei que você não era... suas vozes não são as mesmas."

"Não. Eu não tenho ideia de quem era, mas posso garantir que não fui eu." Não querendo assustá-la, dei um único passo em sua direção. Minhas mãos subiram como se ela fosse um potro aterrorizado. "A culpa me comeu vivo por anos," eu murmurei. "Que eu tinha afundado tão baixo em minha própria vida que eu considerei, mesmo por um segundo, tomar..."

"Por tirar a minha vida?" Avery balançou a cabeça com uma risada amarga. "É aqui que eu agradeço por não colocar uma bala na minha cabeça?" Suas mãos pousaram no meu peito e empurraram sem sucesso.

Eu tomaria qualquer castigo que ela distribuísse.

Era minha penitência. Minha redenção.

Minhas mãos envolveram seus pulsos, meus polegares parando sobre seu pulso. “Você foi uma marca, uma maneira de Jason revidar em Foley. A mesma marca que, não apenas alguns dias atrás, você me consolou.” Eu a empurrei, aproximando meu rosto do dela. “Eu sei que é diferente trocar a criança desconhecida por *você,* mas eu não sabia quem você era. Ou por que Jason teve

um tesão por seu padrasto. *Eu não sabia.* "

Seu lábio enrolado. "Então o *que* você sabia?"

Este não era o jeito que eu planejava contar a ela sobre Foley e o caso, mas se eu não ficasse limpo do começo ao fim, nunca haveria outra oportunidade. Apertando meus olhos fechados, eu exalei pelo nariz e procurei a calma que estava rapidamente me escapando.

"Foley gosta de garotas adolescentes." As palavras soaram tão clínicas, muito difíceis, e eu tentei novamente. “Jason... ele estava chateado com Foley. Ele o odiava há *anos,* e suspeito que ele sabia que, se você fosse morta, isso mandaria Jay em uma pirueta que ele nunca se recuperaria. Eu posso estar errado - é especulação da minha parte, reunida a partir de informações que reuni nos últimos anos. Rumores que ouvi. *Histórias que me contaram."*

Avery olhou para mim, seus olhos vítreos e sem foco. "Ele estava obcecado com a minha mãe."

“Talvez fosse uma fachada...”

"Não!" Sua garganta trabalhou com um gole áspero. “Você não entende - ele era *obcecado* por ela. Cozinhando seu café da manhã diariamente. Sempre voltando para casa com esses pequenos chocolates que ela podia comer na caixa. Não havia nada que ele não fizesse por ela. Até que ele a matou."

Porra, eu odiava ver a dor em seus olhos. Eu queria envolvê-la em meus braços, mas não era a hora certa. *Se será o momento certo novamente.*

"Avery, estou lhe dizendo que estive nas trincheiras, tentando esclarecer isso nos últimos anos. Tentando prendê-lo atrás das grades pela merda que ele fez com essas garotas. Nenhuma delas se apresentará para testemunhar. Nenhuma delas vai dizer *merda,* mas todos elas admitiram ter

dormido com Foley. Cada uma."

"Quantos anos?"

Meu coração bateu contra a gaiola do meu peito, como se eu estivesse em um carro indo de oitenta para cem em menos de trinta segundos. "O que?"

“Quantos anos elas tinham? Essas garotas com quem você conversou?" Ela não mencionou o caso ou o depoimento, e eu tive a sensação de que ela estava tentando priorizar todas as informações que eu estava vomitando como uma peneira quebrada.

Ela era a pessoa mais forte que eu conhecia, e me fez pensar que as experiências da vida a haviam moldado dessa maneira. Que ela poderia compartimentar suas próprias emoções, a fim de se concentrar na conversa em mãos.

Eu já a chamava de corajosa antes, mas era bastante óbvio que “corajosa” era uma subestimação grosseira.

Liberando-a, eu enfiei meus dedos pelo meu cabelo. "Todas as idades. A mais nova tinha dezesseis anos. Duas, sim. Duas delas tinham dezesseis anos."

Avery parecia estar trabalhando através de algo em sua cabeça - a boca se movendo, embora nenhuma palavra aparecesse, e ela passou por mim para ir para a sala de estar. Eu a segui, tentando entender onde o cérebro dela estava indo.

Eu era policial e até me perdi.

"Aparência," ela perguntou quando ela empurrou um pé em seu jeans, em seguida, fez o mesmo com o outro. "Como todas elas se parecem?"

"Jovem. Jovem, eu não sei, Avery. Onde diabos você está indo com isso?"

Mãos no botão de seus jeans, ela se virou para mim novamente. "Elas pareciam comigo?"

Uma vez que nenhuma das garotas estava disposta a registrar ou até mesmo se manifestar, meu banco de dados com suas informações era pequeno. Praticamente inexistente. Eu estava correndo em vapores há anos, tentando fazer um caso que ninguém queria levar para o tribunal além de mim.

Mas eu era um homem obcecado com a redenção. Vingança. Isso me levou a todos os dias, era a força que me acordou de manhã, e era a razão pela qual eu quase não dormi.

"Elas não têm cabelos escuros como você," eu disse. "Inferno, eu não sei. Talvez algumas tinham, mas era claramente tingido. As alturas estavam em todo lugar, sem nenhum tipo de similaridade ali. Olhos... eu não lembro, caralho."

"Ele costumava foder Nat," disse ela quase de um jeito meio fora de mão. "E chamá-la de 'Catherine' quando ele fez isso. Ela não é loira, mas um homem assim... um homem como Jay não mata a esposa sem motivo ou dorme com garotas porque pode." Ela balançou a cabeça, depois se moveu para enfiar os pés nos sapatos. "Não, um homem assim aperta qualquer uma que ele possa, e finge que elas são todas sua querida esposa."

"Quem ele *matou*."

“Às vezes as pessoas boas fazem coisas ruins.” Com uma sobrancelha levantada, ela disse: “Quero dizer, eu tecnicamente concordei em matar *você*, mas não acho que sou uma pessoa má.”

# 23

## *Avery*

No minuto em que as palavras saíram, e registrei o olhar de traição de Lincoln, desejei poder colocá-las de volta em minha boca.

Sim, ele uma vez foi enviado para me matar, mas isso foi há muito tempo.

Eu aceitei a oferta de Nat na semana passada.

Não importava muito o fato de eu nunca ter planejado seguir, que eu só tinha entretido a ideia por um período tão breve que mal contava. Porque em algum lugar ao longo do caminho... Lincoln roubou meu coração.

Eu não sabia nada sobre amor - tinha passado anos sem sequer vislumbrar isso.

Mamãe, uma vez, me embalou para a cama falando sobre a linguagem do amor. Lembrei-me pouco das palavras que ela usou ou das histórias que ela contou, mas eu nunca fui capaz de esquecer o calor que irradiava de sua voz enquanto ela murmurava em meu ouvido e fazia cócegas em meus lados para arrancar risos da sua filha de seis anos de idade.

No minuto em que ouvi o tiro que a tinha roubado de mim, aquele calor e alegria foram substituídos por medo, isolamento, vingança.

Até que Lincoln entrou na minha vida, a minha versão da linguagem do amor englobava ruas escuras e até segredos mais obscuros. Então ele me tocou, e eu fiquei viva, ofegante, querendo, minha pele em chamas com o calor e meu peito ressoando de tanto rir.

E talvez fosse só que o órgão estúpido no meu peito estava tão desesperado por carinho que eu estava fazendo mais das minhas emoções do que deveria.

"Lincoln," eu sussurrei, odiando o modo tumultuoso como ele me olhava, como se ele estivesse dividido entre reagir fora de seus instintos básicos e me matar antes que eu acertasse primeiro ou desmoronando bem ali antes de mim. "Eu estou dizendo a você agora que eu não tinha planos para..."

"Quem," ele disse, olhos azuis trancados no meu rosto com uma intensidade que era quase profana. “E não minta, Avery. Quem diabos colocou você nisso?"

Desde a primeira vez em que nos conhecemos, nunca tive medo de Lincoln.

Eu estava cautelosa. Eu suspeitei de sua atenção.

O medo nunca havia entrado na equação - até agora.

Raiva irradiava dele, fazendo o branco de seus olhos mais brilhantes, seus músculos mais duros, o que por sua vez só o fazia parecer muito maior. Mais imponente.

Com meus dedos emaranhando em sua camisa, que pendia para as minhas coxas, eu recuei com medo. "Isso importa?" Eu perguntei, não porque eu quisesse proteger Nat, por qualquer meio, mas porque eu não tinha passado por isso.

*Assim como ele não passou matando você.*

Nós éramos duas peças para um quebra-cabeça construído muito antes de entrarmos na equação.

"Foi Nat?" Ele exigiu. "Hampton?"

"Deixe-os implodir."

Olhos azuis atrevidos viraram em minha direção, e eu desprezei a luta interior que eu vi lá. Meu coração se contorceu ao ver sua dor, seu ódio, que tanto espelhou o meu.

"Deixe os dois implodirem," eu disse novamente, a voz reunindo forças. “Eu peguei uma carta para você, no primeiro dia em que nos conhecemos. O presente que você não queria saber. Foi Crueldade, Lincoln.” Ao redor dos meus ombros, aproximei-me dele com cautela. “Crueldade é um jogo mental. Ele está se dirigindo para o chão, nunca se permitindo avançar. Você está preso no mesmo ciclo. *Estou* presa no mesmo ciclo."

No peito, ele cortou o contato visual. “As cartas significam merda. Esta é a vida real, Avery. E, na vida real, você não fica sentado esperando ser apanhado enquanto sua guarda está abaixada. Não é assim que isso funciona."

"Então o que você vai fazer? Apenas *entrar* em suas casas e matar todos eles?” Eu seria a primeira a admitir que eu passei anos querendo a mesma coisa, mas a partir do olhar no rosto de Lincoln... Não era quase a mesma coisa.

Ele estava em espiral. Recuando de volta para a violência que havia sido enraizada nele desde a infância. E pareceu uma greve do destino que eu percebi... Eu não pude fazer o mesmo. Eu queria o amor que minha mãe me sussurrou com tanto fervor. Eu queria viver, minha consciência clara, sabendo que eu havia tomado o caminho para a minha redenção. Através dos tribunais, do jeito que eu deveria ter feito há muito tempo, se eu não estivesse tão com medo da minha própria sombra.

*Seja corajosa.*

*Seja ousada.*

Minha mãe havia me guiado por anos agora, e eu nunca tinha escutado as batidas furiosas de ódio que ferviam como veneno em minhas veias.

Eu tive que ouvir essa orientação agora.

"Vou testemunhar." Apertando a mandíbula, engoli meu medo e pisei na frente de Lincoln, para que ele não tivesse escolha a não ser olhar para mim. “O que quer que você precise prender Jay pelo que ele fez, eu aprovarei. Ele nunca me tocou, mas matou minha mãe e pode apodrecer no inferno por isso."

Coração pegando na minha garganta, eu gentilmente toquei o peito de Lincoln. Sobre o coração dele. Sobre os números e datas que refletiam uma vida de horror e morte. Em algum lugar em toda aquela tinta, eu suspeitava que ele havia marcado minha morte com um número também.

"Diga-me o que você precisa que eu faça," veio meu sussurro. "Diga-me, e eu farei."

Olhos azuis duros caíram nas pontas dos meus dedos nos planos ainda mais duros de seu peito. E eu sabia disso - eu sabia antes mesmo de ele falar - que esse não era o meu Lincoln, o homem que me levou ao orgasmo e me protegeu de qualquer pessoa que ousasse representar uma ameaça à minha segurança.

“*Lincoln*, vamos lá. Não seja impulsivo. Pense claramente. Eu..."

Ele se virou, deixando a minha mão para suspender no ar, sempre agarrando um fantasma.

Minha mãe.

Minha identidade.

Ele, um homem que estava diante de mim, embora os fantasmas de seu

passado ainda estivessem afogando-o.

"Eu preciso que você fique aqui."

Meu queixo caiu. "Você está falando sério? Você não vai me *deixar* aqui enquanto faz tudo..."

"Você é uma responsabilidade." Sem esperar para ver se eu iria seguir, ele caminhou pelo corredor. Olhando em seu quarto.

Eu segui como um cachorro, mergulhando no quarto um batimento cardíaco depois dele. "Como diabos *eu* sou uma responsabilidade?"

Ele tirou o seu moletom. Nu como o dia em que nasceu, ele abriu o armário e começou a tirar as roupas escuras. Calça. Camisa de manga comprida. Botas. Uma por uma, ele as puxou - mas não antes de se armar. Sua faca de trincheira, suas duas armas.

Um arsenal ambulante, sempre e para sempre.

Meu olhar foi para os lençóis amarrotados, e então a fúria desalojou todo o resto enquanto eu respondi: "Eu não sou uma responsabilidade, sargento. Eu posso cuidar de mim mesma. Eu não sou..."

"Você é uma responsabilidade para *mim*." As palavras quebraram o quarto silencioso como um trovão. “Eu não consigo pensar direito quando você está perto de mim. Se se tratasse de fazer um movimento contra Jay ou protegê-la, eu escolheria você. Cada. Maldita. Vez."

"Então porquê..."

Sua boca desceu sobre a minha, roubando minha fúria e me dando a sua própria em troca. O beijo foi brutal, sem romantismo, uma estaca de reivindicação e posse - mas quem estava reivindicando quem... Eu não sabia

mais.

Rasgando, seus olhos azuis brilharam com o calor. “Eu não mereço você, Avery. Você é... Você é luz onde eu sou escuridão.” Ele balançou a cabeça, uma risada irônica escapando de seus lábios. "Eu escolhi a carta de Domínio para você, e eu vou fazer isso acontecer."

"E você?" Eu trabalhei para fora, uma vantagem para a minha voz.

"Você escolheu a Morte para mim, lembra?" Ele gentilmente me cutucou para o lado, saindo da sala. "Fique aqui." Um olhar por cima do ombro revelou um toque de humor sádico em seu olhar. "Uma vez eu perguntei se você sabia como obedecer - aqui está sua chance de provar que você pode seguir uma ordem."

A batida da porta da frente coincidiu comigo tirando meu queixo do chão de sua arrogância.

E mesmo que ele tivesse ido embora, e a casa estivesse vazia, minha alma se partiu de qualquer maneira, soltando minha raiva de uma forma que eu sempre mantive trancada por dentro antes.

"Eu menti!" Eu gritei para ninguém. "Eu *menti*!"

A morte era para ser o seu novo começo, *não* uma missão suicida que o levaria a um túmulo comigo, lamentando ainda outra pessoa que eu amava ter sido tirada de mim cedo demais.

O homem achou que ele era invencível.

Ele não era.

Nunca seria.

Mas eu seria amaldiçoada se eu deixasse alguma coisa acontecer com ele.

*Seja corajosa.*

*Seja ousada.*

Não havia outra escolha.

# 24

## *Lincoln*

Raiva tinha sido meu maior motivador.

Isso governou meu coração. Isso sabotou minhas esperanças por algo mais do que a vida que eu vivi. Ela envolveu suas garras em torno dos meus tornozelos e me arrastou de volta para as chamas sempre que algo bom entrava no meu mundo.

Avery era aquela fatia de bem - e como todos aqueles que vieram antes dela, ela foi forçada a tomar a decisão entre me levar para fora ou me deixar viver.

Ao contrário dos outros, ela me deu a vida.

Mas essa era a coisa sobre a raiva. Era difícil de abalar. Mais difícil de ignorar. E quando abri a porta da Whiskey Bay, a raiva foi a única força que me levou para a frente.

"Asher?" Disse uma voz familiar à minha esquerda. “Cara, eu vou ser honesto, você não é mais aceito aqui agora. Nat não vai querer ver seu rosto, então eu vou dar o fora...”

A sentença de Kevan morreu quando minha mão envolveu sua garganta.

Nossos olhos se encontraram.

Medo rodou nele, e suas mãos subiram para agarrar a minha mão, o desespero fazendo cada movimento desleixado. Unhas arranharam minha carne. Sua boca se abriu e ouvi seu ofego irregular. Notei o avermelhamento em suas

bochechas enquanto eu o mantinha suspenso a uma polegada do chão.

Meu aperto nunca diminuiu.

"Você vai me deixar lá em cima." Silenciosa, letal, minha voz mal alcançou um tom alto o suficiente para chamar a atenção para nós. A multidão da Birkenstock estava muito preocupada com as mulheres dançando para olhar em nossa direção. *Perfeito.* Empurrando Kevan perto, nossos narizes quase roçaram. "Você diz a Nat que eu estou aqui e eu vou terminar o que eu comecei." Meu olhar caiu para a minha mão em torno de sua garganta em uma ameaça clara. “Não me foda, Kev. Isso nunca acaba bem.”

Lábios se retorcendo, sua língua saiu para molhar o de baixo. "P... por favor..."

“É um sim ou um não. Você me deixa lá em cima e não lhe diz nada. É assim que essa merda vai acontecer.”

Sua cabeça balançou, dedos lutando para comprar, e eu deixei cair um suspiro depois.

Pernas tremendo, suas mãos ficaram de joelhos enquanto ele se arrastava no ar. "O... o que diabos está *errado* com você?"

Em um raro momento em que Nat não tinha mostrado explicitamente seu ódio por mim, ela uma vez bagunçou meu cabelo e brincou: “Lincoln, nosso assassino residente.”

Isso foi antes de eu ter assassinado o irmão dela no comando de Ambideaux.

Antes dela e Jason se separarem e depois se divorciarem.

Antes que ela pedisse a Avery que cuidasse das honras e acabasse com a

minha vida.

Durante vinte e sete anos ela esteve no meu pescoço, esperando por qualquer oportunidade de me jogar debaixo do ônibus e me ver sofrer. Eu estava farto de jogar pelas regras. Farto de deixá-la ter a vantagem porque ela não tinha um pau e deveria ser deixada sozinha.

Eu não a mataria - ela não era digna de ser retirada rapidamente - mas eu faria sua vida um inferno.

Eu virei meu olhar para Kevan, que sempre foi o fodido capacho de meio-período de Nat quando ela não estava ocupada trepando com dignitários como um show em tempo integral. "Destrave a porta para o porão."

Ele riu, o som brusco e oco. "É a sua cabeça ou a minha, se eu fizer isso, Ash, e eu gosto da minha exatamente onde..."

Ele não viu isso chegando.

Meu braço em volta de seu peito magro, o outro preso em sua boca para impedi-lo de gritar e fazer uma cena. Eu conhecia Whiskey Bay com a palma da minha mão, e arrastei seu corpo para trás, para trás, para trás, até que estávamos abrigados em um armário lateral repleto de material de limpeza.

“Eu espero que ela te mate por essa merda. Você não é melhor que Jason...”

Suas palavras morreram com o meu punho colidindo com sua bochecha. A cabeça girando para a esquerda, um grunhido se soltou de sua boca - e eu não perdi a ironia com essa pequena configuração. Ambideaux fez o mesmo comigo em minha casa. Tinha me empurrado para uma cadeira e tentou me quebrar.

Eu não estava tentando quebrar Kevan. Não estava tentando matá-lo também.

Mas eu seria amaldiçoado se ele arruinasse a minha chance de pegar Nat sem saber.

Pegando um cordão de veludo de uma prateleira, eu virei Kevan e passei a corda em torno de seus pulsos. Uma vez que eu o amarrei como se fosse o jantar de Ação de Graças, sentei-o no chão - de volta à parede.

Seus olhos estavam esvoaçando, respirando irregularmente. Gemidos eram lamentáveis.

Eu tinha lidado com coisas piores e não tinha dúvidas de que ele viveria.

Deixando-me cair nos meus quadris, eu rapidamente cavei os bolsos para as chaves do prédio. Elas estavam presas em seu cinto e, cinco segundos depois, estavam presas no meu.

Fecho a porta atrás de mim quando saio, bloqueando-a do lado de fora.

Com um rápido olhar da direita para a esquerda, eu me movi em direção ao fundo da sala, indo para o longo corredor que me levaria ao porão. Ninguém disse uma palavra quando passei por eles, minha cabeça baixa. Eles estavam ocupados demais bebendo, bêbados demais com a visão de mulheres quase nuas girando nos postes por toda a sala.

Ombro para a porta do armário de armazenamento geral, eu folheei cada chave individualmente até que eu encontrei a combinação perfeita. Inseri-a na fechadura, torci a maçaneta da porta de metal e entrei silenciosamente na sala escura.

A essa hora da noite, o porão estaria apenas se preparando para ir embora. As mesas de apostas estariam surgindo, embora os palcos ainda estivessem silenciosos e sem uso. O que significava que Nat estaria circulando cada mesa enquanto observava sua toca, procurando fraquezas nos jogadores,

instruindo a casa a fazer certos movimentos.

Subi os degraus até o segundo andar, dois de cada vez.

Quando a noite acabasse, Nat iria repensar sempre tentando me eviscerar – *ou* usando Avery para fazer isso.

Meu coração bateu no pensamento de como eu a deixei. Eu senti sua decepção em mim. Odiava o desespero que ela expressou em querer que eu recuasse, repensasse, não agisse impulsivamente.

Ela não entendeu.

Jay Foley pode ter tentado matá-la *uma vez,* mas meu pescoço foi posicionado sob a guilhotina por muitas pessoas ao longo dos anos. Eu terminei com as ameaças. Eu cansei de recuar e manter a cabeça baixa e tentando ficar longe.

Se eles quisessem dançar, então eu os faria dançar diretamente em seus túmulos.

Meus olhos se ajustaram à escuridão da sala, suas sedutoras sombras ondulando como água ao longo das paredes e do chão. Apenas dois dos quase dez palcos estavam abertos até agora: uma mulher se masturbando em uma e depois outra porra.

Eu me virei, examinando clinicamente o meu olhar enquanto procurava por um vislumbre de Nat. Com a mão no punho da minha arma no meu quadril, eu curvei meus ombros e afundei mais nas sombras ao longo da parede. Ela estaria aqui, eu sabia que ela estaria aqui.

E se eu tivesse alguma sorte, Hampton estaria aqui também.

Eu tinha dado a ele o benefício da dúvida na noite em que a cabana não

levou em nenhum lugar. Um benefício que tinha me mordido na bunda quando eu virei de costas e lhe dei espaço para brincar.

Isso era minha culpa.

Meu erro, mas eu não faria de novo.

Eu rastreei cada figura que entrou na minha periferia e depois...

"Bingo," eu murmurei sob minha respiração.

Havia apenas uma mulher que usaria um vestido dourado que brilhava daquele jeito. Como um farol de falsidade, ela jogou a cabeça para trás com uma risada tilintante, a mão pressionada no ombro de um homem enquanto ele se sentava em uma das mesas.

Membros soltos, esperei. Era parte da caça, a espera. Não podia me mover muito cedo por medo de me entregar.

Dois minutos depois, um homem apareceu ao seu lado e se inclinou para sussurrar em seu ouvido.

Sua risada morreu. Dando um breve aceno de cabeça ao homem, ela fez seu exagerado adeus à mesa e depois seguiu o recém-chegado para longe do jogo. Eles contornaram os cômodos onde eu tive o prazer de Avery, e depois passaram por uma porta à esquerda do bar.

Seus escritórios.

Hora de ir.

Eu os segui a uma distância segura, e ou o cara bartender era novo e não reconhecia meu rosto ou ele não dava a mínima porque, assim como Nat e o estranho, eu passei pelo bar também.

Flexionando meus dedos, inclinei meu corpo para abraçar as paredes.

Seria muito fácil retirar minha arma de fogo agora e descarregar uma rodada no momento em que a vi ou Hampton - mas eu era um bastardo civilizado, tanto quanto era possível, de qualquer forma, e só ouvia o som distinto de suas vozes.

Descendo o corredor.

Parei para ouvir.

Continuei indo.

“Estou feliz que você tenha me encontrado. Tem sido muito *longo* e eu tenho uma informação tão interessante para lhe contar.”

*Aqui vamos nós.* De volta à parede, ao lado da porta, esforcei-me para ouvir a resposta - tentei reunir quantas pessoas poderiam estar além da porta fechada.

“Era Natalie. Muito tempo.” Houve uma pequena pausa, e então a voz masculina acrescentou: “Não estava esperando encontrar Quinn aqui com você.”

O riso feminino foi para o corredor. “A lealdade de Quinn está do meu lado há *muito* tempo, senhor. Desde o final do meu casamento, pelo menos.”

"Que fascinante."

Meus olhos se fecharam quando reconheci essa voz.“ Jay Foley. Meu fodido, socialite de um pai.”

Porra.

Ele nunca viajou sem segurança, o que significava que havia pelo menos quatro pessoas dentro: Nat, Foley, o estranho Quinn, e pelo menos um acessório

atribuído ao meu pai idiota. Dar ou tirar mais um ou dois, dependendo apenas de como o paranoico Foley se sentiu esta noite.

A situação não era ideal.

Na verdade, estava *longe* de ser ideal.

Mas eu estive em posições piores. Inferno, a primeira e única vez que eu encontrei meu pai tinha sido durante uma das galas anuais de resposta inicial. Eu não tinha interesse em ir, mas Delery não teria - e foi com um choque de descrença quando o prefeito se aproximou de mim, do nada, e disse: "Ouvi dizer que você é meu filho."

A introdução foi impessoal.

E a felicidade fugaz que entrou em meu coração ao ser reconhecido - talvez até mesmo desejado - se extinguiu no segundo imediato, quando o prefeito me lançou um olhar e murmurou: "Ouvi falar de você, é claro, e do que eu sou. O que ouvi é perturbador. Homem a homem, achei que você deveria saber quem eu sou para você, mas..."Ele olhou para o outro lado. "Não tenho nenhum interesse em ter um filho, Sr. Asher, e particularmente ninguém como você."

*Particularmente não como você.*

Se eu tivesse sido rápido o suficiente em meus pés, e não me recuperasse do choque, eu teria ficado na cara dele. Disse a ele que a única razão pela qual eu era *como eu* era devido ao fato de que eu tinha sido abandonado quando criança. Talvez se eu tivesse amor, sido abraçado de vez em quando, dissesse que eu era mais do que "nosso pequeno assassino", a simples menção do meu nome não teria perturbado *ele* ou qualquer outra pessoa.

Eu nunca soube quem disse a ele sobre mim.

Poderia ter sido Ambideaux, amigo íntimo de minha mãe.

Poderia ter sido Nat, depois que o jogo de pôquer deu errado com seu irmão, e querendo que eu me machucasse. Anos separaram a morte de seu irmão e quando Foley se aproximou de mim, mas ela guardou rancores por mais tempo do que eu.

De volta à parede, eu puxei o ar, enchendo meus pulmões, e debati meus próximos passos.

Não havia outra maneira: Eu teria que entrar lá como um filho da mãe casual. Agir como se tudo fizesse parte do meu plano de ser o estranho.

*Agora ou nunca.*

# 25

## *Lincoln*

Ao molhar meus lábios, assobiei como um maldito lunático e abri a porta com a ponta da minha bota de combate.

Em seguida, bateu em uma parada dramática enquanto eu ficava com os olhos arregalados para os muitos na sala. "Caramba," eu disse com sarcasmo puro. "Eu devo ter entrado na sala errada."

Por dois segundos sólidos, houve puro silêncio.

E então todos se lançaram em movimento: Nat saltou de seu assento e Foley a arrastou de volta, enquanto o lacaio de Nat - Quinn - se lançou em direção a mim, o acessório do prefeito a reboque.

Eu abaixei o balanço do braço de Quinn por instinto sozinho. Subiu do outro lado, uma mão apertando seu braço estendido para girá-lo pelo cotovelo até que eu o coloquei no lugar favorito de Ambideaux.

Pulsos na parte inferior das costas. Joelhos se dobrando quando eu empurrei minha perna contra a parte de trás de suas coxas.

"Desculpe por entrar," eu grunhi quando o acessório de Foley veio para mim do outro lado. Eu tive uma fração de segundo para me sentir culpado por fazer o que eu estava prestes a fazer, mas... *foda-se.* Eu girei Quinn para a esquerda, posicionando-o diante de mim como um escudo no último momento, e *crack!*

A cabeça de Quinn bateu para o lado do golpe da pistola conectando com

seu rosto.

Como eu aprendi enquanto crescia, uma oportunidade ganha nunca deve ser desperdiçada - eu peguei a arma em seu quadril, e então deixei seu corpo cair no chão. Passei por cima dele e anunciei: "Não é exatamente a reunião de família com que a maioria das pessoas sonha, mas é muito parecida com uma para mim."

O outro segurança de Foley não deu dois passos antes que o prefeito gritasse: "Todos, parem!"

O homem congelou.

Eu não cumpri as ordens do prefeito e tomei o lugar que Quinn tinha desocupado antes de tentar me derrubar. Um tornozelo apoiado no meu joelho oposto, eu descansei a ponta da arma na minha coxa, apontando na direção de Nat.

"Por que você não se senta?" Murmurei com um movimento de uma mão livre em sua cadeira vazia. "Nós temos alguma merda para discutir."

Sua elegância havia deixado o prédio há muito tempo e ela começou a cuspir. “Eu *não* vou. Você está louco? Por que você está aqui?"

“Ouvi dizer que você me queria morto. E eu percebi que a melhor maneira de acabar com a merda na cama do que cortá-la pela raiz.” Ociosamente, acariciei a armação de polímero da Glock de Quinn. Ao olhar de olhos arregalados de Nat para a arma, eu arqueei uma sobrancelha. “Você sempre pensou o pior de mim, Nat. Eu não vou *atirar em* você.”

Quando o duro conjunto em seus ombros afrouxou, eu murmurei: “Embora, acredite em mim, é tentador pra caralho. Entre você e seu marido, eu não posso dar um tempo.” Uma risada amarga rolou através de mim como um

pedaço de gelo. "Para pensar, em um ponto eu considerei vocês todos da família."

Eu quis dizer isso como um comentário descartável.

Não havia uma chance no inferno que eu pudesse prever o modo como os lábios pintados de vermelho se contorciam em um sorriso de escárnio. As luzes fluorescentes refletiam o brilho e o brilho de seu vestido de lantejoulas douradas, fazendo-a parecer o equivalente moderno de uma bola de discoteca.

"Eu *não* sou sua mãe," ela sussurrou, o queixo saliente para a frente, os olhos estreitados em fendas. “Você foi um sanguessuga no meu casamento, sempre lá, sempre *existindo.* Mas não importa o quanto Jason tenha te mantido por perto, você *nunca* foi um filho para mim.”

Não era nada que eu não tivesse ouvido antes. Nat nunca tinha sido boa em esconder seus sentimentos por mim, e eu há muito tempo construí uma armadura de aço para me proteger de sua língua maligna. Para ser comparado a um sanguessuga, embora? Cristo, algo se arrastou até a bunda dela e morreu hoje.

Acariciando a Glock, só para mantê-la desequilibrada e nervosa, eu encontrei seu olhar. “Eu não sei quem você está tentando chocar agora, Nat. Você me odeia. Isso não é algo que eu já não soubesse, que não sei há anos.” Eu não pude deixar de olhar para Foley, apenas para captar sua impressão sobre esse confronto, especialmente porque ele já me achava *perturbador.*

Estando tão perto dele, no entanto... porra, eu desejei que eu tivesse todos esses testemunhos para prendê-lo para sempre.

*Você poderia ter tido Avery.*

Talvez. Mas eu deixaria minha sede de vingança e violência superar a oferta dela. Mesmo agora, eu não podia negar o pulso de raiva que aguçou minha

visão e vibrou logo abaixo da minha pele. Foi a raiva que pressionou as palavras da minha língua: “E não é como se eu não tivesse experiências com mães me odiando. Eu tenho o suficiente dessa merda com a minha biológica, então eu não preciso de você...”

A risada profunda de Jay Foley me interrompeu.

Eu olhei para ele do jeito que eu não tinha feito quando entrei pela primeira vez - o cabelo grisalho, os olhos escuros, o queixo forte. A mídia de Nova Orleans uma vez o comparou a George Clooney, e eu pude ver isso facilmente. Vestido em um terno cinza e grosso, havia um ar ao seu redor que era enganosamente amigável. Maleável.

Era muito fácil ver porquê todas aquelas mulheres haviam sido vítimas de seus encantos.

Quanto a mim, eu era um bastardo cansado demais para fazer qualquer coisa além de olhar impassível para ele, meu polegar pousando na arma. Ele pode ter matado minha mãe, mas ele era tão pai para mim quanto qualquer outro estranho que eu conheci ao longo do caminho em minha vida.

"Se importa em compartilhar o que é tão engraçado, Sr. Prefeito?"

Com o polegar, ele bateu no olho direito. "É sem coração de mim rir, é claro."

Meu aperto aumentou na Glock. “Não há imprensa aqui para você colocar no ato cavalheiresco. O que quer que você tenha em mente, apenas diga isso.”

Seus olhos escuros se voltaram para Nat, cuja testa estava mais uma vez despontada. Ela sorriu, só um pouco, e havia algo em sua expressão... algo sobre o jeito que ela se virou para mim com olhos claros e aquele sorriso...

Sangue esfriando, eu rosnei. "Alguém quer continuar com o programa?"

O prefeito balançou a cabeça como se estivesse completamente espantado. "Como ele não sabe?" Ele perguntou ao quarto, sem fazer contato visual com qualquer um de nós. “Jesus, isso é alto. Como ele *não sabe*?”

Energia subiu pela minha espinha e me levantei da cadeira. Eu mantive a arma de Quinn na frente dos meus quadris, apertada entre as minhas duas mãos com cautela. "Que porra eu não sei?"

"Sua mãe está *morta.*"

Quatro palavras da boca do meu pai e cambaleei para trás. Victoria Meriden não me amava, nunca me mostrou nem um pouquinho de afeto, mas ainda era minha mãe. Ainda a mulher que me trouxe a este mundo.

A dor deslizou sobre mim, agulhando minha pele como as pontas afiadas de uma lâmina, repetidamente até que eu me abrisse. Feridas abertas. Sangrando profusamente.

"Como?" Eu trabalhei com voz rouca, meu olhar voando entre Nat e Foley. “Quando você descobriu? Jason...” Eu engoli, odiando a vulnerabilidade em minha voz. “Te disse?” Olhei para Nat. “Foi isso que aconteceu? Ele te contou?”

Nem mesmo uma pitada de pena forrava suas feições quando ela olhou para mim, sem dizer uma palavra. Se eu quisesse estrangulá-la antes, não era nada comparado com a raiva que se infiltrava em minha medula agora.

"Alguém me responde, quando ela *morreu*?" Minha voz ecoou pela sala. Eu me virei para encarar Quinn, que agora estava puxado contra a parede, tocando uma palma em sua bochecha. O segurança de Foley estava ao lado dele, de guarda.

Ela não poderia estar morta. Sim, ela teve complicações médicas ao longo dos anos. O acidente de carro roubou tanto dela - o uso de suas pernas, sua

mente, parecia, que incluía suas lembranças de mim. Mas Ambideaux tinha mais dinheiro do que Deus e mantinha suas linhas de vida firmes. Esse foi o nosso acordo. Sempre foi nosso acordo.

Eu trabalhei para ele, e ele cuidou de minha mãe

Minhas pernas tremeram sob o meu peso. *Não.* Não, ele não teria... Eu ia vomitar. Bem aqui, agora, eu ia perder o conteúdo do meu estômago de uma maneira que eu só fiz três vezes na minha vida.

Na noite em que cometi meu primeiro assassinato e trouxe o corpo para a Bacia de Atchafalaya.

Quando eu soube que Avery... Laurel estava morta.

E quando eu levei o Tom Townsend lá, apenas algumas semanas atrás.

Foley, meu pai, limpou a garganta. "Abaixe a arma, sargento."

Eu balancei a cabeça. A arma não ia a lugar nenhum.

Armas de fogo não eram capazes de traição. Não, esse feito só pertencia à humanidade.

Para pessoas como Nat e Ambideaux e Foley e Hampton.

"Quando ela morreu?" Eu perguntei de novo, os olhos no rosto do meu pai. "*Quando ela morreu?"*

Ele olhou para mim e foi a primeira vez que a tristeza forrava suas feições bonitas. “Ela está morta desde que você tinha dois anos de idade, Lincoln. Ela morreu no acidente de carro.”

# 26

## *Avery*

Quando tomei coragem, chamei um táxi da casa de Lincoln em Bayou St. John e voltei direto para o Palácio do Sultão. Katie me expulsou. Ela jurou que precisava de espaço.

Ela era minha família - minha única família - e, enquanto eu subia os degraus e tentava a fechadura da porta do nosso apartamento, rezei para que pudéssemos passar por isso.

Eu precisava dela.

Não importa como eu entrei em sua vida, ela sempre foi meu sistema de apoio. Com Lincoln em uma missão suicida, eu não sabia para onde ir.

A porta estava trancada e esmaguei meu punho na madeira em uma batida desesperada. “Katie! Katie, abra a porta. Por favor!"

Um segundo passou.

E depois ainda outro.

E então a porta estava se abrindo e minha melhor amiga, minha colega de quarto, minha prima, estava lá parecendo uma bagunça quente com pijama amarrotado e cabelo que parecia não ter sido escovado em dias, mesmo que fossem apenas vinte e quatro horas desde que saí.

Seus olhos azuis piscaram de volta para mim.

Meio segundo depois, seus braços estavam ao redor das minhas costas e

me puxando para perto. Ela era mais alta que eu e meu nariz terminava em sua axila.

"Katie..."

"Oh, meu Deus, você está de volta," ela sussurrou, sua mão acariciando o topo da minha cabeça como se eu fosse seu bem mais precioso. “Ele disse que não contaria, mas estou tão feliz que ele tenha contado. Eu sinto muito. Eu sinto muito, Ave.”

Abri a boca e consegui inalar o ar, empurrei o máximo que consegui do abraço. “Eu nem sei do que você está falando. *Quem* não me diria o quê?”

Ela não me deixou ir.

Com uma palma nas minhas costas, ela me puxou para o lugar, meu nariz reaparecendo novamente na sua axila. “Capitão América,” ela murmurou. “Ele veio aqui procurando por você e eu disse que sentia muito pelo que aconteceu. E eu *sinto.* Eu sinto muito. Todas as coisas que eu disse - contando a Ambideaux sobre você. Eu sinto muito, Avery. Eu sinto muito por isso.”

"Está tudo bem." Não estava bem. Porque Katie só estava reagindo ao meu engano. "Eu sou a única que precisa se desculpar," eu corri para fora, apertando-a de volta porque isso era família. *Ela* era minha família, assim como eu queria que Lincoln fosse. "Eu menti. Eu menti tantas vezes e você estava certa em brigar e me colocar no meu lugar. Eu saí porque você estava *certa* e o que eu fiz... Não é desculpável, Katie. Não *há* desculpas.”

Seus ombros caíram. "Amigas?"

Eu balancei a cabeça em sua axila. "Sempre."

Ela me soltou e eu passei sólidos cinco segundos inalando ar fresco antes de entrar no apartamento e cerrar as mãos nos quadris. Não havia uma maneira

fácil de expressar o que eu precisava dizer, e não me dei conta disso pela primeira vez na vida... Eu estava pedindo ajuda.

Katie sentou no braço do sofá, com as mãos dobradas no colo enquanto ela olhava para mim. "Qual é o problema? Você tem um olhar no seu rosto que eu *realmente* não gosto."

Engoli. Empurrei os nervos tão abaixo que não me engasguei com eles enquanto falava. "Eu preciso da sua ajuda." Eu passei a mão pelo meu cabelo, ainda um pouco emaranhado do sexo com Lincoln. "Eu preciso... Eu preciso de você para criar uma distração."

Katie piscou. "Uma distração? Onde?"

Aqui vai... Endireitando minha espinha, eu fui para quebrar. "Na festa de Ambideaux, ele me convidou. Eu preciso ir e preciso que você vá comigo."

Eu não poderia estar em vários lugares ao mesmo tempo, mas meu instinto me dizia que Lincoln inevitavelmente apareceria lá. Ou começaria com o Porão ou com Ambideaux, e eu iria pelo segundo sem outra razão do que uma cena para a qual eu pudesse me preparar. Enquanto Katie criava uma distração para os convidados, eu poderia...

Com os olhos apertados, tentei não pensar no que faria se fosse necessário.

Tirar uma vida para salvar Lincoln.

Sacrificar minha própria liberdade para ver que ele mantia a sua.

Não era o que eu queria, e se eu tivesse a oportunidade de colocar algum sentido em sua cabeça teimosa, eu faria. Mas se eu aparecesse tarde demais... se ele tivesse ido primeiro para Ambideaux, em vez de ir para o Porão, onde eu imaginava que ele iria começar seu reinado de morte, então estávamos todos fodidos.

*Pense positivo.*

Era difícil fazê-lo quando o homem por quem você estava apaixonada estava determinado a arruinar sua vida apenas para provar que ele não era alguém que deveria ser atravessado.

Girando no meu calcanhar, fui para a cozinha e subi na bancada. Descansando uma mão no teto da geladeira, abri o armário e tirei a arma que nunca usei.

“Ave? Você está me enlouquecendo."

Eu olhei para Katie, que me arrastou até a cozinha. Virando a arma, entreguei-lhe. "Segure isso para que eu possa descer." Quando suas sobrancelhas arquearam alto, eu acrescentei: "Por favor, não atire em mim."

"Confie em mim, de nós duas, eu tenho certeza que estamos melhor comigo segurando essa coisa."

Eu pulei de volta para o azulejo da cozinha. "Você sabe como atirar?" Eu perguntei, perplexa com a maneira familiar com que ela segurava a arma de fogo.

O sorriso que ela me deu poderia ter iluminado um quarto. “A ligação com o meu pai significava ir ao clube. Ele é um entusiasta.”

*Um... entusiasta?*

E então eu também estava sorrindo. "Você acha que pode me ensinar como usá-la quando chegarmos ao coquetel?"

Katie nem piscou. "De jeito nenhum. Nós vamos precisar mais do que quinze minutos.”

Recusando-me a deixar minha confiança vacilar, deixei cair meus olhos

para a arma de fogo. "Você acha que pode pelo menos me ajudar a *parecer* que eu sei o que diabos eu estou fazendo?"

“Um pouco mais realista, mas se você continuar olhando como se fosse uma cobra, teremos alguns problemas.”

Eu não sabia se ria ou se ficava grata por ter Katie ao meu lado, como sempre estivemos desde que nos conhecemos há alguns anos.

No final, eu ofereci-lhe um sorriso trêmulo e murmurei: "Eu *realmente* preciso de um novo taser."

# 27

## *Lincoln*

Meu dedo pairou sobre o gatilho, a palma da minha mão escorregadia de suor contra a arma.

"Você está mentindo." Pés enraizados no chão de azulejos, eu empurrei meu olhar de Foley para Nat. “Você a viu,” eu disse. “Há anos que você a *viu*."

Pelo amor de Deus, minha mãe morava com Ambideaux. Claro, ela tinha sua própria ala em casa, mas ela não era um fantasma. Ela não era apenas uma invenção da minha imaginação. Nat a viu inúmeras vezes ao longo dos anos, embora minha mãe não tivesse saído do hospital e ido para a casa com Jason até algum tempo depois que ele e Nat se divorciaram.

Minha garganta se fechou, e eu juro por Deus que meu coração congelou enquanto eu estava lá, esperando que alguém falasse algo que não fosse enigmático. Esperei, ainda mais, pela sensação de ser atropelado por um caminhão para aliviar meu corpo desgastado e arrancar outra pessoa para variar.

Com um aceno ao detalhe, Foley pegou um dos lugares vazios e sentou-se. Como se estivesse se preparando para uma conversa sobre chá e assados.

Com os dedos apertados ao redor da arma, eu segui todos os seus movimentos. "Pare com a besteira." Um passo à esquerda colocou minhas costas contra a parede, me dando a chance de vigiar todos na sala, bem como a porta vazia. "Eu sei que minha mãe está viva, por isso, se você está esperando para foder com a minha cabeça, você vai precisar de uma nova tática de intimidação"

"Jason sempre foi obcecado com sua mãe." Foley jogou um pedaço de

fiapo fora de suas calças de terno. “Eles eram amigos de infância. Todos nós éramos vizinhos da porta ao lado. Mas eles eram os primeiros do outro em todas as capacidades da palavra.”

A expressão de Nat apertou, e eu mordi minha língua para não dizer nada que pudesse encorajar Quinn ou o acessório de segurança colocar uma bala na minha testa.

Ele subiu em suas calças, beliscou o tecido nos joelhos e se reassentou. Foley continuou, então, os braços soltos na cadeira enquanto ele me prendia no lugar com um olhar inabalável. “E então ela teve você, seu precioso filho. Você iluminou o mundo dela. Roubou seu coração e não havia nada que ela não fizesse por você.”

Eu não conseguia ouvir meu coração batendo - estava enterrado sob o sangue rugindo na minha cabeça.

E ainda assim eu fiquei lá, de costas para a parede, com as mãos fechadas ao redor da arma, minha maldita alma berrando para que tudo aquilo parasse.

"Ela morreu enquanto você viveu," meu pai continuou, seu rosto completamente impassível enquanto ele me observava. “Mas, é claro, ninguém morou por muito tempo na morte de uma garota como Victoria Meriden. Sua família não era ninguém, mas ao contrário de mim ou Jason, ela nunca passou a fazer algo de si mesma. Doce, linda, mas uma stripper em Bourbon. Ela não era ninguém. *Ninguém se importava.*"

Eu me importava.

Eu me importava que Foley estava fodendo com a minha cabeça, apenas para superar minhas defesas. Eu me importava que ele estava falando merda - merda que eu sabia que era falsa. Eu me importava tanto que eu avancei e, com uma mão nas costas da cadeira, empurrei-o para trás. Foley era grande, mas eu

era mais forte, e a cadeira balançava em suas pernas traseiras por dois segundos interminavelmente longos antes de eu dar outro empurrão, e meu pai e a cadeira desabaram com um estrondo.

"Ele está porra *insano*?" Cuspiu Quinn ou o segurança, e eu não fiz nada além de olhar para cima, apontar minha arma e atirar em seus pés.

Não perto o suficiente para obtê-los, mas perto demais para o conforto.

"Fique na sua," eu rosnei. "Essa merda não tem nada a ver com você, e o único lugar que eu mandaria seu maldito chefe é para a cadeia." Eu empurrei meu rosto em Jay, e seus olhos escuros olhavam para trás, largos, mas firmes. Nem mesmo uma pitada de pânico.

Aparentemente, eu herdei pelo menos uma coisa do bastardo: permanecendo calmo, não importava a situação.

Como Big Hampton fez comigo naquela maldita viagem até o meio do nada, empurrei o cano contra o queixo de Jay. "Nós vamos tentar isso de novo." Eu inclinei a cabeça, inclinando a arma de fogo em uma inclinação mais nítida. Então movi minha mão livre para a perna da minha calça, onde eu removi minha arma e posicionei aquela para enfrentar Quinn e o lacaio. “Você quer que eu acredite que minha mãe morreu há trinta anos? Tudo bem, vamos brincar de fingir.” Respirando pesadamente, eu me inclinei. “A versão de Jason de Victoria, que eu sempre conheci... quem é ela?"

Uma risada sombria saudou meus ouvidos. “A irmã de Victoria. Sua *tia.”*

Eu teria tropeçado se não estivesse tão determinado a manter a vantagem.

Apenas a revelação de Jay me balançou. Meus ouvidos estalaram e minha visão ficou vermelha na periferia, e meu peso inclinou-se para a frente. “*Não.* Eu não acredito em você. Já faz mais de trinta anos desde o acidente. Ela não pode

andar. Os testes, as visitas do hospital. Não há como ele ser capaz de manter tudo isso para...”

"Você conhece Jason." A boca do meu pai torceu com raiva, e mesmo que ele estivesse deitado de costas, seu tom permaneceu calmo como o político que ele era. “Você o conhece melhor que quase todo mundo. Você acha que ele arriscaria tudo só para ser pego? Ele é um monstro. Sempre foi, mesmo quando éramos crianças.”

Foi uma luta para puxar o ar para os meus pulmões. Se o que ele disse era verdade... "Ela não pode andar," repeti novamente, voz mais fraca do que a primeira volta. "O acidente de carro."

Olhos negros saltaram da minha mão segurando a arma e em seguida, para o meu rosto, e pela primeira vez, o rosto de Foley ficou cauteloso. Nervoso. Ele lambeu os lábios, então grunhiu quando eu aumentei a pressão da arma em sua mandíbula. "Ele te deu essas cicatrizes em seu rosto, não foi?" Ele disse finalmente. “Jason era o garoto do bairro que arrancava as cabeças dos animais. O que nossos pais nunca nos deixam passar algum tempo sozinhos porque ele não estava muito certo na cabeça, eles disseram. Ele fez isso com ela - Samantha - esmagou suas pernas para que ela não pudesse andar. Então ela se encaixaria no teatro. Eu sabia. Nat também sabia disso.”

Atrás de mim, Nat soltou um som agudo que tocou nos meus ouvidos e perfurou minha alma. Era um choro de um animal ferido, e eu não tinha certeza se ela estava tirando sarro da história, acrescentando drama, ou se suas próprias memórias eram tão traumatizantes que até a menção do ex-marido era o suficiente para enviar ela em histeria.

Pensei na minha mãe - a mulher que Jason sempre alegou ser minha mãe - e meu coração afundou, se fragmentando em mil pequenos pedaços. Assim como o vaso antigo que eu tinha quebrado na casa de Ambideaux. Eu me senti

despedaçado, os pedaços da minha mente incapaz de encaixar o que Foley me disse agora.

Não fazia sentido.

E ainda fazia mais sentido do que qualquer outra coisa.

O jeito que ela se recusou a olhar para mim.

Como ela sempre me rejeitou como filho dela.

*Ele esmagou as pernas dela.*

As palavras registradas, hediondas e horríveis, e eu caí de volta na minha bunda. "Por quê?" Eu exigi, minha garganta crua. "Por que ele faria isso?"

Não foi Foley quem falou, mas Nat, e as palavras que ela disse enviaram um arrepio na minha espinha.

“Com ela sob seus cuidados, você não poderia revidar. Ele manipulou você, Asher, seu filho - o menino que eu nunca poderia lhe dar.”

# 28

## *Lincoln*

Eu não ouvi nada.

Não as vozes ao meu redor.

Não a música ecoando do corredor na área principal do Porão.

Não a batida do meu coração em erupção no meu peito selvagem que não poderia ser domado.

Nada.

Se eu já tivesse visitado cada círculo do inferno de Dante, eu deveria estar em um novo agora. Purgatório, talvez. É mais provável que uma que não tenha sido descoberta fosse destinada apenas a mim - projetada e construída para me afogar até que a luta deixasse meu corpo e não houvesse nada além de tristeza.

Não era assim que tudo deveria acontecer.

Foley deveria estar preso por tudo que fez ao longo dos anos.

Nat deveria estar tão assustada que deixaria Nova Orleans para sempre.

Hampton... porra, eu não conseguia nem pensar nisso agora.

Tudo tinha sido uma mentira. Eu deveria ter previsto isso, eu deveria ter sido capaz porque Jason tinha uma ereção por todos ao seu redor.

"Por quê?" Eu murmurei para ninguém e todos de uma vez. Eu pisquei, focando em Foley, o homem que veio até *mim* e disse que ele era meu pai. "Por

que você achou que era meu pai?"

*Que tipo de merda de história fodida que eu acabei de aceitar?*

O prefeito de Nova Orleans se ajoelhou de onde eu praticamente o joguei no chão. “Jason me disse isso há alguns anos atrás. Quem diabos sabe porquê com ele?”

A dormência desapareceu, substituída pela familiar picada de fúria. Subindo em meus pés, eu me virei para encarar Nat. Ela sabia. Todos esses anos, ela *sabia* e não disse nada. Eu me aproximei dela, fechando, ambas as armas apertadas em minhas mãos.

Ela não se encolheu. Como Avery, Natalie Lauren nunca recuou de medo. Seu queixo inclinou para cima e ela encontrou meu olhar enquanto olhava para mim sobre a ponte do nariz. "Furioso," ela sussurrou. “Imagine como tem sido para *mim.* Casar com um homem que ficou tão obcecado por outra, que quando morreu, mesmo depois de me trair, conseguiu a próxima melhor coisa - sua irmã. Eu te odiei. Eu odiava você há *anos* e o fato de você não morrer...”

Eu deveria ter esperado isso.

A faixa de braços que envolveu meu peito e me puxou de volta. Mãos ásperas que arrancaram as Glocks do meu aperto. Meus calcanhares arrastaram ao longo do azulejo enquanto eu apertava meu núcleo e tentava diminuir o impulso de ser levado para Deus-sabe-onde.

"Pare de lutar, idiota," disse uma voz profunda no meu ouvido.

Dane-se isso.

Minhas mãos foram para seus antebraços, segurando firme, preparando-se para mandá-lo para o inferno quando ele apertou ainda mais e grunhiu: “Você quer viver? Cale a boca e me deixe fazer isso.”

Com os olhos à direita, avistei Foley puxando as mangas de seu terno enquanto trocava um olhar inescrutável com Nat. Atrás dele, seu acessório me observava, os olhos apertados, a mandíbula cerrada, a arma apontada para o meu rosto.

O homem atrás de mim tinha que ser Quinn. O braço direito de Nat.

E agora ele estava prometendo me arrastar para a segurança?

Eu cerro meus dentes. Era contra minha natureza inata deixá-lo assumir o controle. Eu não o conheço para confiar - nunca o tinha visto antes desta noite - mas há momentos em que você tem que confiar no destino.

Eu o deixei arrastar minha bunda para fora daquela sala.

Longe do homem que não era meu pai.

Longe da mulher que me queria morto enquanto eu respirava o ar.

Eu lutei no porão de Quinn por causa das aparências. Segurando, ele deu uma cotovelada no intestino. Deixei sair algo. "Deixe-me ir, seu filho da puta!" Pouco antes de meus pés atravessarem o limiar da sala.

No momento em que a porta se fechou, Quinn estava levantando como um velocista novato. Ele me liberou. Então, de mãos nas minhas costas, ele me encurralou no corredor.

"Você precisa sair daqui," ele murmurou, não me dando outra opção a não ser continuar andando para frente. "Nat pode estar jogando bem, mas ela quer sua cabeça em uma bandeja."

Isso me parou.

Abaixando-se sob o braço dele, eu me virei para encará-lo. Ele era da mesma altura que eu. Mais velho, talvez com quarenta e poucos anos. Cinza

salpicava seu cabelo escuro, e ele andou com um mancar distinto que me fez pensar se ele tinha sido baleado antes.

"Eu estive neste mundo por muito tempo para saber que você não está indo só para me deixar ir porque você se sente mal." Eu fiquei na sua cara, com cuidado para manter distância suficiente que se ele segurasse uma faca, eu ainda estava fora do alcance direto. “Se você é a cadela de Nat, então...”

Minhas costas bateram contra a parede. Seus dedos seguraram minha camisa, agarrando o tecido enquanto ele me puxou para dentro. "Eu não sou a puta de ninguém, sargento."

Eu dancei meus dedos nas minhas costas, deslizando minha cintura para circundar a bunda da minha faca. "Não?"

"Não." Seus olhos escuros se estreitaram. "Não," ele repetiu, baixinho, "Eu sou o homem que manteve sua namorada viva quando seu padrasto a queria morta. Aquele que abriu a janela no andar de baixo para ela escapar e trancou a porta do quarto para que ela tivesse a chance de correr. Esse *sou eu.”*

A faca de trincheira caiu no chão, meu aperto se soltou.

"Sim, não esperava isso, não é?" A boca de Quinn desenhou em um sorriso sombrio e sádico. "*Eu* deixei ela ir, e isso me custou a minha perna direita."

"Você matou a mãe dela."

Seu aperto na minha camisa se apertou. “Ela sabia que estava chegando e se recusou a sair. Essa foi sua escolha, sua decisão, e eu fiz o que pude. Eu me certifiquei de que sua filha saísse viva.”

*Onde eu fui enviado para matá-la.*

Por causa de Ambideaux.

Por causa do meu *pai.*

Porque Jay Foley fez algo tão horrível que Jason não procurava nada além de retribuição.

"Por que ele a queria morta?" Meu olhar cortou para a esquerda. O corredor estava vazio. Tranquilo, além de nossas vozes abafadas. "Por que diabos Jay queria..."

"Porque ela herdou dinheiro - seu pai deixou tudo o que ele possuía quando foi diagnosticado com câncer, e ele possuía a maior parte da cidade." Quinn fechou os olhos com a cor nas bochechas. “Eu queria que ela fosse embora. Eu *implorei* para ela sair. Ela recusou, e Jay a teria matado não importando o que. Ele tinha dito isso a ela.”

Eu passei anos lendo expressões, diagnosticando mentirosos e Quinn... Jesus Cristo, mas ele era pior que todos eles. "Você não a matou, não é?"

Não é uma pergunta.

Ele respondeu de qualquer maneira, sua voz crua, rachando, enquanto o passado se apoderava dele - olhando para seu rosto, estava claro que ele poderia estar em pé neste corredor, mas ele não estava aqui comigo agora. Na verdade, não.

"Ela não iria embora - sua casa, sua família, a vida que ela conhecia." O homem engoliu em seco. “Eu não consegui. Eu a amava há anos e não conseguia fazer isso. Ela puxou o gatilho. Acabou com tudo. Não estava em seu juízo perfeito e não escutava, não importava o que eu dissesse a ela. Quando chegou a Laurel... ela não me conhecia, mas eu a conhecia de Catherine. Eu a deixei ir. Eu não me arrependo.”

*Eu a deixei ir. Eu não me arrependo.*

Eu pensei a mesma coisa quando deixei Avery naquele gramado da frente. Eu não podia matá-la - não podia fazer o que Ambideaux tinha pedido de mim.

Realização me atingiu no estômago.

E as palavras saíram dos meus lábios como se tivessem sido empurradas do meu coração: “Ele estava chateado. Puta merda, Jason estava chateado que Foley estava prestes a sair com a cidade inteira no bolso.”

Os olhos de Quinn, vermelhos de tristeza, se estreitaram em mim. "Que diabos você está falando?"

"Nada." Eu engoli em seco. "Tudo. Merda.” Eu o empurrei de volta com uma mão em seu peito. "Eu tenho que ir. Você...”Eu encontrei seu olhar. “Você quer ter certeza de que Laurel está segura pelo resto de sua vida? Prove.”

"*O quê*?"

Cristo, eu não tenho tempo para explicar. Caindo aos meus calcanhares, eu peguei minha faca do chão e, fechando-a, empurrei-a em seu peito. "É monograma," eu disse, chutando meu queixo em direção à faca. “Vá para a oitava estação distrital e peça para falar com o tenente Stefan Delery. Diga a ele exatamente o que você acabou de me dizer e diga a ele que Avery - *Laurel Peyton* - testemunhará também.”

Quando ele não fez um movimento para pegar a faca, eu dei outro empurrão em seu peito, forçando-o a pegar. “Se Nat perguntar onde você foi, diga a ela... diga a ela que você me levou para a Bacia de Atchafalaya. Ela vai saber o que isso significa, e aqui está a esperança de que isso me dê tempo suficiente para ir encontrá-lo na estação com Avery o mais rápido possível.”

Ela estava certa.

Havia uma maneira de acabar com isso sem derramamento de sangue total - pelo menos quando se tratava do prefeito Jay Foley. Nat iria cair também, não havia como negar isso. Ela deixou migalhas ao longo dos anos que a tornaram tão suspeita quanto o querido prefeito da cidade.

Ambideaux... Apertando a pele ao pensar em tudo que eu aprendi, desci apressadamente os degraus do porão. Eu queria derrubá-lo. Queria amarrá-lo e alimentá-lo com os malditos jacarés, do jeito que ele fez comigo - seu próprio filho do caralho.

Eu pensei em Quinn, o jeito que ele estava quase chorando pensando na mãe de Avery. Ele a amou, no entanto, isso tinha acontecido, ele a amava, e ele a colocou em primeiro lugar sobre sua própria vida. Sua escolha foi salvá-la.

Eu escolhi Avery.

Ela entrou na minha vida quando eu menos esperava, me bateu na minha bunda com sua sagacidade e sua perseverança e a maldita coragem que ela irradiava como uma segunda pele.

Eu era um homem que nunca conheceu o amor, mas eu me apaixonei por ela.

Sua segurança era prioridade. Sua *vida* era prioridade.

Entre ela e eu, eu escolheria ela.

Sempre.

# 29

## *Avery*

"Ele não está aqui.”

Katie olhou para mim, então trancou o braço dela com o meu. “Você não sabe disso. Ele pode estar."

Ele não estava. Eu teria percebido sua presença ou pelo menos notado sua ampla estrutura acima de todas as pessoas que circulavam por ali.

Levantando meu queixo, eu vasculhei a sala, tomando nota de todos os vestidos de coquetel preto e ternos pretos. Parecia que toda Nova Orleans estava lotada na sala de estar e na sala de jantar da casa de Ambideaux. Não importava o caminho que eu virasse, eu estava na ponta receptora de um cotovelo para o lado ou um pouquinho de coquetel pousando no vestido de seda que eu peguei emprestado de Katie.

Preocupação entrelaçada através de mim.

Ele tinha que estar no porão, depois indo atrás de Nat. *Droga.* Eu tinha adivinhado e tinha adivinhado errado. No momento em que chegamos até lá... Eu não podia imaginar o tipo de dano que ele poderia causar.

Ou a morte.

Eu entendi sua raiva, tinha prosperado nessa raiva por anos, mas não valia a pena arriscar sua vida. Minha vida. A vida que poderíamos ter juntos se conseguíssemos sair disso vivos.

"Estamos aqui há uma hora," murmurei para Katie. "A probabilidade de

que sentimos falta dele é quase nula."

Ela me cutucou. "E o segundo andar?"

Levantei meu olhar para a escada circular logo depois da sala de jantar. “Eu duvido que ele esteja lá em cima. Ele estaria onde Ambideaux está, e Ambideaux está...” Eu parei, procurando apressadamente o homem do momento. “Ele está lá. Perto do piano.”

Katie esticou o pescoço. “Aposto que ele foi ao banheiro. O homem tem tomado vodca como se ele estivesse indo para uma sessão de batismo.” Suas mãos foram para o vestido e, sem sequer reconhecer que estávamos cercadas por algumas das pessoas mais ricas da cidade, empurrou a mão para baixo do vestido e ajustou seus seios.

Meus olhos se arregalaram. "O que você está fazendo?"

"Sua distração está aqui e disposta a trabalhar." Ela puxou as tiras finas de seu vestido, deixando-as estalar contra sua pele quando ela soltou as faixas. “Eu vou perseguir o Sr. Futuro Prefeito para o banheiro. Você vai para o andar de cima. Certifique-se de que ele não esteja lá.”

"Você percebe que não é britânica, certo?"

Katie piscou. "Você percebe que você me trouxe aqui por uma razão, certo?"

*Droga,* ela estava certa. Recostando-me, verifiquei o piano de novo, só por precaução. Nada. Parecia que estávamos indo para o Plano B, com Katie liderando as tropas de mama pelo banheiro.

Quando ela recuou, eu circulei seu braço com a minha mão, puxando-a para uma parada rápida. "Esteja segura," eu disse a ela, dando-lhe um rápido aperto antes de deixar ir.

Seus lábios pararam em um dos seus sorrisos de marca registrada. “Seja corajosa, Ave. Vá buscar o seu homem antes que ele faça algo idiota e você seja forçada a visitá-lo na cadeia pelos próximos quinze anos. Você vai ficar com tesão por toda a vida, e ele vai estar no rabo de um amigo da prisão. Não deixe que isso seja o seu futuro.”

Bem, quando ela coloca dessa forma, não havia a mínima hipótese de eu sair desta casa sem pegá-lo primeiro.

Nós nos cumprimentamos um pouco, depois saímos em direções opostas.

Minha bolsa bateu na minha perna enquanto eu apressei para a escada. Estava pesada, minha arma escondia-se por dentro e, ao ver o cordão de veludo que pairava acima do terceiro degrau, subi e corri escada acima. Eles rangeram sob o meu peso, sem dúvida tão velho quanto a casa, e eu amaldiçoei cada gemido de madeira.

Maldita, também, a teimosia de Lincoln por não deixar de lado sua necessidade de vingança.

Ele não era um monstro, apenas um homem, e eu sabia que todos os homens eram falíveis. Mas isso não significava que ele deveria arriscar o pescoço apenas para garantir que não fosse pego inconsciente em algum momento.

O segundo andar era acarpetado, mas tirei meus saltos altos de qualquer maneira e prendi as alças das costas ao meu dedo. Levantei meu quadril enquanto andava e dei um pequeno tropeço - Katie não era a única boa em se apresentar. Se alguém me alcançasse aqui, eu preferiria que eles achassem que eu era uma bêbada vagando do que, bem, fazendo o que eu estava *realmente* fazendo.

Assegurando que o sargento Lincoln Asher não cometesse assassinato e

acabasse amigo pessoal de alguém na prisão pelos próximos vinte anos.

Espreitando para um quarto, eu saí, pois estava vazio e fui para o seguinte.

Fiz o mesmo com os dois quartos seguintes, um dos quais levou a um banheiro.

Também vazio.

Coração batendo, eu me aproximei do final do corredor. Havia apenas uma porta à esquerda. Como as outras, foi puxada. O fator razão me disse que Lincoln não estava lá, mas eu não podia sair sem verificar primeiro.

Em pés silenciosos, aproximei-me, movendo a mão em direção à maçaneta. Apertei minha bochecha na porta. Não ouvindo nada, torci o cabo e olhei para dentro.

"Quem está aí?" Perguntou uma voz feminina. "Quem é?"

*Não entre aí.*

*Saia.*

*Inversão de marcha!*

Eu nunca fui boa em seguir ordens, nem mesmo as minhas.

Eu entrei. Fechei a porta atrás de mim.

E encarei a mulher que não podia ser outra pessoa além da mãe de Lincoln.

# 30

## *Lincoln*

Aminha casa estava vazia, a porta da frente destrancada, mas fechada.

Desespero rastejou através de mim, pesando meus membros enquanto eu andava em todos os quartos, esperando que eu estivesse errado. Que ela não tinha saído. Que ela não tinha ido me procurar.

"Porra!"

A fúria ricocheteou através de mim, e eu girei em torno do impacto e bati meu punho na parede mais próxima. O gesso estalou. Meus dedos estalaram. Meu maldito coração quebrou quando tentei clarear meus pensamentos e avaliar a situação.

Em trinta e quatro anos, sempre consegui operar com a cabeça limpa porque não tinha nada a perder. *Ninguém* a perder. Esse não era o caso agora - desde que Avery entrou em cena e jogou minha vida em um liquidificador e ligou o interruptor.

Eu não conseguia pensar além do estouro do meu coração e o sangue trovejando na minha cabeça.

Se ela não estivesse aqui, e não tivesse ido ao Porão, haveria apenas duas outras opções: o coquetel de Big Hampton ou de Ambideaux, que ela recebeu um convite para participar.

Colocando uma mão na parede agora fraturada, eu abaixei meu queixo e inalei bruscamente.

Se eu tivesse mais tempo, iria ao Palácio do Sultão na oportunidade de ela ter passado por lá para se encontrar com Katie.

Mas eu não tenho tempo. Não estava do meu lado.

Passando a mão no meu rosto, me afastei da parede e bati no SUV ainda em funcionamento na frente.

Eu tive que dar um palpite de sorte, e meu palpite era que ela tinha ido ao Jason.

Meu pai.

Estômago agitado com o pensamento, entrei no SUV e procurei meu novo celular. Passei pelo escasso número de contatos até que o nome de Delery estava piscando na tela.

Ele pegou no segundo toque. "O que você quer, Ash?"

Pela primeira vez na minha vida, tentaria seguir as regras. "Eu preciso de unidades na casa de Jason Ambideaux."

Houve uma pausa minuciosa. "Do que diabos você está falando?"

Não era a primeira vez que ouvi isso hoje.

Apertando o volante, eu chicoteei o SUV para baixo ao longo da ponte. “Unidades. Policiais. Confie em mim sobre isso.”

Risos ecoaram no meu ouvido. “Ash, cara, você está se sentindo bem? Estou te dizendo que...”

"Não," eu disse. "Estou *lhe* dizendo que, a menos que você queira uma merda sobre um dos seus policiais ser atacado por toda a notícia amanhã de manhã, você vai me mandar um pouco de segurança para que as coisas não

cheguem tão longe."

"Bem, merda."

Sim, isso resume o meu dia.

"Unidades?"

Delery respirou no telefone. "Por favor, me diga que você não tem mais nada a dizer."

Balançando um direito, o SUV foi transportado pelo ar quando eu bati um enorme suspiro fazendo o cruzamento. "Sim," eu grunhi, atirando no carro uma vez que eu bati na estrada de volta que me levaria ao Jason. "Eu mandei alguém para você. Sobre o caso Foley. Rejeite e eu vou atirar no seu pau da próxima vez que nos virmos."

"Essa ameaça é antiga desde que estávamos no Oriente."

"Sim, bem, eu nunca disse que me tornei mais original com a idade."

Terminando a ligação, joguei meu telefone no banco do passageiro.

*Espere, querida. Eu estou indo por você.*

# 31

## *Avery*

Ela estava vendada.

Choque patinou pela minha espinha quando eu peguei o que tinha que ser a mãe de Lincoln.

Sentada na cama, seus braços musculosos estavam cruzados sobre o peito, as pernas escondidas sob as faixas de edredons e lençóis. Uma TV estava em frente a ela, em cima de uma cômoda. Grandes murais enfeitavam as paredes, transformando o que seria um quarto comum em algo parecido com uma floresta tropical. E, à esquerda da cama, uma cadeira de rodas aguardava em direção ao colchão.

"Jason," ela chamou, seus braços entrando em ação. Dedos trêmulos se ergueram, para cima, procurando o pedaço de tecido sobre os olhos. "Jason, é você?"

Se eu não dissesse nada, ela saberia em três segundos quando ela tirou a venda e me viu na porta.

Eu limpei minha garganta. Engolindo, duro. "Não, não Jason."

Ela endureceu na cama. "Quem é você?"

Vê-la assim, toda amarrada na cama, fez a pena um ritmo constante no meu coração. Deficiente ou não, ninguém merecia o isolamento puro de ser incapaz de ver - porque alguém queria remover essa habilidade de você.

Deixando cair meus saltos no tapete macio, me mudei para o lado dela e

fiz as honras - deslizando o tecido preto para cima e para fora de seu rosto, até que ela estava piscando para mim com olhos misteriosamente coloridos.

Azuis, o mesmo que o de Lincoln.

Deus, eu senti pelos os dois. Lincoln, que foi forçado, sem culpa alguma, a suportar os humores de uma mulher que claramente sentia dor. Para sua mãe, que claramente tinha sido mantida aqui como uma espécie de cativa.

Tudo estava em perfeita ordem. A cadeira de rodas, a TV, as pinturas na parede. Mas quem vendou uma mulher com uma condição como a dela? *Alguém cruel, como o Ambideaux.*

"Eu sinto muito por me intrometer," eu sussurrei, minha língua inchada de nervosismo. "Eu sou uma... convidada. De Jason."

Sua boca se firmou em uma linha fina. "Este é um quarto privado."

Havia tantas coisas que eu queria dizer, o mais importante: Lincoln sabia como ela era mantida aqui?

Enfiei o pedaço de tecido na minha mão. "Sim, desculpa."

O que mais havia para dizer? Eu precisava ir. A mãe de Lincoln não era como os animais que eu apanhava ou os desabrigados que eu levava comida sempre que podia. Ela não estava precisando de um salvador, e ela certamente não precisava de mim - mas eu não podia me afastar.

"Você precisa ir."

*Sim,* pensei, *você está completamente certa.*

Meus pés não se moviam.

"Jason te trata bem?"

Suas sobrancelhas finas e escuras se levantaram. "Isso não é da sua conta."

Não, não era.

A venda enrolou em meus dedos enquanto eu segurava. "Você gosta disso?" Eu perguntei suavemente. “Se sim, então não há preocupação. Nenhuma. Mas não posso deixar de sentir que você é mantida cega de propósito. Você não é... certo?"

Suas feições já frágeis estremeceram, beliscando sua testa e depois novamente em sua mandíbula. Seus dedos se agitaram em seu colo. “Ele disse que me ajudaria a focar quando eu quiser pensar em algo. Eu tenho dificuldade em me concentrar. Sempre tive, mas especialmente depois que...”

"Lincoln nasceu?"

Foi a coisa errada a dizer.

Eu vi imediatamente, o jeito que seu olhar se fechou, e seu peito arfava com uma respiração grande e irregular. "Saia."

"Senhora, eu sou..."

“*Saia!*"

Ela gritou as palavras no topo de seus pulmões. Eu sabia que era apenas minha imaginação, mas parecia que até as paredes tremiam com a força de sua raiva. Não havia dúvida de que até a festa lá embaixo a ouvira berrar, e eu recuei, os pés tropeçando no carpete na pressa de dar o fora da esquina.

"Saia!" Sua cor ficou vermelha, a cor dos murais na parede. A cor do sangue. "Saia! Saia!”

Seu braço disparou para a esquerda e ela bateu em algo na mesa de cabeceira. Quando a mão dela foi embora, vi que era um botão. Um botão que

era claramente importante para ela porque a palma da mão desceu de novo e de novo sobre ele.

Oh, *merda.*

As alças da minha bolsa balançaram para a esquerda quando eu fui para a direita.

Cambaleando em direção à porta, eu a abri para o coro da mãe de Lincoln perdendo sua merda atrás de mim. Bateu com o outro verso de "Saia!"

A música lá embaixo ainda estava tocando. Graças a Deus.

Talvez ninguém tenha ouvido seus gritos catastróficos.

*Por favor, faça com que ninguém a tenha ouvido.*

Sem sapatos, meus pés caíram no chão. Era a hora de ir. Talvez Lincoln tivesse ido para o Porão ou talvez tivesse desenvolvido um pouco de bom senso e ido direto para a delegacia. Talvez...

Passos que não eram meus chamaram minha atenção do chão e para o final do corredor.

Jason Ambideaux olhou de volta para mim, seu cabelo preto penteado para trás, seu terno intocado.

Então, sua boca se curvou em um sorriso que me deixou doente. "Que maravilhoso você se juntar a nós, senhorita Peyton."

Meu olhar foi para a esquerda e para a direita - não havia para onde ir.

Nenhum lugar para escapar.

Como quando eu ouvi a mamãe morrer, eu estava presa. Congelada. Incapaz de mover.

Ele deu um passo em minha direção.

Eu não seria minha mãe, morta no chão com o sangue cobrindo meu cabelo.

Eu girei em meus pés descalços e corri.

"Não há nenhum lugar para você ir, senhorita Peyton," disse Ambideaux, sua voz um tom acima de um murmúrio ameaçador. "Ou devo chamá-la de senhorita Washington?"

Os quartos eram celas de prisão neste andar. Não havia fugas de incêndio que eu tinha visto do lado de fora quando subia. Nenhum grande arbusto para pegar minha queda se eu pular fora.

*Seja corajosa.*

*Seja ousada.*

Meu olhar pegou no quarto da mãe de Lincoln. Ela ainda estava gritando, ainda gritando no topo de seus pulmões. Não havia outra opção, e não ousei arriscar-me a olhar para o Ambideaux.

Com o ombro, abri a porta como um aríete, que não fez nada para acalmar a mulher que gritava da cama.

"Saia! Saia! Saia!"

"Desculpe, senhora," eu murmurei, virando a fechadura e tropeçando para trás. "Estamos presas juntas por enquanto."

A maçaneta da porta sacudiu um segundo depois, e depois a voz de Ambideaux, não mais tão suave ou bajuladora. "Victoria!" A porta visivelmente balançou em suas dobradiças, como se tivesse jogado seu corpo contra ele do outro lado. *“Victoria!”*

Atrás de mim, a mãe de Lincoln não perdeu uma batida: “Saia*! Saia!*"

A porta rangeu. E então, além disso, novamente: "Victoria!"

Minha cabeça girou da sinfonia de ruídos. Coração bateu contra minhas costelas. O estômago se agitou enquanto eu agarrava a alça da minha bolsa e girava em um círculo lento, avaliando o que me cercava. O armário era uma escolha óbvia - e idiota - e, assim, eu corri para a janela como a melhor coisa seguinte, esperando, rezando...

Testa beijando o vidro, eu olhei para baixo e soltei uma maldição. Não há saída de incêndio. Nenhum arbusto para pegar minha queda. Se eu não quebrasse meu pescoço, teria sorte de ser o destinatário de uma perna machucada, o que não me favoreceria quando eu não pudesse fugir.

Tomando o tempo para mover móveis para a porta pode funcionar no cinema, mas não me faria muito bem. Eu não tive tempo.

Eu era um alvo fácil.

"Saia! Saia! Saia!"

Olhando para a mulher em pânico em sua cama, eu engoli em seco.

*Não faça isso.*

*Não se atreva a fazer isso.*

A porta rangeu quando uma dobradiça de metal resmungou em protesto, depois cedeu.

Às vezes as pessoas boas faziam coisas ruins.

Eu não me dei tempo para repensar minha decisão. Estourando minha bolsa, ignorei as chamas da culpa e da vergonha em minha barriga, e então tirei a

Glock que Pete tinha me dado anos atrás. Era volumosa na minha mão, tão estranha, e com meus ombros retocados, eu coloquei o cano da arma na cabeça da mãe de Lincoln.

E então esperei que Ambideaux entrasse.

# 32

## *Lincoln*

As unidades não estavam na casa de Ambideaux quando minha SUV chegou no meio da rua.

O que significava que ou Delery não as enviou ou simplesmente não tinham chegado ainda. Eu estava rezando pelo último. Esperando por milagres, que eu realmente não acreditava.

O gramado da frente estava cheio até a borda com os convidados todos vestidos com roupas de coquetel. Ternos para os homens, vestidos para as mulheres. Passei por todos eles, totalmente consciente do fato de que essa era a primeira vez que eu entrava na casa enquanto uma festa estava acontecendo.

Eu sempre fui relegado à segurança. Espiando pelas janelas.

Hoje, não parei para apreciar a beleza da casa ou dos convidados.

*Avery, onde você está?*

Estourando por dentro, girei minha cabeça para examinar a sala. Grupos de pessoas jogavam coquetéis e riam.

"Você pode acreditar?" Disse uma delas, sua voz tilintando como sinos no vento. “Quero dizer, eu sei que *estou* animada para ver como será a cidade com o Sr. Ambideaux no comando. Ele é tão encantador.”

"E quente," brincou outra. “Eu gostaria que ele deixasse seu cabelo ficar cinzento. Status total da raposa prateada.”

Colocar Ambideaux no cargo seria o equivalente a incendiar uma cidade. Jack, o Estripador, seria uma alternativa melhor.

Eu passei pelos grupos, movendo-os para o lado, constantemente examinando o lugar com a esperança de que eu visse uma cabeça escura familiar. Quando a encontrasse, eu a beijaria, possuindo sua boca com a minha. E então eu a dobraria sobre o joelho e bateria na bunda dela até que ela aprendesse - pela primeira vez - o que significava obedecer porra.

"Capitão América?"

Meu coração deu um pulo e depois reassentou com desapontamento quando percebi que não era a voz de Avery.

Dedos enrolados no meu bíceps e olhei para baixo. Era sua colega de quarto.

"Katie," ela forneceu sem perder uma batida. Ela baixou a mão, apenas para colocá-la na clavícula. “Estou tão feliz por você estar aqui. Nós estivemos procurando por você...”

"Avery está aqui?"

“Ela está procurando por *você*. Então, sim, ela está aqui. Nós duas estamos aqui. Onde você esteve?"

*Por toda essa porra da cidade.*

Eu balancei minha cabeça, minha palma passando pela minha barba por fazer. “Não importa. Precisamos pegá-la e sair.” Eu olhei para a cabeça de Katie, procurando na multidão. "Onde ela está?"

A luz nos olhos de Katie diminuiu. “Eu a vi trinta minutos atrás. Talvez quarenta.” Engolindo, ela mordeu o lábio inferior. “Eu percebi que ela tinha te

encontrado. Eu tenho assistido Ambideaux esse tempo todo - ter certeza que ele ficou onde eu poderia vê-lo.”

A maneira como a testa dela enrugou não era um sinal encorajador.

"Mas?" Eu empurrei, minha paciência já se esgotando.

“Mas ele pegou uma porta na qual eu não pude entrar há quinze minutos atrás. Eu estive esperando, imaginando que ele voltaria. Outra respiração. “Eu ia dar mais cinco minutos antes de procurar por ela. Eu estava esperando...”

Não havia tempo para ouvir suas esperanças, não agora.

"Espere lá fora," eu disse a ela. “Eu chamei minhas unidades de tenente aqui. Eles deveriam estar chegando.”

A cabeça de Katie balançou. “Claro, sim. Ok, eu posso fazer isso.” Ela deu um passo para trás, as mãos indo para a saia de seu vestido enquanto ela girava - mas ela bateu em uma parada repentina, e então olhou de volta para mim. “Capitão, eu vou dizer isso uma vez. Ela ama você. Ela pode não saber como dizer isso, mas sei que ela sabe. Mantenha-a segura ou eu vou atirar em você pessoalmente.”

Apesar do mau momento, meus lábios se contraíram. "Claro, viúva negra, claro."

Ela se preencheu com isso.

E, por mais patético que fosse, eu me preparei um pouco.

*Avery me ama.*

Cristo, eu era um merda.

Até encontrá-la, não havia motivo para comemoração. Eu olhei para a

escada. Pegando minha remanescente Glock e, em seguida, subi as escadas.

# 33

## *Avery*

Minhas mãos balançaram ao redor da arma.

Elas tremeram ainda mais quando o olhar da mulher saltou para o meu rosto. Aqueles familiares olhos azuis dela estavam surpreendentemente claros. Nenhum medo na arma pressionou a sua testa. Sem lábios trêmulos.

"Faça isso," a mulher sussurrou.

Meu estômago caiu. "O que?"

Quando a porta gritou novamente, as mãos da mulher foram para o ar, tentando agarrar meu braço. "Faça isso," ela disse novamente, o desespero tingindo sua voz. "*Faça isso.* Por favor, por favor, por favor..."

As dobradiças desistiram de sua luta.

Torci na cintura, forçando a impassibilidade no meu rosto quando tudo o que senti foi uma energia frenética pulsando através do meu corpo. "Sr. Ambideaux," eu falei com falsa bravura. "Quão maravilhoso de você se juntar a nós."

Ele tropeçou, o impulso de jogar seu corpo na porta, dificultando que ele parasse. Olhos escuros voaram de mim para a mãe de Lincoln.

"Victoria e eu estávamos apenas tendo uma conversa linda." Meu dedo indicador pairou sobre o gatilho, e eu imediatamente deslizei para a esquerda. Apenas no caso de eu ficar nervosa. Embora, quem eu estava enganando? Eu já estava muito nervosa.

Meus pulmões tomaram o ar e me esforcei para não parecer afetada.

"Afaste-se dela," latiu Ambideaux. “Estou lhe dizendo agora, senhorita Peyton, se você puxar o gatilho, vou acabar com você para sempre. Melhor ainda, entregarei você ao seu padrasto.” Com o mesmo sorriso horrível, ele acrescentou: “É assim que você quer que isso acabe? *Eu não amaria mais nada*."

Ao meu lado, a mãe de Lincoln começou um novo canto, suavemente proferido: "Faça, faça, faça."

Eu não tinha ideia se ela se referia a mim ainda ou se ela estava incitando Ambideaux. Eu segurei a arma novamente, odiando o suor acumulado nas palmas das minhas mãos. "Eu não tenho interesse em ir ver o prefeito."

"Então, abaixe a arma."

Forcei aço no meu tom. "Dane-se."

Com os olhos apertados, ele tirou o tecido do paletó para revelar uma arma no coldre. "Deixe-me dizer-lhe o que acontece com as pessoas que me atravessam, senhorita Peyton." Ele espalmou a arma, elevando-a até o nível dos olhos antes de virar para apontar para mim. “Eu atiro nelas, mas claro, em nenhum lugar onde elas são particularmente propensas a morrer... não imediatamente. Eu quero que elas sofram. Eu quero que elas sangrem.”

Seus sapatos de couro deslizaram sobre o tapete silenciosamente quando ele se aproximou.

"Só quando eles estão me implorando por toda a vida eu vou para o próximo passo." A boca de sua pistola foi para sua bochecha, onde ele desenhou uma linha ao longo do comprimento de seu perfil. Lento. Ameaçador. Eu imediatamente pensei em Lincoln e no *J que* ele tinha sido forçado a esculpir, apenas para mostrar que ele nunca seria possuído por este homem. “Eles são

todos marcados por mim de alguma forma. Tatuagens nos vivos. Cicatrizes nos quase mortos. E então, claro, eles são levados para o oeste para os jacarés se banquetearem.”

A imagem fez meu estômago doer.

Meu coração também.

Com a voz áspera, eu disse: "Você é louco."

"Não, senhorita Peyton," disse ele com um sorriso estranho no rosto. "Isso não é nada do que eu sou."

"Faça isso," sussurrou a mãe de Lincoln novamente. "Por favor, por favor, faça isso."

O olhar de Ambideaux cortou para ela. "Victoria..."

"Samantha!" Ela gritou, me assustando. A arma sacudiu na minha mão, acidentalmente empurrando para a frente em sua têmpora, e a maldita mulher nem sequer se mexeu. Ela inclinou a cabeça, dando mais espaço à arma para brincar ao longo da linha do cabelo. “Eu não sou Victoria. Eu não sou Victoria. Eu não sou..."

Confusão me agarrou, e então um momento depois, um tiro estourou.

A janela à minha direita estilhaçou no momento em que Ambideaux desceu, seu grande corpo amassado quando algo o atingiu por trás.

Uma moldura familiar fez com que Ambideaux se aproximasse, rolando o homem mais velho de costas enquanto ele se escarranchou no meio do corpo.

*Lincoln.*

Oh Deus.

Eu não ousei fazer um som, medo de entupir minha garganta que eu o distrairia e ele acabaria com uma bala na cabeça ao invés de atravessar uma janela.

Mãos enroladas no meu pulso. "Por favor," a mulher - Samantha? - Sussurrou urgentemente, os olhos fixos na arma. "Por favor me mate. Eu não posso..." Um soluço arruinou seu corpo. "Eu não posso mais fazer isso. Ele nunca me deixará ir. Por favor. Faça, faça, faça."

Minha boca ficou seca.

Lincoln disse que sua mãe nunca se importou com ele, mas eu não podia matá-la. *Eu não posso acabar com a vida de alguém.* A arma acabou por ser uma ameaça. Uma maneira de dobrar Ambideaux às minhas exigências, deixando-me escapar ilesa.

"*Por favor.*" Ela puxou minha mão.

Grunhidos masculinos arrancaram minha atenção dela para pousar nos homens que lutavam no chão. Lincoln acertou Ambideaux no rosto, um punho tão poderoso que chicoteou a cabeça do homem para o lado e, sem dúvida, afrouxou os dentes no impacto.

"Eu deveria ter matado você," Ambideaux rosnou alto o suficiente para eu ouvir, suas mãos lutando para comprar em torno da garganta de Lincoln, ainda empunhando sua arma enquanto seu braço cortava o ar. "Eu tive tantas oportunidades ao longo dos anos e eu era muito mole."

Lincoln não disse uma palavra. Seu rosto era uma máscara de concentração enquanto ele saía do meio das mãos ávidas de Ambideaux. Inclinando-se para a frente, Lincoln prendeu as pernas ao redor do outro homem e rolou-as até que Ambideaux comeu carpete e Lincoln estava de costas.

Sua arma na parte de trás da cabeça do homem.

# 34

## *Lincoln*

Eu estava ciente dos belos olhos castanhos de Avery em mim.

Consciente da mulher que eu sempre pensei ser minha mãe fazendo invocações incoerentes que não se registravam além do trovão do meu coração no meu peito.

Adrenalina pulsando como se eu tivesse sido injetado com epinefrina, mantive o cano firme na parte de trás da cabeça do meu pai. *Meu pai.* A amargura se juntou à adrenalina e eu alavanquei minha pistola para frente, cavando a boca no crânio de Jason.

Eu me inclinei, a Glock escovando minha bochecha sem cicatriz quando eu assobiei, “Não exatamente como você planejou, não diria? *Papai.”*

Seu corpo se contraiu sob o meu e eu ri.

Porra, eu ri. Longo e duro e tão amargo. “Sempre me perguntei por que você me resgatou em um orfanato. Eu sobre qualquer outra pessoa. E aqui eu estive pensando que eu era especial.”

Ouvi o ofego de Avery, mas não consegui me distrair.

A visão de Ambideaux apontando uma arma para ela estaria gravada para sempre na minha cabeça. Isso distorceu minha visão, me levou à beira da insanidade, e agora aqui estava eu, segurando meu velho com uma arma e não me arrependendo de nada.

Ninguém a tocava. Ninguém a ameaçava.

Eu porra os mandaria para o inferno primeiro.

"O que?" Minha palma pousou na cabeça do homem, e eu o forcei a virar o rosto para a direita, de modo que sua bochecha esquerda foi plantada contra o tapete. A arma, eu arrastei para o lado do perfil dele exposto a mim. Seu lado direito. “É uma pena que eu esteja sem facas,” eu falei baixinho. “Ou então eu esculpiria seu rosto da mesma maneira que você fez com o meu. Com o *seu filho.”*

O pomo de Adão dele balançou. "Eu amo sua mãe. Não faça isso na frente dela, Lincoln. Não a faça ver...”

"Ela não é minha mãe!" Eu berrei, o que provocou mais resmungos incoerentes da minha mãe - *Samantha*. A boca de Ambideaux se abriu, bochechas estagnadas, enquanto eu empurrava a arma mais fundo. “Eu aprendi muito hoje, Jason, mas principalmente eu aprendi que você está fora de si.”

Ele ofegou, e eu senti suas pernas se debaterem enquanto ele lutava para me virar. "Eu fiz você," ele disse duramente. "Eu fiz você quem você é. Um assassino. Um monstro. Assim como *eu.”*

As palavras entraram no meu coração como alfinetes.

"Não é verdade."

Eu olhei para cima, passando pela cena brutal antes de mim, para encarar Avery. Seus braços estavam ao lado dela. Seu olhar ficou paralisado em mim.

Ela molhou os lábios. "Não é verdade," ela disse novamente, desta vez mais alto. "Você sabe que não é verdade, Lincoln."

"Faça isso," cantou Samantha na cama, com os braços em volta de si. "Faça isso, faça."

Abaixo de mim, Ambideaux se debateu um pouco mais. “Você sempre será o que eu fiz de você. Um assassino, Lincoln.”

O barulho sem fim foi um ataque aos meus ouvidos, mas eu não consegui desviar o olhar de Avery. Eu a observei se mover, o jeito que seus lábios formaram as palavras que eu não pude ouvir sobre o rugido na minha cabeça.

*Não,* ela falou, *você é melhor que isso. Muito melhor.*

Não parecia assim. Parecia que eu queria afundar na minha realidade e puxar o gatilho, terminando a vida do meu pai. Uma ameaça a menos pairava sobre minha cabeça nos anos que se seguiram, quando não me atrevi a fazer o que ele queria.

*Eu sou melhor que isso.*

Eu não era, não realmente.

Mas eu com certeza queria ser - por causa dela, Avery.

Não querendo soltar meu aperto e ter os papéis invertidos, com Ambideaux montando nas minhas costas, eu enviei um rápido olhar sobre o quarto, tentando encontrar algo que eu pudesse usar como corda. "Ave," eu grunhi. "Me dê..."

"Saia!"

Eu comecei com o grito, minhas mãos tremendo com o inesperado disso.

"Saia! Saia! Saia!"

Olhei para a direita, com medo de levantar o queixo lentamente e fazer contato visual com o prefeito de Nova Orleans. Seu olhar estava em Avery, paralisado da mesma maneira que os convidados fazem enquanto assistem a uma performance fascinante no palco.

A arma que ele segurava entre as duas mãos foi treinada nela.

*Porra.*

"Saia! *Saia!*"

Semanas atrás, Avery tinha puxado a carta da Morte para o meu futuro. Isso combinou com meus medos por tanto tempo, mas eu me recusei a descer. Eu tinha uma vida para viver. Uma mulher para amar.

Minha arma saiu da testa de Ambideaux e eu saí do caminho. Subi em um joelho no mesmo momento em que Foley fez uma careta e se virou para se envolver comigo.

*Um...*

*Dois...*

*Pft! Pft!*

"Jesus Cristo."

Foley caiu de joelhos, a mão indo para o estômago, onde eu acertei ele. O estômago, com todos os seus órgãos e intestinos, levaria a uma morte lenta e excruciante - a menos que ele recebesse ajuda médica em breve.

A ajuda afundou-se no meu sistema.

Foi de curta duração.

Braços presos ao redor do meu peito, me levando de volta ao chão. *Jason.* Minhas costas aterrissaram com um baque, meus molares rompendo juntos quando Ambideaux me montou. E, assim como na minha casa há algumas semanas, ele enfiou a boca da arma na testa, de modo que tudo que vi foi o cano e tudo o que ouvi foi sua respiração áspera, os cantos de Samantha e o grito de

Avery.

"Eu a amo," Jason sussurrou, seu cabelo despenteado, seu terno ainda mais. "Eu a amo mais do que tudo."

Ar expelido bruscamente do meu nariz enquanto eu lutava para permanecer calmo. “Mais do que Nat? Sua esposa?"

Sua boca comprimindo, ele balançou a cabeça. “Nat foi boa. Eu dei a ela o mundo. É porque ela é uma cadela gananciosa que ela não poderia lidar com você, que ela não podia olhar para Victoria.” Uma máscara sombria se estabeleceu em seu rosto, e ele se inclinou em meu peito, me dando todo o seu peso e tornando difícil respirar. “Ninguém me passa, filho. Ninguém. É um ponto para provar, para manter o medo se movendo a meu favor nesta cidade.” Seu dedo deslizou sobre o gatilho, levando o meu coração morto há muito tempo junto com ele. “Sinto muito que isso tenha que acontecer. Mas você merece, assim como todos eles fizeram antes de você. Você merece..."

Houve um *baque* baixo que ecoou em meus ouvidos e me roubou o ar, e então Ambideaux olhou para mim, atordoado, balançando, antes de desmoronar em cima de mim.

Avery estava atrás dele, uma arma agarrada em suas duas mãos, um olhar de horror resignado em seu rosto.

Eu disse uma vez que meu coração estava morto. Eu acreditei totalmente nisso. Uma pessoa não podia fazer as coisas que eu havia feito e ainda permanecer humano por dentro - eu tinha sido um monstro, assim como Ambideaux me criou para ser. Mas com o peso do meu pai caído em cima de mim e Avery em pé a apenas 30 centímetros de distância, seus olhos tão redondos quanto pires, eu sabia que não era verdade.

Se eu fosse um monstro, não haveria arrependimento e tristeza se

infiltrando em minha medula.

Lamento que Avery tenha tido que dar esse passo quando ela tomou a decisão de se abster de tirar a vida de outra pessoa.

Lamento que Jason, o homem em quem eu me apoiei enquanto crescia, em algum momento, tivesse perdido a cabeça para que suas ilusões se tornassem sua realidade... e ameaçou todos os outros em seu rastro.

A língua de Avery passou pela almofada do lábio inferior. “Ele não está morto, não acho. Você estava certo, não sei como disparar uma arma. Eu não queria me arriscar a matar você se eu visse errado. Eu bati o cano na cabeça dele.”

Rolando o corpo de Jason fora do meu, eu pressionei um dedo em sua garganta, logo abaixo do jugo de sua mandíbula. Seu pulso era leve, mas estava lá. Uma estranha mistura de alívio e desapontamento passou por mim e eu não me preocupei em resolver tudo. Não agora.

Meu olhar foi para Samantha, a mulher que Ambideaux mantinha aqui em cativeiro. Suas pernas esmagadas. Ela não tinha sido intencionalmente cruel, eu vi isso agora. Como eu, ela estava em sua própria prisão de fabricação de Ambideaux, incapaz de escapar.

"Sinto muito," eu murmurei quando seus olhos azuis, tanto como os meus, balançaram meu caminho. "Eu sinto muito, Samantha."

Seus olhos se arregalaram e seus ombros tremeram e um grito perturbado saiu de sua boca. "Samantha," ela sussurrou: "Eu sempre fui Samantha".

Uma mão pousou nas minhas costas, reconfortante em sua suavidade, em sua leve pressão. Durante anos, eu fui forte. Inabalável. O homem que fez as coisas e não faz perguntas. Meu peito estava cheio de datas e números daqueles

que eu coloquei em seus túmulos muito cedo.

Neste momento, porém, eu me virei para Avery - a mulher que viu debaixo do meu duro escudo - e eu a engoli em um abraço que levantou os pés do chão e teve suas mãos pulando nas minhas costas para manter o equilíbrio.

"Eu estou bem, Lincoln." Ela beijou meu peito, bem sobre o meu coração, bem sobre o seu número. "Estou bem."

Meu nariz cutucou seu pescoço quando eu inalei seu cheiro. "Eu não pedi uma salvadora." Meus lábios encontraram o pulso em seu pescoço, e eu permaneci lá, gratificação filtrando através de mim que ela estava segura, ela estava bem. "Eu não pedi uma salvadora, mas você me encontrou de qualquer maneira."

E então minha Avery, a garota mais corajosa que conheci, beijou meu peito novamente e apoiou o queixo no meu peito, erguendo o olhar para o meu. Seus cílios estavam molhados de lágrimas. Seu lindo rosto aberto e transparente enquanto ela murmurava: "Você me achou nas sombras, Sargento, quando eu estava com medo, e você me trouxe de volta ao mundo dos vivos."

Nós éramos duas almas soltas que haviam se encontrado, e, Cristo, segurando-a, era tão bom. Tão certo. "Você é mi..."

Comoção na entrada me fez baixar Avery a seus pés.

Katie estava lá. Quinn Delery e, para meu maior choque, Big Hampton estava diante de todos. Ele olhou de mim para Avery. E então, para ela, ele disse: “Ouvi dizer que às vezes pessoas boas fazem coisas ruins, senhorita Peyton. Eu estou fazendo um esforço para ser bom em toda a volta, então eu espero que você não se importe que eu tomei a liberdade de ir ao NOPD em seu lugar e...” Ele olhou para o prefeito de Nova Orleans, que estava agarrando seu estômago e gemendo. "Providenciando para que as coisas sejam colocadas em ordem para

fazer as coisas certas."

Avery soltou uma tosse estrangulada. "Bem, droga."

E se isso não fosse um slogan adequado para os eventos do mês passado, eu não sabia o que era.

# 35

## *Avery*

*Seis horas depois...*

"E eu me sento aqui com você?”

Desde o confronto na casa de Ambideaux, e o derramamento de sangue que se seguiu, Lincoln e eu fomos arrastados para a sede do NOPD. O edifício era dos anos 60 com linhas rígidas e intransigentes e um ar geral de esterilidade que fazia minha pele esfriar.

Ou talvez fosse só isso, depois de aprender tudo o que eu tinha hoje sobre Foley e mamãe, e depois sobre Lincoln e Jason Ambideaux e sua pobre tia Samantha, eu me sentia gelada até os ossos.

"Senhorita Laurel?"

Durante todo o dia, eu tive que responder a Laurel e Avery, e meu cérebro tinha perdido o número de vezes que eu não tinha conseguido me virar quando falava. Para uma mulher que adotou muitas identidades, passei a reconhecer - Avery - e nada mais parecia se encaixar por mais tempo.

Eu olhei para a familiar voz rouca - Quinn - ele se apresentou para mim, antes, quando todos nós nos encontramos no quartel general e acampamos em lugares desconfortáveis para esperar a nossa vez de falar com a polícia.

*O homem que me deixou viver.*

*O homem que não matou mamãe.*

Eu sabia, de alguma forma, que ele parecia familiar quando o encontrei pela primeira vez em Whiskey Bay.

Eu balancei a cabeça bruscamente. "Claro. Certo."

Sua bunda bateu no assento ao lado do meu, e ele imediatamente se curvou, os cotovelos nos joelhos. Por um momento, ele ficou quieto. E então. “Eu pensei que estava vendo fantasmas quando você entrou na Whiskey Bay algumas semanas atrás. Meu passado voltando para me assombrar e tudo mais.”

Eu engoli em seco, depois abaixei o meu olhar para as minhas mãos entrelaçadas. "Não sou um fantasma," eu disse suavemente. "Apenas uma garota que aprendeu a se esconder por muito tempo."

Um ruído escuro reverberou em seu peito, e ele enfiou uma mão através de seu corte de cabelo. “Você não merecia nada do que aconteceu. Você era uma criança e Foley era um filho da puta ganancioso. Ela sabia o que ele faria com ela - o que ele tinha feito aos outros - e que ele nunca a deixaria sair viva. Eu estraguei meu cérebro tantas vezes, tantas conversas que nunca conseguimos ter. Eu não faria isso, ela sabia disso, e acho que ela se preocupava com o fato de Foley se mudar para a próxima pessoa que a mataria, sem perguntas.” Ele enfiou a mão pelo cabelo novamente, puxando os fios curtos. "Eu quero acreditar que ela sabia o que estava fazendo e que ela pensou em tudo, incluindo o que poderia acontecer com você."

Eu encarei minhas mãos. Assisti elas se curvarem e se desdobrarem no meu colo. “Ela bebeu muito. Lembro-me de ela adormecer com a garrafa enfiada no peito. Lembro-me dela chorando todas as horas do dia, com um copo de vinho na mão.” Ela tinha sido leveza e sombras, quando eu realmente olhei para trás - risadas e tempestades, uma combinação problemática que provavelmente tinha amassado ao saber o que Foley pretendia.

Doía pensar que mamãe estava em um lugar tão sombrio... que ela provavelmente não estava pensando claramente quando puxou o gatilho. Que talvez ela sentisse que não tinha para onde ir, para onde se virar.

Assim como eu por todos esses anos.

Doía engolir, mas não mais do que meu coração já doía, sabendo tudo o que eu sabia agora. E o que eu nunca soube. “Eu sei que você se sente culpado, mas eu prometo que está tudo bem. Pelo que entendi, você estava preso. Ela roubou a decisão de você e você fez o que pôde - você me manteve segura.”

Eu não queria entender, eu queria me apegar à raiva que me alimentou por tanto tempo. Mas com que finalidade? Você não podia reverter as ações dos mortos e não podia questioná-los depois que eles se foram. Se tudo isso fosse possível, o mundo seria um lugar diferente. Mamãe tomou sua decisão naquela noite e eu tive que viver com isso.

O pomo de Adão de Quinn balançou enquanto ele continuava a olhar para suas mãos cheias de cicatrizes, e me ocorreu então que ele e Lincoln eram um e o mesmo. Suas lealdades tinham sido estabelecidas com pessoas diferentes, mas no final do dia... dois assassinos, dois chamados monstros, dois homens supostamente sem coração que viviam pela violência e nada mais.

Quinn passou um polegar sob o olho dele. Limpou a garganta. “Eu a conheci primeiro, você sabe. Na Jackson Square. Ela tinha vinte e quatro anos aos meus dezenove anos, mas porra, ela era linda. Todos os longos cabelos loiros e brilhantes, olhos castanhos, do tipo que eu queria me perder.”

Meu coração disparou até parar. "Na Jackson Square?"

Sua mandíbula se apertou. “Ela era uma das artistas ao longo dos portões. Pintou as cenas mais bonitas da cidade que você já viu. Não tive coragem de fazer mais do que falar com ela naquele dia e na próxima vez que a

vi, ela estava no braço de Foley. Meu chefe, a garota que eu não conseguia parar de pensar.” Ele riu, o som oco e triste. “Ela se lembrou de mim porque eu fiz papel de bobo. Eu me lembrei dela porque nunca tinha visto outra alma com tanta luz. Você tinha seis anos, eu acho.”

A mágoa em sua voz quebrou meu próprio coração, partindo-o em dois. Sem pensar duas vezes, toquei seu antebraço em solidariedade. Ele parecia que precisava disso. Como se talvez fosse a primeira vez desde que mamãe morreu que ele teve a chance de dizer o que queria dizer.

"Eu não estava autorizado a estar perto de você," acrescentou ele um momento depois. “Você nem era filha dele, mas havia regras em jogo. Como Cat, você pertence a ele. Ele era - *é* - um homem controlador, mas na noite em que ele veio até mim e me disse que eu precisava ser o único a matá-la, recusei. Disse não.”

Era difícil respirar, mais difícil de digerir tudo. “Lincoln mencionou algo sobre uma herança? Eu simplesmente não entendo.”

Os ombros de Quinn se levantaram. “Pelo pouco que sei, sua mãe foi isolada de sua família quando ela teve você. Ele a fez morar na praça, às vezes servindo de bartender aqui ou ali, mas Foley a arrastou do chão.” Seus pés começaram a bater no chão, a energia nervosa irradiando dele. “Seu avô estava morrendo, e eu acho que não havia mais ninguém para deixar o dinheiro - então ele deu para sua mãe com uma única estipulação: se algo acontecesse com ela, o dinheiro, as inúmeras propriedades em toda a cidade, iria para o marido.”

"E não para mim."

"Não para você," ele repetiu, sua voz cortada com uma borda. "Eu sinto muito que ele não era progressista ou que ele não te viu como..."

"Eu não sinto."

E eu não sentia. Eu nunca conheci meu avô. As memórias esparsas que eu tinha da vida antes de Jay eram de mim e minha mãe morando em um pequeno apartamento em uma loja de esquina em Marigny. Não havia primos para brincar ou família para me sufocar com carinho, só eu e mamãe. Eu tinha me saído bem sem o dinheiro todos esses anos e, embora ficasse abalada ao pensar que ela estava morta por causa de um bastardo ganancioso como Jay querendo ser o dono de tudo, eu sabia que ele sentia sua própria forma de arrependimento.

Ele chamou Nat pelo nome da minha mãe sempre que ele a fodeu.

Ele encontrou mulheres - às vezes adolescentes - em toda a cidade que pareciam com ela, para fazer o mesmo.

Ele pegaria o que estava vindo para ele, mas eu... Eu só queria ir para casa hoje à noite. Onde quer que fosse.

"Querida."

*Aquela voz.*

Eu pisquei para Lincoln, para a mão que ele me ofereceu, para a dureza de suas feições e a beleza de seus olhos azuis.

"Harlonne me disse que podemos ir para a noite." Ele fez uma pausa, os dedos se curvando quando eu não peguei sua mão rápido o suficiente. A dúvida brilhou como um raio no rosto dele. E então: "Venha para casa comigo."

Nós éramos duas almas quebradas, nossas vidas de alguma forma se alinhavam paralelamente ao longo dos anos sem que nenhum de nós soubesse. Meus olhos lacrimejaram, e logo antes de sua mão cair de volta para o lado dele, eu a peguei pelas pontas dos dedos. "Sim," eu sussurrei. "Por favor."

Ao meu lado, Quinn limpou a garganta novamente. "Eu vou deixar você ir, então." Ele se levantou, batendo no ombro de Lincoln. “Obrigado por me usar

como um escudo de corpo humano hoje. Muito agradecido."

Lincoln soltou uma risada. "Tempos desesperados."

"Eu não sei disso." Ele olhou para mim, com a testa franzida. "Antes de eu ir... Nat já está saindo da cidade. Todos nós temos o alerta, então eu... bem, eu pensei que você deveria saber. Você não vai ter que se preocupar." Ele se virou sem outra palavra, de cabeça baixa. Seu mancar era mais forte do que a primeira vez que o vi em Whiskey Bay.

"Quinn!" Eu gritei, e ele imediatamente olhou por cima do ombro. "Me dê seu número. Talvez... talvez pudéssemos almoçar um dia? Falar sobre minha mãe ou o tarô ou o que quer que você queira?"

O rosto do homem se iluminou como um farol e senti o calor dentro do meu peito também. "Foda-se, sim. Quero dizer sim. Sim, isso seria bom. Se seu namorado prometer não me bater na cabeça, talvez possamos convidá-lo também."

O sorriso de Lincoln era todo o encanto fodão. "Sem promessas, cara. Maus hábitos são os mais difíceis de quebrar."

E então o meu próprio Capitão América, meu próprio Thor, estava me jogando em seus braços, assim como ele tinha saído daquela cabana quando eu queria espancá-*lo* na cabeça. Ele deu um beijo na minha bochecha, na minha testa, na inclinação torta do meu nariz, quebrado de um acidente de skate que deu errado quando criança.

"Estou levando você para casa," ele disse em meu ouvido. "E essa é uma ordem que você terá que obedecer."

Eu sorri abertamente. "Engraçado o suficiente, *não, não* há uma palavra no meu vocabulário agora. Melhor aproveitar enquanto puder."

“Oh, eu pretendo, querida. Eu pretendo."

# 36

## *Lincoln*

Eu aproveitei, como prometi - e Avery não teve uma única queixa quando afundou na banheira fumegante duas horas depois.

"Deus," ela gemeu, inclinando a cabeça para trás enquanto a água lambia seus seios pequenos. "Isso é tão bom."

Eu abri uma garrafa de xampu. Espremi uma dose saudável na palma da minha mão. "Incline-se para a frente," eu disse, minha voz rouca quando meu pau endureceu no meu suor. "Deixe-me cuidar de você."

Ela fez o que eu pedi, inclinando-se para frente sem questionar, gotas de água grudando em sua pele lisa quando ela se afastou do lado da banheira. Como muitas casas antigas em Nova Orleans, eu era o orgulhoso proprietário de uma banheira com pés. Normalmente, eu odiava a maldita coisa. Agora, contei minhas bênçãos da sorte enquanto aproximava minha cadeira da porcelana e colocava minhas mãos no cabelo escuro de Avery para massagear o xampu em seu couro cabeludo.

"Você vai mantê-lo preto?" Eu perguntei. Eu não dava a mínima para um lado ou para o outro, mas com Jay Foley no hospital - e depois em uma passagem de ida para a infame prisão de Angola na Louisiana - ela estava livre.

Livre para ser quem ela queria.

Livre para olhar o que ela quisesse.

*Livre para me deixar.*

Se eu fizesse do meu jeito, ela seria sugada para o meu lado pelo resto de nossas vidas. Minha esposa, minha âncora, a futura mãe de nossos filhos. Porra, eu queria tanto. Quando a morte sempre foi meu futuro predestinado, mas olhei para ela, pareceu surreal pensar que eu tinha uma chance para outra coisa agora.

"Sim." Um gemido escapou de seus lábios enquanto eu balançava meus polegares na base de seu crânio, massageando os músculos da sua nuca. "Deus, sim."

O riso retumbou no meu peito. "Isso é um sim para o cabelo escuro ou um sim para eu fazendo você se sentir como o céu agora?"

Sua cabeça caiu para frente. "Tudo isso. Particularmente o pedaço do céu.”

Minhas mãos deslizaram pela extensão de suas costas, polegares cavando ao longo de ambos os lados de sua espinha. Ela era perfeita sob o meu toque. Bela. Expressiva. Seus braços foram para os lados da banheira e então ela arqueou as costas. O espelho na parede oposta a nós mostrou-me o que o meu ponto de vista não mostrou: seus seios empurrando para frente, os olhos abertos e voltados para mim, o declive de sua barriga subindo acima da água enquanto ela se esticava para cima graciosamente.

Dedos provocando os lados de suas costelas, eu flertava descaradamente com as ondas externas de seus seios. “O que você quer, querida? Me diga o que você quer."

Se ela ouviu a urgência na minha voz, pareceu apenas estimular a dela. No espelho, seus olhos cor de avelã se arredondaram. Ela chegou por cima do ombro, procurando minha mão. Eu mergulhei a mão na água, enxaguando fora o shampoo e depois emaranhado nossos dedos.

"Eu quero ser desejada," disse ela, e eu não senti falta do leve tremor em suas mãos. "Mas mais do que isso, eu quero ser amada." Ela engoliu em

seco. Apertei minha mão. “Por você, no entanto. Só você."

Eu nunca fui particularmente sentimental, mas quando eu levei a mão dela até a minha boca para pressionar um beijo em seus dedos, percebi que eu nunca deixei minha guarda cair o suficiente para cair também. "Deixe espaço para mim, Ave." Eu a deixei ir. Tirando meu suor e minha camisa e colocar todos os horrores da minha vida em exibição para ela ver. "Estou entrando."

A água girava em torno do diafragma enquanto se movia para o lado oposto da banheira. Ajeitou as costas e enxaguou um pouco do sabão da cabeça dela. O vapor me envolveu quando coloquei um pé na água e fiz o mesmo com o outro. E quando me abaixei para sentar, a água subiu do diafragma até a clavícula. Ela flertou com a borda da banheira, espirrando para o lado.

Eu não dei a mínima.

"Estou aqui," eu rosnei. "Deixe-me te amar."

Um pequeno sorriso brincou em seus lábios enquanto ela se arrastava em suas mãos e joelhos em minha direção, a água acariciando seu lábio inferior. Ela parecia uma deusa do mar, enviada para arruinar minha mente.

Linda. Tão porra linda, e ela era toda minha.

Minha mão agarrou sua cintura, girando-a de modo que ela estava de costas para o meu peito. Ela flutuou e eu apertei minhas pernas sobre as dela para mantê-la no lugar. Inclinei minhas pernas, para que as dela fizessem o mesmo, abrindo-as para mim abaixo.

A parte de trás da cabeça dela caiu na minha clavícula. "Eu sinto que há muito a dizer." Seus dedos provocaram os cabelos curtos em minhas coxas, arrastando as unhas para baixo, para baixo, até que eles chegaram muito perto de roçar meu pau. “Eu quero dizer tudo - o quão chocada eu sinto que mamãe tirou

a própria vida, sabendo que ele iria matá-la de qualquer maneira. Que estou tentando não me sentir desapontada que Jay provavelmente viverá ou que Ambideaux...”

O golpe que ela deu a ele abalou seu cérebro, com certeza. Ele tinha caído em coma - talvez eu ainda fosse aquele desgraçado sem coração que eu sempre fui porque não sentia remorso por esperar que ele nunca acordasse disso. Um tigre nem sempre conseguia mudar suas marcas, e eu fiz o suficiente mudando nas últimas semanas. Para o melhor. Eu posso não ser um monstro, mas eu nunca seria cidadão do ano.

Eu beijei o ombro úmido de Avery. “Assistiremos e veremos como isso acontece com os médicos. Ele pode sair disso.”

“Eu gostaria de me sentir mais culpada, pelo seu bem mais que por mim. Ele era seu pai, mas o que ele fez com Samantha todos esses anos...”

Do jeito que eu olhei, Samantha era a verdadeira vítima nessa situação. Os médicos haviam encontrado heroína e metanfetamina em seu sistema - sem dúvida injetado pelo próprio Jason para mantê-la viciada e sedada. Ela me disse repetidas vezes que eu não era seu filho, e em vez de me sentir desanimado com isso, eu deveria ter me perguntado porquê. Deveria ter feito algo mais em vez de dar a Jason mais tempo para comprar os médicos, então me disseram o que ele queria que eu ouvisse: a cabeça dela estava embaralhada do acidente.

Não, a cabeça dela estava embaralhada de décadas de uso de drogas que foram forçadas sobre ela.

Meu aperto aumentou na cintura de Avery, e eu passei um braço ao redor de sua frente. "Eles vão afastá-la," eu disse na curva do ombro dela. "E se ele sobreviver, ele vai apodrecer na cadeia do jeito que deveria por todos esses anos."

A mão macia de Avery, enrugada da água, fechou-se sobre a minha. "Olhe para mim, Lincoln."

Eu encontrei seu olhar no espelho, meu queixo em seu ombro. Lutei para não deixá-la ver a dor que eu não conseguia me livrar. “Tudo vai ficar bem. Tudo isso."

Sua unha mordeu meus dedos. "Pare de ser tão forte."

Eu sorri - e a que refletiu de volta no espelho era tão fraca quanto eu suspeitava que fosse. “Pensei que eu era o Capitão América. Thor, seja o que for. Eu tenho que ser forte."

Ela balançou a cabeça, os fios de cabelo escovando meu rosto. “O que você me disse uma vez? Eu sou uma garota corajosa.” Gentilmente, ela tirou meu braço do meio dela e se virou. "Sente-se na beira da banheira e deixe-me ser aquela que cuida de você."

Eu queria dizer a ela que não. Eu queria ser a pessoa que cuidava dela, que a fazia se sentir segura.

*Foda-se.*

A água do banho subiu enquanto eu arrancava meu corpo da dobra e sentava na beirada da banheira, minhas mãos indo para a borda curvada. Avery lambeu os lábios. Puxando-me mais perto. Trocando seus joelhos e circulou meu pau.

Meu estômago apertou ao sentir ela. Eu a tive apenas algumas horas atrás, mas, Cristo, pareceu séculos. Meses. Anos, até. Com os olhos no meu rosto, ela levou a boca ao meu pau duro. Passou a língua pela ponta e estaria mentindo se dissesse que o único toque não me ilumina como um inferno.

"Ave," eu grunhi, as mãos ainda na borda da banheira. *Não a force a ir*

*mais rápido. Deixe-a definir o ritmo.* Era contra a minha natureza fazer isso, ficar no banco de trás... mas com ela, eu fiz muitas coisas que não eram muito *minhas.*

Piqueniques sob o luar.

Conversas que não se prendiam a sexo e apenas sexo.

Apaixonado.

Sua boca me envolveu. Seu calor úmido. A água caindo em meus joelhos enquanto ela trabalhava meu pau até que meus olhos se cruzaram e minha respiração veio em respirações que pareciam sufocadas até para os meus próprios ouvidos. Sua língua deslizou ao longo da base enquanto ela me chupava profundamente. Seus dedos puxaram minhas bolas.

Ela estava me empurrando, testando meus limites com um brilho brincalhão em seus olhos castanhos sempre que ela olhava para mim, seus lábios rosados abertos. Era o visual exato que eu tive quando a conheci na Jackson Square.

Avery era a garota que poderia lidar com a minha escuridão, que tirou o pó das brasas brilhantes com um movimento de sua mão e me puxou das raízes do inferno para fazer amor com ela sob a lua.

Ela lambeu a ponta do meu pau, então me desafiou: “Dê-me tudo, sargento. Eu posso aguentar.”

Com um gemido profundo, eu me submeti.

Minhas mãos foram para a cabeça dela, presas no seu cabelo. Meus quadris se levantaram da porcelana enquanto eu dirigia meu pau em sua boca, fundo o suficiente para que eu olhasse para o fundo de sua garganta. Meu coração trovejou com as palavras que eu só conhecia com ela: *Eu amo você, eu*

*amo você, eu amo você.*

E então eu estava me afastando, observando meu pau se soltar de sua boca, enquanto eu a puxava da água e a girava para ficar em pé. Comigo sentada na beira da banheira e em pé, ela estava na altura perfeita. Eu cutuquei suas pernas juntas, para que suas coxas se tocassem, e então a posicionei na minha frente.

Sua boceta pairando logo acima da ponta do meu pau.

"Eu quero você assim," eu disse, voz baixa, minha mão seguindo a curva de sua bunda. "Você está tirando o seu prazer de mim, sem barreiras entre nós."

Houve uma pausa minúscula em que eu me preocupava que fosse muito forte, que exigi mais do que ela estava disposta a dar ainda.

Então, sua voz doce e gutural saudou meus ouvidos e eu quase gozei ali mesmo: “Desafio aceito, Capitão. Desafio aceito."

O primeiro deslize foi firme, e nós dois gememos.

"Oh, Deus, você parece grande." Ela afundou de volta, testando as águas, diminuindo o comprimento do meu pau. “Você parece tão grande... como isso."

Eu apertei seu quadril e tentei não explodir minha carga. "O martelo não mexe por aí."

Uma meia risada caiu de sua boca. "Você sempre faz piadas nos piores momentos." Seus dedos cavaram em minhas coxas quando ela escorregou mais um centímetro. "Primeiro quando estamos pulando fora das janelas e agora isso?"

Olhando para baixo, observei meu pau afundar completamente nela. Rangendo os dentes, mordi: "Confie em mim, querida, isso não é uma piada."

Arqueando as costas, ela se levantou, endireitando os joelhos, antes de

voltar para mim novamente. E então fez de novo. E de novo. Sua bunda subindo, sua boceta me chupando, ela controlava o ritmo, a maldita maneira que eu respirava.

Minha pele parecia que estava pegando fogo, queimando como se eu tivesse sentado em meio às chamas, em oposição à água gradualmente esfriando nas nossas pernas. Eu mal notei, não quando me sentei lá, deixando Avery me levar exatamente como ela me queria.

Rápido. Então devagar. Então novamente.

Minha mão batia sua bunda, punindo-a do jeito que ela estava me punindo por nunca manter o mesmo ritmo por muito tempo. O prazer era viciante. O jeito que ela me montou, como se eu estivesse aqui para saciar seu desejo sozinha, era viciante.

Circulando seu quadril, minha mão entre as pernas e seu ritmo parou.

"Continue," eu murmurei, meu dedo do meio encontrando seu clitóris inchado.

Nas pernas trêmulas, ela continuou. Suas costas se arquearam. Sua bunda saltando. Sua cabeça caiu para frente quando ela soltou um gemido que sacudiu minha alma. Eu não podia ver o rosto dela nesse ângulo, o espelho longe demais para a direita.

"Você está me observando?" Eu exigi.

Sua única resposta foi um movimento de seus quadris e um alto "Oh, meu Deus, *Lincoln.*"

Minhas bolas apertaram, meu orgasmo rastejando. Foda-se, ainda não. *Ainda não.* Eu apliquei mais pressão em seu clitóris. Segurei seu quadril com a outra mão, forçando-a a tomar toda a extensão do meu pau com cada

impulso para baixo que ela me deu. "Você está me vendo brincar com você?" Eu disse novamente, empurrando-nos para os nossos limites. "Um dedo ou dois?"

"Dois," ela engasgou, sua buceta me apertando como um vício quando eu esfreguei seu clitóris com dois dedos, assim como ela queria. "*Por favor,* Lincoln."

Ela era tão boa.

Ar bombeado para fora dos meus pulmões, tão irregular a cada expiração que quase doía. Machucou ainda mais quando consegui um gutural: “Por favor, querida? *Por favor o quê*?”

"Me ame. Apenas me ame."

Ela explodiu naquele momento e eu a puxei de cima de mim bem a tempo do meu próprio orgasmo atingir. Eu gozei em suas costas, desejando que eu estivesse dentro dela em seu lugar. *Em breve. Apenas ainda não.* Eu não era um tipo de cara paciente - eu levei, sabendo que ninguém estaria esperando nos bastidores para me dar o que eu queria.

Mas Avery... Eu a queria para sempre. Nós chegaríamos lá.

Colocando a água em minhas mãos, lavei suas costas. Agarrei uma esponja e reguei com sabão e em seguida, ensaboei. Eu a virei para me encarar. Passei a esponja até a barriga lisa para provocar seus mamilos.

E então eu dei a ela meu coração, por qualquer coisa que valesse a pena: "Eu te amo, Ave." Eu engoli meus nervos - aqueles que eu nunca tinha experimentado antes. “Eu entrei no seu mundo e depois a arrastei para o meu. Eu nunca fui um cavalheiro - um olhar para o meu rosto e você sabe exatamente o que quero dizer. Eu sou áspero. Escuro todo o caminho até a minha alma. Meu passado é ruína, como você me disse com as cartas. Mas a maneira como você

olha para mim... como você sabe que eu posso ser alguém melhor... Cristo, eu quero ser esse homem para você. O bom. Aquele que você sabe que faria qualquer coisa por você, não importa o que seja.” Larguei a esponja. Trouxe minhas mãos em seus quadris. Absorvi seu calor como se fosse um bálsamo para o gelo que sempre cobria minha pele. “Você não está procurando por um salvador, mas eu espero que você esteja procurando por um cara como eu... o tipo de cara que te ama, mesmo que ele saiba que vai passar o resto da vida tentando ser digno de uma garota corajosa como você.”

Minha confissão não foi bonita.

Foi mal articulada.

E ainda, Avery caiu de joelhos diante de mim. A água espirrava seu peito, a parte inferior de seu queixo. Seus olhos cor de avelã estavam vermelhos de lágrimas não derramadas, e suas unhas cravaram na parte de trás das minhas panturrilhas. Ela poderia tirar sangue e eu não daria a mínima, contanto que ela...

"Eu não me curvo a ninguém," ela sussurrou, seu olhar fixo no meu rosto. "Eu tatuei as palavras na minha pele no aniversário de dez anos da morte da minha mãe." Ela inalou bruscamente, e uma lágrima solitária caiu de seu olho para pousar em sua bochecha. “Eu fiz esse voto, sabendo o que tinha acontecido com ela. Eu fiz esse voto, determinada a manter meu coração seguro e meu corpo intocado daqueles que me abusam. Eu não me curvei para ninguém... até você. Até que você andou até mim como o rei das trevas e me forçou a derramar as sombras. Você me empurrou. Você me seduziu. Você me fez *ganhar vida* quando eu estive morta por tanto tempo.”

Ela beijou meu joelho, pressionando os lábios contra a pele enquanto suas pálpebras se fechavam. “Eu queria você, mesmo quando Big Hampton soltou a bomba que podemos ou não estar relacionados. Eu queria você, mesmo quando você me mostrou sua escuridão e eu combinei com a minha. E eu amo você,

sabendo que suas asperezas sempre serão superadas pelo tamanho do seu martelo e a bondade em seu coração.”

Eu pisquei. Reescrevendo suas palavras na minha cabeça para repetir.

Fiquei olhando para ela quando ela sorriu brilhantemente para mim, outra lágrima juntando a primeira em sua bochecha. "Estou tentando ser romântico aqui e você está contando piadas."

Ela beliscou meu joelho. “Como você disse antes, seu martelo *não* é uma piada, sargento. Embora nem eu fosse pular de uma escada de incêndio sem roupa de baixo. Este poderia ser... karma, talvez?”

Lendo a intenção em meus olhos, Avery saiu da banheira e quase caiu quando seus pés bateram no azulejo.

Eu girei ao redor, mantendo minha bunda na banheira e meus pés agora no chão. A água escorria de cada centímetro da nossa pele e nem me importei.

"Você ainda se sente bem em seguir ordens?" Eu perguntei a ela quando ela se endireitou e saiu do banheiro, sua bunda alegre me deixando duro de novo.

Ela olhou para mim por cima do ombro, seus olhos cor de avelã brilhantes. "Pegue-me e veja por si mesmo."

Eu a peguei. No final do corredor, onde eu a pressionei contra a parede e levantei sua perna, abrindo-a enquanto eu empurrava dentro dela.

"Eu te amo," ela sussurrou no meu peito, beijando meu coração.

Toda a minha vida, eu fui um homem resignado à morte. Mas talvez as cartas de tarô estivessem erradas. Talvez não tenha sido a morte no sentido literal, mas talvez algo como um novo começo. Um novo começo. Eu poderia lidar com isso, contanto que eu tivesse Avery ao meu lado.

Eu deslizei meu braço atrás dela, então pressionei minha boca em seu pescoço, do jeito que ela gostava. "Eu te amo, querida. Cristo, como eu te amo.”

# EPÍLOGO

## *Avery*

*Um ano e dois meses depois...*

Foley sobreviveu a sua ferida de bala.

Na maioria dos dias, eu tentei não ser amarga sobre isso.

Mas porque ele não morreu, eu procurei garantir que ele nunca ficasse fora de uma prisão. Quando eu não estava fazendo minhas aulas ou trabalhando no abrigo das mulheres, eu ajudei a encontrar a ajuda da tia Samantha de Lincoln - que finalmente se livrou das drogas com a ajuda do sobrinho e dos bons médicos do Hospital da Universidade eu localizei todas as mulheres que Lincoln havia conversado sobre o caso contra Foley.

Eu morava nas sombras de Nova Orleans há mais de uma década e, por causa disso, sabia onde procurar. Como eu na minha adolescência, elas temiam homens. Elas temiam Lincoln, mesmo quando ele garantiu que só queria ajudar.

No final, fui eu quem as convenceu a testemunhar contra um homem que havia separado famílias por causa de sua ganância. Eu era a única que estava ao lado delas em cada data do tribunal, minhas palavras encorajadoras a persuasão que elas precisavam para avançar.

"Corrupção e Nova Orleans andam de mãos dadas e desde 1718," eu disse ao juiz quando comecei meu testemunho, usando as palavras que Jay repetiu para mim. Os prefeitos desta cidade não eram imunes e não eram deuses. Eles assassinaram, pecaram, apropriaram-se de dinheiro como qualquer outro criminoso para se sentar atrás dos muros da prisão.

O juiz dispensou a corte com um bater do martelo, mas já sabíamos qual seria o julgamento dele. A cidade queria a cabeça de Foley em um prato, e a menos que o juiz quisesse enfrentar sérias críticas do público, o ex-prefeito seria sentenciado a Angola no fim do dia.

Eu olhei de volta para a fila de pessoas que vieram me apoiar. Lincoln com a tia Samantha. Pete e Sal estavam sentados ao lado de Katie, que estava ao lado do novo prefeito da cidade, Joshua “Big” Hampton. Ele era um improvável aliado, sem dúvida levado pela culpa pela maneira como lidou comigo e com Lincoln. No último ano, porém, ele manteve sua palavra para corrigir seus erros.

Às vezes as pessoas boas faziam coisas ruins - eu estava disposta a ignorar seus defeitos pela maneira como ele virou a cidade e liderou pelo exemplo.

Quinn estava aqui, em algum lugar, observando minhas costas como ele tinha feito no ano passado. Eu era uma leitora de tarô na Jackson Square, uma mulher de 26 anos que estudava para sua graduação e proprietária de um abrigo - mas para Quinn eu sempre seria filha da mulher que ele amava. Eu não precisava de um guarda-costas assim como não precisava de um salvador, mas os homens da minha vida não davam a mínima quando se tratava de me ver em segurança.

Foley encontrou meu olhar quando parei diante de sua fila. Seus traços bonitos eram pálidos, desenhados, com círculos profundos e escuros sob os olhos. Ele parecia um inferno personificado... e eu nunca estive mais satisfeita.

"Laurel." As algemas de metal em torno de seus tornozelos tiniam sua presença enquanto ele se levantava. "Eu... Eu queria dizer isso...”

Eu não encolhi em mim mesma, não do jeito que eu tinha feito na nossa sala de jantar todos esses anos atrás. Chutando meu queixo, forcei as palavras que ensaiei durante toda a manhã no caminho com Katie e Lincoln. "Isso é muito."

Essas não eram as palavras que eu ensaiei. Cavando na minha bolsa, peguei o cartão de tarô que eu trouxe comigo hoje. A ilustração era escura, composta de verdes e azuis, cinzas e fontes que se afogavam. Eu coloquei a carta na balaustrada que nos separava.

"O que é isso?"

“Gula.” Quando seus olhos se estreitaram, acrescentei: “Espero que a sua estada em Angola seja um lembrete frequente de que cada passo que o levou até lá foi por conta de sua ganância.” Acenei com a cabeça para a carta. “Eu costumava pensar que queria a morte para você, mas acho que sim... Não, acho que o tipo de sofrimento que você está vivendo é muito mais apropriado.”

Assentindo, mais para mim do que para ele, virei-me e comecei a dirigir-me ao meu povo. Minha família.

"Avery."

Aquela voz, aquela voz doentia que tinha sido a fonte de consolo para mim quando criança. Eu não olhei para trás - não lhe daria esse tipo de satisfação.

O silêncio se esticou desconfortavelmente, e então: “Ela ficaria orgulhosa de você. Sua mãe, ela ficaria tão orgulhosa.”

Eu sabia.

*Seja corajosa.*

*Seja ousada.*

Às vezes, ser corajosa significava segurar sua língua e deixar alguém se afogar em sua própria culpa. Eu não disse nada em troca.

Depois de todos esses anos, fiquei cara a cara com Jay Foley e assegurei, depois de dizer meu artigo durante a sessão de hoje, que nunca mais teria de

fazê-lo novamente.

A vingança, por vezes, era melhor servida por profissionais da área jurídica.

# "PRESENTE" Porque Nova Orleans sempre dá mais do que você pediu

## *Lincoln*

*Mais tarde naquela noite...*

Minha esposa estava exausta.

Os sinais escuros estavam lá sob seus olhos cor de avelã e a maneira silenciosa que ela assistiu a uma recapitulação dos procedimentos judiciais de hoje na TV em frente à nossa cama. Nos últimos meses, ela se atrapalhou tentando fazer com que tudo enviasse Foley para a prisão de vez.

Inferno, ela tinha feito muito mais do que eu tinha quando a data da corte de Ambideaux tinha rolado. Eu apareci, vestido com minhas roupas de uniforme, meu novo uniforme de tenente todo brilhante no meu braço, e fiz o que precisava ser feito. Jason e eu não trocamos uma palavra, mas eu não esperava nada menos.

E quando a notícia tinha quebrado três meses atrás que ele tinha sido morto em uma briga de prisão, uma faca diretamente em seu intestino, eu simplesmente dirigi para o novo local da minha tia Samantha e servi-lhe um copo de sua limonada favorita, e disse: “Você não precisa se preocupar mais. O filho da puta está morto.”

Ela raramente sorria na minha direção - muitos anos, imaginei, por ter que aturar uma vida que não era dela -, mas ela abriu os braços e um sorriso trêmulo enfeitou seus lábios finos enquanto dizia: “Me dê um abraço, sobrinho.”

Sobrinho, nunca filho.

Mas porra, pareceu bem.

Ela amava Avery, entretanto, e eu senti seu ódio fervente por Foley quando ela se sentou ao meu lado na corte hoje, seus dedos cavando os braços almofadados de sua cadeira de rodas.

Eu fervia de ódio o dia todo também. Mesmo agora, quando Avery estava deitada ao meu lado, com os olhos colados na TV, fervi. Empurrei para baixo, esmagando-o em um milhão de pequenos lugares para que eu pudesse ser o homem que minha esposa merecia.

"Você fez bem hoje," eu murmurei, enfiando a palma da mão ao longo de seu braço. "Fenomenal."

Ela brincou com o anel de noivado que eu comprei para ela em uma loja no bairro. Ouro e recheada com um rubi, isso me lembrou dela. Delicada, mas com uma visão ruim da vida que me excitou de uma forma que ninguém mais poderia fazer. A simples faixa de ouro aninhada junto a ele havia sido colocada em seu dedo há um mês na Jackson Square, na base dos degraus da Catedral de St. Louis, onde nos conhecemos.

"Amo você," disse ela, esticando o pescoço para plantar um beijo suave no meu pescoço. "Desculpe, hoje me deixou uma bagunça."

Eu cobri a mão dela com a minha, em seguida, arrastei para segurar a minha bochecha com cicatrizes. "Não se desculpe por fazer o que você precisava fazer."

Seus dedos se enrolaram contra a minha pele e ela passou o polegar sobre o canto da minha boca. "Não me diga que você não estava pensando em descarregar uma rodada na parte de trás de sua cabeça o tempo todo."

Com um beijo na palma da mão, lancei-lhe um sorriso rápido. "Culpado." Eu balancei minhas sobrancelhas. "Muito cedo com a conversa legal?" Eu deslizei em cima dela, e suas pernas imediatamente se separaram para dar espaço para o meu corpo. "Ou talvez apenas certo?"

O franzido entre as sobrancelhas dela limpou quando ela deu uma risada leve. "Sempre fazendo piadas quando você não deveria."

Inclinando-me, belisquei seu ombro exposto. "Ainda não fiz uma piada em um funeral."

"Isso porque a oportunidade não se apresentou a você."

Eu pisquei. "Bom ponto."

Soltando minha boca para a dela, eu beijei seus lábios, puxando-a para fora de sua concha e de volta para a luz. Nós compartilhamos um milhão de beijos diferentes. Macio, duro e desafiador. Este, porém, era todo conforto.

Ela apertou a parte de trás da minha cabeça e eu ri contra sua boca. "A minha garota corajosa."

Seus quadris se levantaram da cama para pressionar contra os meus. "Mais do que você sabe."

Eu rolei para longe. Ignorei a barraca no meu suor enquanto fazia sinal para ela ficar em pé. "Eu vou precisar de você para ser corajosa por mim esta noite."

Avery sentou-se, o cabelo despenteado do travesseiro. "Lincoln," ela demorou. "Eu tenho certeza que já dormi com você o suficiente agora que você não precisa me dar um *discurso corajoso* antes de você deixar cair as calças."

O riso subiu pela minha garganta enquanto eu jogava uma saia de onde ela

havia deixado a roupa dobrada mais cedo esta manhã. Uma falha que tivemos? Nenhum de nós gostava de colocar a roupa longe. Nós chegaríamos a isso, em algum momento.

Puxando uma camisa sobre a minha cabeça, eu disse: “Nós estamos indo em uma pequena unidade. Algo para animar você.”

"Oh, realmente?" Ela pulou para fora da cama, em seguida, puxou a saia até as pernas e colocou-a em torno de seus quadris. Um segundo depois, ela tinha uma blusa e estava pronta para ir.

Cristo, ela poderia ser rápida quando queria ser.

No caminho, ela apoiou o queixo na mão e olhou pela janela da frente. "Estamos indo para o nosso local de piquenique?" Ela meditou, estendendo a mão para abaixar o volume do rádio. "Ou talvez nós vamos satisfazer um dos seus desejos de sorvete tarde da noite?"

Ela me conhecia muito bem. Quando eu queria interpretar o Sr. Romântico, eu a trouxe para o mesmo lugar ao lado do dique com a vista do centro de Nova Orleans. E quando eu queria fazê-la rir de mim por ter o mesmo desejo por comida que uma criança, eu a levei para a lanchonete de sorvete na Magazine Street, onde podíamos ver o tráfego passar pelas janelas do chão ao teto.

Avery Washington Asher não era apenas minha esposa, ela era minha pessoa favorita neste mundo.

Eu apertei sua coxa, então deixei minha mão lá. "Errado," eu disse quando nos levei no 1-10 e seguimos para o leste. "Tente de novo, minha senhora."

Ela colocou a mão sobre a minha, sobrepondo nossos dedos. "Tudo bem... Não um piquenique, não sorvete. Estamos indo para o Quarter? Você sabe

como me sinto indo para lá nas minhas noites de folga da praça.”

"Você está dizendo que *não* gosta de convencer turistas a lhe dar mais dinheiro agora que você acredita plenamente nas cartas?"

“Sempre acreditei nas cartas.”

"Isso é porque eu ensinei a você a melhor maneira de fazer isso - escolha a carta que você quer e diga a todos que você está prestes a fazer a mágica acontecer."

Ela bufou, apertando os dedos dos meus. "Acho que vai ser uma surpresa então."

Inferno sim foi.

Deslizando minha mão para fora da dela, enfiei a mão no bolso e tirei um de seus cachecóis que ela comprou a cada duas semanas de suas amigas no French Market. "Põe isto."

"Vamos fazer algo escandaloso?" Seu tom era brincalhão, mas ela colocou o lenço em torno de sua cabeça de qualquer maneira, vendando-se, confiando em mim explicitamente.

Talvez. Sim. Cem por cento.

Com a visão bloqueada, atirei o pedal do acelerador e nos trouxe para o Bywater. Poucos minutos depois, estávamos estacionados e eu estava andando ao lado de Avery do SUV. "Não olhe." Eu envolvi minhas mãos em torno das dela e puxei-a do carro, com cuidado para ter certeza que ela não caísse para fora. "Vai arruinar a diversão."

Eu a levei até o grande prédio de tijolos, ignorando a entrada da frente e escolhendo, em vez disso, a nova porta lateral que levava os membros do clube

ao segundo andar, recentemente reformado. Whiskey Bay não era mais Whiskey Bay, e o Porão era uma coisa do passado - Nat havia fugido do estado, levando com ela meu antigo colega de trabalho Josiah Templeton e algumas outras pessoas como Kevan.

Quinn fez apostas que sua antiga chefe estava vivendo em Vegas.

Avery jogou em seu voto para sonhar com a Califórnia.

E eu sabia exatamente onde ela estava, graças a Zak Benson seguindo-a até lá e deixando migalhas onde quer que ele fosse - mas alguma merda era melhor só para guardar para mim mesmo. Enquanto ela ficasse fora da Louisiana, eu não dava a mínima para onde ela ia.

"Cuidado com o seu passo," eu disse para Ave, minha mão na parte inferior das costas.

Subimos a escadaria íngreme. Somente quando estávamos totalmente no andar de cima, a porta trancada atrás de nós, a chave do clube no meu bolso, eu puxei o lenço da cabeça de Avery. Seu suspiro satisfeito foi como fogos de artifício em julho, e eu pisei atrás dela. Abaixei minha boca ao ouvido dela e murmurei: "Como o que você lembra?"

O novo dono do prédio mudou as coisas.

As velhas luzes do palco haviam sido trocadas por luzes claras, amarradas para criar um brilho romântico sobre os casais que estavam posicionados por toda a sala. Um quarteto de quatro cordas - sim, um *quarteto* - estava sentado no canto mais à esquerda, tocando uma música que diminuía o espaço e mais sobre o romance.

O sexo ainda era o sexo.

Isso nunca mudaria, não importava quem fosse o proprietário do prédio.

"Eu sinto que devo dizer não," disse Avery, caindo em mim.

"Porque estamos casados?" Eu acariciei sua orelha, belisquei o lóbulo. “Você gosta do que gosta, mas se você acha que alguém vai tocar em você... essa merda não está acontecendo. Você é minha e eu não compartilho.”

"Você nem mesmo compartilha seu sorvete."

"Droga, certo, eu não compartilho." Apertando seus quadris, dei-lhe um pequeno empurrão. "Encontre o palco que você quer, e eu vou encontrá-la lá depois que eu comprar coquetéis para nós."

Ela torceu para olhar para mim. "Como você vai me encontrar?"

Outra cutucada, essa para sua bunda. “Eu sempre vou encontrar você, querida. Sempre."

E eu fiz.

O Estágio Um não era o mesmo - o casal lá em cima não estava equipado com brincadeiras de bola - mas eu sabia que ela voltaria aqui por causa da memória. Ela selecionou a mesma posição no sofá, embora a mobília fosse toda nova. Sentei-me ao lado dela, entregando-lhe uma daquelas margaritas geladas de que tanto gostava.

Nossas bochechas roçaram enquanto nós dois nos inclinamos.

"O que está na programação?" Eu perguntei ao mesmo tempo, ela disse: "Eu não acho que ele sabe o que está fazendo. Quer dizer, ele bateu na bunda dela tantas vezes que acho que estou... não posso acreditar que estou prestes a dizer isso, mas posso estar entediada."

Eu olhei para o casal no palco com as luzes tão baixas que quase estavam nadando nas cordas. Com certeza, o cara estava feliz. Minhas sobrancelhas

arquearam quando contei dez em segundos.

"Ela não vai ser capaz de se sentar por uma semana," eu murmurei pelo canto da minha boca.

"Eu sei!" Avery mudou em seu assento como se estivesse experimentando tapas de simpatia para sua bunda. Um segundo depois: "Minha bunda dói apenas olhando para eles."

Coloquei minha cerveja na mesinha à minha esquerda. "Não se preocupe, o Capitão América está aqui para salvar o dia."

Avery bufou de rir. “Por favor, não me diga que você está prestes a puxar o martelo e mostrar ao pobre rapaz no palco exatamente como é feito. Você vai envergonhá-lo enquanto ele estiver lá.”

Meus dedos foram para sua saia, e eu puxei o tecido para cima, para cima, até que estava em torno de sua cintura e ela estava empurrando seus quadris para a frente, não importando os protestos que caíram de seus lábios. E, não importava quem possuísse o porão agora, e não importava o nome que o chamava, o Estágio Um seria sempre o mesmo.

Fiquei de joelhos diante da minha esposa, as solas dos meus sapatos esfregando-se contra o palco, o som de batidas incessantes atrás de mim. E, pelo amor da memória, rasguei sua calcinha diretamente de seus quadris e a puxei para perto, de modo que minha língua pudesse correr ao longo de sua fenda.

"Não se preocupe," eu disse, pouco antes de colocar todos os outros homens envergonhados nesta sala. "Não vou fazer você pular de nenhuma saída de incêndio hoje à noite."

E então minha boca estava em seu clitóris, minha mão agarrando sua perna trêmula, e tudo o que ouvi foi seu suspiro e o jeito rouco que ela sussurrou:

"Deus, eu te amo."

Eu engoli meu riso e comecei a fazer minha esposa gozar tão alto que ela teria uma repetição depois. Eu provavelmente nunca saberia o que fiz para merecê-la, mas nunca desistiria dela.

*Eu também te amo, querida. Muito.*



*O fim*

# Notas

[←1]

*O Haiku é um pequeno poema inspirado na emoção do momento, na surpresa e na nossa conexão com a natureza. É uma tradição japonesa.*